



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

JOÃO CARLOS DOMINGUES DOS SANTOS RODRIGUES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E LITERATURA: ABORDAGEM  
SOCIOLINGUÍSTICA DE TRÊS ROMANCES DE RACHEL DE  
QUEIROZ**

---

Londrina  
2023

JOÃO CARLOS DOMINGUES DOS SANTOS RODRIGUES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E LITERATURA: ABORDAGEM  
SOCIOLINGUÍSTICA DE TRÊS ROMANCES DE RACHEL DE  
QUEIROZ**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina – UEL, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem.

Orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joyce Elaine de Almeida Baronas.

LONDRINA

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

R696v RODRIGUES, JOAO CARLOS DOMINGUES DOS SANTOS.  
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E LITERATURA : ABORDAGEM  
SOCIOLINGUÍSTICA DE TRÊS ROMANCES DE RACHEL DE QUEIROZ /  
JOAO CARLOS DOMINGUES DOS SANTOS RODRIGUES. - Londrina, 2023.  
281 f.

Orientador: Joyce Elaine de Almeida Baronas.

Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2023.

Inclui bibliografia.

1. Variação Regional - Tese. 2. Sociolinguística - Tese. 3. Literatura - Tese. 4. Rachel de Queiroz - Tese. I. Baronas, Joyce Elaine de Almeida. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

JOÃO CARLOS DOMINGUES DOS SANTOS RODRIGUES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E LITERATURA: ABORDAGEM  
SOCIOLINGUÍSTICA DE TRÊS ROMANCES DE RACHEL DE  
QUEIROZ**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina – UEL, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Joyce Elaine de Almeida Baronas  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Flávio Brandão Silva  
Universidade Estadual de Maringá - UEM

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Regina Célia dos Santos Alves  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Adilson dos Santos  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 30 de agosto de 2023.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois em sua misericórdia olhou por mim e quando todos os caminhos pareciam estar fechados, abriu-me uma nova porta.

Reconheço com profunda gratidão o papel que minha orientadora, Professora Joyce Elaine de Almeida Baronas, teve nesse processo, me acompanhando nesta empreitada, confiando e investindo em mim. Agradeço também aos demais professores da UEL que também contribuíram para que esta tese pudesse ser construída, bem como aos ilustres professores que compõem a banca, que outrora já haviam cooperado comigo na qualificação, quando este trabalho ainda era uma dissertação de mestrado, e agora na tese doutoral.

Não poderia deixar de citar meu agradecimento à minha família, pelo apoio e paciência que tiveram comigo, especialmente minha irmã, Camila Domingues dos Santos Rodrigues, e minha avó, Maria Mercedes Maldonado dos Santos – *in memoriam*.

Recordo com especial estima de minhas amigas Kauna Scabory dos Santos e Patrícia Medeiros que vivenciaram comigo os momentos desta minha caminhada, em disciplinas e congressos.

Agradeço, também, às estudantes: Amanda; Kawany; Milena; Kamily; Lívia; Bianca; Jaqueline; Danielly e Giovanna, do Colégio Célia Moraes – instituição na qual lecionei –, as quais contribuíram na realização deste estudo, por meio de debates, conversas e reflexões no contraturno escolar.

"O Regionalismo estabelece uma curiosa tensão entre tema e linguagem. O tema rústico puxa para os aspectos exóticos e pitorescos e, através deles, para uma linguagem inculta cheia de peculiaridades locais; mas a convenção normal da literatura, baseada no postulado da inteligibilidade, puxa para uma linguagem culta e mesmo acadêmica. O Regionalismo deve estabelecer uma relação adequada entre os dois aspectos, e por isso se torna um instrumento poderoso de transformação da língua e de revelação e autoconsciência do País" (CÂNDIDO, 1999, p.87).

RODRIGUES, João Carlos Domingues dos Santos. **VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E LITERATURA: ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA DE TRÊS ROMANCES DE RACHEL DE QUEIROZ**. 2023. 281 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2023.

## RESUMO

Toda ação linguística, enquanto “uma forma de comportamento social” (LABOV, 2008, p.215), manifesta-se por uma rica diversidade de gêneros discursivos, e dentre eles, o romance ocupa uma posição de destaque não apenas por recriar a realidade, mas por carregar o potencial de diálogo com outros gêneros, quer no âmbito da oralidade quer no âmbito da escrita (BAKHTIN, 1997). Na história do Português Brasileiro vários foram os autores, linguistas e literatos, que buscaram a consolidação e valorização de uma língua com feições verdadeiramente nacionais, capaz de representar nossa própria heterogeneidade cultural e geográfica, e neste percurso os modernistas, em especial os da segunda geração, por meio de seus romances, promoveram um movimento de valorização da ‘cor local’. Tendo estes dados como premissas, nasceu-nos uma inquietação acerca de como seria possível e viável um estudo da Língua Portuguesa do Brasil em obras literárias modernistas, tendo a Variedade Regional Nordestina como objeto de análise. Nossa hipótese foi a de que não apenas seria possível como também viável, uma vez que constatamos outros trabalhos que procuraram aproximar Linguística e Literatura, todavia, com uma perspectiva restrita ao léxico; nosso diferencial, assegurando essa possibilidade e viabilidade do estudo, está no emprego de pressupostos da Sociolinguística e na utilização dos *continua* de Bortoni-Ricardo e do *continuum* de Marcuschi, como instrumentos de análise, olhando sempre para a produção ficcional daquela que é considerada uma das maiores modernistas, a primeira mulher da Academia Brasileira de Letras, a cearense Rachel de Queiroz, especificamente para o modo como ela valeu-se da Variedade Regional do Nordeste na confecção das obras: *O Quinze*, *As Três Marias* e *Memorial Maria Moura*. Esta nossa tese doutoral, buscou, assim, evidenciar os pontos de contato e a viabilidade deste estudo, através da análise linguística em quatro capítulos, demonstrando a forma como Rachel de Queiroz empreende “uma linguagem coloquial, sem enfeites. [...] Forj[ando] uma linguagem que tira de seu pedestal o velho narrador dos romances de seca” (BUENO, 2006, p.112.155). Nossa expectativa é de que os resultados por nós obtidos não se restrinjam a este trabalho, mas que possam, evidenciada sua viabilidade, oferecer um contributo capaz de mostrar a aproximação fecunda entre Sociolinguística e Literatura, e motivar a sua adoção como expediente útil para a abordagem variacionista da Língua Portuguesa, superando preconceitos e estereótipos que ainda encontramos entre os falantes de nossa língua.

Palavras-chave: Variedade Regional; Sociolinguística; Literatura; Rachel de Queiroz.

RODRIGUES, João Carlos Domingues dos Santos. **LINGUISTIC VARIATION AND LITERATURE: SOCIOLINGUISTIC APPROACH OF THREE NOVELS BY RACHEL DE QUEIROZ**. 2023. 281 f. Thesis (Doctorate in Language Studies) - State University of Londrina, Londrina. 2023.

### **ABSTRACT**

*Every linguistic action, as “a form of social behavior” (LABOV, 2008, p.215), is manifested by a rich diversity of discursive genres, and among them, the novel occupies a prominent position not only for recreating reality, but because it carries the potential for dialogue with other genres, both in terms of orality and writing (BAKHTIN, 1997). In the history of Brazilian Portuguese, there were several authors, linguists and literati, who sought to consolidate and value a language with truly national features, capable of representing our own cultural and geographic heterogeneity, and in this path the modernists, especially those of the second generation, through their novels, promoted a movement to value 'local color'. Having these data as assumptions, we were concerned about how a study of the Portuguese language of Brazil in modernist literary works would be possible and viable, with the Northeastern Regional Variety as the object of analysis. Our hypothesis was that it would not only be possible but also viable, since we found other works that sought to bring Linguistics and Literature closer together, however, with a perspective restricted to the lexicon; our differential, ensuring this possibility and viability of the study, is in the use of assumptions of Sociolinguistics and in the use of the continua of Bortoni-Ricardo and the continuum of Marcuschi, as instruments of analysis, always looking at the fictional production of what is considered one of the greatest modernists, the first woman of the Brazilian Academy of Letters, Rachel de Queiroz from Ceará, specifically for the way in which she used the Northeastern Regional Variety in the making of the works: O Quinze, As Três Marias and Memorial Maria Moura. This doctoral thesis, thus, sought to highlight the points of contact and the viability of this study, through linguistic analysis in four chapters, demonstrating the way in which Rachel de Queiroz undertakes “a colloquial language, without embellishments. [...] Forging a language that takes the old narrator of drought novels off his pedestal” (BUENO, 2006, p.112.155). Our expectation is that the results obtained by us are not restricted to this work, but that they can, once their viability is evidenced, offer a contribution capable of showing the fruitful approximation between Sociolinguistics and Literature, and motivate their adoption as a useful expedient for the approach variationist of the Portuguese Language, overcoming prejudices and stereotypes that we still find among speakers of our language.*

*Keywords: Regional Variety; Sociolinguistics; Literature; Rachel de Queiroz.*

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>PREMISSAS SOCIOLINGÜÍSTICAS DAS QUAIS PARTIREMOS.....</b>	<b>20</b>
2.1	A LÍNGUA ENQUANTO VARIÁVEL E EM FLUXO CONTÍNUO.....	21
2.2	DA LÍNGUA QUE CONHECEMOS À LÍNGUA QUE FALAMOS.....	33
2.2.1	Breve História do Português Brasileiro.....	34
2.2.2	Algumas Marcas de Nossa Língua.....	38
2.2.3	A Variante Regional do Português Brasileiro.....	42
2.3	EXAME ANALÍTICO DESTE CAPÍTULO.....	44
<b>3</b>	<b>A LITERATURA BRASILEIRA E SUA AFILIAÇÃO VARIACIONISTA.....</b>	<b>47</b>
3.1	O MOVIMENTO MODERNISTA E A LÍNGUA QUE FALAMOS.....	52
3.2	A SEGUNDA GERAÇÃO MODERNISTA E SUA FILHA ILUSTRE.....	60
3.3	PARA UMA APRECIÇÃO DOS TRÊS ROMANCES.....	64
3.4	EPÍLOGO PARA ESTE CAPÍTULO.....	72
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE.....</b>	<b>75</b>
<b>5</b>	<b>ANÁLISE VARIACIONISTA DE ALGUMAS OBRAS DA AUTORA.....</b>	<b>84</b>
5.1	A INTERFACE COM OUTROS GÊNEROS.....	84
5.2	OSCILANDO ENTRE O ORAL E A ESCRITA.....	93
5.3	OLHANDO PARA OS GRAUS DE PLANEJAMENTO ESTILÍSTICO.....	106
5.4	AS MARCAS DOS ATRIBUTOS SOCIAIS E CULTURAIS.....	115
5.5	ARREIMATE REMISSIVO DESTE CAPÍTULO.....	130
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>132</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>138</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>149</b>
	APÊNDICE A.....	150
	APÊNDICE B.....	169

APÊNDICE C.....	187
APÊNDICE D.....	193
APÊNDICE E.....	217
APÊNDICE F.....	231
APÊNDICE G.....	237

## 1 INTRODUÇÃO

A adoção de uma única língua como sendo oficial, por um país, não garante homogeneidade linguística no território nacional, seja ele de grande extensão territorial ou não. Embora a ocorrência do monolingüismo e a heterogeneidade linguística no mesmo país possam ser vistas como um fato paradoxal, na verdade é o que podemos observar no Brasil, uma vez que embora o artigo 13 da Constituição Federal de 1988 diga que “a língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”, o *Inventário Nacional da Diversidade Linguística* do IPHAN<sup>1</sup> reconhece em todo território brasileiro a presença de outras duzentas línguas faladas por grupos específicos, sem contar a existência de diversas outras variedades dialetais do nosso Português.

Na verdade, como assevera Bakhtin (1997; 2006), todo signo linguístico tem uma natureza social e, por este motivo, natureza dialógica; natureza social essa que mais recentemente Labov (2008) ressaltou em suas pesquisas. Ambos os autores, cada qual a seu modo, nos fizeram observar que essas interações entre os indivíduos e desses com seus contextos é que trazem riqueza e pluralidade à língua. E enquanto “uma forma de comportamento social” (LABOV, 2008, p.215) a Língua é constituída por “um conjunto de incontáveis variedades: inúmeros dialetos geográficos e sociais, variadíssimos estilos, incontáveis registros aliados às mais diversas atividades humanas” (FARACO, 2012, p.44), sendo nada mais do que a soma de todas as variedades que a constituem – e por mais incongruente que soe, ‘uma língua será sempre muitas línguas’ (FARACO, 2012, p.44).

Defendendo a compreensão da língua como heterogeneamente constituída, socioculturalmente localizada, e dialeticamente estruturada, a perspectiva que iremos adotar vê a língua e seu estudo como devendo ocorrer em um percurso no qual todos os seus componentes sejam tratados como em contínua interação entre si, entre seus sujeitos e com os mais variados contextos, enriquecendo a ambos.

---

<sup>1</sup> Este inventário do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que traz uma rica coleção da diversidade linguística presente no Brasil, é um valioso instrumento de estudo e preservação da história linguística nacional que foi instituído pelo Decreto 7.387, de 9 de dezembro de 2010.

Esta heterogeneidade linguística, segundo os preceitos da Sociolinguística, faz ver a variação não mais como um fenômeno excepcional, mas integrado ao sistema da língua. Aceita-se um relativismo cultural, rejeitando a ideia de língua ou cultura consideradas primitivas, defendendo a igualdade e equivalência funcional das línguas, que respondem, cada uma, a necessidades específicas de seus falantes. Reconhecemos haver uma relação dialética entre forma e função, de modo que a língua passa a ser compreendida e estudada como um sistema contextual, indo além dos estudos estruturalistas.

Nesta conjuntura, a temática das variantes linguísticas vai se evidenciando como não sendo um tema adstrito a uma única área do conhecimento (aquela das ciências da linguagem)<sup>2</sup>, e não apenas a um dos ramos de estudos da linguagem (o da Sociolinguística), podendo ensejar um diálogo cultural e sensível com ramos como o da Literatura. Surge-nos, então, uma inquietação: **como se daria um possível e viável estudo variacionista da Língua Portuguesa em obras literárias, tendo o uso de uma dada variedade regional como objeto de análise?**

A inquietação que levantamos assume a condição prévia de que é sim possível um trabalho que conjugue a Sociolinguística e a Literatura, o que nos ficou bastante evidente ao encontrarmos – em nossas pesquisas acerca do *status quaestionis*<sup>3</sup> – trabalhos, como os artigos *Análise semântica de algumas palavras e expressões na obra “o quinze” de Rachel de Queiroz*, de Maria Atacília Almeida Azevedo, e *Traços do léxico nordestino em Memorial de Maria Moura, de Rachel de Queiroz*, de Carlos Alberto de Souza; bem como, a dissertação de Raquel de Maria Queiroz Barros, sob o título *Uma proposta de sequência didática para elaboração de um glossário multimodal a partir do léxico presente no romance regionalista O Quinze, de Rachel de Queiroz*; e a tese doutoral de Carlos Alberto de Souza, intitulada *A linguagem regional-popular nos romances de Rachel de Queiroz* (que analisa sete obras da autora cearense); visto que o foco destes recai exclusivamente sobre o léxico da Variedade Regional Nordestina, partindo de pressupostos teóricos distintos daqueles nossos.

---

<sup>2</sup> Uma vez que a temática das variantes linguísticas pode ser desenvolvida na Geografia (da área das Ciências Exatas); na Pedagogia e na Sociologia (das Ciências Sociais); na Teologia (das Ciências da Religião), dentre outras áreas do conhecimento.

<sup>3</sup> Expressão latina que diz respeito ao estado atual de investigação acerca de um dado tema.

Deste modo, no caminho de responder a esta nossa inquietação e dirimir as dúvidas dela decorrentes, elencamos como objeto desta nossa tese – um percurso possível e viável de estudo variacionista – uma variedade específica da Língua Portuguesa do Brasil, **a Variedade Regional Nordestina** materializada nas obras *O Quinze* (1930), *As Três Marias* (1939) e *Memorial de Maria Moura* (1992), todas elas **de Rachel de Queiroz** – as duas primeiras abrangendo os primeiros anos de sua carreira e, a outra, sua última grande produção, possibilitando um panorama amplo e diversificado desta eminente representante do Movimento Modernista, mais especificamente da segunda geração.

Ao buscarmos um olhar diferenciado para o regional – olhar esse capaz de congrega Linguística e Literatura, contribuindo para a diminuição de preconceitos e paradigmas linguísticos –, propomos uma perspectiva de trabalho que seja capaz de deixar para trás empregos estereotipados da temática, bem como, de superar as dicotomias que alguns supõem existirem entre o regional e o nacional, a literatura e a linguística, mostrando a complementaridade entre os conceitos. Embora já muitas vezes visitado, cremos que os temas do ‘regional’ e da ‘variedade diatópica’ ainda se mantêm abertos para novas perspectivas, haja vista a multiplicidade de relações que a língua e os gêneros discursivos trazem consigo (BAKHTIN, 1997; 2002).

Olhar os gêneros discursivos<sup>4</sup> – em nosso caso, para o gênero romance – com foco não diretamente no nível artístico-literário, mas em como estes representam a língua de um modo específico<sup>5</sup> (BAKHTIN, 1997, p.281; 2002, p.159), faz parte desta busca, uma vez que para além da investigação acerca de como Rachel de Queiroz se vale das características estéticas do Movimento Modernista de sua geração, nossa tese procura realçar os contributos linguísticos trazidos pela autora ao valorizar o Português em uso, valendo-se de “uma língua mais próxima da fala” (BUENO, 2006, p.23), com sua riqueza regional e sociocultural, rompendo não

---

<sup>4</sup> Todos os gêneros discursivos que possam entrar em relação com o gênero romance quando demandados pelo autor ao compor sua obra, na busca de retratar mais fielmente o real (BAKHTIN, 2002, p.73; 1997, p.264.280). Sendo que compreendemos o conceito ‘gênero discursivo’ como ‘instrumento’ (oral ou escrito), com características ligeiramente estáveis (BAKHTIN, 1997, p.280); o lugar privilegiado da comunicação e transformação dos indivíduos e das realidades, dado “numa situação definida por uma finalidade, um lugar social e destinatários (específicos)” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2011, p.20-21.143).

<sup>5</sup> Referimo-nos ao fato de que nossa tese não será uma análise do ponto de vista da crítica literária. Embora o emprego da linguagem possa, tal como trabalharemos, também compor parte deste campo, porém, nosso foco estará nos estudos da linguagem.

apenas os paradigmas e preconceitos ainda vigentes, mas propondo um olhar diferenciado e renovado para o tema da variedade linguística regional – em seu caso, a variedade nordestina, que, juntamente com seu usuário, são alçados de elemento folclórico e pitoresco à condição de protagonistas (BUENO, 2006, p.23).

A opção que fazemos pelo Modernismo, nesta época que marca o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922<sup>6</sup>, em detrimento de outras escolas literárias, como o Romantismo, se dá de modo consciente. Reconhecemos que, tal qual Bortoni-Ricardo (2005) evidencia em seus estudos sobre a língua, também os movimentos engendrados no âmbito da literatura se dão sob um *continuum*, não havendo dicotomias nem inovações absolutas entre movimentos estéticos.

Assim, ainda que o Romantismo, como outros movimentos literários, também tenha se empenhado na defesa do nacional, de uma língua com feições nacionais, a abordagem empreendida pelo Modernismo, por sua conjuntura histórica e social, não apenas se dispõe a dar feições nacionais a temas e sistemas vindos de fora, mas, a partir daquilo que temos e somos, se propõe a elaborar e reelaborar nossos próprios temas, sistemas e paradigmas – nas palavras de Oswald de Andrade: “o momento é de reação à aparência. Reação à cópia. [...]. Ver com olhos livres” (1978, p.8).

A grande contribuição do Modernismo, quer para a Literatura, quer para os Estudos da Língua em nosso país, o diferenciando de outros movimentos e contribuindo para responder à nossa inquietação, está justamente no enfoque dado à busca pela mescla dos vocábulos cultos com os populares e gírios, nas estratégias linguísticas e literárias que emprega para a produção de narrativas escritas que fazem o leitor experienciar a naturalidade de uma conversação – estilo que tornou rotina as técnicas “[...] do coloquial e da ruptura com as regras rígidas de construção convencionadas pelo século XIX [...]” (LAFETÁ, 1974, p.227) –, fomentando o aumento no prestígio da linguagem popular, passando a marcar presença mesmo em contextos e situações de maior formalidade no uso da linguagem.

É no bojo deste aumento de prestígio que Rachel de Queiroz afirma que “a informalidade cria um ‘estar à vontade’ necessário para que você produza uma arte que proporcione prazer e que não esteja condicionada a artifícios estéreis” (NERY, 2002, p.72), artificialismo e exageros que ela identifica tendo ocorrido na

---

<sup>6</sup> Ocorrida entre os dias 11 e 18 de fevereiro daquele ano.

literatura do século XIX e aos quais atesta que “não queria cometer” (NERY, 2002, p.68) em suas obras.

É embasado nesse pressuposto que autores como Jorge Amado (também da segunda geração modernista, como Rachel de Queiroz), em sua obra *Cacau*<sup>7</sup>, na nota do autor, dirá: “tentei contar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia” (2010, p.9); dando voz, assim, à língua que “[...] Vinha da boca do povo na língua errada do povo / Língua certa do povo [...]” (BANDEIRA, 1977, p.72), como poeticamente Manuel Bandeira se expressa.

Não que a obra literária seja uma descrição realística e incontestável de como este ou aquele indivíduo ou grupo social faz uso da língua (com suas variedades), uma vez que toda obra literária passa pelo tratamento ficcional dado pelo autor – e cientes somos, também, de que “[...] não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira” (LE GOFF, 1990, p.548), haja vista ser ele, “antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas [...]” (LE GOFF, 1990, p.547).

Todavia, é justamente este tratamento da linguagem dado pelo autor que nos chama a atenção. É este tratamento que faz com que o uso da língua por um dado grupo social (aquele dos trabalhadores e dos de menos posses, por exemplo) não seja estereotipado, e outro grupo (aquele dos cidadãos e de maior instrução escolar) não seja representado descontextualizadamente (transparecendo um preconceito linguístico subliminar), tratamento que “forja uma linguagem que tira de seu pedestal o velho narrador dos romances de seca [...], privilegia o tom pessoal e possibilita, graças ao peso da memória na estruturação narrativa, uma forma mais flexível” (BUENO, 2006, p.155) – não à toa, Affonso Ávila salienta que ao Regionalismo é

difícil aceitar a teoria de que o mundo da ficção vagos compromissos mantém com a realidade do contexto, do ambiente sociogeográfico. [...] (Todavia, nos últimos tempos) se começa aceitar aquela formulação de Assis Brasil, segundo a qual “o escritor se aliena na medida em que seu instrumento de comunicação (a língua) deixa de exprimir a sua realidade em função da realidade em que atua” (ÁVILA, 1975, p.98).

Nossa escolha por Rachel de Queiroz não se fez fortuita, não obstante, contribui para que se constate a possibilidade e viabilidade que nos

---

<sup>7</sup> Um romance publicado em 1933.

inquieta. Esta autora, professora, a primeira mulher a assumir uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, juntamente com Monteiro Lobato e Jorge Amado, compõe um rol de autores do modernismo que atingiram um estado “adulto e moderno”, cujo experimentalismo<sup>8</sup> estético e linguístico fez-se claro e distinto, e – como destacado no parágrafo anterior – a realidade histórica, neles, tornou-se forte e complexa (BOSI, 1970, p. 383-384).

É por estes motivos que Antônio Cândido, referindo-se a Rachel de Queiroz e à sua geração, afirma que com eles o povo brasileiro surgiu como “realidade literária” (CADERNOS, 1997, p.55); conhecê-los e estudar o modo como manejam a língua promove um olhar mais aprofundado para a identidade cultural do povo brasileiro, sua “matéria” e “forma”, expressas por meio da língua<sup>9</sup>, caminho privilegiado para conhecermos mais a nós mesmos e aos outros.

Como a própria Rachel de Queiroz afirma em entrevista, durante todos os seus anos como literata, sua pretensão sempre foi de um realismo *light*, “[...] sem excessos, mas que fosse expressivo, expusesse a problemática, retratasse a situação com menos apelos [...]” (NERY, 2002, p.225), dizendo, ainda, ter assumido como princípio “[...] nunca escrev[er] sobre coisas que não conheço” (NERY, 2002, p.82).

Partido disto, o motivo da escolha das obras que serão analisadas reside no fato de o romance *O Quinze* ser aquela produção que fez e ainda faz Rachel de Queiroz conhecida nacionalmente (sua primeira grande obra), escrita quando a autora tinha apenas vinte anos. Por sua vez, o romance *Memorial de Maria Moura* figura como o último de seus romances, possibilitando-nos vislumbrar traços de uma Rachel de Queiroz mais experiente<sup>10</sup> (com oitenta e dois anos), sem abrir mão daqueles traços modernista e jornalísticos que a destacaram. No caso da obra *As Três Marias*, sua escolha nos foi inspirada pelos comentários de Mário de

---

<sup>8</sup> Tal ‘experimentalismo’ está no bojo da mudança de paradigmas nos âmbitos artísticos e linguísticos, o que, segundo José de Nicola e Lucas de Nicola, promoveu um desejo de rompimento com o “padrão rotineiro’ dos movimentos literários e artísticos. Era isso que explicava a legitimidade da Semana [...]” (2021, p.24).

<sup>9</sup> Matéria e forma, aqui, dialogam com a teoria hilemórfica de Aristóteles, que reconhece nestes dois princípios os constituintes de toda a realidade natural (de tudo que tem existência). A matéria é o princípio de individualidade dos seres (os faz diversos), enquanto a forma é o princípio de identidade (faz os seres distintos). **Conhecer e/ou expressar a ‘matéria’ e a ‘forma’ de algo é conhecê-lo e/ou expressá-lo por inteiro.**

<sup>10</sup> Tal experiência não no intuito de evidenciar uma mudança no estilo da autora ou na variedade linguística que adota, mas demonstrando uma maior e mais rica complexidade na trama da história, uma vez que, como a própria autora atesta, sua arte era alimentada tanto por suas pesquisas quanto pelas coisas que vivenciou e por sua imaginação (NERY, 2002, p.68.88.124).

Andrade e de outros críticos literários da época de sua publicação, uma vez que declararam ser esta sua obra-prima<sup>11</sup>, conseguindo, dentre outras coisas, unir ‘a esfera do literário e a do cotidiano’.

Complementando os elementos que constituem nosso prognóstico em vista da demonstração da possibilidade e viabilidade de estudos variacionistas da Língua Portuguesa em obras literárias, destacamos a utilização dos *continua*<sup>12</sup> de Bortoni-Ricardo e do *continuum* de Marcuschi como instrumento analítico único – e que serão apresentados detalhadamente mais adiante. A assunção dos *continua* promove uma diferença considerável das perspectivas dadas pelas outras pesquisas nos estudos que buscam conciliar Linguística e Literatura – como constatamos ao pesquisarmos acerca do *status quaestionis*.

Por meio deste instrumental teórico, pretendemos um vislumbre da Variedade Regional Nordestina presente nas obras de Rachel de Queiroz, de modo que não apenas a ‘cor local’ seja valorizada, mas também os movimentos que mesclam usos mais ou menos próximos da oralidade, mais ou menos configurados à prática urbana desta variedade, e ao emprego das formas mais ou menos monitoradas da língua, por meio dos mais variados gêneros discursivos que possam ser empregados no gênero romance.

Objetivamos que nossa tese, no âmbito dos estudos variacionistas, seja capaz de **explicitar um caminho possível e viável que conjugue Sociolinguística e Literatura** para uma investigação acerca da Variedade Regional Nordestina por meio de três obras de Rachel de Queiroz – um olhar para o modo como Rachel de Queiroz e o Movimento Modernista se apropriaram de uma estética que valoriza a língua em uso e a ‘cor local’ (a variedade regional)<sup>13</sup>, para oferecer um contributo com feições próprias à cultura nacional e à Língua Portuguesa do Brasil, propiciando “[...] uma nova linguagem literária para a ficção brasileira [...]” (BUENO, 2006, p.97), com um influxo na prosa que faz predominar “[...] uma linguagem coloquial, sem enfeites [...]” (BUENO, 2006, p.97.112) –. E, assim,

<sup>11</sup> Assim diz Mário de Andrade: “Ninguém distribui certidão de obra-prima. Em todo caso, *As Três Marias* de Rachel de Queiroz me parece uma das mais belas e ao mesmo tempo mais intensamente vividas da nossa literatura contemporânea” (1946, p.106, grifo nosso). Discurso corroborado, agora mais próxima de nós, por Afrânio Coutinho (1970, p.219).

<sup>12</sup> *Continua* corresponde ao nominativo plural neutro, da segunda declinação, para o latim; enquanto *continuum* corresponde ao nominativo singular neutro, também da segunda declinação da língua latina. Diante disto, não utilizaremos a expressão ‘contínuos’ como plural para ‘*continuum*’.

<sup>13</sup> No caso específico de Rachel de Queiroz, a Variedade Regional Nordestina da Língua Portuguesa, elemento constitutivo do universo cultural e identitário seu e de suas obras.

ampliar nossa possibilidade de interação e compreensão para com nossa língua, de modo cultural e sensível, superando preconceitos.

Para tanto, estruturamos um percurso que objetiva, especificamente: **i)** pesquisar as variedades linguísticas sob o ângulo da valorização da natural heterogeneidade da língua; **ii)** ponderar acerca de como o Movimento Modernista foi capaz de produzir narrativas escritas que fazem o leitor experienciar a naturalidade de uma conversação; **iii)** evidenciar como Rachel de Queiroz conseguiu valorizar a Variedade Regional Nordestina (popular ou culta) sem caricaturá-la.

Isto posto, destacamos que nossa tese se desenvolverá em quatro capítulos. No **primeiro capítulo**, realizaremos a explicitação dos postulados sociolinguísticos que nortearão nossa tese, como a apresentação da língua sob a ótica da mudança e da variação, além de uma explanação acerca de como esses postulados se inscrevem na lógica ordenadora do conjunto de relações entre os elementos heterogêneos que compõem o todo da língua, dando-lhe vitalidade e enriquecendo-a. Posteriormente, faremos uma breve exposição a respeito da história da Língua Portuguesa no Brasil e da riqueza variacional do Português Brasileiro, com um destaque para a variante regional. Por fim, nos concentraremos na perspectiva sociolinguística de Bortoni-Ricardo e de Marcuschi, com certo detalhamento para os *continua* desenvolvidos por eles, no intuito de valorizarem a prática linguística e os saberes linguísticos trazidos por seus falantes, e que servirão de ferramentas para a análise que empreenderemos.

Para o **segundo capítulo**, vislumbrando o tratamento de mescla entre os vocábulos cultos, os populares e os gírios, dado pelos Modernistas à língua mesmo em contextos e situações de maior formalidade no uso da linguagem, ofereceremos uma reflexão que se propõe evidenciar os pontos de ligação que existem entre Linguística e Literatura – sob a ótica sociolinguística apresentada no primeiro capítulo. Falaremos sobre os pressupostos que caracterizam o Movimento Modernista, sua compreensão da língua e seus contributos para a Literatura e para a Sociolinguística – neste bojo será apresentada Rachel de Queiroz, seu papel na literatura nacional, suas marcas modernistas e as obras que consignarão a variedade linguística por nós analisada.

Nosso **terceiro capítulo** será responsável por explicitar os procedimentos teórico-metodológicos que iremos empreender nas análises das obras de Rachel de Queiroz, valendo-nos de premissas da Sociolinguística e dos

*continua* de Bortoni-Ricardo e do *continuum* de Marcuschi; bem como a partir do auxílio de outros linguistas renomados, tais como Mário Marroquim, Bakhtin e Labov; e de dicionários da Variedade Regional Nordestina – os quais tivemos acesso por intermédio das pesquisas de nossos pares, em nossas pesquisas sobre o *status quaestionis* –, além de dicionários gerais da Língua Portuguesa.

O **quarto capítulo** consistirá, propriamente, em uma aproximação entre as áreas da Sociolinguística e da Literatura, ao analisarmos os romances *O Quinze*, *As Três Marias* e *Memorial de Maria Moura*. A análise será estruturada a partir dos *continua* de Bortoni-Ricardo e do *continuum* de Marcuschi, de modo a apresentarmos com mais clareza o como Rachel de Queiroz valeu-se da Variedade Regional Nordestina para estruturar uma produção literária que traz a variedade regional sem caricaturizá-la. Tal percurso manifestará o olhar diferenciado que objetivamos empreender acerca do tema do regionalismo, empregando produções literárias em vista de uma compreensão mais ampla da Língua Portuguesa do Brasil, superando paradigmas e preconceitos linguísticos, e que podem servir de mote a procedimentos didáticos que passem a considerar estes pontos de contato entre Sociolinguística e Literatura para um trabalho transversal e contextualizado sobre variação linguística.

Esperamos, ao final desta tese, não apenas conhecer um pouco mais acerca da Variedade Nordestina, mas também termos dado nossa singela contribuição aos estudos de nossa língua, um caminho diferenciado a ser percorrido e aperfeiçoado quer por professores, quer por estudantes e demais amantes da Sociolinguística e da Literatura, para um conhecimento mais sensível e livre de preconceitos acerca do Português Brasileiro e de seus mais variados e diversificados usos.

## 2 PREMISSAS SOCIOLINGUÍSTICAS DAS QUAIS PARTIREMOS

“Toda a língua se regula pela ação contínua e ininterrupta de forças contraditórias permeadas por variáveis dialetais e por registros discursivos que se impregnam de diferentes ‘acentos’ ou valores” (BRAIT, 2009, p.105).

Neste momento de nossa tese, nos debruçaremos em uma apresentação dos pressupostos teóricos que embasam nossa compreensão da língua como um fenômeno variável e inscrito em um fluxo contínuo de mudanças. O esclarecimento deste posicionamento teórico contribuirá para a compreensão do como nos aproximaremos da Língua Portuguesa no Brasil, dos Movimentos Estéticos da Literatura Nacional e da perspectiva Sociolinguística que empregaremos na análise de algumas obras literárias<sup>14</sup>.

O percurso que nos levará a uma aproximação entre a Sociolinguística e a Literatura requererá, antes, um olhar diferenciado para a língua como uma realidade aberta e em movimento. Posteriormente, para compreendermos a nossa língua e os usos que fazemos dela no dia a dia, será necessário percorrermos um caminho que vai desde uma breve história da Língua Portuguesa no Brasil, passando pelos conflitos decorrentes do contato com os povos autóctones, depois, com a presença dos africanos escravizados e da chegada dos imigrantes europeus e asiáticos.

Tendo mais claros os caminhos socioculturais e linguísticos que percorremos em nossa história, com toda heterogeneidade linguística que a compõe, voltaremos nosso olhar para o modo como um sistema de ensino variacionista da língua pode contribuir para superar os preconceitos decorrentes da não aceitação de suas variantes, tendo, deste modo, as principais ferramentas que nos levarão a realizar a aproximação entre Sociolinguística e Literatura, por meio das obras de Rachel de Queiroz, tal qual pretendemos.

---

<sup>14</sup> Destacamos que, como afirmou Todorov: “o ponto de vista escolhido pelo observador (qualquer que seja ele) recorta e redefine seu objeto” (2018, p.65), sendo esta constatação, segundo ele, uma ‘verdade elementar em qualquer área do conhecimento’, uma vez que o pesquisador vem sempre marcado por suas ideologias, por conhecimentos prévios (BAKHTIN, 2006, p.107).

## 2.1 A LÍNGUA ENQUANTO VARIÁVEL E EM FLUXO CONTÍNUO

Nosso ponto de partida é a compreensão da língua como um fenômeno e instrumento social em constante processo de transformação e mudança histórica, aberta ao contato com outras línguas e contextos aos quais interpenetra e interinfluencia. Tomamos por base a origem e finalidade cultural e social da língua, asseveradas por Bakhtin (2006, p.199), estando o destino desta intimamente associado ao destino e desenvolvimento daquela. Existindo para o homem (o coletivo), a língua, como as demais manifestações culturais, ao mesmo tempo em que dá acesso mediado à realidade, também vem marcada por elementos históricos (extralinguísticos) e por vezes conflitantes (FARACO; ZILLES, 2017, p.41). Chamando atenção ao fato de que a ação desses elementos históricos e conflitantes não podem ser compreendidos como uma corrupção da língua, mas algo constitutivo seu, Labov (2008, p.221) destaca ser “comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer ‘a mesma’ coisa”.

Sob a perspectiva da realidade histórica da língua, o elemento da mudança faz-se um ponto central, inscrevendo-se em um processo lento, contínuo, gradual e ininterrupto que evidencia a dinamicidade estrutural e a heterogeneidade da língua - nas palavras de Coseriu: “a linguagem não é algo feito de uma vez por todas, se não algo que se faz, melhor dizendo, um perpétuo fazer”<sup>15</sup> (COSERIU, 1978, p.65, tradução nossa).

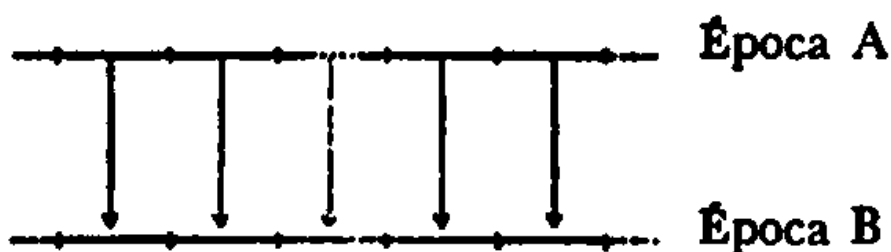
Mesmo a visão saussuriana acolhe a heterogeneidade e mutabilidade como uma realidade inerente à linguagem como um todo, afirmando que “numa sucessão diacrônica, não existem elementos (na linguagem) delimitados de uma vez para sempre” (SAUSSURE, 2006, p.209). E, para exemplificar, apresenta em figuras a relação do modo como se supunha e como, de fato, a língua opera de uma época a outra.

Em vez de seus componentes se manterem intactos (como representado na figura 1), na verdade, eles podem fundir-se, dividir-se, mudarem de significado, deixar de existir ou passar a existir, a depender das necessidades dos falantes (tal como expresso na figura 2):

---

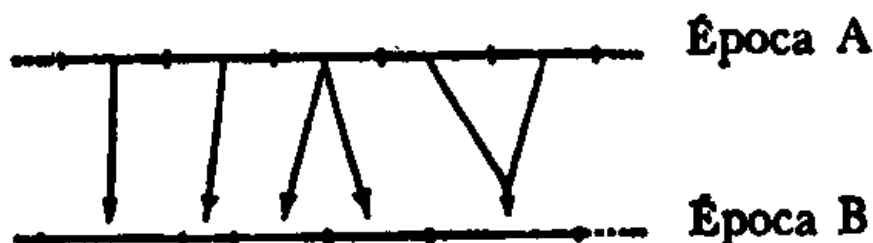
<sup>15</sup> “*El lenguaje no es algo hecho de una vez, sino algo que se hace, mejor dicho, un perpetuo hacer*” (COSERIU, 1978, p.65).

Figura 1 – Como se supunha



Fonte: SAUSSURE, 2006, p.209.

Figura 2 – Como verdadeiramente ocorre



Fonte: SAUSSURE, 2006, p.209.

Assim, na língua, qualquer parte sua e em qualquer estágio seu pode sofrer ou gerar mudanças de ordem fonético-fonológica, morfológica, sintática, lexical ou semântica<sup>16</sup>. No entanto, seja pelo fato de as mudanças ocorrerem em partes da língua e não em seu todo de uma única vez, seja pela força de refreamento das mudanças empreendida pela escrita e pelo códex gramatical, ou pelo papel das comunidades de fala em delimitar a variação em nível individual, os movimentos na/da língua não afetam a capacidade dos falantes de a usarem de modo eficaz e eficiente, não havendo a perda de sua “plenitude estrutural” e do seu “potencial semiótico” nesse percurso (FARACO, 2007, p.14).

Labov (2008, p.366), assim como já havia feito Saussure<sup>17</sup>, reconhece que as mudanças começam com um grupo, se expandem para os grupos

<sup>16</sup> Por este motivo Paiva (2016, p.24) afirma que a mudança, na língua, “pode ser vista tanto como produto acabado como processo em curso”, a depender da análise que o estudioso venha a fazer, diacronicamente ou sincronicamente, transversalmente ou longitudinalmente.

<sup>17</sup> “Cada uma delas (das modificações) é lançada, a princípio, por um certo número de indivíduos, antes de entrar em uso [...]. Mas todas as inovações da fala não têm o mesmo êxito e, enquanto

sociais mais próximos até afetar todo o coletivo. Porém, a teoria laboviana distingue-se da saussuriana quando se dispõem a analisar sincronicamente esse processo diacrônico (analisar estaticamente o movimento), classificando seus informantes por: idade; sexo; etnia; localização geográfica; condição social; escolaridade e situação de uso da linguagem.

O léxico é uma das partes mais sensíveis ao fenômeno da mudança, sofrendo com alteração de significado, perda de palavras, criação de palavras novas ou empréstimos. Porém, como a linguagem é nossa ferramenta para significar o mundo, mudanças lexicais podem, inclusive, provocar mudanças de ordem mental/psicológica (SAPIR, 1949, p.36). Especificamente nos empréstimos pode haver influência de ordem fonética quando da tentativa de adaptação de algumas palavras, que, mais tarde, podem provocar alterações de hábitos fonéticos, como Sapir (1949, p.32, tradução nossa) nos chama a atenção:

A influência fonética exercida por uma língua estrangeira pode ser muito considerável, e há uma grande evidência para mostrar que peculiaridades dialéticas muitas vezes se originaram como resultado da inconsciente transferência de hábitos fonéticos da língua em qual foi trazido para o que foi adotado mais tarde na vida<sup>18</sup>.

Os contrastes na transposição da língua falada para a língua escrita são aqueles que mais facilmente evidenciam esses movimentos dialéticos de mudança – eis alguns exemplos disto (FARACO, 2007, p.25; CHAGAS, 2010, p.141-142):

a) O uso de preposição na posição inicial de orações relativas, comum na fala, mas que se pede seja evitado na escrita: na fala= O livro que mais gostei foi Dom Casmurro; na escrita= O livro de que mais gostei foi Dom Casmurro.

b) A não pronúncia de alguns ditongos em sílabas tônicas, embora ainda sejam grafadas assim: beijo, queijo, ouro, couro etc.

Tais contrastes são mais facilmente perceptíveis junto aos jovens e às classes sociais operárias, grupos esses que detêm maior familiaridade com a língua falada do que com a língua escrita; não por demérito daqueles, mas devido ao fato de a escrita carregar estreitos vínculos com contextos de maior controle

---

permanecem individuais, não há por que levá-las em conta, pois o que estudamos é a língua; elas só entram em nosso campo de observação no momento em que a coletividade as acolhe” (SAUSSURE, 2006, p.115).

<sup>18</sup> “The phonetic influence exerted by a foreign language may be very considerable, and there is a great deal of evidence to show that dialectic peculiarities have often originated as a result of the unconscious transfer of phonetic habits from the language in which one was brought up to that which has been adopted later in life” (SAPIR, 1949, p.32).

social, contextos esses historicamente pouco acessíveis e/ou comumente contestados pelos grupos operários e jovens (FARACO, 2007, p.23.25-26).

Associado a estes contrastes e às dificuldades oriundas da transposição da fala para a escrita, temos a percepção da gradação entre um uso informal e um uso formal da língua, que poderiam contribuir no processo de mudança como “uma espécie de escala progressiva de implementação das mudanças” (FARACO, 2007, p.26), dos usos mais informais aos mais formais e a consequente adoção na escrita e ratificação pelos gramáticos.

Não obstante toda mudança na língua pressuponha a relação dialógica entre variantes, e embora não exista uma perspectiva de evolução ou involução (degeneração) na passagem de um paradigma a outro, no decorrer dos processos de mudança, nem todo embate pela posição de prestígio entre as variantes garantirão acesso a patamares mais elevados de aceitação, apreciação e notoriedade, resultando em mudanças – como já lembrara Saussure ao salientar que “todas as inovações da fala não têm o mesmo êxito” (2006, p.115)<sup>19</sup> –, às quais muitas vezes são imputadas estigma social de desprestígio<sup>20</sup>.

Como também é da natureza da linguagem traçar identidades e delimitar diferenças<sup>21</sup>, alguns processos de mudança podem estar ligados a movimentos de reafirmação identitária por parte de alguns grupos. É o que ocorre com o uso das gírias e o que foi observado por Labov em seu clássico estudo na Ilha de Martha’s Vineyard<sup>22</sup>. Há, ainda, situações de ordem política e social com potencial para oportunizar mudanças linguísticas, como é o caso da formação ou separação de reinos/países/territórios, conforme o ocorrido na Península Ibérica com o Português e o Espanhol.

---

<sup>19</sup> Segundo Neves (2018, p.151), o estudo da mudança implica uma perspectiva de análise diacrônica, já o estudo da variação uma perspectiva sincrônica. Para exames posteriores sobre a relação variação e mudança: FARACO, 2007, p.23; CHAGAS, 2010, p.150-152.

<sup>20</sup> Aquilo que se constata na língua tem consonância com o que reafirmou Thomas Kuhn (1998) no contexto da ciência, de que a passagem de um paradigma a outro (a revolução) não se dá de modo racional, pela constatação da superioridade da nova perspectiva perante a antiga, mas por uma opção, por uma crença, que perdurará até que um novo paradigma entre em confronto com o paradigma vigente e reinicie o processo.

<sup>21</sup> Nas palavras de Marli Quadros Leite: “a linguagem é importante fator de identidade e de segregação porque denuncia diferenças desde que o homem começou a falar” (2008, p.26).

<sup>22</sup> Neste estudo Labov observou que o grupo na ilha que deseja diferenciar-se daquele dos veranistas e dos que valorizavam a presença desses, adotaram uma postura de valorização dos antepassados e das características linguísticas deles. O acesso completo a este estudo é possível pela obra *Padrões Sociolinguísticos*, de 1972.

Se “cada variedade é o resultado das peculiaridades das experiências históricas e socioculturais do grupo que a fala” (FARACO, 2007, p.32), isto implica que para conhecer uma variedade linguística se faz importante conhecer a história e a realidade de seus falantes. É nesta linha salienta Bakhtin (1981, p.291-292, tradução nossa) ao dizer que:

Todas as línguas (variedades) do plurilinguismo, qualquer que seja o princípio subjacente a elas e que torna cada uma única, são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de conceitualizar o mundo em palavras, visões específicas do mundo, cada uma caracterizada por seus próprios objetos, significados e valores. Como tais, todas elas podem ser justapostas umas às outras, se suplementar mutuamente, se contradizer mutuamente e se inter-relacionar dialogicamente. Como tais elas encontram umas às outras e coexistem na consciência das pessoas concretas [...]. Como tais, essas línguas (variedades) vivem uma vida concreta, se embatem e evoluem num ambiente de plurilinguismo social<sup>23</sup>.

Decorre disto a assertiva de que não existem línguas (variantes) superiores ou inferiores a outras, todas elas têm o mesmo valor de verdade, pois são maneiras diversas de dizer a mesma coisa (TARALLO, 1997, p.8). Enquanto tais, as línguas são únicas, com regras internas e estruturas próprias, apresentando um modo único de ver, explicar e experienciar o mundo e a própria história. Ocorre que nas sociedades algumas línguas e variantes assumem, por razões várias, posição de destaque perante as demais, variantes essas chamadas ‘cultas’.

A ilogicidade e a aleatoriedade também não são ocorrências qualificativas dos processos de variabilidade nas línguas, antes, é possível perceber certa regularidade nos fenômenos. Como acentua Tarallo (1997, p.81), a noção de heterogeneidade da língua não exclui ou anula a noção de sistematicidade, ao contrário, elas se equacionam, estando em íntima relação, pois tanto a variabilidade faz parte do sistema, quanto há uma sistematicidade em cada variante. Neste sentido, observam-se algumas constantes que explicam esse fenômeno nos distintos níveis estruturais da língua (FARACO, 2007, p.37-43).

A variação<sup>24</sup>, como qualidade inerente à língua, traz em seu bojo a compreensão da língua como uma entidade não homogênea, quer diacronicamente

---

<sup>23</sup> “All languages of heteroglossia, whatever the principle underlying them and making each unique, are specific points of view on the world, forms for conceptualizing the world in words, specific world views, each characterized by its own objects, meanings and values. As such they all may be juxtaposed to one another, mutually supplement one another, contradict one another and be interrelated dialogically. As such they encounter one another and coexist in the consciousness of real people [...]. As such, these languages live a real life, they struggle and evolve in an environment of social heteroglossia” (BAKHTIN, 1981, p.291-292).

<sup>24</sup> O conjunto de variações configura a variedade linguística – (CASTILHO, 2014, p.198).

quer sincronicamente falando, quer em sua modalidade falada quer escrita, tanto analisada sob a perspectiva das normas populares e não prestigiadas quanto das normas ditas cultas, já que ambas são vivas e como não existe apenas uma norma/linguagem dita 'popular' também "não existe apenas uma linguagem culta" (SOBRINHO, 1977, p.114).

A heterogeneidade linguística reflete a heterogeneidade social, que se dá pela riqueza de variadas interações de ordem geográfica, cultural, atividade laboral, faixas de renda, níveis etários e de escolaridade, interesses e redes de relações por parte dos grupos que formam a sociedade. E mesmo que existam certas fronteiras entre esses grupos, eles nunca estão completamente restritos a seus círculos, mantendo aberto um amplo universo de contatos e de recíprocas influências em seus traços normativos – uma evidência disto seria a bipolaridade nos usos dos pronomes demonstrativos < esse > e < este > na fala culta, decorrente da gradual aproximação entre as variedades cultas e as populares e rurais a partir do processo de urbanização intensificado nas décadas passadas (FARACO; ZILLES, 2017, p.17.22-21).

Dentre os fatores que contribuem para a ocorrência do surgimento de múltiplas variantes na língua, no Brasil, a heterogeneidade linguística tem contribuições extras, segundo alguns, também decorrendo da ineficácia de uma política educacional mais abrangente, e, atrelada a ela, aos baixos índices de acesso à leitura, a textos escritos (BORTONI-RICARDO; ROCHA, 2014, p.40).

Algumas dessas variedades linguísticas, por fatores diversos, são reforçadas e passam a assumir posição de destaque para aquele grupo específico de falantes, sendo elevadas a uma característica distintiva do grupo. Foi este o fenômeno descrito por Mário Marroquim (1934, p.134-138) como tendo ocorrido com os falantes do Nordeste.

Segundo Marroquim, foi graças ao isolamento geográfico de muitos grupos sociais, às distinções que se fazia entre os que viviam no litoral e no interior, e o agravante abandono por parte do Estado, que fizeram com que determinadas peculiaridades linguísticas daqueles grupos fossem sendo reforçadas e promovessem mudanças na estrutura da língua. Disto, pode-se concluir que a variação linguística é pressuposto para todo e qualquer fenômeno de mudança na língua.

Complementar ao estudo sobre a variação e aos movimentos de mudança na língua – que emergem dos vários contextos, gêneros discursivos e modalidades de uso da língua – é o estudo acerca das normas que os regem, quer o conceito ‘norma’ seja entendido em sentido *lato*, referindo-se ao ‘como se diz’ em toda e qualquer variedade linguística (a “norma normal”), quer entendido em sentido *stricto*, relacionado ao ‘como se deve dizer’, aos preceitos do que é tido por “bom uso” (a “norma normativa”) (FARACO; ZILLES, 2017, p.12-13).

A partir desta distinção em sentido *lato* e *stricto* afirmamos com segurança que o estudo da norma da língua não deve ser visto como algo, em si, ruim, haja vista todas as variedades serem organizadas estruturalmente por normas claras, mesmo que implícitas e intuitivas – é o que Dante Lucchesi (2002, p.66) destaca ao afirmar que tendências e padrões de comportamento linguístico, tanto quanto fatores sociais, culturais e ideológicos que afetam a prática linguística, evidenciam a presença de uma norma. Apresentar e valorizar uma compreensão mais ampla acerca do que vem a ser a gramática e seu estudo, além da valorização das variantes, fará com que se perceba que ela não é uma camisa de força nem um monumento pétreo (FARACO, 2009, p.72.160).

Tanto entendida por ser o ‘como se diz’ quanto por ser o ‘como se deve dizer’, a norma da língua deve ser assumida na qualidade de aparato, de ferramenta que auxilia o indivíduo a atingir a eficiência nos mais distintos usos da linguagem, manifestas nos confrontos desejosos de “clareza contra a necessidade de contenção; o desejo de expressividade contra a necessidade de rotinização; o desejo de singularidade contra a necessidade de regularização; o desejo de expansividade contra a necessidade de abreviação” (NEVES, 2018, p.149), dentre outros.

Embora a língua seja uma entidade em constante transformação, ela também depende de uma tradição, da manutenção de uma constante, e é no delicado equilíbrio entre inovação e continuidade que ela se mantém viva (CHAGAS, 2010, p.150-151).

A norma é a representação desse elemento constante na Língua, sendo um erro, pura e simplesmente, renunciar a seu estudo e/ou ensino – na verdade, como salienta Bechara (1989, p.14), a mera manutenção da língua coloquial/familiar é tão opressora e opressiva quanto a imposição de uma norma linguística que não tem base nas reais situações de interação, à medida que limita

os indivíduos em suas potencialidades. Há uma abordagem da norma que empreende uma distinção entre aquela que é qualificada como ‘norma culta’, ‘norma padrão’ ou ‘norma popular’.

A norma padrão diz respeito a uma construção abstrata da língua, uma “codificação taxonômica de formas tomadas como um modelo linguístico ideal” (FARACO, 2009, p.172), e embora não praticada por indivíduo algum, assume a posição de balizadora da prática linguística, com a clara tarefa de uniformização dos usos, quer orais, quer escritos. É em oposição a esta norma que Marroquim (1934, p.12) afirma que os jovens literatos de sua época se posicionaram, norma assim descrita por ele:

*imobilidade inflexível de regras firmadas sobre aspectos linguísticos desaparecidos, resíduos que perderam a vitalidade com o meio social e humano de que eram a expressão, é uma norma que briga com a moderna ciência linguística. É um critério que só pôde prevalecer enquanto a linguagem foi considerada um objeto, uma utilidade para o gôso do homem, fóra dele, isolada dele, com existencia autônoma. [...] Nós, no Brasil, presos á gramática "portuguesa", somos vítimas de uma desintegração dolorosa de nós mesmos (MARROQUIM, 1934, p.163-164)<sup>25</sup>.*

A norma culta refere-se à uma expressão viva da língua tal como empregada pelos segmentos da sociedade detentores de maior formação escolar (ensino superior), e de maior prestígio e influência sócio-econômico-cultural, comumente em situações de comunicação mais formais (LUCCHESI, 2002, p.87; FARACO, 2002, p.40), e, por este motivo, Faraco (2009) afirma haver nela um grau aristocrático e uma predominância nos meios tradicionais de comunicação.

É de se sublinhar, contudo, que mesmo a norma culta se altera diacronicamente e sincronicamente, pois também ela “é elástica e contingente, (variando) de acordo com cada situação social específica” (CÂMARA JR, 1992, p.16), podendo haver mais de uma norma culta em uso, mesmo que restrita geograficamente (CASTILHO, 1988 apud TRAVAGLIA, 2009, p.63). Complementando a reflexão sobre a norma culta, Sobrinho destaca que “não podemos deixar de distinguir, dentro da linguagem culta, as diversas linguagens técnicas ou especializadas, ditadas ou exigidas pela própria natureza do assunto [...]” (SOBRINHO, 1977, p.114), variando tanto quanto variam os temas dos

---

<sup>25</sup> Optamos por utilizar o itálico nas citações diretas de Mário Marroquim devido a algumas peculiaridades da Língua Portuguesa utilizada pelo autor em sua época e que hoje, para nós hoje, podem ser consideradas como desvios ou erros ortográficos.

discursos e os grupos que a estão empregando, de modo que falar de Kant<sup>26</sup> mesmo em/com linguagem popular se manteria uma tarefa de compreensão bastante exigente.

Devido às fronteiras porosas entre as normas cultas e as normas populares, segundo Faraco e Zilles (2017, p.21-22), as normas cultas também se deixam influenciar pelas constantes interações com os falantes das normas populares, compartilhando com eles traços estilísticos – neste sentido, Mari Quadros Leite (2008, p.107-108) vê como difícil e problemático classificar sociolinguisticamente os falantes, propondo um *continuum das normas*. As aproximações que hoje podem ser observadas entre as normas populares, para Lucchesi (2002, p.79-80), são fortemente marcadas por uma influência vinda do Movimento Modernista, expressão máxima, no último século, da tentativa de reconciliação entre as normas cultas e populares.

A norma popular é aquele padrão no uso da língua que corresponderia ao emprego feito pela grande maioria da população. Mas como a realidade nacional é bastante heterogênea, não é possível afirmar a existência de uma única norma popular, embora verifique-se alguns traços comuns, como: a economia linguística e o emprego predominante do modo indicativo (LEITE, 2008, P.109-111), que podem ser explicados, dentre outros motivos, pelos fluxos migratórios.

O surgimento das normas populares é resultado tanto da diversidade étnica quanto das distorções sociais que marcaram nosso processo de colonização, bem como, das conseqüentes disparidades de acesso aos bens culturais entre grupos sociais específicos e entre distintas regiões do país, e que se mantém ainda hoje (LUCCHESI, 2002, p.87-88). As transformações econômicas das últimas décadas e o gradativo movimento de democratização da educação e da informação, iniciado no começo do século passado, vem contribuindo para a transformação das normas populares, aproximando-as das normas cultas (LUCCHESI, 2002, p.81-82; FARACO; ZILLES, 2017, p.22-23).

Todavia, embora procuremos demonstrar que quanto maior for nosso estudo acerca da língua e de sua diversidade mais se fará “evidente que a

---

<sup>26</sup> Filósofo prussiano que viveu entre os anos de 1724 e 1804, tido como um dos principais filósofos da era moderna, conhecido por sua erudição e pela complexidade de suas produções, dentre as quais está a obra *Crítica da Razão Pura* (1781).

organização estrutural (a norma) é propriedade inerente, constitutiva de qualquer variedade linguística, tenha ela ou não prestígio sociocultural” (FARACO; ZILLES, 2017, p.45), o que se perceber é que, para muitos, quando se fala em ‘norma’, seja para defesa ou crítica, a primeira coisa que vem à mente é a gramática prescritiva, a norma padrão, e em alguns casos, a norma culta, mas sempre carregadas com todos os ‘pré’ conceitos e ‘pré’ supostos já difundidos há muito e por muitos.

A adoção de uma perspectiva de língua que valorize sua inerente capacidade de variar e mudar deve levar a uma compreensão diferenciada também sobre o que vem a ser a norma, ou seja, a gramática da língua, atribuindo a ela seu verdadeiro valor e papel, ciente de que “nenhuma descrição gramatical pode, portanto, ter a pretensão de ser completa ou definitiva” (PERINI, 2010, p.22) e que algumas práticas tidas como “irregulares” para a gramática prescritiva são tranquilamente observadas e aceitas pela norma culta (oral ou escrita) e facilmente explicáveis pela gramática descritiva e da língua em uso<sup>27</sup> – é o caso da ocorrência da dupla negação, que embora tida por ‘erro’ é comumente encontrada mesmo na prática de pessoas cultas em formulações como “ela não viu *nada, não*” (SOARES, 2000, p.41, grifo do autor); ou ainda como no caso da contração da preposição com o pronome sujeito, sendo comum identificarmos na fala construções do tipo “o fato *deles* aceitarem propina foi um agravante”, embora a prescrição para a língua diga que a frase deveria ser construída assim: “o fato *de eles* aceitarem propina foi um agravante” (FARACO, 2009, p.51, grifo do autor).

Faraco (2009, p.44) destaca o modelo de abordagem da norma da língua dado por Bortoni-Ricardo (2005), por meio dos *continua*, como sendo uma ferramenta que pode superar os cortes dicotômicos que não contribuem para representar adequadamente a realidade linguística brasileira.

Na busca por compreender e abordar a língua sob uma ótica cultural e sensível, a Professora Stella Maris Bortoni-Ricardo faz uso de uma estratégia diferenciada, tratando a riqueza que compõe as variantes da língua como integrantes do arsenal linguístico a que cada indivíduo tem acesso (2005, p.39), a depender do grau de formalidade na qual se esteja utilizando a língua, de uma prática que pode estar mais na esfera do oral ou do letramento, de uma apropriação da língua marcada pelo horizonte de uma prática mais próxima do contexto rural ou

---

<sup>27</sup> Gramática Cognitivo-Funcional.

do contexto urbano, e do gênero discursivo utilizado – neste contexto temos a elaboração dos três *continua* de Bortoni-Ricardo (2004; 2005). Complementarmente aos *continua* de Bortoni-Ricardo traremos para este momento de reflexão o *continuum* apresentado pelo Professor Luiz Antônio Marcuschi (2010).

Cooperando para nossa análise, que aproxima Sociolinguística e Literatura, os *continua* de Bortoni-Ricardo (2004; 2005) e o *continuum* de Marcuschi (2010) contribuirão para dar maior visibilidade à prática linguística comum dos falantes e para facilitar a compreensão das inovações trazidas pelo Modernismo à Literatura, que a partir dos autores modernistas intensifica uma alteração em alguns de seus paradigmas, com a ‘deglutição’<sup>28</sup> dos cânones e da práxis gramatical, “(fazendo isto) *por ser essa a maneira de evitar a dissociação entre sua obra e eles mesmos*” (MARROQUIM, 1934, p.163).

Uma vez que “não existe falante de estilo único” (LABOV, 2008, p.243) e que cada situação de comunicação implica distintos modos de se fazer uso da língua (PERINI, 2005, p.25), com foco nos processos cognitivos, o *Continuum de Monitoração Estilística* busca aferir o grau de planejamento e atenção dispensados pelo falante na adoção do estilo de linguagem que está empregando. A mobilidade de maior ou menor monitoramento está relacionada a fatores como ao contexto de produção deste enunciado, à complexidade do tema tratado, à maior ou menor familiaridade quer para com o tema, quer em relação ao destinatário deste enunciado, ou ainda, aos recursos discursivos que o falante tem à disposição (físicos ou linguísticos).

Destaca-se que em um mesmo discurso pode haver alternância de um estilo mais monitorado para um menos monitorado, ou vice-versa, com intuítos estéticos bem específicos, como o de gerar riso ou de impor limites, nesses casos, além de uma marca no timbre da voz (quando um discurso oral) a alteração vem acompanhada de expressões como: ‘calma, estou apenas brincando’ ou ‘estou falando sério, entendeu’.

Como os eventos de oralidade e de letramento não se constituem como excludentes e têm fronteiras fluidas, embora dentro do processo de comunicação a língua empregada na ‘conversação espontânea’ se encontre no extremo da oralidade e aquela utilizada no ‘artigo científico’ no extremo do

---

<sup>28</sup> Com a revisitação crítica.

letramento, uma carta (da esfera do letramento) pode vir carregada de oralidade e uma homilia (da esfera do oral) vir marcada pelo letramento.

O *Continuum de Urbanização* tem por foco os atributos sociais e culturais dos indivíduos, estando envolvidos no processo de comunicação a depender do sexo dos indivíduos, do domínio social aos quais pertencem, bem como de seu nível de isolamento, da diversidade de relações sociais dos falantes e de suas práticas de letramento (BORTONI-RICARDO, 2005, p.43-52)<sup>29</sup>.

Ainda relacionados a este *continuum* temos aquilo que Bortoni-Ricardo (2005, p.28.137) chama de traços graduais ou descontínuos. Os traços graduais são marcas de registro não estigmatizados, um exemplo desse traço é a perda do / r / nos infinitivos dos verbos, passando de “perder” para “perde”. Os traços descontínuos dizem respeito a variedades marcadas por certo estigma e com uma maior carga de avaliação negativa na sociedade como um todo, comumente presentes no repertório de grupos mais isolados, o fenômeno da metátese é um exemplo disto, como ocorre com a palavra “dormir” que passa a ser pronunciada como “drumir” ou “drumí”.

O *Continuum Tipológico*, elaborado por Peter Koch e Wulf Oesterreicher (2007), e por Luiz Antônio Marcuschi (2010), embora não componha a proposta dos três *continua* apresentados por Bortoni-Ricardo (2005), é por nós trazido pois coopera com a análise que estamos desenvolvendo; haja vista o fato de a própria Bortoni-Ricardo reconhecer como abrangendo à sua teoria “todas as propostas sociolinguísticas que tenham por objetivo contribuir para o aperfeiçoamento do processo educacional, principalmente na área do ensino de língua materna” (2005, p.128), não apenas acolhendo outras propostas mas mantendo sua teoria aberta a futuros complementos e aperfeiçoamentos.

A perspectiva apresentada pelo *Continuum Tipológico* é embasada na compreensão de que as formas mediatas e imediatas de comunicação (os gêneros escritos ou orais, respectivamente), não podem ser vistas como pertencendo a sistemas diferentes, mas compreendem concepções/planos distintos de apropriação de um único e mesmo sistema linguístico em contextos que ora requerem mais a escrita, ora mais a fala – nesta mesma linha, Mattoso Câmara Jr

---

<sup>29</sup> Também em BORTONI-RICARDO, 2004, p.51-61.

(1992, p.19) já dizia que “a língua escrita se manifesta em condições muito diversas da língua oral”.

Todavia, embora fazendo parte de um mesmo sistema linguístico, mas manifestas em condições diversas, existem algumas peculiaridades semiológicas com diferenças marcantes de modo que a escrita não representa a fala; ocorrem casos nos quais o texto escrito não se restringe apenas ao alfabeto (envolvem fotos, ideogramas etc.), além de que os textos orais têm realizações multissistêmicas (abarcando gestos, fisionomia, sons etc.) (MARCUSCHI, 2010, p.38-39).

## 2.2 DA LÍNGUA QUE CONHECEMOS À LÍNGUA QUE FALAMOS

A heterogeneidade é uma característica marcante nos mais variados segmentos constitutivos do Brasil. Além de uma biodiversidade climática, geográfica, ambiental e cultural, o Brasil é um país que fala, em seu território, mais de duzentas e cinquenta línguas pertencentes às comunidades tradicionais, sem contar aquelas comunidades bilíngues ou multilíngues que além do Português também falam o Italiano, o Alemão, o Ucraniano, o Japonês dentre outras (MOLLICA, 2007, p.26), fazendo-nos solo fértil para desenvolvimento de uma gama de variedades linguísticas a partir de empréstimos linguísticos – empréstimos esses que abarcam não apenas o léxico, mas também regras fonológicas, morfemas gramaticais, padrões sintáticos, associações semânticas e estratégias discursivas (DIETRICH, 2010, p.158-159).

Contribuem para esta riqueza em âmbito linguístico também as dimensões do território nacional, que por vários séculos promoveram o isolamento entre as cinco regiões<sup>30</sup>. Outro afastamento que muito contribuiu na história de nossa língua foi aquele que houve por quase trezentos anos entre colônia e metrópole (Brasil e Portugal), proporcionando a manutenção e o desenvolvimento de identidades linguísticas de ordem lexical, fonético-fonológica, morfossintática, semântica e discursiva bem distintas (ALENCAR, 2000, p.11).

---

<sup>30</sup> A saber: Norte; Nordeste; Centro-Oeste; Sudeste e Sul.

### 2.2.1 Breve História do Português Brasileiro

A despeito de ter recebido este nome apenas no século XV – até esta época era chamada de *(nosso) vulgar* ou *(nossa) linguagem* (FARACO; ZILLES, 2017, p.124) –, a história do Português enquanto língua remonta ao século XII. Contribuíram enormemente neste processo o rei Dom Afonso II e o rei poeta Dom Dinis, ambos promoveram uma gradativa substituição do Latim Vulgar<sup>31</sup> pela Língua Vernácula nos documentos da Chancelaria Real Portuguesa e foram responsáveis pela criação e desenvolvimento da primeira Universidade Portuguesa<sup>32</sup>. As características de um ‘Português Culto’<sup>33</sup> passam a ser consolidadas com a refundação do Reino Português<sup>34</sup>, por Dom João I e a Dinastia ‘de Avis’<sup>35</sup>, à medida que são reafirmadas as distinções entre Portugal e o Reino de Castela.

Já a história do Português Brasileiro reportaria ao século XVI e todo o processo de transmissão, compreensão e aculturação do Português Europeu no território do Brasil à medida de sua relação com as línguas indígenas (motivando o surgimento da Língua Geral<sup>36</sup>); em um momento posterior contou com uma profícua relação com as línguas africanas; e em um momento mais tardio recebeu influências do contato com as línguas de grupos de imigrantes<sup>37</sup> (italianos, alemães, poloneses, espanhóis e outros).

O primeiro grande momento no percurso de compreensão de nossa língua, visto como problemático por Silveira Bueno (1967, p.233), advém do modo como José de Anchieta<sup>38</sup> se pôs a representar gramaticalmente a Língua Geral,

<sup>31</sup> Destaca-se que o latim vulgar foi uma variante do latim falado pelos legionários e implementado nos territórios conquistados e que perdurou entre os séculos III a.C. a VII d.C..

<sup>32</sup> Chamada, em 1290, de Estudo Geral Português, hoje, Universidade de Coimbra – com idas e vindas entre Lisboa e Coimbra.

<sup>33</sup> Este é um destaque importante, pois enquanto no Português Europeu a norma prescritiva teve por base o Português Culto, o mesmo não ocorreu com o Português Brasileiro.

<sup>34</sup> É assim que os historiadores Rui Ramos, Bernardo Vasconcelos e Sousa, e Nuno Gonçalves Monteiro se referem à transição de poder em Portugal naquele momento (2015, p.146-148).

<sup>35</sup> A saber: Dom Duarte I, Dom Afonso V, Dom João II, Dom Manuel I, Dom João III e Dom Sebastião I, especialmente.

<sup>36</sup> Ou em tupi Nheengatu, que significa “língua boa, falar bem”.

Retomando Câmara Jr, Ataliba de Castilho (2014, p.180) refere-se à língua geral como um “tupi missionário”, despojado das marcas fonológicas e gramaticais típicas para adaptar-se ao português.

<sup>37</sup> É a partir de metade do século XIX que esses grupos começaram a chegar em número considerável no Brasil, período que coincide com aquele da libertação dos escravos.

<sup>38</sup> Vale destacar que o movimento feito por Anchieta, como frisa o próprio Silveira Bueno, inscreve-se em uma tendência europeia, mais precisamente, espanhola, de estudo das línguas tomando por pressuposto o latim clássico, tal como fizeram os literatos.

tratando-a como uma língua flexiva (como o latim) em vez de aglutinante, e apresentando suas regras não como derivadas de uma análise do uso por parte dos falantes, criando regras e padrões totalmente artificiais. No campo ortográfico, Silveira Bueno (1967, p.234) também faz uma crítica ao preciosismo etimológico de valorização do latim e do grego que passou a vigorar em nossa língua desde este período.

Ao analisarmos o contato que houve entre o Português Europeu e as Línguas Indígenas do território brasileiro, nos primeiros séculos da chegada dos portugueses no território que hoje é o Brasil, é sempre bom não esquecermos que também naquele momento histórico havia a presença de variantes no Português Europeu (especialmente do sul de Portugal) que aportaram no Brasil com os que vieram para cá (TOLEDO NETO; SANTIAGO-ALMEIDA, 2010, p.126-127), indicação que suplanta argumentos que visam desqualificar o Português Brasileiro devido a sua variedade de variantes e das contribuições que o contato com outras línguas poderiam ter favorecido para isto.

O bilinguismo dos habitantes do território brasileiro, nos primeiros séculos do contato entre portugueses e autóctones, era algo comum mesmo entre portugueses, pois nos afazeres domésticos e no dia a dia a Língua Geral (marcada, predominantemente pelo Tupi) era aquela utilizada, enquanto o Português era a língua 'cultura' e para a 'cultura', aprendida na escola, como atesta Padre Antônio Vieira (1856, p.249):

*é certo que as famílias dos portuguezes e indios em São Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mystica e domesticamente, e a lingua que nas ditas famílias se fala, é a dos indios, e a portugueza a vão os meninos aprender á escola.*

Reforçando este relato de Antônio Vieira, anos depois, após a chegada de um novo padre para a cidade de São Paulo, o governador da capitania, Artur de Sá e Meneses, solicitou o envio de um novo padre, um que soubesse falar também a Língua Geral, pois ao atual era necessário que se lhe traduzissem, especialmente às mulheres (HOLANDA, 2004, p.123-124).

Os intelectuais do Neoclassicismo e do Romantismo no Brasil, dos séculos XVIII e XIX respectivamente, iniciaram um processo de reflexão do Português que tanto contribuiu para aquela que Silveira Bueno considera como a melhor sistematização moderna do léxico da Língua Portuguesa – o *Diccionario da*

*Língua Portuguesa*, do brasileiro Antônio de Moraes Silva<sup>39</sup> (1789) –, como também passaram a incorporar, intencionalmente, quer na prosa quer no verso, alguns traços linguísticos que marcarão a originalidade da Língua Portuguesa usada no Brasil para aquela de Portugal.

Foi a partir do século XVIII que verdadeiramente, na escrita, começou a desenvolver-se uma Língua Portuguesa com feições propriamente brasileiras (TARALLO, 2018a, p.65). Torna-se comum a utilização de muitos vocábulos de origem Tupi-Guarani e das línguas Bantu e Ioruba; a manutenção do emprego do gerúndio em vez da forma infinitiva; a preferência pela próclise, por vezes, chegando até a iniciar-se a frase com o pronome oblíquo; abre-se mão da segunda pessoa do singular em favor da terceira, e a segunda pessoa do plural fica restrita à poesia, à oratória e à esfera religiosa; adota-se o uso do pronome sujeito mesmo quando não necessário, e a concordância no plural de expressões que marcam o coletivo (BUENO, 1967, p.267-272).

Outro destaque deve ser conferido ao papel dos bandeirantes (no século XVIII) na estruturação de um Português Brasileiro. Esses personagens tanto falavam o Português quanto a Língua Geral, e em suas investidas rumo ao oeste acabaram levando sua variante para o interior do país. Enquanto isto, no litoral havia pouquíssima presença da Língua Geral, predominando o Português Europeu com suas variantes e as influências advindas do contato com outras línguas europeias e com as línguas africanas (NOLL, 2010, p.107).

No que diz respeito ao contato da Língua Portuguesa com as Línguas Africanas, é bom recordarmos que séculos antes da presença de africanos escravizados no Brasil e em Portugal, o território ibérico já mantinha fortes relações com a África e sua cultura, sendo o exemplo mais notório disto a colonização da península ibérica, por cerca de setecentos anos, por parte dos mouros – povo que habitava a região hoje conhecida como Marrocos, Mauritânia e Argélia –, deixando influências genéticas<sup>40</sup> e linguísticas (muitas dessas, arabismos<sup>41</sup>), como o nome de

---

<sup>39</sup> Foi um lexicólogo e gramático brasileiro, diplomado em Direito tendo exercido a profissão em Pernambuco. Sua principal obra, *Diccionario da Língua Portuguesa*, foi publicada em Lisboa, em 1789. A edição do século XVIII desta obra encontra-se digitalizada e disponível para download na Biblioteca Virtual do Senado e na Biblioteca Brasileira Mindlin, da USP.

<sup>40</sup> Constatação da tese doutoral de Hélder Spínola de Freitas, sob o título: *Diversidade Genética do Sistema HLA em Portugal, Cabo Verde e Guiné-Bissau*, defendida em 2015, na Universidade da Madeira.

<sup>41</sup> Por essas relações e por cerca de mil palavras no léxico Português derivados do Árabe, alguns chamam o Português de “Latim arabizado” (ALVES, 1999, p.54).

muitas frutas e vegetais: alface, limão, açafrão, laranja, cenoura e outros; tal como alguns nomes pessoais, especialmente iniciados pelo artigo “al”: Alcantara, Albuquerque, Alberto, Almeida; e de bebidas: xarope, álcool dentre outros.

Posteriormente, no Parnasianismo, no Simbolismo e no Realismo, com o advento das ciências biológicas e da mecânica, alguns estrangeirismos foram incorporados à Língua Portuguesa do Brasil (com adaptação ortográfica ou não), época em que, também, surgem diversos neologismos, muitos deles de origem francesa e inglesa (BUENO, 1967, p.273-275).

Outro marco para a história da Língua Portuguesa no Brasil foi o Modernismo, que, especialmente pela valorização do regional, trouxe o dialeto popular, o falar campesino, as gírias e o calão, propiciando-lhes destaque. Apontando as contribuições futuras deste movimento, assim se expressa Silveira Bueno:

Esta literatura regional [...] vai ter grande influência no futuro da língua portuguesa (sic) do Brasil quando os filólogos se derem ao trabalho de nela respigar tão numerosos e tão valiosos elementos da futura lexicologia brasileira, um dos grandes e profundos elementos de diferenciação entre os dois grandes domínios do idioma português (BUENO, 1967, p.276)<sup>42</sup>.

Para Lucchesi (2015, p.89.173-174), distintamente do que ocorreu nos países europeus após o processo de industrialização, e que era esperado que ocorresse no Brasil no início da República Nova (1930), não houve uma homogeneização cultural, pois, as diferenças sociais mantiveram-se na nova infraestrutura econômica, alimentando um discurso de valorização da cultura (ou pretensa cultura) da elite e de desvalorização do que não se enquadrava nesses parâmetros.

No que se refere propriamente à língua, como nem todos tiveram (e ainda não tem) acesso ao mesmo nível e qualidade de formação, criou-se e cultivou-se uma representação simbólica do falar da elite econômica como sinônimo de pureza da língua e o seu diferente como erro ou corrupção, especificamente, o falar do proletário e dos moradores das periferias e favelas, bem como o falar rural. Vale sublinhar que embora desde o século XIX os intelectuais portugueses descrevessem o Português praticado no Brasil como ‘errado’, foi nossa elite econômica letrada a responsável pela tentativa de lusitanização de nossa norma culta, cabendo a ela, segundo Faraco (2009, p.79), sua integral responsabilidade.

---

<sup>42</sup> Há, porém, críticas ao movimento, por arte de Silveira Bueno (1967, p.275-276), que também vê os modernistas como descuidados com relação ao vocabulário.

Em termos de ortografia, até o início do século XX não havia uma norma fixada por nenhuma instituição oficial (governo ou academia) que pudesse servir de parâmetro. Em Portugal, tal sistematização ocorreu apenas em 1910, quando da revolução em Portugal o primeiro governo republicano solicitou a filólogos a elaboração de uma reforma ortográfica que fosse simples e fácil (BUENO, 1967, p.278). Esta reforma, entretanto, não foi aceita no Brasil, que já em 1907, após três meses de debates na Academia Brasileira de Letras, havia realizado uma primeira proposta de reforma da ortografia da Língua Portuguesa<sup>43</sup>.

Um acordo ortográfico entre Brasil e Portugal só foi firmado em 1931, com o patrocínio das Academias de Letras de ambos os países. Houve, porém, dificuldades em sua implementação, o que só começou a efetivamente ocorrer em 1944, com uma publicação no *Diário Oficial*, tornando obrigatória a observância do acordo. E para solucionar as divergências que ainda recorriam, em 1945 um novo acordo ortográfico foi pactuado. Todavia, na década de 60, Silveira Bueno (1967, p.279) já antevia a necessidade de um novo acordo que pudesse se fazer inteligível e exequível pela imprensa e pela população, o que ocorrera apenas na década de 70, com dois acordos.

No ano de 1986, embora tenha havido um encontro entre os sete países lusófonos (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe<sup>44</sup>) no Rio de Janeiro, com objetivo da elaboração de um novo acordo ortográfico, este nunca fora oficialmente aprovado. Anos mais tarde, um novo acordo foi ratificado entre Brasil, Portugal e Cabo Verde, este acordo, da década de 90, apenas passou a ser implementado por todos os países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) em 2010.

### 2.2.2 Algumas Marcas de Nossa Língua

Já há várias décadas, vislumbra-se a defesa de alguns brasileiros quanto à emancipação do Português Brasileiro frente ao Português Europeu devido a diversos elementos na língua praticada no Brasil se afastarem daqueles de

---

<sup>43</sup> Para maiores aprofundamentos segue o *link* do artigo *A Reforma Ortográfica da Academia Brasileira de Letras, em 1907*, de Manoel Pinto Ribeiro, na edição de 2011 da *Revista da Academia Brasileira de Filologia* (p.206-210), que apresenta as 17 proposições votadas e aquelas que de fato entraram em vigor, tendo por base as atas da ABL: <http://www.filologia.org.br/abf/rabf/9/206.pdf>.

<sup>44</sup> Nesta época Timor-Leste ainda não havia se tornado independente, portanto não fazia parte deste grupo.

Portugal, constituindo, segundo os defensores, uma língua distinta; outros, porém, justificam esse desejo de emancipação em virtude de uma não aceitação de eventual dependência e submissão linguística e cultural a outro país<sup>45</sup>.

Barbosa Lima Sobrinho, retomando Charles Bally e estudos de outros linguistas brasileiros, afirma que, embora alguns cheguem a identificar dezenas de milhares de “brasileirismos” no Português Brasileiro<sup>46</sup>, por si só, não é a diversidade lexical que faz uma “nova língua” ou chancela sua “emancipação” – e para reforçar seu argumento traz a reflexão feita pelo filólogo Gladstone Chaves de Melo, ao lembrar o fato de que os mais de 50% de palavras latinas na língua inglesa não foi motivo suficiente para fazê-la deixar de ser uma língua germânica (SOBRINHO, 1977, p.15-31).

As diferenças entre o Português Brasileiro e o Português Europeu, como sublinhado por Tarallo (2018b, p.60-61) ao retomar Câmara Jr, muito mais do que pelas influências fonológicas e gramaticais vindas das línguas indígenas e africanas, deram-se pelo simples fato de que ambas as línguas mantiveram seu curso histórico em contextos distintos, sejam eles geográficos, históricos ou sociais. O que, aliás, reafirmaria um pressuposto básico da Sociolinguística, de que a língua é uma ferramenta contextualmente localizada (LABOV, 2008).

Uma das primeiras percepções referente às diferenças fonético-fonológicas entre o Português Brasileiro e o Português Europeu diz respeito à prosódia da língua. Alguns estudos apontam para o fato de que entre os falantes do Português Europeu a prosódia é mais acelerada do que aquela dos falantes do Português Brasileiro (BORTONI-RICARDO; ROCHA, 2014, p.37).

Distintamente do que ocorre no Português Europeu, no Português Brasileiro algumas variações na pronúncia da vogal < a > são menos percebidas e/ou praticadas pelos falantes; é o que ocorre na pronúncia do < a > da primeira sílaba nos casos de pára” (verbo) e o “para” (preposição). Todavia, especialmente na região norte do Brasil, o / a / nasal é mais nasalizado do que em Portugal.

Há uma diferenciação na pronúncia de alguns ditongos entre o Português Brasileiro e o Português Europeu. Para o ditongo < ão > a pronúncia do Português Brasileiro é mais fortemente nasal do que no Português Europeu. No caso

---

<sup>45</sup> No bojo destas discussões é possível elencar outras, como a diferenciação entre língua e dialeto, e o que faz uma língua ser uma língua.

<sup>46</sup> O literato e lexicólogo Afonso d'Escragnoille Taunay, em seu *Léxico de Lacunas* (1926), calculou 12 mil de 137 mil palavras catalogadas por ele.

de ditongos decrescentes, como na palavra ‘peixe’, é comum a ocorrência do fenômeno da monotongação no Português Brasileiro

Bastante próximo do que ocorre na pronúncia francesa, no Português Europeu é possível identificarmos a presença de um < e > mudo, como em [ fə ], algo que não ocorre em nenhuma das variantes do Português Brasileiro.

Algumas distinções de pronúncia de consoantes no Português Brasileiro relacionam-se também ao contato com outras línguas em nosso território. Embora seja um fenômeno comum entre as línguas românicas, a influência dos povos tupi-guarani e de alguns povos africanos **contribuiu** para o apagamento dos fonemas / l / e / r / pós-vocálicos identificáveis em muitas regiões do país e presente mesmo em variantes cultas. Essa influência também está ligada à ocorrência dos fenômenos do ‘lambdacismo’ e do ‘rotacismo’ no dialeto “caipira” – exemplo de rotacismo se dá quando a palavra < alma > é pronunciada como [ arma ]; exemplo de ‘lambdacismo’ pode ser observado quando a palavra < garfo > é pronunciada como [ ga’lfo ].

Quanto às características morfossintáticas, algumas redundâncias sintáticas identificadas no Português Brasileiro, segundo Castilho e Elias (2012, p.448), têm sua origem em alterações morfológicas, como no caso da simplificação da conjugação dos verbos, reduzidas de seis para quatro formas por tempo verbal. Deste modo, não sendo possível recuperar o sujeito pela desinência do verbo será necessário identifica-lo por meio de um pronome – em vez de termos: (tu) falas, (ele) fala, (nós) falamos; passamos a ter: *você* fala, *ele* fala, *a gente* fala.

Enquanto o Português Brasileiro tem a tendência de uso do pronome para o preenchimento da posição sujeito em detrimento da posição objeto, o Português Europeu tende a preencher a posição objeto apagando a posição sujeito – exemplo: à pergunta “você pegou o livro?” a resposta no Português Europeu poderia ser “sim, peguei-o!”, já para o Português Brasileira seria “sim, eu peguei!”. Outras duas marcas distintivas entre o Português Brasileiro e o Português Europeu dizem respeito à ocorrência da próclise e da ênclise, e do uso dos pronomes < você > e < tu >, sendo comum em Portugal a ênclise, e o pronome < tu >, enquanto a próclise e o pronome < você > são aqueles mais verificados no Brasil (BIDERMANN, 2001).

Há uma preferência no Português Brasileiro pela colocação do advérbio no final da oração, ao passo que no Português Europeu esta preferência se

dá no início da oração (ALKMIN, 2004, p.34) – exemplo: “não vou *lá!*” (para o Português do Brasil), em vez de “*lá* não vou!” (no Português de Portugal). Verifica-se, também, uma presença mais constante do uso do diminutivo por parte dos brasileiros, quando comparado com o uso da língua pelos portugueses – neste ponto, destaca-se a predominância do sufixo < ito >, em Portugal (bocadito; pequenito), e do sufixo < inho >, no Brasil (bocadinho; pequenininho).

Quanto a colocação dos pronomes oblíquos átonos, enquanto em Portugal há preferência pela posposição, no Brasil há pela antecipação. É devido a esta antecipação que no Brasil é costume iniciar-se uma frase com um pronome oblíquo. Quando ocorre a posposição, geralmente há a substituição do pronome oblíquo átono pelo pronome pessoal reto, exemplo: viemos para vê-lo; viemos para o ver; viemos para ver ele.

No Português utilizado no Brasil é possível observar uma preferência por orações construídas com os verbos no gerúndio em vez do uso do infinitivo precedido do artigo < a >, como é mais comum no Português Europeu - exemplo: Português Brasileiro= Estamos *pescando*; Português Europeu= Estamos *a pescar*.

Quanto ao vocabulário, das cerca de dez mil palavras e expressões<sup>47</sup> vindos do Tupi-Guarani e que compõem o Português Brasileiro, temos:

Topônimos= *Maracanã; Igapó; Tibagi; Moema* e outros.

Antropônimos= *Iracema; Juraci; Guaraci; Tibiriçá; Pitanga* e outros.

Fitônimos= *Peroba; Goiaba; Mandioca; Urucum* dentre outras.

Prefixos= *Caa-* (mato, folha); *Pira-* (peixe) dentre outros.

Sufixos= *-rana* (parecido com); *-porã* (bonito); *-tyba* (agrupamento) e outros.

Dos milhões de africanos trazidos para o Brasil, predominavam aqueles vindos do grupo cultural banto<sup>48</sup> e sudanesa<sup>49</sup>. Da língua Bantu, no século XVII, deu-se início à formação do que é chamado “dialeto das senzalas” e que contribuiu para o amálgama com a Língua Portuguesa (CASTILHO, 2014, p.180-181).

<sup>47</sup> Quem mensura essa contribuição é CASTILHO, 2014, p.180.

<sup>48</sup> Oriundo da região que hoje conhecemos como Congo; Angola; Moçambique; Tanganica e Laos, e que se concentraram nas regiões de São Paulo; Rio de Janeiro; Maranhão; Minas Gerais; Pernambuco e Alagoas.

<sup>49</sup> Proveniente do território denominado como sendo: Sudão; Senegal; Guiné e Nigéria, e que se fixaram, predominantemente, na Bahia.

São contribuições linguísticas da cultura bantu para o Português Brasileiro palavras como: *bagunça*; *bunda*; *caçula*; *cafuné*; *cochilar*; *denço*; *encafifar*; *fubá*; *jiló*; *quiabo*; *quitute*; *moleque* dentre outras relativas a comidas ou à esfera familiar e doméstica. Por sua vez, as contribuições da cultura sudanesa evidenciam-se mais em expressões nas liturgias da umbanda e candomblé, como: *afoxé* (cortejo); *auê* (confusão); *orixá* (espírito protetor); *babá* (pai); *ebó* (oferenda) dentre outras.

### 2.2.3 A Variedade Regional no Português Brasileiro

Por variedade regional ou diatópica designam-se as diferenças de uma mesma língua encontradas em lugares (*topos* em grego) geográficos específicos. Essa variedade se constitui como um dos tipos mais perceptíveis da variação nas línguas.

Em qualquer língua há uma correlação entre as marcas linguísticas características de um grupo de falantes e sua localização geográfica específica, embora sejam fluidas essas delimitações. Neste sentido, quando falamos das diferenças da Língua Portuguesa como ela é usada no Brasil e em Portugal, nos referimos a um tipo de variação regional, ou então, quando fazemos uma distinção do modo como, por exemplo, os moradores do Rio Grande do Sul ou do Ceará se apropriam da Língua Portuguesa.

No Brasil, o século XX foi um momento especial para os estudos da variante regional da Língua Portuguesa. Dentre tantas contribuições é de se destacar aquelas do pioneiro neste percurso de compreensão crítica e de valorização do falar regional, tanto no que se refere à esfera da Sociolinguística quanto da Literatura<sup>50</sup>, Amadeu Amaral. Bem antes de William Labov, nos EUA, Amadeu Amaral inaugurou, no Brasil, um olhar científico diferenciado para o estudo das variantes regionais, propondo um método investigativo que valorizava a pesquisa *in loco* como uma tentativa de evitar hipóteses, almejando a clareza, a objetividade e a precisão nas descrições (BECHARA, 1972, p.5). Amaral ansiava o dia que seríamos capazes de compor um exame das várias modalidades locais da

---

<sup>50</sup> Amadeu Amaral foi membro da Academia Brasileira de Letras, tendo tomado posse em 14 de novembro de 1919, sucedendo Olavo Bilac.

Língua Portuguesa presentes em nosso país (AMARAL, 1982, p.43-44), anseio que tornou-se realidade com o Atlas Linguístico Brasileiro – ALiB.

O pesquisador Ricardo Vidal Golovaty sugere que o brilhantismo de Amadeu Amaral se nutriu das pesquisas do sociólogo Émile Durkheim e de seu círculo, passando a compreender a língua como um ‘fato social’<sup>51</sup>, visão altamente inovadora:

Enquanto na França Durkheim combatia os acadêmicos das Letras críticos e avessos à Sociologia, no Brasil Amadeu combatia os letrados que acreditavam fazer Folclore ou Sociologia sem os devidos cuidados do método científico próximo ao preconizado pelo francês (GOLOVATY, 2010, p.236-237).

O modernista Oswald de Andrade refere-se a Amadeu Amaral com profunda admiração, tendo, inclusive, contribuído para sua eleição para a Academia Brasileira de Letras (ANDRADE, 1990, p.162). Em 1920, dois anos antes da Semana de Arte Moderna, Amadeu Amaral publicou sua obra *O dialeto caipira*, tratando-se “da primeira tentativa de se descrever de forma abrangente um falar regional brasileiro” (OLIVEIRA, 2006, p.44)<sup>52</sup>, indo além de seus predecessores ao abranger questões relativas à fonética, morfologia e sintaxe, e ao léxico, dando ao tema um rigor científico (ABL, 2019).

Além de Amadeu Amaral, os primeiros 30 anos do século XX conheceram pesquisadores como Antenor Nascentes e sua obra *O linguajar carioca* (1922) e Mário Marroquim e a obra *A Língua do Nordeste* (1931), que se colocaram na vanguarda dos estudos da Dialetologia e descrição das variantes regionais (NAVARRO, 2004, p.11). Destaca-se o fato de esse período de inovações na Linguística e em outros ramos das Ciências Humanas no Brasil coincidir com aquele do Semana de 1922, marcada pelo ideal modernista de defesa e difusão da língua nacional em uso, com toda sua diversidade e riqueza, e que foi ganhando força e notoriedade nos anos que se seguiram (ALENCAR, 2000, p.11-13).

A década de 70 do século XX é aquele momento no qual esforços de estudiosos de todos os cantos do país são unidos em prol da construção de

---

<sup>51</sup> Fato social é um instrumento social que define o modo de pensar e agir dos indivíduos. O fato adapta o indivíduo a determinadas regras sociais. É, portanto, generalizante (são coletivos não individuais), exterior (já está presente antes mesmo que o indivíduo) e coercitivo (é uma força impositiva).

<sup>52</sup> Destacamos que parte dos exemplos utilizados por Amadeu Amaral para descrever o dialeto caipira são provenientes da obra de Valdomiro Silveira (CARMO, 2008, p.378). Alfredo Bosi (1970, p. 207) sublinha a importância de Valdomiro Silveira e Simões Lopes Neto com seu programa regional que viria atingir estágios superiores com os modernistas.

projetos em âmbito nacional com o objetivo de descrever mais detalhadamente as variantes linguísticas do Português Brasileiro. É de se lamentar o fato de que todo esse conhecimento e seu potencial transformador ainda não ganharam a visibilidade que verdadeiramente merecem, nem chegaram como deveriam à ponta do processo educacional, às escolas, haja vista os preconceitos linguísticos que ainda perduram entre nós.

### 2.3 EXAME ANALÍTICO DESTE CAPÍTULO

Se a sociedade é composta por pessoas de diferentes estratos sociais, cultura, idade, sexo, ocupando funções sociopolíticas distintas, seria ingenuidade supor uma uniformidade linguística (SILVA, 2010, p.67). Na verdade, cada vez que utilizamos a língua evidenciamos isto, cada vez que “abrimos a boca, dizemos muito de quem somos: o que sabemos, nossa condição social, região de onde viemos ou onde moramos, nossa escolaridade e até a nossa idade” (SILVA, 2013, p.32). E, para além disto, variáveis extralinguísticas, também instituídas socialmente, condicionam a evolução e compreensão da língua.

Enquanto instrumento social, enquanto ‘fato social’, é necessário que a língua mude e que não exista uma norma (gramática) pronta, embora exerça função unificadora e uniformizante (SILVA, 2013, p.155.163). Acompanhando a permeabilidade e fluidez da própria cultura, a pluralidade, a elasticidade e a contingência da língua, como um todo, promovem sua alteração “de acordo com cada situação social específica” (CÂMARA JR, 1992, p.16).

Por isto, tanto a mudança e a variação, quanto a norma e a estrutura linguística, devem ser reconhecidas como duas forças inerentes à própria língua, criando uma natural atividade de tensão mantenedora de sua vitalidade (MOLLICA, 2007, p.29). Enquanto forças não dicotômicas, uma é mais dinâmica e fremente, a outra é mais estática e uniformizante, sem que uma exerça prevalência sobre a outra, o que, aliás, implicaria em seu fenecimento – como ocorre com tudo aquilo que é vivo, em ordem biológica, física, química, geológica, sociológica, intelectual e etc..

Deve-se ter claro que no caso da preeminência de uma variedade sobre outras (a variedade culta, aquela mais monitorada, usada pelos falantes de

classe média urbana), isto se dá não pelo reconhecimento de valores inerentes a tal variedade, mas a atributos sociais e históricos que foi ganhando ao longo de seu processo de consolidação e que em dado momento histórico e cultura poderá perdê-los (FARACO, 2012, p.47).

No contexto brasileiro, destacam-se como elementos contribuintes para a presença de variantes na Língua Portuguesa: a relação entre as modalidades urbana e rural; os fluxos migratórios e imigratórios; e a “tendência emancipacionista da literatura brasileira moderna” (BORTONI-RICARDO, 2005, p.31), evidenciando uma língua em plena vitalidade, com transformações linguísticas ainda em marcha (BORTONI-RICARDO, 2005, p.71) – exemplificando concretamente o já salientado por Bakhtin (2006, p.199): “o destino da palavra é o da sociedade que fala”.

Olhar para um pouco de nossa história linguística nos fez perceber nossa heterogeneidade não apenas em termos culturais e geográficos, mas também linguísticos, e o quanto essas contribuições em vez de enfraquecerem e depreciarem nossa língua, na verdade a enriquecem e fortalecem. E, neste percurso, olhar para a variação regional (diatópica) contribuiu muito, quer no que diz respeito às diferenciações do Português Brasileiro para o Português Europeu, quer no tocante às peculiaridades dos falares regionais no interior do Brasil.

O trato com a língua, bem como a conscientização de sua história e heterogeneidade, só faz sentido se tiver efetiva relação com a prática concreta da língua (FARACO, 2009, p.158), pois algo distante disso se consolidaria em um estudo que mais afasta do que aproxima, que mais confunde do que esclarece, que mais desvaloriza do que valoriza a exuberante potencialidade da língua. Como salienta Bortoni-Ricardo (2005, p.130): “o que é preciso, de fato, é contribuir para o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais, (requerendo mudança nas posturas de estudiosos e falantes)”, e, neste sentido, olhar a língua como ferramenta culturalmente localizada e heterogeneamente constituída deve ser nosso ponto de partida.

Os *Continua (Tipológico, de Urbanização, Monitoração Estilístico e Oralidade-Letramento)* são apresentados como instrumentos que, dentre outros tantos, podem facilitar uma maior, melhor e mais frutuosa análise estrutural da própria língua. Superando as dicotomias que outras perspectivas apresentam no estudo da língua, vê-la como constituída por um *continuum* fará com que seus usuários superem muitos de seus preconceitos linguísticos e se tornem mais

conscientes em como usar efetivamente as potencialidades quer de suas variantes vernaculares quer das variantes cultas.

O próximo capítulo, no sentido de encaminhar-nos para uma análise linguística (um estudo sociolinguístico da variedade diatópica) sob outra perspectiva, terá por objetivo olhar para a Literatura Brasileira, mais especificamente para o Movimento Modernista, com destaque para sua Segunda Geração e para Rachel de Queiroz. Este movimento e esta autora se destacarão pela adoção de uma compreensão da língua (sua lógica e função social) que muito se coaduna aos preceitos sociolinguísticos que trabalhamos até agora.

Embora nossa tese não se localize como um estudo da área da Literatura, e sim da Linguística (da Sociolinguística), o contato com os pressupostos Modernistas, com Rachel de Queiroz e suas obras *O Quinze*, *As Três Marias*, e *Memorial de Maria Moura*, possibilitarão uma análise crítica da Variedade Regional Nordestina a partir do gênero romance e do modo como esta importante autora brasileira valeu-se dessa variedade da Língua Portuguesa do Brasil para construir suas obras, por meio das quais esta variedade específica reveste-se como “instrumento poderoso de transformação da língua e de revelação e autoconsciência do País” (CÂNDIDO, 1999, p.87), superando preconceitos e estereotipações.

### 3 A LITERATURA BRASILEIRA E SUA AFILIAÇÃO VARIACIONISTA

*“Felizmente já estão surgindo escritores brasileiros que perderam o medo ao tabu da gramática ‘portuguesa’ e estão escrevendo seus livros no português do Brasil, com os modismos sintáticos peculiares ao nosso falar” (MARROQUIM, 1934, p.12)*

Regionalismo é um conceito que dialoga tanto com a Sociolinguística quanto com a Literatura. Embora em Sociolinguística o regionalismo seja compreendido como a forma pela qual determinada região se apropria da língua e a utiliza para expressar sua cultura, e, em Literatura, ele tenha relação com fases nas quais a produção literária busca os elementos regionais (ambiente, cultura, mitos e lendas, léxico e etc.) como fonte inspiradora e/ou pano de fundo de suas produções; o Movimento Modernista Brasileiro destaca-se pela capacidade de unir ambas as vertentes do conceito de regionalismo em uma produção literária revolucionária<sup>53</sup>, que ao mesmo tempo em que manifesta literariamente o regional, o traz para uma reflexão sobre questões da sociedade que o envolve, dentre as quais está a nossa língua. É neste sentido que Juliana Santini nos diz que

(Com a literatura modernista dos anos 30,) a caricatura do princípio do século é, portanto, suprimida por uma dimensão volumétrica em que não é mais possível inserir um tipo sem profundidade como o Jeca Tatu, de Monteiro Lobato: embora esse “regionalismo nordestino” tenha, em certa medida, **partido de um paradigma** de representação literária do sertanejo iniciado, em princípios do século XX, com o caipira paulista, **a forma analítica que adquiriu não poderia sustentar-se sobre os mesmos andaimes**, já que também eles passaram a se apoiar em solo diverso. O processo de transformação da natureza do texto regionalista entre o pré-modernismo e a fase seguinte passa, portanto, pelo adensamento da forma romanesca, fomentadora da interpretação do indivíduo e da sociedade que o envolve [...] (2015, p.188, grifo nosso).

Os ideais defendidos pelos Modernistas da Semana de Arte de 1922 – presentes também em outros movimentos da mesma época, tal como o dos

---

<sup>53</sup> O conceito de “revolução” que empregamos coaduna-se à compreensão defendida por Thomas Kuhn, de modo que “a transição para um novo paradigma é uma revolução” (1998, p.122), e é justamente esta a compreensão que subjaz nos manifestos modernistas, o paradigma do autóctone frente ao do estrangeiro, o paradigma da pura recepção àquele da deglutição, dentre outros. A evidência revolucionária está menos no ineditismo da proposta e mais na própria postura de contraposição aos preceitos aos quais todos já estavam acostumados e não mais ousavam questionar (KUHN, 1998, p.25).

Pioneiros da Educação Nova<sup>54</sup>, “[...] rompe[ndo], como expressões da inquietação de nosso tempo e das forças vivas [...] (AZEVEDO, 1953 [1937], p.244-245) – foram um “acontecimento e uma declaração de fé na arte moderna” (BOSI, 1970, p. 383), e através de Manifestos como o *Pau-Brasil*<sup>55</sup> e o *Antropófago*<sup>56</sup>, propôs-se uma produção literária em contraposição aos modelos passivamente e subservientemente importados, valorizando o autenticamente brasileiro (o autóctone) – nas palavras de Oswald de Andrade, o “como falamos. Como somos” (1978, p.6), em nossa rica pluralidade – por matéria-prima, por matéria e forma<sup>57</sup> (FARIA, 1982, p.87).

Intensificando um movimento tanto de auto referenciamento quanto de deglutição<sup>58</sup> das referências vindas de fora, Oswald de Andrade (1978, p.9) declara a necessidade de vermos nossa cultura com “olhos livres”, assumindo o que somos e o que temos como paradigma das produções textuais e artísticas, a ser enriquecido pela revisita a outras tradições e culturas. E nessa mesma linha, “contra todos os importadores de consciência enlatada” (1978, p.14), um século após a independência política do Brasil, conclama à independência cultural e linguística, que segundo o próprio Oswald ainda não havia sido proclamada (ANDRADE, 1978, p.19)<sup>59</sup>.

---

<sup>54</sup> Movimento liderado por Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Lourenço Filho, que no ano de 1932 elaborou um manifesto em vista da promoção de reformas na educação nacional, centrado na defesa de valores democráticos.

<sup>55</sup> O *Manifesto Pau-Brasil* configura-se como uma crítica à ideia que os europeus tinham do Brasil, um lugar exótico e de selvagens, e muitas vezes adotados pelos próprios brasileiros. O objetivo da literatura modernista, então, seria “descolonizar” o Brasil (KAVISKI; FUMANERI, 2014, p.181).

<sup>56</sup> O *Manifesto Antropófago* “exacerba as posições expressas no Manifesto Pau-Brasil” (BOSI, 1970, p. 386), explicitando a ideia de que para a produção de uma arte brasileira verdadeiramente original, não deveríamos simplesmente aceitar o que vinha pronto da Europa, nem muito menos renegar toda a riqueza e tradição europeia, seria necessário, como os primeiros habitantes do Brasil, receber o que veio de fora e processá-lo (literalmente degluti-lo e digeri-lo) para, assim, dar origem a uma cultura verdadeiramente nacional.

<sup>57</sup> Em referência à teoria hilemórfica de Aristóteles, segundo a qual tudo que existe é composto de um amálgama entre ‘matéria’ (princípio de individualidade) e ‘forma’ (princípio de identidade), constituindo o “sínolo” (REALE, 1994, p. 356-358.377). É o modo peculiar com que há esta união entre matéria e forma que faz único, singular, irrepetível um ser.

<sup>58</sup> Uma referência à antropofagia (ANDRADE, 1978, p.13.19).

<sup>59</sup> Este posicionamento de Oswald de Andrade, e de alguns outros modernistas da primeira geração, exemplifica o que Hobsbawm e Le Goff nos falam sobre o modernismo e a modernidade, assumindo o inacabado, a ironia, a dúvida, a crítica e a criatividade como ferramenta para o processo de “demolição” das ortodoxias, que foi se intensificando entre meados do século XIX e início do século XX, ao mesmo tempo que se evidencia a manutenção de uma perspectiva quase romântica e idealista de esperança e otimismo frente ao novo que se evidenciava em seu tempo (HOBSBAWM, 2009, p.18.36.121; LE GOFF, 1990, p.187-195).

Compreendendo a linguagem escrita (a linguagem literária) como nutrida e vivificada pela linguagem falada, especialmente aquela pertencente aos mais simples do povo, os modernistas empreenderam uma reação (por vezes radical e excessiva) a modelos tidos como modelos puristas, primitivistas, gramaticalistas, presentes nos modelos clássicos da literatura (SOBRINHO, 1977, p.104) – exemplo disso foi o que escreveu Manuel Bandeira em seu poema *Poética* (1977, p.63):

[...]

Abaixo os puristas  
 Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais  
 Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção  
 Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador  
 [...]

E, também, no poema *Evocação do Recife* (1977, p.72):

[...]

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros  
 Vinha da boca do povo na língua errada do povo  
 Língua certa do povo  
 Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil  
     Ao passo que nós  
     O que fazemos  
     É macaquear  
     A sintaxe lusíada  
 A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem

[...]

Inscritos em um percurso que não se inicia com eles, mas do qual fazem parte como momento primoroso, os modernistas cooperam a que o regional fosse deixando de ter uma definição pitoresca e exótica, adotando uma caracterização e uma linguagem “desfolclorizada” (BUENO, 2006, p. 157), se constituindo como labor único no trato de temas universais, em uma produção literária e uma concepção da língua na qual as marcas regionais passam a ser tratadas não como elementos que separam (autor e leitor, narrador e personagens, urbano e rural) mas como convite à aproximação e à formação de uma identidade nacional, cuja diversidade seria uma de suas marcas (CÂNDIDO, 1999, p.86-87.90-92).

A década de 30 foi aquela na qual esses ideais atingiram um estado “adulto e moderno”, vincando fundo a nossa literatura e nossa compreensão sobre nossa língua (BOSI, 1970, p. 383). E, segundo Paul Teyssier (2014, p.74), boa parte

daquilo que consideramos e assumimos como “Norma Brasileira Mínima” (comum a todas as variantes) e como um “estilo brasileiro acentuado” são contribuições dos autores desta geração e da próxima do Movimento Modernista.

Valendo-se de uma maior compreensão e assimilação, por parte do público, da nova estética apresentada anos antes pela primeira geração, a segunda geração modernista abre mão de alguns exageros estrategicamente utilizados pela geração anterior<sup>60</sup>, e parte para uma aplicação mais efetiva do experimentalismo estético e linguístico – ‘experimentalismo’ esse que consiste na abertura dos padrões rígidos e fixos, típicos do paradigma de produção literária e artística, aos quais os modernistas se opuseram<sup>61</sup>, tornando a realidade histórica, “[...] aquilo que estava bem debaixo do nariz: sua própria terra” (BUENO, 2006, p.210), ao mesmo tempo, terreno fértil e expressão da complexidade de nossa cultura (BOSI, 1970, p. 384).

Longe de uma postura ingênua e meramente descritiva, os modernistas buscaram interpretar a vida e a história para dar sentido a seus enredos e às suas personagens. Na verdade, segundo Cândido e Castello (1964, p.24-28), a década de 1930 destacou-se como um profícuo momento para a prosa brasileira, com características tão marcantes quanto aquelas dos movimentos estéticos anteriores.

Tal compreensão do fazer literário, analisada sob o paradigma da Sociolinguística, evidencia uma valorização dos componentes da linguagem regional e de sua cultura com feições únicas (embora não tenham sido eles os primeiros a propor algo nestes moldes), dando centralidade e valor a esse marco da diversidade. Estas características que nos chamam atenção, uma vez que colocaram os modernistas na esteira do desenvolvimento de uma pedagogia variacionista, já que um de seus objetivos era o de levar todos e cada um dos usuários da Língua Portuguesa do Brasil a se reconhecerem como usuários competentes da língua, conscientes que seu modo de falar e que sua variante (seja ela qual fosse) também

---

<sup>60</sup> Dentre os ‘exageros estrategicamente utilizados’ podemos destacar os “acentos agressivos e até de piadas ou aparentes brincadeiras, para contestar o sistema que se tinha como respeitável e consagrado. [...]. Daí a aparência de destruição, que deve ter assustado os homens convencionais, que não percebiam o sentido profundo do que se operava” (ÁVILA, 1975, p.24), e que não se fazem tão presente nas gerações seguintes.

<sup>61</sup> Precisamente o que Luís Bueno destaca que fora feito por Mário de Andrade em *Amar, Verbo Intransitivo*, e em *Macunaíma*, ao “[...] plasmar uma língua literária nova, consegui[ndo] uma solução que, em linhas amplas, continua válida até hoje para a ficção brasileira [...], pela inclusão do que se costumava chamar de o coloquial na língua literária brasileira [...]” (2006, p.156).

compõe o Português Brasileiro (na sua gama de variedades), dando-o, assim, sem estereótipos e preconceitos, a ser conhecido aos brasileiros (ANDRADE, 1978; ARANHA, 1998 [1922])<sup>62</sup>.

Neste contexto de transformação, no que diz respeito à percepção, experiência e partilha de nossa língua, Rachel de Queiroz dá especial valor às construções linguísticas com maior informalidade (NERY, 2002, p.72), ela parte da escolha precisa do vocabulário, por meio do uso de expressões coloquiais, naturais, e diretas<sup>63</sup>, mantém raízes regionais e folclóricas (BOSI, 1970, p.396), surgindo como uma figura que consegue, de maneira magistral, promover a fusão dos eixos da oralidade e da escrita, promovendo a Variedade Regional Nordestina e assinalando esta identidade em suas produções. Marca que insere a autora em um processo de “partilha do sensível” (RANCIÈRE, 2005, p.21-22.29), levando à compreensão e ampliação da língua falada e da língua escrita.

Se “a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo [...], ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo/vivenciando” (BRASIL, 2017, p.491), cremos que quanto mais se for apresentando, definindo e caracterizando cada uma das ocorrências da variação linguística como aquelas empregadas por Rachel de Queiroz para construir suas obras, mais se conseguirá promover a superação de alguns preconceitos e paradigmas do caos. É justamente esse o papel do estudioso da área da linguística, segundo Fernando Tarallo (1997, p.33), e somente assim será possível gerar bons argumentos que possam levar à superação dessa ‘batalha’ entre a variação de prestígio e as demais.

Neste capítulo, percorrendo esta meta, em um primeiro momento, buscaremos compreender um pouco mais sobre a maneira como se dá este vínculo entre o Movimento Modernista e a Língua Portuguesa; para tanto, olharemos para alguns de seus mais importantes nomes (Oswald de Andrade, Graça Aranha e Gilberto Freyre). Em seguida, direcionaremos nossa atenção para a segunda geração modernista, seus contributos para compreensão da literatura e da língua, e

---

<sup>62</sup> Por qual motivo seria necessário tal “dar a conhecer”? Justamente pela compreensão da língua que perpassa a crítica que Manuel Bandeira faz em seu poema *Evocação do Recife* (nos versos que citamos anteriormente) (BANDEIRA, 1977, p.72), uma compreensão de que a língua tal qual utilizada pelo povo, pelos menos instruídos, ou mesmo pelos residentes desta ou daquela localidade do país, não seria ‘a verdadeira Língua Portuguesa’; compreensão enraizada ainda hoje na boca de muitos que por não conhecerem a gramática normativa e/ou os padrões lusitanos da Língua Portuguesa, afirmam não saber falar corretamente.

<sup>63</sup> CÂNDIDO; CASTELLO, 1964, p.237; COUTINHO, 1970, p.219.

como Rachel de Queiroz ofereceu sua contribuição. Por fim, focaremos nosso olhar nas obras *O Quinze*, *As Três Marias* e *Memorial de Maria Moura*, três exímias representantes da genialidade de Rachel de Queiroz e de sua percepção da relação entre literatura e língua, “uma festa humana, naquele melhor sentido em que a beleza e a arte são sempre um generoso prazer. Festa completa e complexa” (ANDRADE, 1946, p.119) – o olhar sintético que disponibilizaremos acerca das obras tem o intuito de aproximar o leitor não conhecedor desta literatura e/ou da estética modernista, das referidas produções que analisaremos, bem como, evidenciar não apenas pressupostos modernistas presentes nos romances, mas também algumas das premissas sociolinguísticas que serão melhor trabalhadas no capítulo seguinte<sup>64</sup>.

### 3.1 O MOVIMENTO MODERNISTA E A LÍNGUA QUE FALAMOS

Em sentido *lató*, o Modernismo não é nascido de uma escola “é, mais que um movimento particular, mais que uma estética, [...] (é) um desejo de libertação”<sup>65</sup> (POLIDORI, 1953, p.27, tradução nossa), é um fenômeno emancipatório na ordem das ideias e da língua (BORTONI-RICARDO, 2005, p.31-36). Por este motivo, é sugestivo que tenha sido no centenário da Proclamação da Independência que a Semana de Arte Moderna de 1922 se propôs ‘devolver’ a língua, a literatura e a arte aos brasileiros – ‘devolver’ no sentido de superação de uma disseminada compreensão de que o Português praticado no Brasil, e em decorrência, nossa literatura e cultura, seriam inferiores ao Português e à cultura vindas da Europa. Esta postura seria uma contraposição a “todos os importadores de consciência enlatada” (ANDRADE, 1978, p.14), e às “elites vegetais” (ANDRADE, 1978, p.16), que não viam o nacional como valioso, minimizando-o ou rejeitando-o.

Posturas inocentes restringem o Modernismo e seus Manifestos à esfera da Literatura, todavia, como movimento complexo, estendeu seus interesses para a pintura, música, arquitetura, linguística, história, sociologia, antropologia, educação, filosofia e política (CASTELLO, 2004, p.72). O desejo modernista era

<sup>64</sup> Para nós, empreender um estudo Sociolinguístico de obras literárias sem conhecê-las minimamente em seu enredo e desenvolvimento se materializaria em um estudo descontextualizado da língua.

<sup>65</sup> “È, piú che um movimento particolare, piú che una estetica, [...] (è) un desiderio di liberazione” (POLIDORI, 1953, p.27).

‘redescobrir’, ‘rever criticamente’ e ‘atualizar’ a produção artística nacional, colocando as produções autóctones em uma posição de igualdade frente a outras culturas, ao mesmo tempo em que capaz de enriquecer-se delas (COUTINHO, 1970, p.1). E “uma vez que uma língua tem por função exprimir o próprio, não o alheio” (GOMES, 1982, p.65), embora aparentemente paradoxal<sup>66</sup>, seu projeto linguístico ao mesmo tempo em que valorizava a heterogeneidade, a partir dela, vislumbrava uma “unificação psicológica do Brasil” por meio da língua, de um modo de expressar “que pudesse exprimir a totalidade do brasileiro” (FARIA, 1982, p.63) com seus inúmeros falares, com seu modo peculiar e diverso de ver, sentir e expressar o mundo.

Em princípio, Oswald de Andrade se viu, solitariamente, cultivando ideais motivados pelo *Manifesto Futurista* de Marinetti. Posteriormente, acompanhado por outros artistas e intelectuais (alguns até já consagrados), iniciou um percurso de adesão e consolidação daqueles ideais que culminaram na Semana de 22 – os quadros de Lasar Segall, os trabalhos de Anita Malfatti, as rimas de Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Menotti Del Picchia, funcionaram como o ponto de contato entre os membros dessa geração e como ferramenta garantidora da presença do grupo no cenário nacional.

Até 1920, como relata Afrânio Coutinho (1970, p.9): “os modernistas contentavam-se em serem os perturbadores da ordem estética”, marcando sua posição de desacordo, sob a liderança de Oswald e Del Picchia. Porém, em 24 de janeiro de 1921, com o artigo *Na maré das reformas*, são expressos os 5 princípios da doutrina modernista:

1º) O rompimento estético com o parnasianismo, o realismo e o romantismo.

2º) A independência intelectual brasileira.

3º) Uma nova técnica para representar a vida.

4º) Transposição das realidades vitais para o plano da arte, indo além do naturalismo.

5º) Reação ao ‘*status quo*’.

Entre 11 e 18 de fevereiro de 1922, patrocinado pelo escritor Graça Aranha, um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras (ABL), o

---

<sup>66</sup> Aparentemente paradoxal pois, como dizia Gregório de Matos (2014, p.86): "O todo sem a parte não é todo, / A parte sem o todo não é parte" – e a Língua Portuguesa, como todas a línguas, embora seja reconhecida como una, só se mantém enquanto tal a medida que se assume como plural.

Teatro Municipal de São Paulo teve suas portas abertas para uma semana de exposição de diversas áreas da cultura com nomes famosos e outros que se tornariam ícones do Modernismo.

Nesta célebre semana foram realizadas mostras de alguns desenhos arquitetônicos de Antonio Moya e George Prziembel, bem como de pinturas de Anita Malfatti, Di Cavalcanti, J. F. de Almeida Prado, John Graz; Alberto Martins Ribeiro, Vicente do Rêgo Monteiro, Inácio da Costa Ferreira, Oswaldo Goeldi e Zina Aita; nas artes plásticas, esculturas de Victor Brecheret, Hidelgado Leão Velloso, Wilhelm Haerberg; composições musicais de Villa Lôbos, Guiomar Novais, Frutuoso Viana e Ernani Braga; coreografias de Yvonne Daumeri; e obras literárias de Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho, Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Sérgio Milliet, Álvaro Moreira, Ribeiro Couto, Renato de Almeida, Plínio Salgado e Oswald de Andrade, também foram apresentadas ao público.

Ocorreram, também, eloquentes conferências de Ronald de Carvalho, Menotti Del Picchia, Mário de Andrade e de Graça Aranha, algumas realizadas até mesmo nas escadarias do próprio teatro. Mas foi a conferência do Imortal Graça Aranha aquela de maior destaque.

O conferencista da ABL, adepto da compreensão que fazia uma distinção essencial entre a Arte e o Belo<sup>67</sup>, afirmou ser a Arte nossa integração no/com o cosmos, nos arrebatando ao Infinito, através das formas, sons, cores, tato e sabores. A produção artística, à qual preparava seus ouvintes, não seria e não estaria presa às convenções, pois a fixidez não fazia parte da natureza da Arte (ARANHA, 1998 [1922]) – tais proposições, em um primeiro momento, não deixaram de receber retumbantes críticas (JOBIM E SOUZA, 1987, p.247-248; BRITO, 1971, p.231).

Também nesta conferência foi proclamado ‘o ser humano’ como essencialmente artístico, o que fazia de cada indivíduo “um artista mesmo rudimentar, porque é um criador de imagens e formas subjetivas” (ARANHA, 1998 [1922], p.269). Daí a importância da liberdade criadora, que se identifica como a marca e a força da arte moderna, posta em pé de igualdade a outros movimentos artísticos já consagrados. Os fragmentos (as frações) são reconhecidos como partes

---

<sup>67</sup> Para Graça Aranha a Arte não é o Belo, e os que pensam distintamente se veem “movidados pelas forças do Passado” (ARANHA, 1998 [1922], p.268), as mesmas forças às quais os jovens modernistas se rebelaram.

do Todo, que a todos pertence; por este motivo, como parte do todo de nossa identidade nacional, o regional pode ser aceito como material literário, mas não como fim em si mesmo, autônomo, mas o particular como componente enriquecedor do Todo (ARANHA, 1998 [1922], p.272-273).

Posteriormente à Semana de 22, Oswald de Andrade, em 1924, publicou seu *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*, preconizando uma língua livre dos arcaísmos e da erudição, uma língua que fosse natural e criativa, abarcando a contribuição “de todos os erros” (ANDRADE, 1978, p.6). Nosso fazer literário é configurado como uma força autônoma, e sua matéria-prima passa a ganhar contornos da nossa cultura, tendências, costumes e usos, pois “a poesia existe nos fatos” (ANDRADE, 1978, p.5).

Neste mesmo ano, Graça Aranha pronunciou na ABL a conferência *O Espírito Moderno* – Afrânio Coutinho descreve esta conferência como “o equivalente carioca da paulistana Semana de Arte Moderna” (1970, p.24). Nela, defendeu uma cultura nacional nascida da transformação da cultura europeia e americana, e convidou a ABL a aderir e cooperar nessa construção ou, simplesmente, fechar suas portas.

No eixo Rio-São Paulo verificava-se uma atmosfera de busca da valorização do brasileiro originário com suas características antropofágicas, marcada pelo exagero, ironia, sátira e pessimismo desconstrutor (COUTINHO, 1970, p.35-36). Em 1928, Tarsila do Amaral presenteou o marido Oswald de Andrade com o quadro *O Abaporu*<sup>68</sup>, o qual Oswald reconheceu como sendo “um índio canibal”, o “homem plantado na terra”, de onde veio a ideia para o nome do quadro, pois em Tupi-Guarani homem é “*aba*” e canibal é “*poru*”. Este presente inspirou Oswald de Andrade a escrever, no mesmo ano, seu *Manifesto Antropófago*.

Curiosamente, 1928 foi também o ano no qual Mário de Andrade conferiu a versão final à sua obra *Macunaíma*. Por meio do índio Macunaíma e de sua tentativa de síntese da diversidade do que é ser brasileiro, o autor empreendeu uma condenação à importação de cultura e fez uma “crítica violenta a toda a linguagem artificial e castiça que despreza as modalidades brasileiras da língua falada” (FARIA, 1982, p.64). Esta sua empreitada rendeu consideráveis elogios de

---

<sup>68</sup> *Abaporu* é reconhecido como a obra de arte mais valiosa e mais representativa da cultura brasileira.

Mário Marroquim (1934, p.12-13), que viu no índio Macunaíma o típico espírito do brasileiro, inclusive na língua.

Anos mais tarde, o próprio Mario de Andrade reconheceu alguns exageros e misturas de vocábulos regionais como tendo acabado por artificializar a língua falada – motivo de fortes críticas à época – porém, naquele contexto, tais exageros devem muito mais ser vistos como manifestação de rebeldia e de uma perspectiva filosófica sobre a língua e a cultura brasileira do que propriamente como exposição de uma hipotética unidade dos falares presentes no Brasil (SOBRINHO, 1977, p.117-18).

Como demonstraram nos anos que se seguiram, as artes plásticas de Tarsila do Amaral, Anita Malfati e Di Cavalcante, já haviam atingido um estágio mais avançado de maturidade dentro dos pressupostos modernistas; e foram elas as responsáveis por impulsionar a renovação que viria posteriormente pelas outras duas gerações de modernistas, na prosa e poesia (REZENDE, 2006, p.56).

Contra a onda de um falso modernismo que quer ver o fim da tradição, defendendo um cosmopolitismo perverso que elimina as singularidades, ou tratando nossa herança cultural como exótica e fúfia (FREYRE, 1976, p.62.80), no eixo Norte-Nordeste, no Recife, ocorreu o Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo em 1926, comandado por Gilberto Freyre<sup>69</sup> – exercendo a mesma influência que a Semana de 22, em São Paulo. Defendeu-se, neste congresso, o amor pelo regional como condição necessária para obras verdadeiramente autênticas; foi reconhecida a diversidade como peça fundamental para uma independência intelectual e artística, com características mais humanas e humanizadoras (FREYRE, 1947, p.312-313), até porque, como saliente Freyre, “o conjunto de regiões é que forma verdadeiramente o Brasil” (1976, p.56).

O Regionalismo Modernista que nasce com Freyre difere-se, em alguns elementos, daquele Regionalismo do Romantismo<sup>70</sup> e o do Realismo-Naturalismo<sup>71</sup>, quando se propõe uma reflexão sobre a língua e seus usos (os

---

<sup>69</sup> “Os trabalhos de Freyre foram decisivos para um progressivo abandono dos pressupostos raciais no meio intelectual brasileiro. Ao lançar *Casa-Grande e Senzala* (1933), ele valorizou a contribuição do negro e das culturas afro para a formação do Brasil” (CASTRO, 2015, p.36).

<sup>70</sup> O Regionalismo Romântico, dentre outras características suas, buscou o exótico e estaria mais focado no lugar geográfico, no ambiente – exemplo: *Iracema*, de José de Alencar (COUTINHO, 1969, p.219).

<sup>71</sup> O Regionalismo Realista-Naturalista teria como algumas de suas marcas as características documentais (por uma linguagem concreta, científica) e historiográficas (com foco no momento cronológico) – exemplo: *Sertões*, de Euclides da Cunha (COUTINHO, 1969, p.10.195).

contextos culturais), atingindo patamares quase filosóficos, e que contribuíram para os estudos sociolinguísticos produzidos no Brasil. Isto, contudo, não exclui a importante contribuição das escolas Romântica e Realista-Naturalista.

O regional como trazido pelo Modernismo será aquele em sentido estrito e literal, pois focado exclusivamente na relação entre os indivíduos e o local – como o local afeta os indivíduos de maneira peculiar e como esses indivíduos constroem o seu entorno cultural e linguisticamente<sup>72</sup> –, o que será uma das mais marcantes características da Segunda Geração Modernista. Todavia, há críticas quanto à presença de glossários em algumas obras modernistas, o que poderia denunciar, segundo esses, a confissão da compreensão de não ser a linguagem que estavam usando uma linguagem de uso e validade nacional; todavia, esta mesma presença de glossários, segundo outras posturas, se justificaria pela distância geográfica, cultural e cronológica que pode haver entre autor e leitor, em um movimento de respeito a este leitor e como tentativa de aproximação e enriquecimento deste (SOBRINHO, 1977, p.106-107)<sup>73</sup>.

A prosa romanesca será o principal gênero discursivo adotado pelos modernistas desta segunda geração, geração esta que, não à toa, é chamada por Alfredo Bosi de “a era do romance brasileiro” (1970, p.388). Tal escolha diz muito sobre a perspectiva de língua e linguagem assumida por esses autores, pois o romance se revela um gênero adaptável, capaz de produzir uma representação mais abrangente da realidade, com toda sua complexidade e diversidade, nutrindo-se dela, como deixa claro Bakhtin ao afirmar que “o romance deve apresentar a imagem global do mundo e da vida pelo ângulo de uma época considerada em sua integridade. Os acontecimentos representados no romance devem, de um modo ou de outro, substituir toda a vida de uma época” (1997, p.264).

Embora o gênero romanesco possa ser elencado entre aqueles do domínio da escrita, devido a seu caráter polifônico e heterogêneo, a depender do estilo empregado por seu autor, ele pode orientar-se também na direção dos gêneros do domínio da fala, bem como, tender no sentido daqueles gêneros do

---

<sup>72</sup> Este conceito de Regionalismo, apresentado por Afrânio Coutinho (1969, p.220) tem por base a dupla divisão da ideia de Regionalismo trazida por George Stewart, autor de *The Regional Approach to Literature*, segundo o qual regionalismo pode referir-se às fontes naturais próprias de um espaço geográfico (topografia, fauna, flora etc.), ou estar ligado às interações artísticas entre as sociedades humanas e seu meio, e como elas dão especificidade a esses grupos.

<sup>73</sup> Esta discussão acerca do uso ou não de glossários em obras literárias pode ser enriquecida pelo artigo *Cartografias das línguas: glossários para livros de literatura*, de Vanise Medeiros, publicado na Revista de Linguística: Alfa, da UNESP de São José do Rio Preto, em jan./abr. de 2016.

domínio misto; pode manter-se em constante movimento entre os dois domínios, a ponto de comportar em si tanto as marcas e feições característica de uma conversação espontânea quanto da defesa de uma rebuscada tese filosófica, trazer as feições da norma culta utilizada na academia, como também representar os traços mais caraterísticos e expressivos da fala de qualquer indivíduo.

Assim, originalmente, o gênero romance une em uma estrutura literária harmoniosa, ecos de outros gêneros e enunciados (quer orais, quer escritos), caracterizando-se “como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal” (BAKHTIN, 2002, p.73); atributos que comungam perfeitamente com o Movimento Modernista, que vislumbra a conquista de uma linguagem mais capaz de refletir (em ambos os sentidos do vocábulo) as ambiguidades da nossa sociedade, desenvolvendo performaticamente uma perspectiva mais completa e complexa da realidade (KAVISKI; FUMANERI, 2014, p.165).

Desde seu aparecimento, o gênero romance, que mantém fortes vínculos com o domínio da escrita (CHKLOVSKI, 1971, p.221), é marcado pela peculiaridade de potencialmente comportar qualquer outra modalidade de gênero, dialogando com o domínio da fala e os domínios mistos, formando um sistema literário harmonioso e ricamente complexo, pois fértil à atividade humana e às produções que advém das relações entre condições de produção e suportes de comunicação – nas palavras de Bakhtin:

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (1997, p.280).

Deste modo, utilizando o conceito de *Continuum Tipológico* é possível visualizar esta característica extensiva e agregante do gênero romance, que, por vezes, abarca práticas sociais e produções textuais encontradas em domínios linguísticos distintos. O gráfico ‘um’ representa a capacidade de o gênero romance mover-se esteticamente na direção dos mais variados suportes de comunicação e que requerem maior ou menor cooperação entre os envolvidos no processo comunicativo, assumindo suas feições.

Gráfico 1 – Condição de Comunicação X Suporte de Comunicação

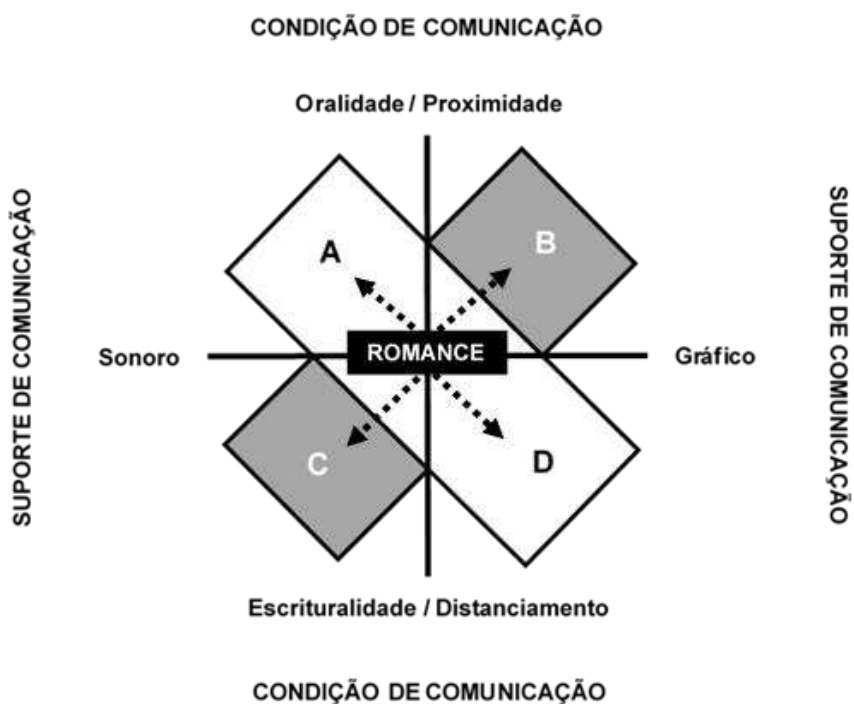
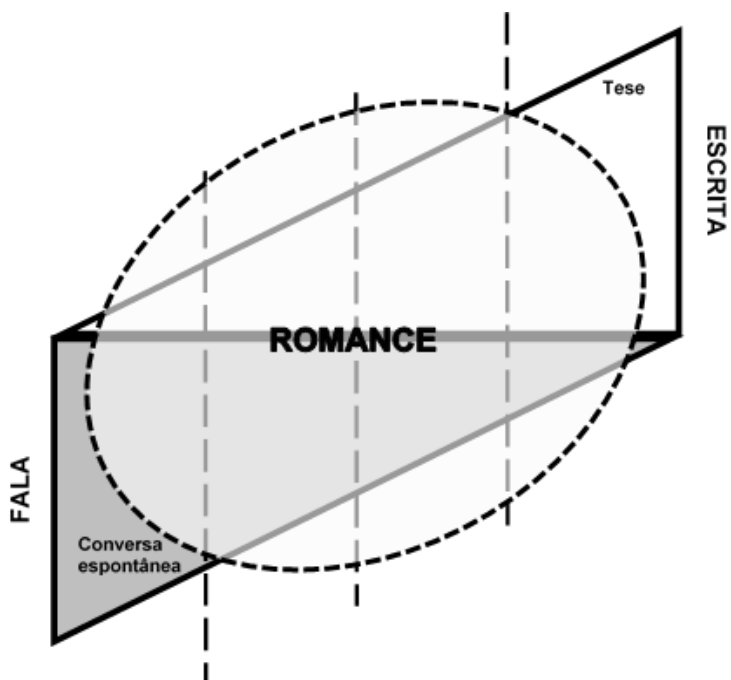
Fonte: O autor<sup>74</sup>

Gráfico 2 – Domínio da Escrita X Domínio da Fala



Fonte: o autor

<sup>74</sup> Este gráfico e o próximo foram elaborados tendo por base as explicações de Marcuschi (2010) e Koch e Oesterreicher (2007).

O gráfico 'dois' marca a potencialidade do gênero romance em abarcar gêneros discursivos do domínio da escrita e do domínio da fala e uni-los harmonicamente, facilitando a empreitada do autor em construir um mundo ficcional mais verossímil, pois mais próximo do modo como esses gêneros se relacionam no mundo real.

### 3.2 A SEGUNDA GERAÇÃO MODERNISTA E SUA FILHA ILUSTRE

Mário de Andrade, analisando com espanto aquela iniciativa da Semana de 22, chama a si próprio e os primeiros modernistas de “altifalantes de uma força universal e nacional muito mais complexa que nós” (ANDRADE, 1974, p.231). Embora reconheça que o estado de espírito da primeira geração modernista fosse menos filosofante que seus antecessores – como Amadeu Amaral e Raimundo Correia –, afirma terem estado mais em contato com a vida cotidiana (ANDRADE, 1974, p.31). E esse modo revolucionário, segundo ele, estava a se desenvolver naquelas décadas posteriores (as de 30 e 40), pois o modernismo deles “foi essencialmente um preparador; o criador de um estado de espírito revolucionário” (ANDRADE, 1974, p.241).

Nessa esteira revolucionária, os anos de 30 a 45 do século passado, singularizaram a história da Língua Portuguesa, não apenas por terem sido os anos mais férteis para a produção de romances em nosso país, consagrando nomes como: José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Érico Veríssimo, Jorge de Lima, Cyro dos Anjos e Rachel de Queiroz; mas esta época, também, foi o momento no qual novos estilos ficcionais foram sendo inscritos como ‘um exercício da inteligência’ (BOSI, 1970, p.388-390), bem como, foi quando a língua, em suas variedades regionais, passou a ser mais claramente apresentada aos brasileiros, pois elevada ao *status* de matéria-prima da literatura nacional.

É de se salientar que este momento histórico vem marcado pelas Revoluções 1930 e 1932, pela crise econômica e por conflitos ideológicos, que serviram de motor para reflexões artísticas que colocaram o ‘eu’ e o ‘mundo’ em profícua tensão.

Nutridos pelos ideais dos primeiros modernistas, mas com uma prática menos demolidora, a segunda geração veio marcada pelo equilíbrio e por uma maturidade fecunda (CASTELLO, 2004, p.70; BUENO, 2006, p.48-47) – esta maturidade é contraposta ao “infantilismo”, “um grito no salão bem comportado” que Carlos Drummond de Andrade (2022 [1972], p.8) atesta ter ocorrido junto aos primeiros modernistas, mas que não lhes retiraria a “legitimidade” e “sua projeção histórica”.

Ademais, destaca-se o fato de que na busca pela identidade brasileira, os autores dessa geração expressaram genuinamente a riqueza e diversidade de todas as regiões do país, com eminentes produções escritas e visuais vindas do Pará, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Sul, Alagoas, Paraíba, Bahia, Pernambuco, Goiás, Mato Grosso e Ceará.

Como Gilberto Freyre (1976, p.54) afirma, pelo seu *Manifesto Regionalista*, seria não um erro mas uma injustiça dar ao movimento a pejora de “separatista”, “anti-internacionalismo” ou mesmo de “anti-nacionalismo”, na verdade, ele ofereceu o início de um caminho de superação da crença de que nossa língua nos afastava de reflexões verdadeiramente relevantes, como se houvesse “uma debilidade inerente ao Português (e, especialmente, ao nosso Português Brasileiro)” (GOMES, 1982, p.64), propôs que fossemos além das divisões entre regiões e/ou estados, o que dá ao movimento um sentido organicamente brasileiro, “pois o Brasil é isto: combinação, fusão, mistura” (FREYRE, 1976, p.76) – em termos sociolinguísticos, ele propõe a superação dos mais diversos preconceitos linguísticos instaurados em nosso país já a alguns séculos, defendendo a heterogeneidade como riqueza característica da constituição do uno (que é o Brasil, e a Língua Portuguesa do Brasil).

Embora o Regionalismo (aos moldes Modernistas) proponha a substituição, por outras vestes, de ‘roupas’ *modisticamente*<sup>75</sup> confeccionadas por estrangeiros, mesmo que simples, mas feitas em casa e sob medida (FREYRE, 1976, p.55)<sup>76</sup>, adotar uma postura regionalista requereria ser um pouco tradicionalista e, ao mesmo tempo, ser aberto ao universal (ao tradicionalmente tido

---

<sup>75</sup> Neologismo. Advérbio construído a partir do substantivo ‘modismo’.

<sup>76</sup> É de destacar que o estrangeiro, o ‘de fora’, não diz respeito só ao internacional, mas também àquilo que outras regiões e/ou estados tem por elegante, valoroso e moderno e que acabam se impondo aos demais, fazendo com que estes abandonem aquilo que lhes é próprio, vendo-o por feio ou errado (FREYRE, 1976, p.56-57).

por erudito), tendo sido este o caminho seguido por todos aqueles que “associaram o plebeísmo ou populismo (o falar “errado”<sup>77</sup>) a criações literárias de caráter erudito” (FREYRE, 2002, p.45), como foi o caso de Rachel de Queiroz<sup>78</sup>.

A autora cearense, dialoga com uma tradição de romances herdada da tradição literária brasileira (BUENO, 2006, p.157), mas dá um passo além, e ao mesmo tempo em que evidenciou o falar nordestino (o que era seu), ‘trouxe à baila’ clássicos de língua inglesa e francesa (o que era do outro), fazendo menção a alguns personagens e seus dramas, comparando-os àqueles vividos por seus próprios personagens – dentre estes temos: Romeu e Julieta, Robinson Crusóé, Quentin Durward, D’Artagnan, Gulliver e Capitão Nemo; e até mesmo referências aos pensadores Rousseau e Nietzsche (QUEIROZ, 1982, p.29-30.40.187) – promovendo não apenas uma profícua relação entre o nacional e o estrangeiro, mas colocando a si e a nossas histórias e os nossos dramas, em pé de igualdade perante eles<sup>79</sup>.

Do Ceará, a jornalista Rachel de Queiroz<sup>80</sup> destacou-se como romancista e escritora de mais de mil crônicas, além de ter sido membro do Conselho Estadual de Cultura do Ceará, e eleita para a cadeira de nº 5 da Academia Brasileira de Letras (em 1977), tornando-se a primeira mulher a assumir esse posto. Estilisticamente, distinguiu-se trazendo à cena o ambiente nordestino e expressões típicas do falar cearense, o que Luís Bueno chama de uma posição na qual “o narrador abre mão de uma posição tão arrogantemente superior à de seus personagens pobres, misturando-se a elas, de uma forma ou de outra, e renovando sua língua” (2006, p.156), alçando para novos patamares os romances regionalistas do modernismo brasileiros, juntamente com José Américo de Almeida - autor de *A Bagaceira* (LIMA, 1965, p.519-520). Entretanto, Graciliano Ramos expressa as características únicas de Rachel de Queiroz afirmando que a sofisticação de sua

---

<sup>77</sup> É este, inclusive, o título do capítulo no qual Freyre se refere a esta inovação trazida pelo Modernismo: “é moda falar errado?”. Neste capítulo também apresenta essa discussão como relevante assunto a ser tratado pela sociolinguística que demandará uma visão mais aprofundada sobre a cultura nacional e sobre os papéis de homem e mulher em nossa sociedade (FREYRE, 2002, p.44-45).

<sup>78</sup> Freyre coloca Rachel de Queiroz ao lado de Manuel Bandeira como capazes de trazerem a inovação do regional sem deixar de ser e valorizar o tradicional (2002, p.58).

<sup>79</sup> Acerca da influência de obras literárias estrangeiras, Rachel de Queiroz relata ter recebido forte influência de sua família, especialmente de sua avó, da qual, desde os 12 anos, recebia pedidos de leitura de romances em francês para que os ouvisse (NERY, 2002, p.71).

<sup>80</sup> Nasceu em Fortaleza – Ceará, em 17 de novembro de 1910. Faleceu em 4 de novembro de 2003, no Rio de Janeiro. Escreveu para vários jornais, dentre os quais *O Estado de São Paulo* e o *Diário de Pernambuco*.

produção “fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo” (1964, p.141).

Reconhecida como uma das expoentes da segunda geração modernista, é considerada como a responsável pela “primeira descrição completa e comovente da seca e de suas consequências” (CARPEAUX, 2008, p.2756). Por um regionalismo que se afasta de “proletarizações” e de “exaltações antiburguesas”, Rachel de Queiroz produziu obras que revelaram o drama de cada personagem com um significado humano que independe de perspectivas ideológicas (SAMPAIO, 1979, p.218-220).

O principal tema de Rachel de Queiroz, para Afrânio Coutinho (1970, p.219), será a posição da mulher na sociedade<sup>81</sup>, o drama nordestino com seus problemas geográficos e sociais (sejam eles no sertão ou na cidade), surge como pano de fundo, o lugar privilegiado no qual tudo acontece. Por este motivo, embora a autora seja bastante conhecida por sua primeira obra, *O Quinze* (1930), escrita quando Rachel de Queiroz tinha 20 anos<sup>82</sup>, Afrânio Coutinho (1970, p.219) considera *As Três Marias* (1939), a quarta obra da autora, como sendo sua *pièce de résistance* e um dos romances mais significativos do modernismo, tal como o fizera Mário de Andrade ao dizer: “ninguém distribui certidão de obra-prima. Em todo caso, *As Três Marias* de Rachel de Queiroz me parece uma das obras mais belas e ao mesmo tempo mais intensamente vívidas da nossa literatura contemporânea” (1946, p.106, grifo nosso).

Sua ação ao interpretar a vida dos que experienciam seja a seca, seja os conflitos naturais da vida e da cidade, escrevendo em terceira pessoa, fez de Rachel de Queiroz

uma escritora de expressão natural, direta, coloquial, sóbria, condicionada ao assunto, no melhor gosto moderno da linguagem brasileira, [...] sem embargo dessa atitude e do caráter sociológico ou documental de sua matéria prima, os romances de Raquel de Queiroz não têm o cunho político da literatura de propaganda revolucionária (COUTINHO, 1970, p.219).

Com uma postura literária capaz de valorizar a cultura sem caricaturizá-la (BUENO, 2006, p. 157), a autora dá ao emprego da língua por seus

<sup>81</sup> Destacamos o fato de a própria Rachel de Queiroz afirmar não ser feminista e ter “horror à literatura engajada” (NERY, 2002, p.66.48). Todavia, a autora aceita a possibilidade de que suas obras sejam lidas das mais diversas formas, e que sejam encontradas motivações que talvez ela própria desconheça (NERY, 2002, p.107).

<sup>82</sup> A obra retrata a seca de 1915 que assolou o Nordeste e conta a jornada de uma família que foi buscar por refúgio na cidade de São Paulo, tal como ocorrera com sua família. Com isso, esta obra transforma o drama de uma família nordestina em um drama universal.

conterrâneos o verdadeiro valor e reconhecimento que esta tem como marco identitário seu, e em um contexto mais amplo, inscreve o drama particular desse grupo na grande saga do drama humano, de cada homem e mulher - é justamente essa capacidade de exprimir o homem e contribuir para que o leitor se forme enquanto ser humano que faz com que uma dada literatura atinja uma “função humanizadora” e se inscreva no rol da literatura universal (CÂNDIDO, 1999, p.82).

Nos tópicos a seguir, por meio de resenhas, ponderaremos acerca das características literárias e do enredo das três obras de Rachel de Queiroz que materializam nosso objeto de análise – os romances *O Quinze*, *As Três Marias* e *Memorial de Maria Moura* –, por sua vez, a análise Sociolinguística dessas mesmas obras ocorrerá no último capítulo.

### 3.3 PARA UMA APRECIÇÃO DOS TRÊS ROMANCES

Nesta seção, com o intuito de aproximar nosso leitor, especialmente aquele que não detém conhecimento acerca dos romances que analisaremos – *O Quinze*, *As Três Marias*, e *Memorial de Maria Moura* –, será apresentado um olhar sintético, uma apreciação, acerca da estrutura estética das referidas obras e do enredo de cada uma delas, evidenciando os traços modernistas da autora que nelas se encontram, além de premissas sociolinguísticas trazidas no capítulo anterior e que serão melhor desenvolvidas no capítulo de análise.

#### **O Quinze**

A obra inaugural de Rachel de Queiroz, “no melhor gosto moderno da linguagem brasileira” (COUTINHO, 1970, p.219), tem por pano de fundo situações referentes à grande seca de 1915 que ocorrera no Ceará. Em sua produção, a autora demonstra riqueza poética na apresentação dos ambientes e cenas que os compõem; não restringe-se a descrições fotográficas ou ao cientificismo, nem pende para o extremo de um idealismo ou sentimentalismo romântico, mas adota uma estética capaz de levar o leitor a sentir emocional e psicologicamente o drama da seca, sem, com isto, abandonar uma linguagem simples e precisa (PAGNAN, 2010, p.301; MONTEIRO, 1981, p.XV) – é o que pode

ser observado no modo como é narrada a morte de Josias: “e a criança, com o cirro mais forte e mais rouco, ia-se acabando devagar, com a dureza e o tinido dum balão que vai espocar porque encheu demais” (QUEIROZ, 1981, p.40); ou na percepção de como os animais experienciavam o sentimento da separação, da despedida final: “a Rendeira fitou em todos os seus grandes olhos dolorosos, donde escorria uma lista clara sobre o focinho escuro, como um caminho de lágrimas” (QUEIROZ, 1981, p.26)<sup>83</sup>.

Escrita em terceira pessoa, a obra denota a presença de um narrador heterodiegético<sup>84</sup>, e que apresenta onisciência quanto aos pensamentos e sentimentos de algumas personagens, como com Conceição:

Conceição se afastou rapidamente.  
Em caminho, pensava na citação do rapaz:  
“Vae solis!” Pedante! Mas Lourdinha parecia tão feliz com a filhinha...  
Afinal, o verdadeiro destino de toda mulher é acalentar uma criança no peito...  
E sentia no seu coração o vácuo da maternidade impreenchida... “Vae solis!” Bolas!  
Seria sempre estéril, inútil, só... seu coração não alimentaria outra vida, sua alma não  
se prolongaria noutra pequenina alma... Mulher sem filhos, elo partido na cadeia da  
imortalidade...  
Ai dos sós... (QUEIROZ, 1981, p.111).

Intercalando fortes narrações de atos e acontecimentos com diálogos breves e expressões naturais, coloquiais e sóbrias (BOSI, 1970; COUTINHO, 1970), *O Quinze* caracteriza-se como um romance que embora mescle história e ficção, não constrói “o sentimento da vida como ela é, e para isso é preciso que tenha estado em algum lugar da terra e se tenha impregnado duma determinada conjuntura emocional, duma atmosfera, dum ambiente, dum céu e duma terra, e de presenças humanas” (MONTEIRO, 1981, p.XV). Neste percurso, a partir do regional, do local, é dada visibilidade aos “valores universais do sofrimento humano e da esperança de salvação no futuro” (CARPEAUX, 2008, p.2755).

Na obra, o cronotopo<sup>85</sup> da narração e de quem narra aparecem em consonância, como se a narração se desse ao mesmo tempo em que os próprios

---

<sup>83</sup> Esta característica da narração, Gerard Genette classifica como similar à ‘função emotiva’ da linguagem, descrita por Jakobson, pois nela o narrador expressa a relação afetiva, moral e/ou intelectual que mantém com a narração, e que o autor chama de “função testemunhal” ou “de atestação” (1995, p.255).

<sup>84</sup> Este tipo de narração é aquela que Genette chama de “autorial” (1987, p.88), pois aquele que narra não é identificado como sendo uma personagem da diegese.

atos fossem se realizando pelas personagens. Tal opção estética, para organização dos eventos narrados, não parece destinada a um leitor específico, mas apenas visa deixar registrada a “imagem da vida”, “posta diante de nós sem ar de lição” (MONTEIRO, 1981, p.XII) – técnica que Genette afirma estar bastante difundida no romance contemporâneo (1995, p.259).

O plano geográfico que engloba os 170 km entre a região de Quixadá, no sertão central, e a região de Fortaleza, ambas no Ceará, é o cenário do drama dos dois núcleos de personagens que compõem a obra. Um desses núcleos é o de Chico Bento e Cordulina; já o outro é o de Vicente e Conceição<sup>86</sup>. As vidas desses dois núcleos convergem no início e no final da história, especialmente em torno de um dos filhos de Chico Bento e Cordulina, que é batizado por Vicente e Conceição (tornando-os padrinhos dele).

A obra é dividida em quatro momentos distintos. O primeiro momento da obra descreve fatos da região de Quixadá, ao final do mês de março, relativos à seca que se estava agravando na região; é o momento no qual todas as personagens são apresentadas. O segundo momento traz acontecimentos dramáticos à trama, dentre os quais está a perda de um dos filhos de Chico Bento e Cordulina, que acaba por ingerir crua uma espécie de mandioca<sup>87</sup>, a qual, devido às suas toxinas, atua como um veneno mortal.

Encaminhando-nos para o terceiro momento da obra, nos é apresentado Chico Bento e Cordulina chegando a Fortaleza, e o drama daquela família é associado ao drama de outra centena de famílias de retirantes; é o momento no qual o cenário do Campo de Concentração assume a posição de destaque, e com ele a figura de Conceição. O quarto momento da obra inicia-se quando, um dia, Chico Bento surge com o pedido para que Conceição o ajude a ir para o Amazonas ou mesmo para o Maranhão, em busca de uma vida melhor, a moça, por sua vez, o convence a ir para São Paulo, e é o que ele faz; este também é

---

<sup>85</sup> Reportando às relações entre tempo (cronos) e espaço (topos), segundo Bakhtin: “(os cronotopos) são os centros organizadores dos eventos narrativos fundamentais do romance. O cronotopo é o lugar onde os nós da narrativa são amarrados e unidos. Pode-se dizer sem ressalvas que a eles pertence o significado que molda a narrativa” (1981, p.250).

<sup>86</sup> Salientamos que segundo a própria Rachel de Queiroz, embora a personagem Conceição tenha muito pouco da autora em suas características, o personagem Vicente teve inspiração em um primo seu, paixão de sua infância (NERY, 2002, p.69.80).

<sup>87</sup> Esta é a espécie de mandioca conhecida como manipeba ou mandioca brava. É dela que é feita a farinha de mandioca, pois, devido às suas toxinas, somente assim pode ser consumida de modo seguro.

o momento de desfecho para a trajetória de Conceição e Vicente, que se reencontram três anos após todos os ocorridos anteriores, mas apenas compartilham o recinto; nesses encontros e desencontros, Vicente e Conceição se separam, e a história termina com um gesto cortês do cavaleiro sertanejo, que acena com o chapéu à donzela Conceição e dispara em galopes.

### ***As Três Marias***

Esboçando finura psicológica, as personagens femininas desta obra de Rachel de Queiroz assumem posição por vezes distinta daquela tradicionalmente atribuída à mulher, e, ao tratar de temas como o nascimento, o amor materno, a infância e o amor marital, a autora os mescla com tons de ironia e desencanto, fazendo com que a alma feminina se mostre (COUTINHO, 1970, p.220).

O elemento regional na obra aparece como pano de fundo para o desenrolar da trama das três amigas – Maria Augusta (Guta), Maria José e Maria da Glória (Glória)<sup>88</sup> – o sertão cearense e a cidade de Fortaleza, onde se localiza o Colégio Interno no qual estão as três jovens, se torna o palco no qual todos, de todas as partes, se encontram: “pelas varandas imensas espalhavam-se às centenas meninas de todos os tamanhos, com todas as caras deste mundo, vestidas de azul-marinho” (QUEIROZ, 1982, p.8).

As ‘Três Marias’ foram assim nomeadas por Irmã Germana, a Mestra do Colégio, contrapondo a união das três jovens, reunidas para conversar e ficar à toa, àquela das três Marias do Evangelho (Maria, a Mãe de Jesus; Maria de Cléofas, Tia de Jesus; e Maria Madalena)<sup>89</sup> e que nomeiam a constelação<sup>90</sup>, sendo, cada uma, identificada com uma das estrelas: “Glória era a primeira, rutilante e próxima. Maria José escolheu a da outra ponta, pequenina e tremente. E a mim me coube a do meio, a melhor delas, talvez; uma estrela serena de luz azulada” (QUEIROZ, 1982, p.32).

---

<sup>88</sup> Salientamos que Rachel de Queiroz considera *As Três Marias* como seu livro “mais autobiográfico” (NERY, 2002, p.108), afirmando que as três Marias existiram mesmo, e boa parte das experiências vividas pela Maria Augusta (a Guta) tem relação com sua própria infância e com sua primeira ida ao Rio de Janeiro.

<sup>89</sup> “Junto à cruz de Jesus, estavam de pé sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas, e Maria Madalena” (Jo 19,25).

<sup>90</sup> A constelação das Três Marias corresponde às três estrelas do cinturão da constelação de Oríon.

A narradora é a clássica narradora autodiegética<sup>91</sup>, pois ao mesmo tempo em que é narradora é também a personagem principal da história, Maria Augusta – como pode ser percebido aqui: “quando Aluísio nos deixou, avancei de dentes trincados para Maria José. Ela mesma não me tinha contado a vida indecente de Raul, as bebedeiras, a farra eterna?” (QUEIROZ, 1982, p.97, grifo nosso).

O cronotopo da narrativa está deslocado com relação ao cronotopo da narradora, pois as descrições aparecem sempre no passado, além de ser possível dividir a obra em seis fases distintas a partir da localização geográfica: a primeira, vivida no Crato, representa a infância de Maria Augusta, antes de sua ida para o Colégio Interno; a segunda fase, dos 12 aos 18 anos, período de internato e de sonhos, em Fortaleza; a terceira fase, dos 18 aos 20 anos, fase pós internato e início da vida adulta, ainda em Fortaleza; a quarta fase, que dura alguns meses embora intensa, é vivida no Rio de Janeiro; a quinta fase também dura poucos meses, e representa o retorno à Fortaleza; a sexta fase, aquela na qual está a narradora, marca seu retorno ao Sertão do Cariri e seu fim melancólico.

Enquanto narradora-protagonista, resta a Maria Augusta relatar sua percepção psicológica por detrás dos acontecimentos, das falas e feições das demais personagens<sup>92</sup> – como observado na cena que descreve a atitude da Madre Superiora diante da fuga de uma interna: “a Superiora voltou-se para a Nossa Senhora, guardiã do refeitório, bela figura de louça que aparecia em todas as dependências do Colégio. Olhou-a um tempo em silêncio, como pedindo à santa serenidade e conselho” (QUEIROZ, 1982, p.61-62).

A obra pode ser dividida em três partes: A infância e os anos no colégio das freiras compõem a primeira parte da obra e tem a vida comunitária como seu centro. A segunda parte diz respeito aos anos que se seguiram após a formatura das três e o retorno a suas famílias, sendo especialmente marcada pelas experiências vividas por Maria Augusta e seu desejo por liberdade, autonomia e suas primeiras experiências amorosas. A terceira parte é marcada por fortes traços depressivos da protagonista e de outras personagens, culminando no retorno melancólico de Maria Augusta a sua família e o arrefecimento de seus sonhos.

---

<sup>91</sup> GENETTE, 1987, p.94.

<sup>92</sup> Pois “o narrador, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos: (LEITE, 2002, p.44-45).

A história encaminha-se para o final com o reencontro das três jovens, que começam a olhar para o passado, lembrando e revivendo suas memórias, e a partir delas olham para o presente, para aquelas suas conhecidas que já haviam morrido, e para o futuro, especialmente Maria Augusta, que agora desiludida de seus sonhos e suas buscas, se vendo só, resolve voltar para o sertão – ambiente do qual havia procurado distanciar-se –, recomeçando sua história na busca de que tome um novo rumo, enquanto ainda lhe resta luz (QUEIROZ, 1982, p.200).

### ***Memorial De Maria Moura***

Esta obra de Rachel de Queiroz vem marcada por uma característica deveras incomum, o *Memorial de Maria Moura* é um romance de quarenta e dois capítulos que conta com cinco narradores distintos – a saber: Maria Moura (vinte e um capítulos); Beato Romano (onze capítulos); Marialva (seis capítulos); Tonho (três capítulos) e Irineu (um capítulo).

Maria Moura ocupa a função de narradora principal enquanto os outros quatro narradores atuam como responsáveis por promover hiatos na diegese proposta pela narradora principal, desenvolvendo, mais aprofundadamente ou sob pontos de vista distintos, outros temas e/ou retomando um passado mais distante do que aquele da diegese apresentada pela narradora principal.

Esta opção estilística de Rachel de Queiroz em utilizar múltiplos narradores abre espaço para que cada narrador desenvolva sua narrativa dentro de um fluxo de tempo distinto dos demais, fazendo com que o cronotopo da obra intercale o tempo passado e o tempo presente da diegese<sup>93</sup>. Gerard Genette (1995, p.47-65) chama este movimento de “analepse”, quando uma outra narrativa é encaixada anacronicamente na narrativa primeira, dos modos mais diversos, com o objetivo de esclarecimento, de complementação de lacunas, de realizar explicitações retrospectivas ou de introdução de outras personagens.

Todos os narradores são autodiegéticos<sup>94</sup>, uma vez que todos figuram como personagens da obra, mesmo em suas próprias narrações; e todos

---

<sup>93</sup> GENETTE, 1995 p. 216.

<sup>94</sup> GENETTE, 1987, p.94.

eles realizam uma narração retrospectiva, na medida em que a obra, como um todo, constitui-se em um memorial desses que narram e de sua relação com Maria Moura.

Independentemente de qual seja o narrador(a), o cronotopo da narração e do narrador(a) encontram-se dissonantes, em disjunção, uma vez que os conteúdos temáticos dizem respeito a fatos passados – como pode ser evidenciado no dêitico temporal presente neste trecho da narração de Maria Moura: “já vi isso muitas vezes, de uns tempos pra cá” (QUEIROZ, 1992, p.113, grifo nosso); ou naquele do Beato Romano: “agora, vivo longe das tentações” (QUEIROZ, 1992, p.425, grifo nosso). A escrita da literatura como testemunho é quase um depoimento, que “privilegia o tom pessoal e possibilita, graças ao peso da memória na estrutura da narração, uma forma mais flexível” (BUENO, 2006, p.155), a qual é considerada pela própria Rachel de Queiroz como uma de suas características mais marcantes, e que pode ser eximamente observada nesta obra (NERY, 2002, p.65).

Outra marca, da obra, são os diálogos com o leitor. Em diversos momentos os narradores não apenas narram, mas também comentam sobre os fatos narrados e preocupam-se em serem bem compreendidos por seu interlocutor, como nestas narrações de Maria Moura, nas quais o tempo verbal passa do pretérito perfeito para o presente do indicativo: “mesmo porque eu ainda não sei atirar. Nem tenho arma leve que me sirva” (QUEIROZ, 1992, p.127); “fiz questão de não levar rede para mim; dormia no chão, igual aos outros, sem perder tempo com armar acampamento. Já não disse que até se comia montados?” (QUEIROZ, 1992, p.431).

Há, também, momentos de quebra temporal e autorreflexão do narrador em questão, sendo marcados quer pelo uso de parênteses, quer por travessões, como nesta narração do Beato Romano: “veio me esfolar a pele frágil das cicatrizes mal saradas (saradas! quem dera!)” (QUEIROZ, 1992, p.247); ou nesta de Maria Moura: “tinha-se que ficar de olho no lugar escolhido, descobrir tudo [...] se tinha cão de guarda — com certeza tinha — quantos e na casa de quem [...]” (QUEIROZ, 1992, p.267).

Embora normalmente conhecedores de tudo o que acontece, nenhum dos cinco narradores caracteriza-se por saber o que se passa no íntimo da consciência das personagens, um dos sinais de tal particularidade dá-se no fato de que Maria Moura (a narradora principal) desconhecer as intenções do Beato Romano, e desconhecer que o Padre, às escondidas, celebrava a Eucaristia:

Com um pau talhado em ponta cavei um buraco ao pé do pau-d'arco, e nele plantei a minha cruz [...], e armei um jirau defronte da cruz, com a sua mesinha de varas; ficou direito um altar [...]. Pus a estola no pescoço, benzi a cruz, juntei as duas mãos em prece e comecei a minha missa. [...]. Cada palavra em latim que eu dizia me dava um gosto bom na boca. Meu peito se *expandia*, num profundo consolo (QUEIROZ, 1992, p.363, grifo nosso).

Na verdade, Maria Moura suspeitava que o Padre tivesse efetivamente “encarnado mesmo no beato, cumprindo ao pé da letra a sua proposta de ser apenas o beato dos meus cabras. Rezava, ensinava a doutrina, ajudava doente a morrer. Não podia, e talvez nem devesse, lembrar o tempo em que tinha sido padre” (QUEIROZ, 1992, p.379).

Rachel de Queiroz dedica esta sua obra à Rainha Elizabeth I<sup>95</sup>, referência a uma mulher que demonstrou personalidade e força para comandar o Império Britânico. Já aí fica evidente que a figura feminina e problemas e preconceitos sofridos pelas mulheres serão um tema transversal importante na obra – um exemplo destes temas é o da violência sexual que Maria Moura sofre nas mãos de seu padrasto após a morte de sua mãe (QUEIROZ, 1992, p.20.34).

Todavia, não é possível dizer que a obra se constitua em um manifesto feminista, pois, em vários momentos, Marialva é apresentada como uma Cinderela ou uma Julieta do Sertão, tendo em Valentim seu Príncipe ou Romeu (QUEIROZ, 1992, p.132), ela própria se descreve, em uma ocasião, encantada tal qual a Bela Adormecida (QUEIROZ, 1992, p.135); em outras cenas a própria Maria Moura entra em conflito com sua posição de mulher forte e comandante de seus ‘cabras’ e começa a almejar a vida na qual ela teria um homem para si, ser cobiçada por ele, e apenas servi-lo e amá-lo, na figura de Irineu, de Duarte ou, especialmente, na de Cirino (QUEIROZ, 1992, p.202.393-394).

Localizada, em um lugar ficcional, na fronteira entre os estados do Ceará, Piauí, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, predominantemente rural, as marcas regionais da obra podem ser evidenciadas na descrição dos ambientes (moradias, fauna e flora); nos afazeres e profissões desempenhadas pelas várias personagens; nos objetos de uso cotidiano; na dieta adotada por eles; e no vocabulário empregado.

---

<sup>95</sup> Segundo Rachel de Queiroz, parte da psicologia de Maria Moura foi inspirada na figura da Rainha Elisabeth I, da Inglaterra (NERY, 2002, p.120).

No plano da diegese, passando-se no século XIX<sup>96</sup>, a obra começa *in media res*<sup>97</sup>, com a narração do Beato Romano<sup>98</sup> (até aquele momento, Padre José Maria) sobre fatos que foram melhor desenvolvidos nos capítulos seguintes, nesta ocasião, sob a narração de Maria Moura.

A obra é concluída com a preparação e partida de Maria Moura para sua grande batalha, batalha esta que não apresenta um desfecho, uma delimitação clara para a diegese, fazendo deste um “romance aberto”<sup>99</sup>, e levando o leitor a inscrever Maria Moura no rol de figuras míticas e heroicas do sertão brasileiro.

### 3.4 EPÍLOGO PARA ESTE CAPÍTULO

Embora audaciosas, as mudanças empreendidas pelo Movimento Modernista não ocorreram de forma abrupta na linha de desenvolvimento do pensamento literário e linguístico<sup>100</sup>, foram, sim, uma nova fase em um gradativo processo de transformações<sup>101</sup>, seguindo os passos do Simbolismo (movimento literário imediatamente anterior, na poesia), e do próprio Romantismo<sup>102</sup>, que em sua época trouxeram a preocupação de “incorporar à linguagem elementos que nos pertencem, com a presença dos tupis em nossa história e em nossa vida” (SOBRINHO, 1977, p.101).

<sup>96</sup> Não há uma datação precisa, na obra, porém, devido às indicações quanto à Guerra dos Farrapos, no sul (QUEIROZ, 1992, p.472) e em relação à saúde do Jovem Imperador, Dom Pedro II (QUEIROZ, 1992, p.204), é possível dizer que ela se passa entre os anos de 1820 e 1840.

<sup>97</sup> A narrativa *in media res* é aquela iniciada em um ponto avançado da diegese (SOARES, 2007, p.50).

<sup>98</sup> Segundo Rachel de Queiroz, a construção da personagem do Beato Romano teve grande contribuição de monges do Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro (NERY, 2002, p.166-168).

<sup>99</sup> Segundo Angélica Soares (2007, p.45) esta é uma característica romanesca que veio se tornando bastante comum, a partir do século XX.

<sup>100</sup> Afrânio Coutinho salienta que nos romances modernistas, mais do que nunca, não cabia mais ver nossa produção literária como “reflexo da ficção europeia” (1970, p.210), mas sim compreendê-la “segundo uma evolução contínua a partir das matrizes nacionais [...] linha que vai do romantismo ao realismo, ao naturalismo, ao modernismo” (1970, p.211).

<sup>101</sup> Uma vez que, como destaca Affonso Ávila, embora tenha se pretendido “considerar o Modernismo como um fato literário autônomo, desvinculado das linhas gerais de desenvolvimento do processo de nossa literatura. [Dando-se] ênfase, com isso, ao aspecto de ruptura que o movimento realmente assumiu na sua radicalidade [...], a inteligência (a arte) apõe-se, contestando-se ou reavaliando-se, aos limites conhecidos do espaço cultural [...] (expondo-se), ciclicamente, ao risco das crises de perempção ou esclerose que acometem o organismo da cultura” (1975, p.29), e, assim, “o que antes representara no Barroco e no Romantismo os estágios, respectivamente, de *apropriação* da realidade e de *posse* da realidade, evoluiu no Modernismo para um estágio de *reflexão* sobre a realidade” (1975, p.30, grifo do autor).

<sup>102</sup> José de Alencar é, inclusive, cognominado por alguns modernistas como “Patrono Santo da Língua Brasileira” (SOBRINHO, 1977, p.116).

Quando olhamos para a história de nosso país e de nossa língua, percebemos que desde as primeiras décadas do século passado, com o contributo do Movimento Modernista (de 1922) e do Movimento e Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (de 1932), vem se assumindo o respeito e a valorização de cada indivíduo em suas peculiaridades linguístico-culturais, bem como, seu direito ao acesso às variantes de prestígio e à cultura e ascensão social por elas propiciada como princípios norteadores da democratização justa dos bens culturais, que deve ocorrer no processo de ensino-aprendizagem da língua (BORTONI-RICARDO, 2005, p.15). E, segundo o próprio Mário de Andrade (1974, p.248), embora ele e seus companheiros modernistas tenham recebido muitas críticas, sistematizar a riqueza cultural do Brasil foi o seu grande mérito e dos demais modernistas de sua geração, de modo que, hoje, falar deles, lê-los, conhecê-los, tornou-se ‘exigência de cultura’.

Os Modernistas, empunhando a bandeira da emancipação da língua – iniciada por escritores de outros movimentos literários, como os românticos – romperam com a sujeição à gramática normativa empregada em Portugal, muito distante daquela praticada aqui, mesmo por pessoas escolarizadas. Assim, a literatura passou a adotar o vocabulário popular e construções sintáticas mais próximas ao uso coloquial. A língua assumida pelos literatos modernistas promoveu um distanciamento tão grande da língua oficial/gramatical normativa que motivou uma revisão da gramática que assumiu características de gramática descritiva do português literário – essa língua é mais próxima da norma culta (empregada pelas pessoas com níveis maiores de escolarização e pelos meios de comunicação de massa) (BORTONI-RICARDO, 2005, p.34-36).

Deste modo, com marcas peculiares, a língua passa a ser reconhecida como exímia manifestação da relação entre o indivíduo e o seu contexto, aos moldes daquilo que falava Bakhtin (BORTONI-RICARDO, 2005, p.177). Mario Marroquim (1934, p.12) refere-se ao grupo Modernista como corajosos escritores “*que perderam o medo ao tabu da gramática ‘portuguesa’ e estão escrevendo seus livros no português do Brasil, com os modismos sintáticos peculiares ao nosso falar*”, cujos efeitos foram sendo mais bem vislumbrados nas gerações posteriores àquela dos da vanguarda (LEITE, 1997, p.85), e dentre esses está Rachel de Queiroz, como é possível se apreciar nas obras que selecionamos.

Valendo-se da máxima de que a literatura será mais autêntica quanto mais e melhor se falar daquilo que se vivencia (NERY, 2002, p.82), Rachel

de Queiroz foi capaz de conciliar suas experiências, os relatos coletados do aprendizado oral e dos que viveram com ela<sup>103</sup>, com sua habilidade ficcional e a busca humana pela liberdade e pelo amor<sup>104</sup>, e, assim, construir personagens (e mesmo apresentando o/a narrador(a)) nos quais a Variedade Regional Nordestina não é apresentada sob a estigma do caricato, do preconceito linguístico.

Deste modo, tendo inscrito nosso leitor, especialmente aquele não familiarizado aos estudos literários e/ou das obras que analisaremos, a seguir, nos encaminharemos propriamente para a análise de nosso *corpus*, dando visibilidade aos traços da Variedade Regional Nordestina que marcam as obras *O Quinze*, *As Três Marias* e *Memorial de Maria Moura*.

Antes, porém, explicitaremos as ferramentas teórico-metodológicas que utilizaremos para esta empreitada de visibilização da contribuição linguística da autora, que estende suas influências quer para a Literatura, quer para a Sociolinguística. Sabemos que enquanto produção ficcional os romances de Rachel de Queiroz, como qualquer obra literária, não apresentam diretamente a língua como ela é, todavia, nosso objetivo está em analisar a variedade linguística que a autora se valeu para dar vida a suas obras, – tal como ocorreu com autores como João Simões Lopes Neto (1865-1916)<sup>105</sup>, que em sua produção regionalista tomou, dentre as variedades do Português Brasileiro, a Variedade Regional Sul-Rio-Grandense, valorizando não apenas a história do gaúcho e suas tradições, mas também seu modo próprio de apropriar-se da Língua Portuguesa – é neste sentido que nos aproximaremos dessas obras.

---

<sup>103</sup> Dentre estes, ela destaca os empregados da fazenda de seus pais, no que diz respeito à seca de 1870 e de 1915 (NERY, 2002, p.66-68).

<sup>104</sup> Afirma que esta busca de todos os seres humanos está presente em seus personagens (NERY, 2002, p.108).

<sup>105</sup> Afrânio Coutinho o cognomina como “[...] um dos maiores regionalistas do Brasil” (1963, p.286); sendo, para Alfredo Bosi, “[...] o exemplo mais feliz de prosa regionalista no Brasil antes do Modernismo” (1970, p.214).

## 4 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

*“Quando se trata de estudar seriamente um assunto [...] (apenas) depois de reunido e apurado um bom número de factos autênticos, (é que o estudioso deve) tirar algumas conclusões justas e tentar algumas generalizações fundamentadas e razoáveis” (AMARAL, 1976, p.3).*

Os dados levantados em nossa tese podem ser classificados como do tipo documental (GIL, 2002, p.45). Entretanto, embora o tipo de documento analisado consista nas produções artísticas e ficcionais de Rachel de Queiroz – mais especificamente nos romances *O Quinze*, *As Três Marias* e *Memorial de Maria Moura* –, por não se tratar de uma pesquisa da área da Literatura, e sim dos Estudos da Linguagem, nosso objeto de análise será a variedade linguística da Língua Portuguesa empregada pela autora em suas produções romanescas para as personagens e mesmo para os/as narradores(as).

Embora as produções artísticas e ficcionais possam ser designadas como ‘fonte primária’ ou ‘de primeira mão’, por não resultarem de um tratamento analítico (científico), o mesmo não pode ser dito da língua tal como empregada pela autora, uma vez que aquela é recebida, trabalhada e manifestada por esta (GIL, 2002, p.46). Por este tratamento dado pela autora (e por qualquer autor ficcional), ciente somos de que as obras não são representantes incontestes da língua tal e qual os falantes a empregam, quer no momento histórico de sua confecção, quer do tempo ao qual elas se refiram – nas palavras da própria Rachel de Queiroz: “é da vida real, mas não é retrato real” (QUEIROZ, 2023 [2000]).

Por que usá-las, então, para um estudo da área da Sociolinguística? Primeiramente pelo fato de que não existe obra e qualquer produto humano que não seja “[...] resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas [...]” (LE GOFF, 1990, p.547); mesmo a coleta do testemunho oral dos falantes, ainda assim, vem marcada pelas vicissitudes da pesquisa – e como nos recorda Labov: “[...] existe em todo campo de pesquisa uma lacuna inevitável entre os dados brutos, tal como ocorrem, e os protocolos que registram tais dados como matéria-prima para a elaboração teórica” (2008, p.235), constatação que está na base do que Labov chama de “paradoxo do observador” (2008, p.244).

Em segundo lugar, esta utilização se dá devido à característica modernista de Rachel de Queiroz, que promoveu um tratamento da língua justamente no sentido de valorizar o que não era valorizado, de fazer presente na obra literária aquelas variedades da língua que normalmente não ocupavam esses espaços, sem, contudo, deixá-las estereotipadas e/ou descontextualizadas – como a autora afirma: “[...] um realismo sem excessos, [...] eu queria um estilo mais sóbrio de narrativa, procurando contar as coisas essenciais. A gente tem que descrever as coisas como são [...]” (NERY, 2002, p.225), fazendo com que a linguagem “[...] não esteja condicionada a artifícios estéreis” (NERY, 2002, p.72) –, e é neste sentido que dizemos que “os textos literários deixam testemunho da língua [...]” (PRETI, 2010, p.95), mas, agora, sem fazer-nos esquecer de seu caráter heterogêneo.

Por fim, mesmo abrangendo uma distância temporal de sessenta anos entre as obras *O Quinze* e *As Três Marias*, e a obra *Memorial de Maria Moura*, evidencia-se a presença da utilização da Variedade Regional Nordestina tal qual a autora identificava ser recorrente nos expedientes linguísticos dos falantes daquela região, como a própria Rachel de Queiroz nos lembra:

Mais do que pensar, é preciso você sentir a sua realidade, pra que seja possível a ficção. Estes elementos estão todos latentes no autor. [...]. O mistério está em como você os organiza para construir uma história. As personagens não precisam ser exatamente o que você é. As coisas estão à sua volta [...] (as personagens) são a soma de nossas vivências (NERY, 2002, p.124);

Sem contar o fato de que para a construção do romance *Memorial de Maria Moura*,

[...] o andamento da criação artística [foi] alimentado por uma rígida pesquisa: da vestimenta dos personagens às armas utilizadas pela cabroeira, passando pelo latim do Padre José Maria/ Beato Romano, tudo foi minuciosamente pesquisado e anotado ao longo do processo de criação. [...]. Ainda como marcas da pesquisa empreendida pela escritora quanto aos elementos que comporão o universo de Maria Moura, encontram-se definições manuscritas de medida e valores de peso (medida, grama, quilo, etc.), [...], um datiloscrito com informações da flora silvestre (tipos de árvores, tempo de floração e frutificação), [...] (além) de relatos de costumes e cultura popular da época oitocentista [...].” (MARTINS, 2011, p.45),

Não menos importante, temos a comprovação do emprego da Variedade Regional Nordestina através de nosso *corpus* de referência, abarcando dicionários da dita variedade e teóricos como Mário Marroquim.

O método de abordagem que utilizaremos mesclará preceitos e práticas dos métodos indutivo e dedutivo. Embora distintos, os métodos indutivo e dedutivo podem coexistir e cooperar para uma análise mais ampla e criteriosa, pois

“o (método) dedutivo tem o propósito de explicar o conteúdo das premissas; (e o método) indutivo tem o desígnio de ampliar o alcance dos conhecimentos” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p.92). Assim, em alguns momentos da análise serão utilizadas recorrentes constatações particulares presentes nos textos para a formulação de uma preposição geral capaz de explicar o que fora constatado, e em outros momentos iremos nos valer de premissas universais e amplamente aceitas para explicar alguns fenômenos linguísticos particulares que ocorrerão nas obras (FACHIN; 2006; p.31-33; MARCONI; LAKATOS, 2003, p.86-95).

Para tanto, contaremos com o auxílio dos três *continua* de Bortoni-Ricardo (2004; 2005) e daquele *continuum* que fora inscrito no contexto nacional por Marcuschi (2010). Enquanto os *continua* de Bortoni-Ricardo (2004; 2005) contribuem para uma compreensão das normas que explicam os usos da variedade linguística por parte dos falantes, o *continuum* de Marcuschi (2010) auxilia na compreensão das condições de comunicação e do suporte de comunicação empregados por estes mesmos falantes, haja vista que, como destaca Bakhtin (1997; 2002), a língua só existe enquanto materializada em um gênero discursivo específico.

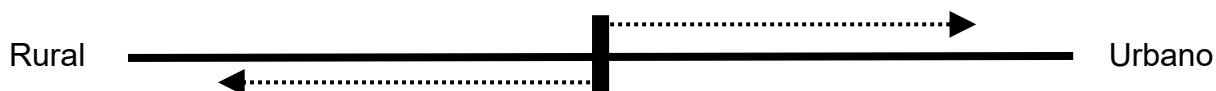
O primeiro dos *continua* de Bortoni-Ricardo é o *Continuum de Urbanização*, cuja atenção está voltada aos atributos socioculturais dos indivíduos envolvidos no ato comunicativo, a depender de seu sexo, sua posição socioeconômica, de sua prática de letramento e de suas interações sociais (seu nível de isolamento) (BORTONI-RICARDO, 2005, p.43-52)<sup>106</sup>. Para este *continuum*, um dos extremos da grandeza<sup>107</sup> é o da língua culta usada no meio urbano, enquanto o outro extremo é aquele da língua usada pelos falantes de comunidades isoladas geográfica e/ou socialmente<sup>108</sup>:

---

<sup>106</sup> Também em BORTONI-RICARDO, 2004, p.51-61.

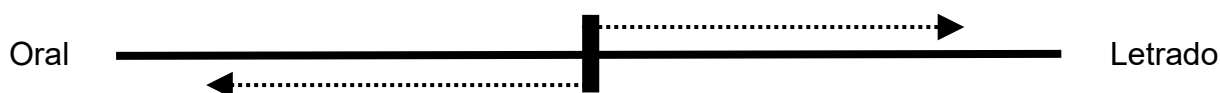
<sup>107</sup> Grandezas são propriedades mensuráveis de um fenômeno, corpo ou substância.

<sup>108</sup> Há, ainda, um plano intermediário entre os extremos, aquele no qual observa-se um amálgama entre a fala rural e a urbana, como o caso daquele encontrado em pequenas cidades, bastante dependentes da agricultura familiar, ou de distritos semi-rurais, com fortes influências da cultura urbana – Bortoni-Ricardo (2004, p.52) chama esse plano intermediário de *Rurbano*.

**Figura 3 – Continuum de Urbanização**

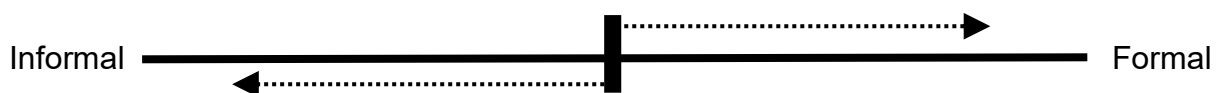
Fonte: O autor, baseado em Bortoni-Ricardo (2004, p.52).

No caso do *Continuum de Oralidade-Letramento*, seu foco está restrito a um uso da linguagem que oscila entre o oral e a escrita (o uso letrado). Neste sentido, este *continuum* pode modalizar-se linearmente em um ordenamento de grandeza que varia entre práticas mais próximas da oralidade e aquelas mais próximas da escrita (práticas letradas):

**Figura 4 – Continuum de Oralidade Letramento**

Fonte: O autor, baseado em Bortoni-Ricardo (2004, p.62).

O último dos três *continua* de Bortoni-Ricardo é o *Continuum de Monitoração Estilística*, que está relacionado à aferição do grau de planejamento e atenção no emprego da linguagem, podendo ser mais ou menos monitorada a depender de diversos fatores extralinguísticos e linguísticos. Este *continuum* pode ser representado por uma grandeza linearmente disposta e que varia entre o mais informal e o mais formal:

**Figura 5 – Continuum de Monitoração Estilística**

Fonte: O autor, baseado em Bortoni-Ricardo (2004, p.62).

A perspectiva do *Continuum Tipológico* – divulgado no Brasil por Luiz Antônio Marcuschi (2010), mas originariamente concebido por Peter Koch e Wulf Oesterreicher (2007) – salienta que os gêneros escritos ou orais (as formas

mediatas e imediatas de comunicação, respectivamente) inscrevem-se em um único e mesmo sistema linguístico, que em algumas ocasiões requerem a escrita e em outras a fala.

Esse *continuum* pode ser representado graficamente pelo entrecruzamento de dois eixos (gráfico 3) – um vertical, que marca as ‘condições de comunicação’ de um gênero: podendo ser um discurso de caráter privado, informal e de intensa cooperação (**oralidade**) ou um discurso de caráter público, formal e de baixa cooperação (**escrituralidade**); e outro horizontal, indicando o ‘suporte de comunicação’ utilizado: fonemático (**sonoro**) ou grafemático (**gráfico**). Demarcando quatro posições (A, B, C, D - estando A em oposição a D, e B em oposição a C), os gêneros localizados nas posições A e D são prototípicos, pertencentes aos domínios da fala e da escrita respectivamente, pois neles o suporte de comunicação e a condição de comunicação coincidem<sup>109</sup>. Já os gêneros localizados nas posições B e C são de domínio misto, pois para eles não há concordância entre o suporte de comunicação e a condição de comunicação<sup>110</sup>.

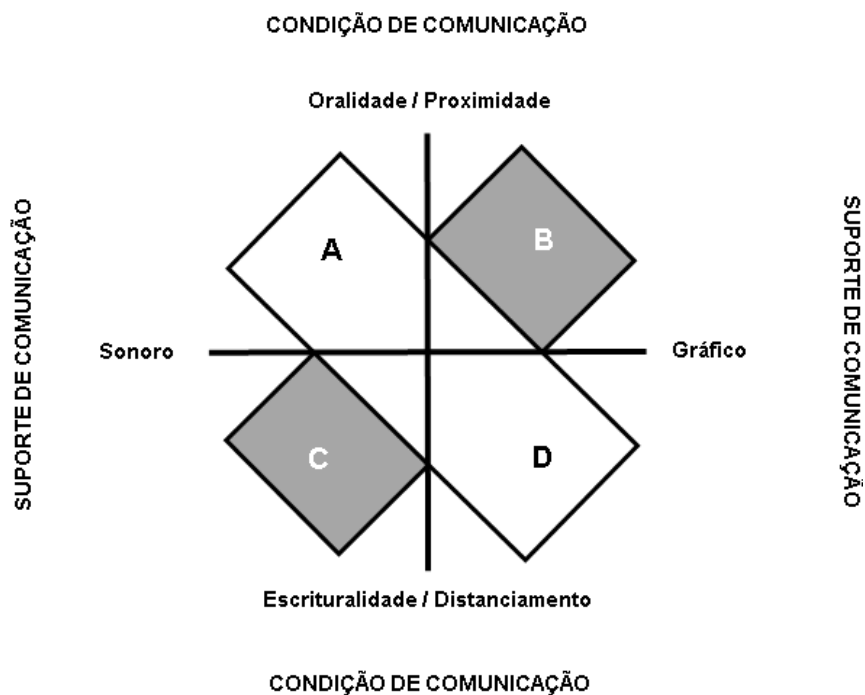
Seriam exemplos modelares para cada uma das posições no gráfico: **A**= Conversa espontânea; Entrevista; **D**= Tese; Biografia; **B**= Bilhete; Twitte; **C**= Palestra; Telejornal.

---

<sup>109</sup> Para a posição A o suporte de comunicação ‘sonoro’ (fonemático) coincide com a condição de comunicação ‘oralidade’; e para D o suporte de comunicação ‘gráfico’ (grafemático) coincide com a condição de comunicação ‘escrituralidade’ (MARCUSCHI, 2010, p.40-43).

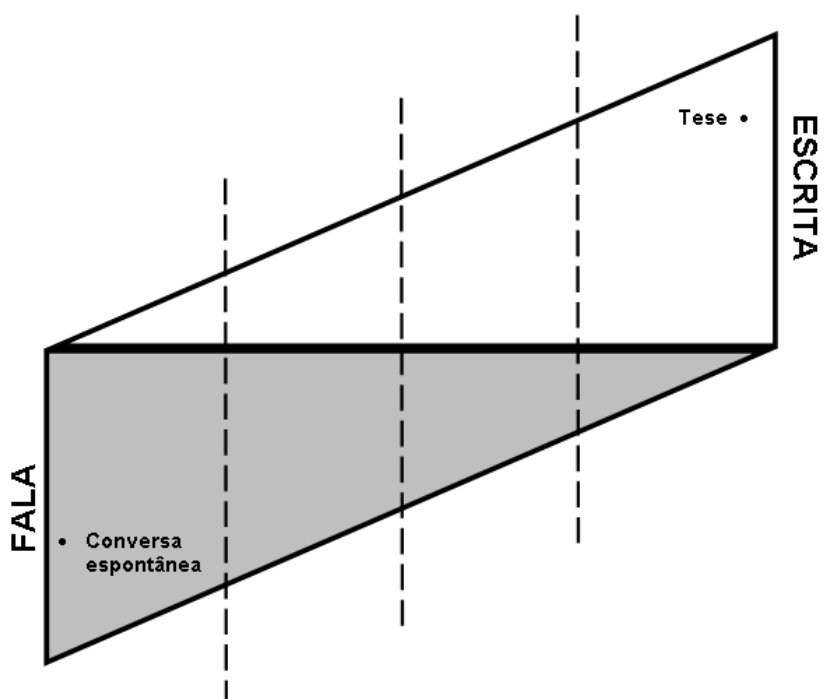
<sup>110</sup> Uma vez que para a posição B, enquanto o suporte de comunicação é ‘grafemático’ (gráfico), a condição de comunicação é a da ‘oralidade’; e para C, enquanto o suporte de comunicação é ‘fonemático’ (sonoro), a condição de comunicação é a da ‘escrituralidade’ (MARCUSCHI, 2010, p.40-43).

**Gráfico 3 – Condição de Comunicação X Suporte de Comunicação**



Fonte: O autor

**Gráfico 4 – Domínio da Escrita X Domínio da Fala**



Fonte: O autor<sup>111</sup>

<sup>111</sup> Este gráfico e o anteriormente apresentado nutrem-se das explicações de Marcuschi (2010, p.38-39.41) e Koch e Oesterreicher (2007,p.33-35).

Outra representação para o *Continuum Tipológico* (gráfico 4), coloca em polos opostos de um mesmo plano linguístico os domínios da fala e da escrita. É evidenciado que à medida que ocorre um distanciamento do gênero prototípico da fala ou da escrita (localizado na extremidade deste), decorre um movimento de variação no interior de um determinado domínio da linguagem no sentido de uma gradual aproximação do outro domínio.

Em acréscimo, como *corpus* de referência, foi de extrema relevância o apoio de dicionários da linguagem regional – dos quais destacamos: o *Vocabulário Popular Cearense*<sup>112</sup>, de Raimundo Girão; e o *Dicionário de termos e expressões populares*<sup>113</sup>, de Tomé Cabral; distintos autores que se propuseram registrar o falar cearense, em especial, o falar do povo simples –, além de dicionários da Língua Portuguesa de reputação e abrangência nacional, como o *Michaelis Moderno Dicionário de Língua Portuguesa*<sup>114</sup>; e o dicionário virtual *Aulete Digital*<sup>115</sup>; além do *Dicionário Elementar da Língua Portuguesa*<sup>116</sup>, de Augusto Moreno (dicionário português datado de 1939), com o objetivo de acesso a termos e expressões já não mais presentes nos atuais dicionários.

No caso de possíveis questionamentos para o fato de que algumas das palavras e expressões destacadas como integrantes da Variedade Regional Nordestina estarem, hoje, presentes não apenas na Região Nordeste do Brasil, tomamos como nossas as palavras de Tomé Cabral, que já em 1972 alertava a que “*muitos vocábulos e expressões encontrados no linguajar sertanejo – alguns até de origem desconhecida – hão-de necessariamente incorporar-se, mais dia menos dia, ao rico e exuberante vocabulário nacional*” (1972, p.7). Todavia, mesmo nesses casos, em decorrência do fluxo migratório e da vitalidade da língua, pode haver variações quanto ao sentido que tais palavras carregam em cada região e em cada época distintas.

Relativo aos procedimentos que adotamos para nossa abordagem, estes podem ser agrupados em seis passos:

O primeiro passo foi o da leitura das obras literárias e dos referências teóricos auxiliares. O objetivo deste passo foi o de ter um contato amplo

<sup>112</sup> Dicionário que teve sua primeira edição em 1967, e conta com 3.058 verbetes.

<sup>113</sup> Dicionário cuja primeira edição é de 1972, e conta com cerca de 15.000 verbetes.

<sup>114</sup> Dicionário editado no ano 2000, contando com 200.000 verbetes em dois volumes.

<sup>115</sup> Dicionário com 818.000 verbetes.

<sup>116</sup> Dicionário que se pretende um dicionário escolar, para uso nos anos iniciais.

e genérico para com os textos base e o objeto da análise, bem como o início de um aprofundamento dos estudos da Sociolinguística e da ferramenta dos *continua*.

O segundo passo foi o da realização de releituras dos romances e o levantamento do léxico e das expressões características da Variedade Regional Nordestina presentes neles. Neste momento, por meio de várias outras leituras, empreendemos a coleta dos dados, à princípio ainda de forma não tão criteriosa – contando com nosso conhecimento prévio acerca da dita variedade –, compondo um grande número de informações que requereram posterior aprofundamento com uma ferramenta científica adequada (nosso *corpus* de referência).

O terceiro passo foi o da apresentação sistêmica de nossos pressupostos e dos referenciais teóricos. O resultado deste passo foi a elaboração teórico-conceitual dos capítulos um e dois, nos quais foram explicitados nosso ponto de partida teórico e a perspectiva da Sociolinguística, com destaque para a tese dos *continua*, e foi apresentada uma relação possível entre Literatura e Sociolinguística, vislumbrada no Modernismo, especialmente na obra modernista de Rachel de Queiroz.

O quarto e o quinto passo consistiram na seleção e classificação dos dados levantados, exemplificando um fenômeno ou constatando uma ocorrência. Nestes passos, contando com o auxílio das obras de Bortoni-Ricardo e Luiz Antônio Marcuschi (com seus *continua*), e de Mário Marroquim, Tomé Cabral e Raimundo Girão, dentre outros, foi empreendido o tratamento científico dos dados levantados no segundo passo, tendo sido descartado aquilo que não se configurou como constatação ou explicação de um fenômeno da Variedade Regional Nordestina. O seu resultado consistiu no conteúdo do quarto capítulo.

O sexto passo foi o passo conclusivo de síntese e revisão dos procedimentos. Este passo não apenas deu origem a elaboração da conclusão desta tese, mas também foi importante momento de revisão da análise realizada, visando aprimorá-la.

Integrarão a seleção e demais procedimentos de análise alguns quadros contendo o léxico levantado, bem como, gráficos e figuras com o objetivo de inscrever os dados coletados no contexto dos *continua* de urbanização, monitoração estilística, oralidade-letramento e tipológico, todos tomando por base seus autores originais. Dentre os teóricos da linguagem regional contaremos com especial auxílio dos estudos de Mário Marroquim (conterrâneo e contemporâneo de Rachel de

Queiroz), em sua obra *A Língua do Nordeste*<sup>117</sup> – salientamos o fato de que a edição da obra deste autor, utilizada por nós, data de 1934, portanto vale-se de uma norma ortográfica distinta daquela aceita hoje como oficial para a Língua Portuguesa, e por este motivo as citações diretas deste autor aparecerão em *itálico*, tal como aquelas de língua estrangeira, ou quando a própria Rachel de Queiroz utilizar uma grafia das palavras que mais se adeque ao estilo da fala de seus personagens, em desacordo com a ortografia oficial ou com a norma padrão. Quando dermos destaque a alguma palavra e/ou expressão em alguma citação, que será motivo da análise a qual estaremos empreendendo, esta palavra e/ou expressão aparecerá sublinhada.

---

<sup>117</sup> Este trabalho de Mário Marroquim é apresentado por Raimundo Girão como pioneiro, juntamente como os trabalhos de Amadeu Amaral (com o *Dialeto Caipira*) e Antenor Nascente (com o *Linguajar Carioca*) (2000, p.50).

## 5 ANÁLISE VARIACIONISTA DE ALGUMAS OBRAS DA AUTORA

“A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua” (BAKHTIN, 1997, p.283).

Neste capítulo apresentaremos os resultados da aproximação sociolinguística que empreendemos das obras *O Quinze*, *As Três Marias* e *Memorial de Maria Moura*, que materializam e dão contornos específicos ao nosso objeto de análise, buscando evidenciar como estas produções literárias são capazes de manifestar a realidade linguística do mundo ficcional que retratam e do mundo real de sua autora.

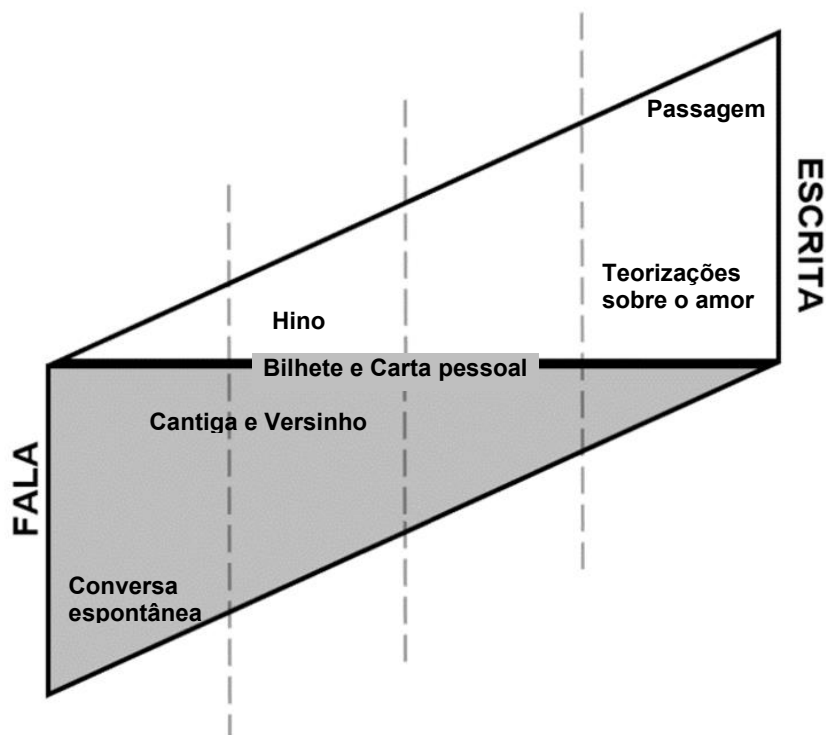
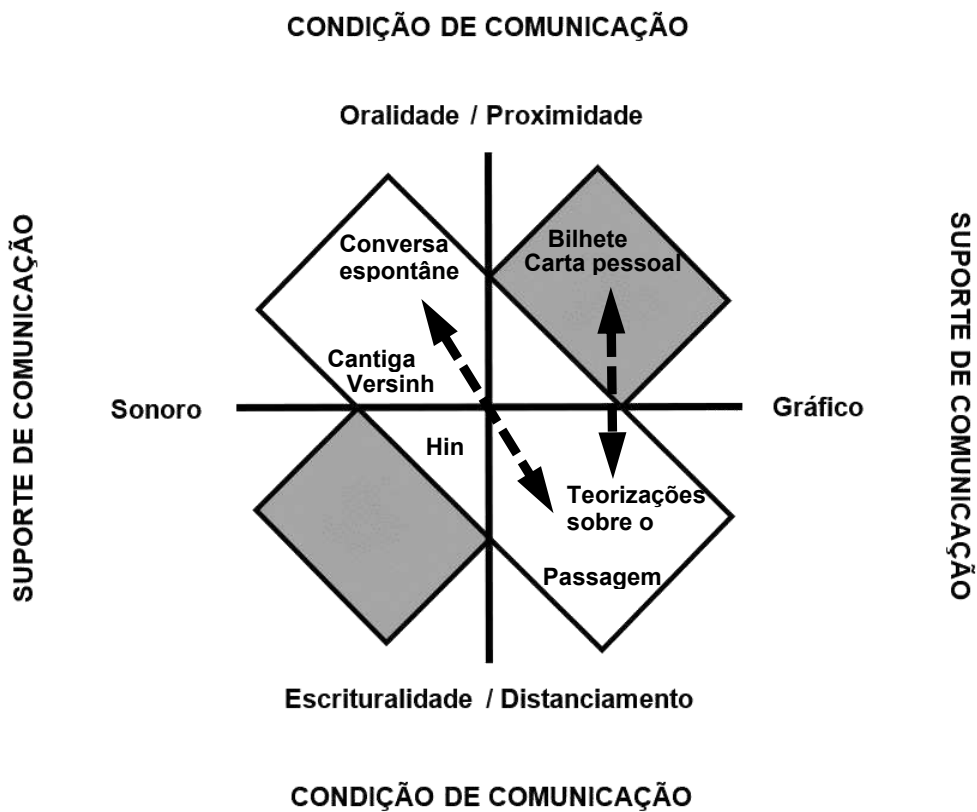
Para tanto, os conceitos e pressupostos apresentados nos capítulos anteriores foram utilizados como ferramentas de análise, no intuito de evidenciar algumas marcas características da Variedade Regional Nordestina, as quais, posteriormente, poderão servir de norte à elaboração de sequências pedagógicas para um trato culturalmente sensível da Língua Portuguesa, capaz de unir Sociolinguística e Literatura.

### 5.1 A INTERFACE COM OUTROS GÊNEROS

Ao analisarmos o modo específico com que Rachel de Queiroz se apropria artisticamente do gênero romance<sup>118</sup> para a construção de *O Quinze*, podemos identificar a predominância de uma mescla entre os domínios da escrita e da fala. Valendo-se de toda a diversidade que o gênero romanesco possibilita à autora, em sua tentativa de apropriar-se do real através das letras, será possível identificar não apenas diálogos (marcados, muitas vezes por construções sintáticas e lexicais típicas do domínio da fala), mas também por outros gêneros discursivos que, embora pertencentes ao domínio da escrita, **muito se aproximam daquele da fala** – é o que poderá ser observado na representação que fazemos, nos gráficos a seguir, dos vários gêneros discursivos presentes nesta obra:

---

<sup>118</sup> Para Bakhtin “o romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente” (2002, p.74).

Gráfico 5 – Domínio da Escrita X Domínio da Fala para o romance *O Quinze*Fonte: O autor<sup>119</sup>Gráfico 6 – Condição de Comunicação X Suporte de Comunicação para o romance *O Quinze*

Fonte: O autor

<sup>119</sup> Este gráfico e o próximo foram elaborados tendo por base as explicações de Marcuschi (2010) e Koch e Oesterreicher (2007).

Enquanto um fenômeno “pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal” (BAKHTIN, 2002, p.73), a produção romanesca de Rachel de Queiroz não deixa por menos, sendo possível encontramos incorporado ao gênero romance, além dos diálogos das personagens e das reflexões e monólogos das personagens, mais seis outros gêneros discursivos:

1º) Um **bilhete** do sobrinho de Dona Maroca a Chico Bento, bilhete que comunicava ao vaqueiro sobre a gravidade da situação e a possibilidade de que os serviços dele poderiam não ser mais necessários:

*Minha tia resolveu que não chovendo até o dia de São José, você abra as porteiras e solte o gado. É melhor sofrer logo o prejuízo do que andar gastando dinheiro à toa em rama e caroço, pra não ter resultado. Você pode tomar um rumo ou, se quiser, fique nas Aroeiras, mas sem serviço da fazenda.*

*Sem mais, do compadre amigo...* (QUEIROZ, 1981, p.14, grifo do autor).

2º) Um **versinho** (poema) de um amigo de Vicente, recitado no bar quando estes dialogavam sobre o amor:

*Palmatória quebra dedo,  
Chicote deixa vergão  
Cacete quebra costela*

*Mas não quebra opinião!...* (QUEIROZ, 1981, p.70, grifo do autor).

3º) Trechos de uma **carta** de Lourdinha a Conceição, carta que viera após o retorno de Vicente à Quixadá, levando as encomendas que esta havia feito e comentando as alterações no estado de espírito do irmão:

*'muito bom, muito bonito, exatamente como queria [...]. Cente vai bem, sempre trabalhando muito. Disse que gostou muito da cidade, que você estava praticando para santa. Mas, parece — ou talvez seja apenas pensamento meu — que veio um pouco triste daí... [...]. O que você terá feito com ele?...*' (QUEIROZ, 1981, p.73).

4º) **Cantiga** de um cego mendigando esmolas com seu violão, personagem que aparece enquanto Chico Bento pedia ajuda a Conceição para dar novo rumo a sua vida, já não mais dependendo de ajudas do governo e dela, inclusive:

*No céu entra quem merece  
No mundo vale que tem...*

.....  
*Eu como tenho vergonha  
Não peço nada a ninguém...*

*Que me parece quem pede*

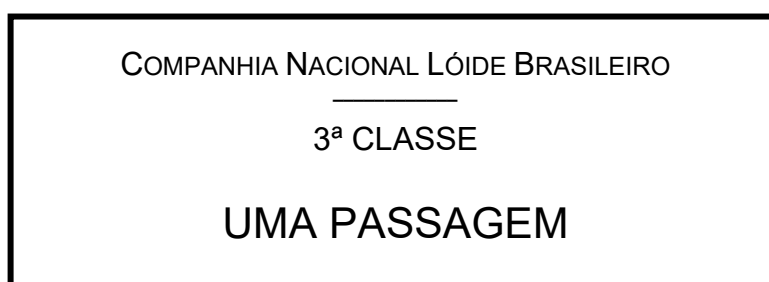
*Ser cativo de quem tem...* (QUEIROZ, 1981, p.79, grifo do autor).

5º) O refrão de um **hino** de Louvar, intitulado *Salve ó Francisco*, em honra a São Francisco de Assis, e que fora recitado no contexto das orações dos sertanejos:

*Cheio de amor, cheio de amor!  
as chagas trazas  
do Redentor!* (QUEIROZ, 1981, p.91, grifo do autor).

6º) Bilhete de embarque (**passagem**) de navio para São Paulo:

Figura 6 – Bilhete de embarque



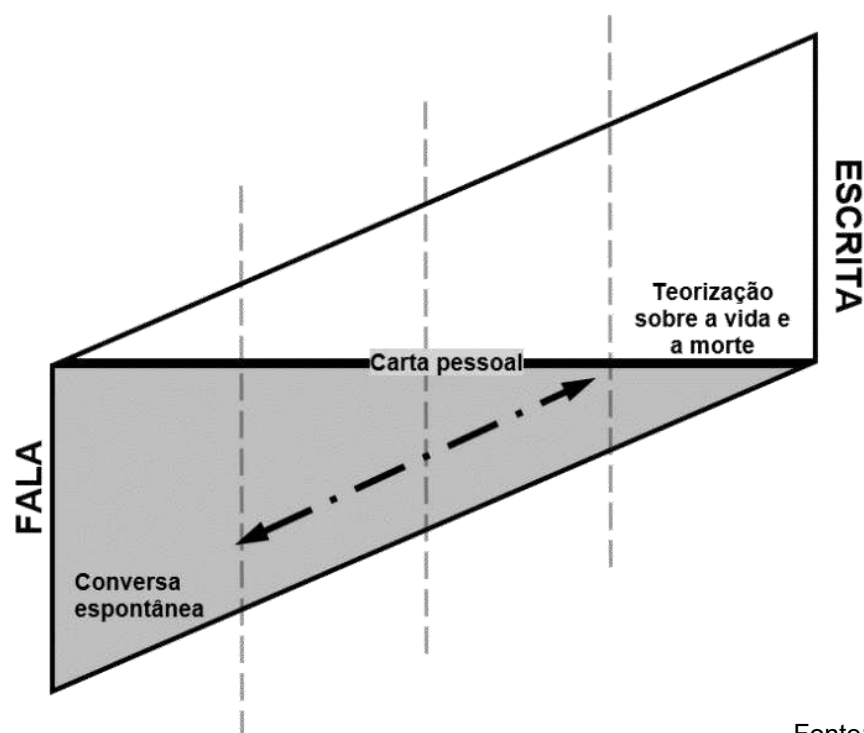
Fonte: (QUEIROZ, 1981, p.81)

Destaca-se o fato de que a maioria desses gêneros (cantiga, versinho, bilhete e carta pessoal) encontram-se em estreito vínculo com a oralidade, embora o bilhete e a carta pessoal valham-se do suporte gráfico de comunicação, fazendo deles gêneros de domínio misto. Já no caso dos gêneros hino e passagem (bilhete de embarque), estes são totalmente inseridos no domínio da escrita e em eventos de letramento apoiados na escrituralidade – que são normatizados, explícitos, autônomos, descontextualizados, e de caráter público (MARCUSCHI, 1997, p.127).

Voltando-nos, agora, para a obra *As Três Marias*, será possível identificar, também nesta produção de Rachel de Queiroz, uma mescla entre os domínios da escrita e da fala na apropriação estilística do gênero romance – ainda que, para além da obviedade do gênero, haja o reconhecimento explícito de que aquela narrativa se trata de um testemunho escrito, conforme a própria autora comenta: “é difícil exprimir em algumas linhas tudo o que foi para mim esse tempo decisivo, que exigiria talvez um livro, só ele, para dizer as minhas rebeldias, minhas lágrimas à noite, meu desesperado desejo de fuga, que chegou a ser quase uma obsessão” (QUEIROZ, 1982, p.79).

A autora, explorando variantes da Variedade Regional Nordesteira, ora tende mais para a oralidade, ora para a escrituralidade<sup>120</sup>, embora mantenha-se mais próxima da norma culta desta variedade, é possível observar momentos que intercalam a voz da narradora, seus monólogos e reflexões de cunho psicológico-filosófico, **próprios do domínio da escrita**, com outros que explicitam diálogos em discurso direto entre as várias personagens, próprios do domínio da fala, e, em um momento específico, há a presença de um gênero do domínio misto, a carta de Isaac a Guta (QUEIROZ, 1982, p.186) – a isto tudo representamos por um *Continuum Tipológico*, sob dois modos:

**Gráfico 7** – Domínio da Escrita X Domínio da Fala para o romance *As Três Marias*

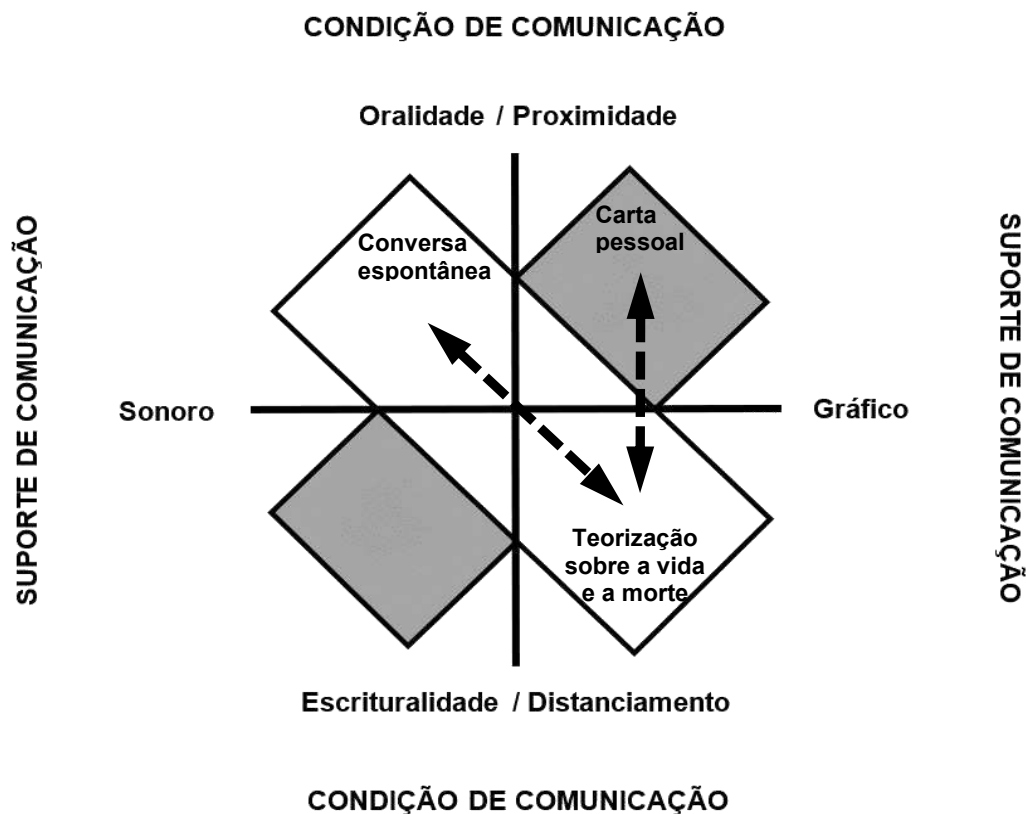


Fonte: O autor<sup>121</sup>

<sup>120</sup> Como destacam Koch e Oesterreicher (2007, p.338), é perceptível uma gradação dentro das variantes regionais na medida da proximidade (immediatez) ou distanciamento da comunicação, para além das variações decorrentes do sexo, escolaridade ou status social.

<sup>121</sup> Este gráfico e o próximo foram elaborados tendo por base as explicações de Marcuschi (2010) e Koch e Oesterreicher (2007).

**Gráfico 8** – Condição de Comunicação X Suporte de Comunicação para o romance *As Três Marias*



Fonte: O autor

No caso da obra *Memorial de Maria Moura*, é possível identificar, além dos diálogos (das conversas espontâneas) que delineiam o gênero romanescos, a presença de sete outros gêneros discursivos que contribuem para caracterizá-lo como um fenômeno “pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal” (BAKHTIN, 2002, p.73), sendo eles: cantigas; antífona; bilhetes; carta pessoal; planta baixa; receita e monólogos.

1º) O **gênero cantiga** se faz presente duas vezes. A primeira delas em uma recordação de Marialva (enquanto narradora), sobre a música com a qual ela e seu irmão Irineu eram embalados, a *cantiga do Barba Azul*:

A princesa encarcerada  
 No seu castelo a indagar  
 Já vês cavalo na ponte?  
 Já vês a vela no mar?  
 Nada vejo, minha mana  
 Vinde vós mesma espiar  
 Ai não, tenho os olhos cegos  
 Só me servem pra chorar... (QUEIROZ, 1992, p.95).

Outra ocorrência deste gênero se dá como uma referência intertextual realizada por Maria Moura (enquanto narradora) ao comentar sua relação com Duarte, que poderia ser representada por um verso de uma música: “...e hoje és meu namorado / meu primo do coração...” (QUEIROZ, 1992, p.420).

2º) O **gênero antífona** (ou aforismo), na obra chamado de ‘verso antigo’, é recitado pelo Beato Romano (enquanto personagem), ao comentar sua ação de lavar suas roupas e aquilo que pensou no momento: “lembrei de um verso antigo: ‘Pena que não pudesse lavar também as amarguras’” (QUEIROZ, 1992, p.189).

3º) Também por duas vezes o **gênero bilhete** se faz presente na obra. Na primeira vez que ocorre, o bilhete é escrito por Maria Moura (enquanto personagem), com o objetivo de emboscar seu primo Irineu:

‘Seu Irineu soube que Vossa Senhoria quer saber notícias da sua parenta que fugiu se é que se trata daquela dona do Limoeiro posso dar o paradeiro dela mas só se o senhor me dá primeiro o agrado. Pode vim me encontrar mas só sem ninguém que eu posso lhe mostrar onde ela está. Só mostro se o senhor vier mesmo sozinho se for com gente não me verá. O senhor pode vir no sábado ao meio-dia eu estarei lhe esperando na ponta da rua na saída que vai para o sertão.

P.S. Cuidado eu tenho medo da vingança dela. Seu criado Amaro da Conceição.” (QUEIROZ, 1992, p.198).

Já o segundo bilhete que aparece no romance, este é escrito por Duarte (feitor de Maria Moura) na ocasião da morte de Cirino – o bilhete é colocado junto ao corpo de Cirino e “levado” até seu pai: “QUEM FAZ TRAIÇÃO PAGA”<sup>122</sup> (QUEIROZ, 1992, p.460).

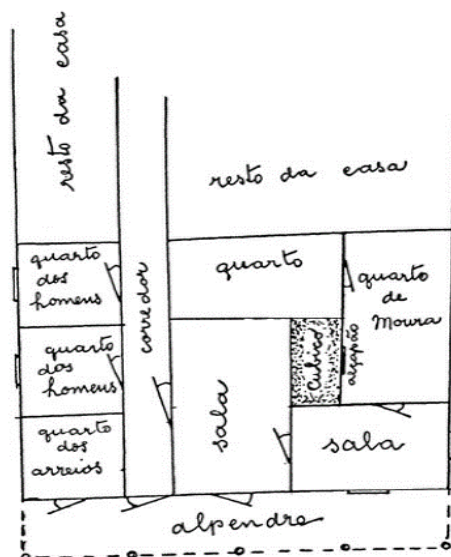
4º) No caso do **gênero carta**, este é apresentado em partes, pois consta dos relatos do Beato Romano, no momento ainda José Maria, que recorda seu trabalho de redator de cartas na feira da cidade de Bom Jesus das Almas. A carta em questão fora ditada por Julião e diz o seguinte: “‘Meu compadre Perciliano...’ [...] ‘Os couros aqui andam caro, não é mais o preço do ano atrasado que eles cobravam. Mas também eu subi o preço da farinha e a rapadura e ficou uma coisa pela outra...’” (QUEIROZ, 1992, p.210).

5º) Dentre os gêneros discursivos mais surpreendentes, o **gênero planta baixa** é o que mais se destaca no romance, que é apresentado no contexto da construção da Casa Forte de Maria Moura. Maria Moura (enquanto narradora) destaca que esta era a planta da casa que seu pai descrevia a ela como sendo a

<sup>122</sup> Escrito assim, em caixa alta, na obra.

planta da casa da avó dele, a qual ela lembrava, inclusive, no detalhe do ‘cubico’ (QUEIROZ, 1994, p.304-305):

Figura 7 – Planta da Casa de Forte



*a Casa Forte e  
o Cubico*

Fonte: (QUEIROZ, 1994, p.304-305)

6º) Relatado por Maria Moura (enquanto narradora), o **gênero receita** surge em referência a Duarte, uma descrição indireta de como seu feitor havia descoberto o modo de produzir pólvora negra: “cada libra dela (de pólvora), depois de pronta, tem que levar sete partes de salitre, uma parte de enxofre e duas de carvão. Depois disso é só moer e misturar” (QUEIROZ, 1992, p.329).

7º) Os **monólogos**, discursos filosófico-psicológicos, alguns longos, outros curtos, são tão comuns quanto os diálogos entre as personagens, o que é justificado pelo caráter memorial da obra (como seu próprio título diz). Enfatizamos trechos do monólogo de Maria Moura sobre a relação que ela faz entre poder, riqueza e felicidade:

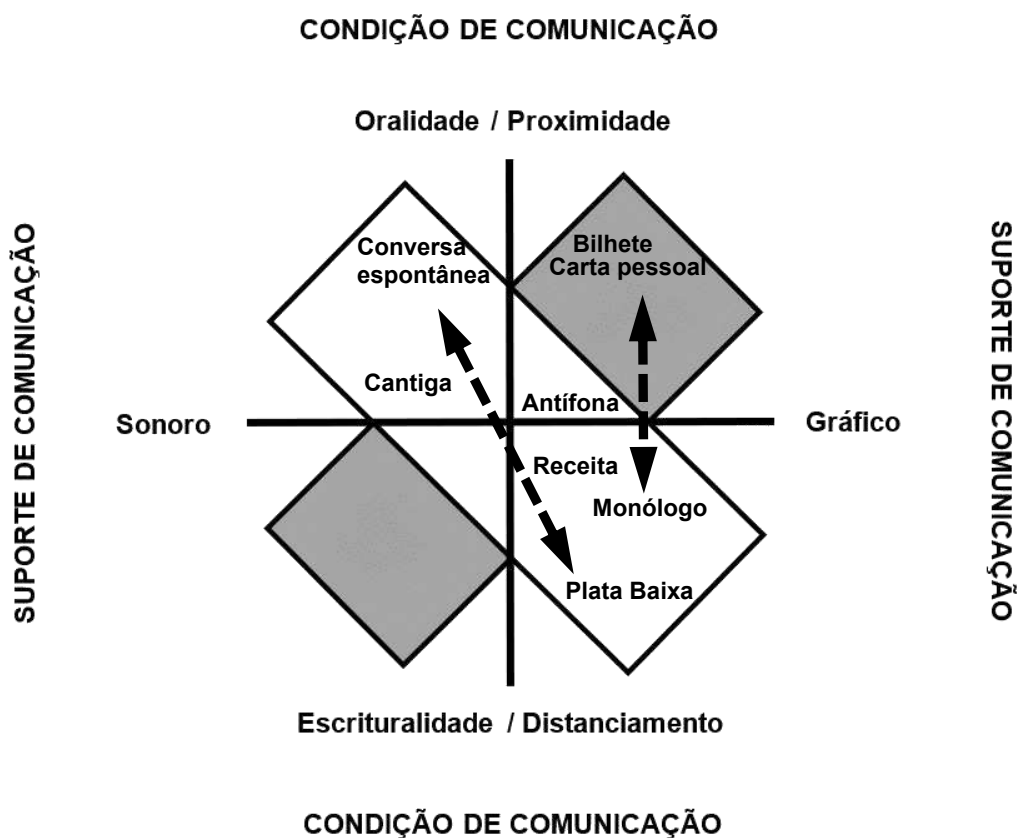
Fiquei algum tempo sentada na rede, me balançando, pensando em mim, na vida, nas coisas do mundo. O que é bom e o que é ruim, na vida. [...]. É. Eu tinha que ter o ouro para ter o poder. As terras, o luxo, a força para mandar nas pessoas. [...]. Felizes delas, porque na hora de arrancar o brinco enfiado na orelha furada, tem-se que sair rasgando tudo... la haver sangue, na certa (QUEIROZ, 1992, p.177-178).

Destacamos, também, o monólogo do Beato Romano acerca do passado e da felicidade:

Não, o homem feliz não é o que não tem camisa, como o da história que Padre Barnabé nos contava, no seminário. O homem feliz é o que não tem passado. O maior dos castigos, para o qual só há pior no inferno, é a gente recordar. Lembrança que vem de repente e ataca como uma pontada debaixo das costelas, ali onde se diz que fica o coração. Alguém pode ter tudo, mocidade, dinheiro no bolso, um bom cavalo debaixo das pernas, o mundo todo ao seu dispor. Mas não pode usufruir nada disso, por quê? Porque tem as lembranças perturbando. O passado te persegue, como um cão perverso nos teus calcanhares. Não há dia claro, nem céu azul, nem esperança de futuro, que resista ao assalto das lembranças (QUEIROZ, 1992, p.188).

Embora a maioria destes gêneros discursivos tenham o meio gráfico como seu suporte de comunicação, como pode ser observado no gráfico a seguir, sua condição de comunicação tem a oralidade (a imediatez e proximidade entre enunciador e enunciatário)<sup>123</sup> como característica preponderante.

**Gráfico 9** – Condição de Comunicação X Suporte de Comunicação para o romance *Memorial de Maria Moura*



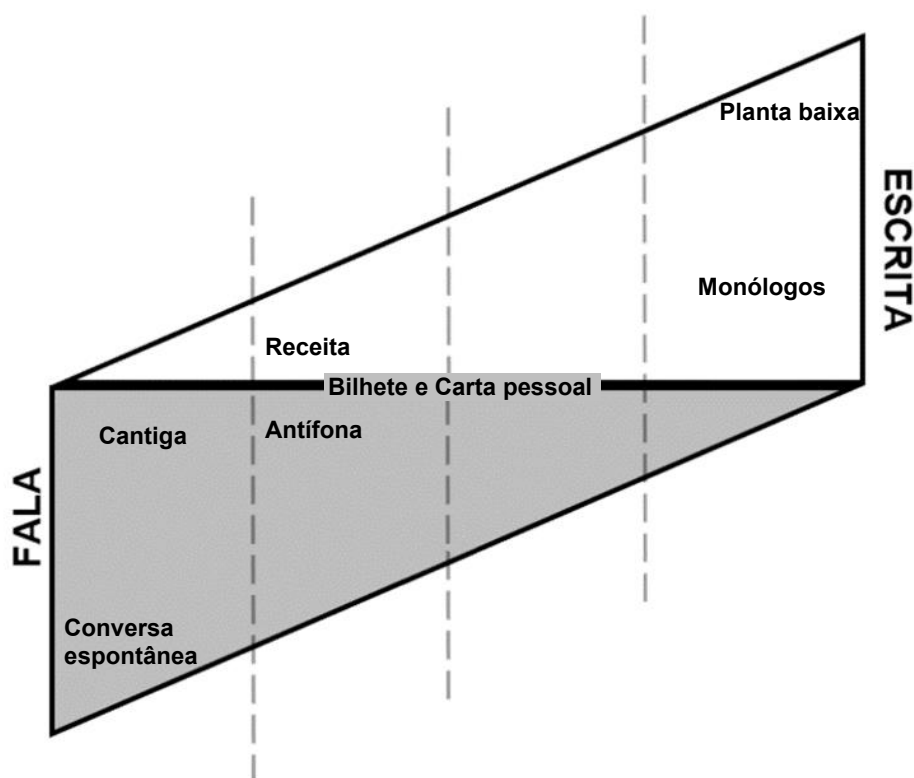
Fonte: O autor.<sup>124</sup>

<sup>123</sup> KOCH; OESTERREICHER, 2007, p.30-34; MARCUSCHI, 1997, p.126-127.

<sup>124</sup> Este gráfico e o seguinte foram elaborados tendo por base as explicações de Marcuschi (2010) e Koch e Oesterreicher (2007).

Mesmo presente em um gênero discursivo escrito, o gênero romanesco, característico da apropriação estética e estilística realizada pela modernista Rachel de Queiroz, se faz altamente **marcado pelo domínio da fala**. Este outro gráfico que nos possibilita visualizar o *Continuum Tipológico* na obra, contribui para a percepção de como os demais gêneros incorporados ao romance promovem um movimento que **o aproxima ao domínio da fala**.

**Gráfico 10** – Domínio da Escrita X Domínio da Fala para o romance *Memorial de Maria Moura*



Fonte: O autor.

## 5.2 OSCILANDO ENTRE O ORAL E A ESCRITA

Ao olharmos para a obra *O Quinze*, alguns fenômenos de ordem fonética e fonológica característicos das variantes da Variedade Regional Nordestina, presentes na fala de todos ou da maioria dos usuários dessa variedade, mesmo na daqueles das regiões urbanas e com maior instrução, podem ser identificados na obra – neste caso, os metaplasmos aférese, síncope,

monotongação e aglutinação –, promovendo uma maior aproximação do uso popular e oral da Língua Portuguesa empreendido pelos falantes cearenses.

O fenômeno da aférese é aquele que pode ser percebido na construção empregada pelos filhos de Cordulina: “mãe, tou com fome” (QUEIROZ, 1981, p.34, grifo nosso), neste caso ocorre uma supressão dos fonemas iniciais no verbo < estou >, transformando-o em < tou ><sup>125</sup>; por sua vez, na oração “inda por cima do verãozão” (QUEIROZ, 1934, p.6, grifo nosso), é possível verificar que o advérbio < ainda > é convertido em < inda >.

No caso da síncope, este fenômeno se dá pela supressão de um fonema no interior da palavra, como pode ser observado com a palavra < faúlha >, em: “um monto de cinzas onde luzissem faúlhas” (QUEIROZ, 1981, p.51). O vocábulo em questão é derivado de < fagulha > (MICHAELIS, 2000, p.942).

A monotongação é verificada na obra como o fenômeno de subpressão da vogal < u > na conjugação do verbo < escapar >, na terceira pessoa singular do pretérito perfeito, aparecendo na obra como < escapo >, nesta manifestação da narradora: “só algum juazeiro ainda escapo à devastação” (QUEIROZ, 1981, p.8) – salientamos o fato de esta ser a única ocorrência de um metaplasmo nas manifestações da narradora –. Também representa este fenômeno, na obra, a transformação da expressão < por amor de > para < pru móde > ou simplesmente < mode >, no sentido de < para > ou < a fim de >, como atestado por Mário Marroquim (1934, p.95) e constatado na fala de Chico Bento: “em todo pé de pau há um galho mode a gente armar a tipoia...” (QUEIROZ, 1981, p.18).

Já a aglutinação, outro dos fenômenos, pode ser constatada na junção de < para + os >, originando a expressão < pros >, como nesta oração de Vicente: “Deus só nasceu pros ricos” (QUEIROZ, 1981, p.21, grifo nosso); ou, ainda, quando na fala de João Marreca < ainda + agorinha > torna-se < indagorinha >: “indagorinha. Quando o compadre estava jantando” (QUEIROZ, 1981, p.88, grifo nosso) – neste caso em especial é possível averiguar o fenômeno da aférese associado ao da aglutinação.

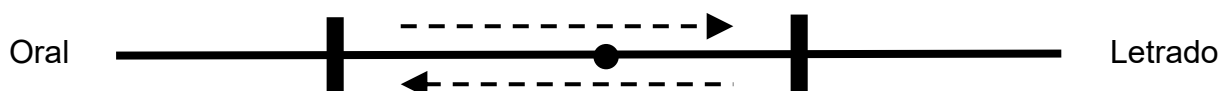
Há, além disso, na obra, o fenômeno da ‘iotização’, que pode ser constatado na fala da personagem Manuel (o Duquinha), filho mais novo de Cordulina e Chico Bento. Este fenômeno é materializado na mutação do fonema / ʌ /

<sup>125</sup> Em algumas edições < tou > é substituído por < tô >, embora Mário Marroquim (1934, p.93) afirme que a expressão < tou > seja aquela mais empregada na região nordeste.

da palavra < olha >, sendo transcrito como < oia >, no trecho a seguir: “*ah! a Badinha! Óia a Badinha!*” (QUEIROZ, 1981, p.93, grifo do autor) – o itálico é utilizado pela autora para evidenciar as inadequações linguísticas por parte da personagem, que é uma criança de colo.

Diante destes dados e da fluidez dos limites do *Continuum de Oralidade-Letramento* (BORTONI-RICARDO, 2004, p.62), é possível aferir que na obra como um todo **esse continuum encontra-se em um movimento de oscilação entre formas discursivas ora mais próximas de eventos da oralidade, ora mais próximas de eventos de letramento**, com uma leve propensão aos eventos de oralidade.

**Figura 8** – *Continuum de Oralidade-Letramento em O Quinze*



Fonte: O autor.

Salientando a interface que há entre os três *continua* de Bortoni-Ricardo (2005, p.51), é possível perceber que esta propensão aos eventos de oralidade se dá pela grande ocorrência, na obra, de práticas sociais discursivas entre personagens provenientes de contextos socioculturais distanciados dos eventos de letramento apoiados em textos escritos e que privilegiam mais a oralidade. Recordamos que a valorização da fala popular e oral é uma das características típicas do Movimento Modernista e daqueles autores da segunda geração modernista – como bem destaca Luís Bueno, é o estilo de uma geração que escreve com uma “língua mais próxima da fala” (2006, p.23).

Todavia, é possível ser identificado o movimento de aproximação para o extremo que representa os eventos de letramento, no *Continuum de Oralidade-Letramento*, em decorrência do fato de que além de marcas da variante popular da Variedade Nordestina também se faz presente o emprego de sua forma culta ou mesmo da Norma Padrão no interior da obra, inclusive nas falas de personagens provenientes de estratos sociais de menor instrução letrada.

Um exemplo disto é a posição inicial dos pronomes oblíquos, pois a comum colocação desses pronomes na fala nordestina é também a mais comum no

restante do Brasil<sup>126</sup>, de modo a ser considerado um traço gradual da língua. Porém, a norma padrão não prescreve tal ocorrência, mas é esta e não aquela a forma que é possível verificar na fala da sertaneja Cordulina: “acho até que vou morrer. Dá-me aquela zoeira na cabeça!” (QUEIROZ, 1981, p.46); ou na fala da idosa Dona Inácia: “tome isto! Tinha-me esquecido de dar! [...]. Faz-me mal aos nervos” (QUEIROZ, 1981, p.105.106). Outro exemplo é o emprego do futuro do presente do indicativo pela personagem Dona Nácia<sup>127</sup>: “minha filha, para que uma moça precisa saber disso? Você quererá ser doutora, dar para escrever livros?” (QUEIROZ, 1981, p.92), um tempo verbal que Mário Marroquim atesta não ser usado pelos falantes nordestinos (1934, p.116).

Outros momentos da obra que mais declinam para os eventos de letramento se dão nas manifestações da narradora, que se serve da variante culta da Variedade Nordestina; nas falas da personagem Conceição, que é professora; e pela descrição de proximidade que as personagens Conceição e Lourdinha mantêm com o mundo da escrita (obras literárias e filosóficas) – proximidade que pode ser observado nas referências que Conceição e Lourdinha fazem a literatos nacionais e internacionais:

**a)** “era uma velha história polaca, um romance de Sienkiewicz, contando casos de heroísmos, rebeliões e guerrilhas. [...] Largou-o, tomou os outros — um volume de versos, um romance francês de Coulevain.” (QUEIROZ, 1981 p.4).

**b)** “e a moça (Conceição) comparou dona Inácia àquelas senhoras de alma azul, de que fala o Machado de Assis...” (QUEIROZ, 1981 p.58).

**c)** “Mãe Nácia, eu digo como a heroína de um romance que li outro dia: ‘Não sei amar com metade do coração...’<sup>128</sup>” (QUEIROZ, 1981 p.94).

**d)** “fitando-o pensativamente, (Lourdinha) lamentou no irmão uma dessas penas de amor, igual às que exaltavam os heróis dos seus romances, e viu nele um ‘grande industrial’ ou um galã de Escrich...” (QUEIROZ, 1981 p.101-102).

Conceição também faz referência a obras de caráter filosófico que defendiam posições de empoderamento feminino, como neste caso: “No meu tempo, moça só lia romance que o padre mandava... Conceição riu de novo: isso não é

<sup>126</sup> MARROQUIM, 1934, p.185; CUNHA; CINTRA, 2001, p.316-317.

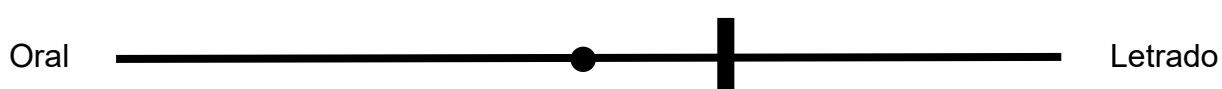
<sup>127</sup> Na obra, a narradora afirma que Dona Inácia valia-se do auxílio de Conceição como “intérprete de língua mais expedita e mais bem informada” (QUEIROZ, 1981 p.57).

<sup>128</sup> Esta é uma citação direta de uma fala da personagem Marianne Dashwood, da obra *Razão e Sensibilidade* (*Sense and Sensibility*), de 1811, da autora inglesa Jane Austen (1755 – 1817). Rachel de Queiroz traduziu várias obras desta autora para o Brasil.

romance, Mãe Nácia. Você não está vendo? É um livro sério, de estudo..." (QUEIROZ, 1981 p.92).

Por sua vez, quando o foco está na obra *As Três Marias*, é possível observar que para a aferição do *Continuum de Oralidade-Letramento*, analisando a obra como um todo, esta **nos fornece a noção de proximidade com o ponto medial do *continuum*, com ligeira inclinação ao extremo que aponta para os eventos exclusivamente de modalidade escrita.**

**Figura 9** – *Continuum de Oralidade-Letramento em As Três Marias*



Fonte: O autor.

Como salienta Bortoni-Ricardo (2004, p.62), as fronteiras neste *continuum* são fluidas, de modo que um evento da oralidade pode vir marcado pelo âmbito da escrita e vice-versa. E é por este motivo que mesmo sendo uma produção escrita a obra *As Três Marias* não se apresenta no extremo à direita do *continuum*, haja vista as características modernistas da autora, fazendo com que palavras e expressões utilizadas na oralidade (ou como marcas da oralidade) sobrevenham, tanto nas manifestações vindas de Maria Augusta como narradora (a que escreve) quanto em suas falas como personagem, em discurso direto, fazendo com que o *continuum* se mova em direção à oralidade.

Identificável na atuação de Maria Augusta enquanto narradora, o fenômeno que explicaria esta nossa análise é o da substituição do pronome pessoal < nós > por < a gente >, e consequente substituição do pronome oblíquo átono da primeira pessoa do plural, < nos >, pelo pronome < se >, da terceira do singular, em uma oração com o verbo < habituar > no pretérito mais-que-perfeito, como observado em: “a gente se habituara, no Colégio, a viver os namoros dos outras como um romance comum a todas” (QUEIROZ, 1982, p.86, grifo nosso).

Mário Marroquim (1934, p.113.180-182) destaca que a ocorrência da substituição pelo pronome < a gente >, e a subsequente conjugação do verbo na terceira pessoa, ‘era uma construção oral própria de pessoas menos instruídas’, mas que estava se tornando recorrente mesmo junto aos mais instruídos; já no caso do

verbo no pretérito mais-que-perfeito, este é enfatizado como sendo “*desconhecido na língua do povo*” (MARROQUIM, 1934, p.117).

Nas manifestações de Maria Augusta enquanto personagem, a despeito de ocorrências de construções típicas da oralidade, como a utilização da expressão < *doidice* > em: “— Não, nem pense nisso! Já foi uma doidice minha ter vindo aqui! Você quer agora... Ele, entretanto, insistia, [...]” (QUEIROZ, 1982, p.132, grifo nosso), é possível constatar construções sintáticas que se coadunam perfeitamente com a expressão escrita e culta desta variedade.

Um exemplo desta presença das marcas da língua escrita e culta em representações que deveriam transparecer a oralidade e o popular, pode ser constatado aqui: “— Você, um dia, vai me buscar... Ou então, daqui a um ano, eu venho. Nunca mais mude de casa, esperando por mim...” (QUEIROZ, 1982, p.175). Na frase destacada observa-se a preferência no uso do pronome pessoal < *você* > em detrimento do pronome < *tu* >, uma opção aparentemente comum e normal em outras variedades na fala popular, mas que segundo Marroquim (1934, p.111), pelo fato de o pronome < *tu* > emprestar “tom postiço e falso, de ênfase e presunção” à oração, o pronome < *você* > seria o pronome de segunda pessoa mais usado na fala culta, embora o pronome < *tu* > seja o mais recorrente na fala popular<sup>129</sup>.

Salientamos que na obra como um todo (abarcando a fala de outras personagens) há apenas uma ocorrência do pronome < *tu* >, que é utilizado na fala de uma personagem negra que não se reconhece partícipe da cultura letrada, assim trazida: “a Matilde (a negra velha) me diz sempre: — *Estuda, menina, estuda! Tu não é branca? Sina de branco é aprender!*” (QUEIROZ, 1982, p.110, grifo nosso). A inadequação entre o pronome e a flexão do verbo ‘ser’, tal como observado na fala de Matilde, é um fenômeno que ocorre apenas neste momento da obra, explicado pelo fenômeno da simplificação verbal que, até aquela época, era apenas identificado na fala de pessoas menos instruídas (MARROQUIM, 1934, p.115).

Outro exemplo é constatado, em alguns casos, no afastamento total da Variedade Nordestina e uma aproximação do modelo da Gramática Tradicional, como no caso de emprego do < *que* > interrogativo: “— Afinal de contas, que é o mal, que é o bem, que é o amor do próximo?” (QUEIROZ, 1982, p.187, grifo nosso). Mário Marroquim atesta que no Nordeste “*é de todas as classes o emprego do que*

<sup>129</sup> Marroquim (1934, p.111) também identifica os pronomes < *você* > e < *vós* >, mas afirma que < *tu* > é o mais recorrente na fala popular.

*interrogativo precedido do artigo. Sintaxe condenada pelos gramáticos, é corrente em todo o Brasil e, no Nordeste, daquelas que, pela sua vulgarização, não será possível erradicar da linguagem*” (1934, p.217), o que não se averigua nesta manifestação oral da personagem.

Já na análise da obra *Memorial de Maria Moura*, averiguamos que os fenômenos fonéticos e fonológicos característicos da Variedade Regional Nordestina podem ser identificados na obra evidenciando um dos elementos que promovem sua aproximação do uso popular e oral da Língua Portuguesa empreendido pelos falantes daquela região do Brasil. Os metaplasmos prótese, paragoge, aférese, síncope, monotongação, aglutinação, metátese, apofonia, iotização e rotacismo, presentes na obra e por nós destacados, dentro da própria variedade em questão, segundo o que constatamos, não podem ser vistos como descontínuos, mas graduais, uma vez que presentes na fala dos mais diversos personagens, com os mais variados graus de escolaridade.

O fenômeno da prótese caracteriza-se como sendo o acréscimo de fonema no início da palavra, e é o que identificamos na alteração da palavra < ruído > para < arruído >, como utilizada por Maria Moura, como narradora: “Chico Anum chegou ao capricho de amarrar uns trapos nos cascos dos animais, para abafar qualquer arruído nas pedras do caminho” (QUEIROZ, 1992, p.65-66, grifo nosso).

A paragoge, por sua vez, é aquele evento linguístico que traz o acréscimo de fonema no final da palavra, tal como constatamos nesta manifestação de Tonho, como narrador: “da frente, dez vez em quando, vinha um tiro” (QUEIROZ, 1992, p.58, grifo nosso), na qual a preposição < de > recebe o acréscimo do fonema / z /, comutando-se em < dez >.

Por sua vez, a aférese é o fenômeno linguístico que denomina a supressão de um fonema no início de uma palavra, como em < arrematar >, que é convertida em < rematar >, neste pronunciamento de Maria Moura, enquanto narradora: “para rematar, para deixar tudo mais perigoso, segurei o rosto do rapaz entre as mãos e lhe dei um beijo na face” (QUEIROZ, 1992, p.26, grifo nosso); ou na fala de uma criança, filho de um empregado da Fazenda Atalaia: “— Inhô sim” (QUEIROZ, 1992, p.313, grifo nosso), na qual < sinhô > transforma-se em < inhô >.

No caso da supressão de um fonema no interior da palavra, o fenômeno correspondente é a síncope, como podemos perceber nesta fala de Mestre Luca: “o pano está detrriorado, mas ainda encobre o corpo...” (QUEIROZ,

1992, p.242, grifo nosso), que utiliza a palavra < deteriorado > com a supressão do fonema / e /; ou no pronunciamento de Maria Moura, enquanto narradora, quer suprimindo o fonema / b / da palavra < substância >: "mandava preparar um caldo de sustância, para me levantar as forças" (QUEIROZ, 1992, p.19, grifo nosso), quer ao utilizar a palavra < antipazado > no lugar de < antipatizado >, na manifestação a seguir: "eu até me arrependia de ter antipazado com o cabra" (QUEIROZ, 1992, p.330, grifo nosso).

A monotongação é o fenômeno linguístico marcado pela supressão de um fonema no final da palavra, tal como Rana e os demais moradores de 'As Bruxas' se referiam ao Tio Franco, como constatado aqui: "— Pasto, só se o Ti Franco deixar [...]" (QUEIROZ, 1992, p.276, grifo nosso), suprimindo o fonema / o /.

A junção de fonemas é o fenômeno denominado aglutinação, como observamos na fala do Beato Romano, enquanto personagem, quando < Nosso Senhor > é comutado em < Nossunhô >, em referência a uma expressão utilizada por alguém que ele chama de "negro velho": "— Também não podia ser... Ele não era coxo e, a toda hora, estava falando em 'Nossunhô Jesus Cristo..." (QUEIROZ, 1992, p.209, grifo nosso).

Metátese é identificável quando há um deslocamento de um fonema no interior de uma sílaba, em uma palavra, como no caso do fonema / r / em < pru quê >, no lugar de < por quê >, na seguinte fala de uma das crianças do vilarejo 'As Bruxa': "— Pru quê?" (QUEIROZ, 1992, p.275, grifo nosso).

No caso da apofania, que, dentre outras ocorrências, é um fenômeno que tanto está vinculado ao abaixamento ou alteamento de algumas vogais, identificável na passagem da vogal / o / para a vogal / u / (alteamento), ou na passagem da vogal / i / para / e / ou da vogal / u / para / o / (abaixamento), podemos encontrá-la quando < por quê > é convertido em < pru quê > nesta fala de uma criança: "— Pru quê?" (QUEIROZ, 1992, p.275, grifo nosso); quando, na fala de Libânia, a palavra < intrujo > é comutada em < entrujo >, em: "se me trouxerem uns panos, linha e agulha, eu ainda entrujo uma camisa e umas ceroula pros moços" (QUEIROZ, 1992, p.119, grifo nosso); ou mesmo, quando a palavra < curumim > torna-se < corumim >, nesta manifestação de Maria Moura, enquanto narradora: "Tabitê, tinha aumentado o rancho, criava os mesmos bodes e vivia com a mulher e a mãe dela e uma ninhada de corumim" (QUEIROZ, 1992, p.81, grifo nosso).

O fenômeno da iotização é descrito como sendo aquele no qual se constata a mutação do fonema / λ /, tal como ocorre na palavra < mulher > nesta referência de Maria Moura, como narradora, à fala de alguns cangaceiros: “naquela noite mesmo iam acabar com uns amarelos da ‘muié-home’” (QUEIROZ, 1992, p.295, grifo nosso); ou nesta citação ao modo como os velhos negros Amaro e Libânia se referiam a Roque, negro fugido, assim como eles: “velho amigo do Amaro e da Libânia, que só o tratam por ‘meu fio’” (QUEIROZ, 1992, p.171, grifo nosso), na qual a palavra < filho > é comutada por < fio >; ou, ainda, nesta manifestação de Maria Moura como narradora, quando ela usa a palavra < véia > em vez de < velha >: “toda a parte de baixo do queixo, aquela pele fina, véia, tendão que passa por ali, ficou tudo inchado, eu parecia até que estava com papeira” (QUEIROZ, 1992, QUEIROZ, 1992, p.201, grifo nosso).

O rotacismo é aquele fenômeno linguístico no qual o fonema / l / é substituído pelo fonema / r /, e que pode ser identificado neste trecho: “mal apeou do cavalo, o Tonho frechou pra ele de faca na mão” (QUEIROZ, 1992, QUEIROZ, 1992, p.297, grifo nosso), quando Maria Moura, enquanto narradora, utiliza a palavra < frechou > no lugar de < flechou >.

Por sua vez, no caso das inadequações linguísticas quanto à flexão de número, gênero e grau das palavras, nesta obra de Rachel de Queiroz, tal como Mario Marroquim (1934, p.99) destaca para a Variedade Nordestina, tais ocorrências são mais comumente verificáveis nas práticas linguísticas de pessoas com menor instrução letrada. No caso específico desta obra, os grupos que representam esses com menor instrução são compostos por alguns escravos e seus filhos, por negros cativos, crianças (de um modo geral), e pelos moradores em um vilarejo da terceira geração de migrantes da Prússia (QUEIROZ, 1992, p.282-284); é de se salientar que mesmo dentre os ‘cabras’ de Maria Moura não há ocorrências de solecismos.

No caso dos substantivos e adjetivos qualificativos, mesmo em construções no plural, estes permanecem no singular (MARROQUIM, 1934, p.103) – como pode ser observado em uma construção da fala de um menino, filho de escravos: “o Simão toma conta dos negros novo, no eito” (QUEIROZ, 1992, p.313, grifo nosso); ou nesta constatação, por parte do Padre José Maria, do modo como os habitantes do vilarejo assim o denominavam: “me toquei para o lugar que se chamava Bruxa — ou ‘as Bruxa’, como eles dizem” (QUEIROZ, 1992, p.273, grifo nosso).

Mantendo-se em estreito vínculo<sup>130</sup> linguístico com a realidade a qual pretende representar<sup>131</sup>, nesta obra de Rachel de Queiroz percebemos que o pronome < tu >, diferente de como frisa Mário Marroquim, não é empregado na forma culta da Variedade Nordestina, uma vez que este pronome carregaria consigo “*tom postiço e falso, de enfase e presunção*” (1934, p.111).

Das sete vezes que esse pronome foi utilizado em toda a obra, por seis vezes esse emprego ocorreu por personagens de posição social precária ou com baixa instrução: pelo menino Onofre: “se tu vê algum dia meu Sinhô Padre, entrega tudo direitinho [...]” (QUEIROZ, 1992, p.169, grifo nosso), e neste caso, com inadequação de concordância verbal, inclusive; por Jove, citando o finado marido, Terto: “quando eu pegar num dinheiro, compro um vestido novo pra tu e aí a gente vai na vila e se casa” (QUEIROZ, 1992, p.233, grifo nosso); pelo negro idoso, Seu Dão “— ‘Zé de Sousa, de onde é mesmo que tu vens?’” (QUEIROZ, 1992, p.250, grifo nosso); por Seu Tônico, pai de Valentim “Tu irás dar à luz um pequerrucho belo como o lume e bom como o pão...” (QUEIROZ, 1992, p.287, grifo nosso); e em dois trechos de uma mesma fala de Rubina, o primeiro deles citando Firma, inclusive, com problemas na concordância verbal: “responde, diabo! Responde que tu não está morta! Só muito depois tu chegaste, meu filho” (QUEIROZ, 1992, p.298, grifo nosso).

A única vez que o pronome < tu > é utilizado por uma personagem com um pouco mais de escolaridade se dá em uma autocitação de Maria Moura, como narradora. Mas como será possível observar, o tom empregado é justamente de superioridade frente a seu interlocutor, Cirino, como se lhe estivesse repreendendo: “que é que tu estás aprontando?” (QUEIROZ, 1992, p.389, grifo nosso).

O emprego do superlativo sintético, preterido na fala popular em detrimento do superlativo analítico (MARROQUIM, 1934, p.107), é assim verificado na fala das personagens portadoras de menor escolaridade, já no caso da prática linguística daquelas de maior escolaridade, constatamos apenas dez vezes sua utilização, com três ocorrências em narrações de Maria Moura: < afobadíssimo > (QUEIROZ, 1992, p.37), < muitíssimo > (QUEIROZ, 1992, p.141.322); uma única na fala, também de Maria Moura, como personagem: “— Está preso. Mas muitíssimo

---

<sup>130</sup> Estreito, não total.

<sup>131</sup> MARROQUIM, 1934, p.193.

encoberto, ninguém sabe disso” (QUEIROZ, 1992, p.452, grifo nosso); quatro ocorrências em narrações do Beato Romano: < naturalíssimo > (QUEIROZ, 1992, p.101), < assustadíssimo > (QUEIROZ, 1992, p.107), < importantíssimo > (QUEIROZ, 1992, p.183), < diferentíssimo > (QUEIROZ, 1992, p.247); uma ocorrência na fala de Dona Joaninha Nogueira<sup>132</sup>: < muitíssimo > (QUEIROZ, 1992, p.184); e também uma ocorrência em uma narração de Marialva: “Seu Tonico mudou *muitíssimo* depois daquele triste sucesso” (QUEIROZ, 1992, p.286, grifo nosso).

A autora, no intuito de aproximar ainda mais sua obra do uso oral da língua, também dispõe de sinais gráficos e outras estratégias estilísticas para isto, e é o que ocorre com o recorrente uso de reticências < ... >, empregadas para a introdução do silêncio ou para a troca de turno de fala entre personagens ou entre personagens e o narradores – como pode ser observado nos exemplos, o primeiro, de uma fala de Cirino: “— Vou por aí... quero conhecer o mundo... Bahia, Recife, Crato... Ando pensando...” (QUEIROZ, 1992, p.393); o segundo, na troca de turnos entre Maria Moura como narradora e como personagem:

E aí eu dei outra prova da minha inocência:  
— Pois eu pensava que pólvora se compra junto com as armas e vem tudo de país do estrangeiro...  
Ainda me falta muita coisa pra aprender! (QUEIROZ, 1992, p.39).

Há, ainda, a estratégia de emprego de aspas e de letras maiúsculas, que atuam como ferramenta capaz de expressar graficamente uma suposta mudança de entonação na ‘voz’ daquele que faz uso do turno de fala, seja personagem, seja narrador – como podemos observar nesta manifestação de Maria Moura, enquanto narradora, ao referir-se a seu padrasto, Liberato:

Ai, eu tinha que procurar ajuda. Chiquinha e Zita, as minha cunhãs? Nem pensar. Como é que iam enfrentar o Liberato, se já morriam de medo dele? As duas juntas chegaram a me dizer, chorando, quando Mãe morreu, que aquilo só podia ser obra ‘Dele’. Falavam no Liberato como se fala no diabo, sem dizer o nome, só ‘Ele’. E se não fugiam é porque tinham pena de me deixar sozinha e também porque tinham mais medo ainda de que ele as pegasse pelos caminhos (QUEIROZ, 1992, p.24).

Reafirmando o que Mário Marroquim nos apresenta quanto à conjugação verbal no pretérito mais que perfeito, sendo desconhecida na língua do povo (1934, p.117), e, com isto, reforçando os laços da autora com uma produção literária estilisticamente mais capaz de representar o uso popular da Variedade

<sup>132</sup> Esta personagem é dona da fazenda na qual o Padre atuou como tutor de seu filho, isto até que sua identidade fora descoberta.

Nordestina da Língua Portuguesa do Brasil, agora desfolclorizada (BUENO, 2006, p.23.157), tal conjugação, nesta obra, aparece uma única vez, em uma manifestação de Maria Moura enquanto narradora, a saber: “o Beato repetiu o sestro que ele pegara, de apertar a corda na cintura” (QUEIROZ, 1992, p.381, grifo nosso).

Salientamos que Maria Moura não apenas faz parte de um grupo social mais abastado, mas é descrita como tendo recebido formação letrada, tendo sido seu pai quem lhe alfabetizara (QUEIROZ, 1992, p.356-357), ela também incentivou a iniciativa do Beato Romano em querer alfabetizar seus ‘cabras’ (QUEIROZ, 1992, p.356-368); e embora Maria Moura enfatize não ser “doida por romances” (QUEIROZ, 1992, p.356), e que em sua casa não havia obras literárias, na verdade, havia, sim, uma obra, *A Vida de Carlos Magno e Os Doze Pares da França*, na qual ela afirma ter aprendido a ler, indo, posteriormente, para a escola (QUEIROZ, 1992, p.356-357).

Por sua vez, a mesma formação não fora adquirida por seus primos Tonho e Irineu, descritos como brutos e ignorantes, e segundo a narração de Maria Moura, o Tonho mal sabia escrever o próprio nome, diferentemente de Duarte, que sabia ler, escrever e calcular – isto tudo ressaltando que os primos tiveram a mesma professora, a mãe de Tonho e Irineu, a Tia Lica (QUEIROZ, 1992, p.296).

Um detalhe interessante que enfatiza a proximidade da obra com eventos linguísticos típicos de práticas letradas e um afastamento das práticas orais pode ser observado no que se refere aos pronomes < comigo > e < contigo >, este último desconhecido da fala popular, enquanto o outro, segundo Mário Marroquim (1934, p.113), pouquíssimo utilizado na língua dos mais simples.

Ao passo que o pronome < contigo > é utilizado uma única vez, e nesta ocasião, na fala de um dos capangas de Maria Moura, Maninho: “a gente queria o Beato Romano perto de nós [...]. Pra dizer ‘Jesus seja contigo...” (QUEIROZ, 1992, p.481, grifo nosso), em uma citação da fala ritual do referido Beato; por sua vez, o pronome < comigo >, embora pouquíssimo presente na fala popular, é uma expressão observada de modo recorrente e abrangente nas falas de personagens e nas manifestações de narradores tanto mais quanto menos instruídos, tal como observamos, quer na narração do Beato Romano: “outro tiro. Não devia ser comigo” (QUEIROZ, 1992, p.7, grifo nosso); quer na fala de Maria Moura: “— Quem é o senhor? Tem negócio comigo?” (QUEIROZ, 1992, p.10, grifo nosso); ou mesmo, na fala de personagens como o caboclo Jardimino: “— E a

Sinhazinha tinha coragem de se casar comigo?” (QUEIROZ, 1992, p.25, grifo nosso); ou na narrativa de Tonho: “tinha prevenido os rapazes que se juntassem comigo e atacamos a porta” (QUEIROZ, 1992, p.58, grifo nosso).

Dentre algumas manifestações linguísticas desconhecidas do povo (MARROQUIM, 1934, p.171), na obra há muitas ocorrências de ênclise, quer na fala das personagens, quer nas manifestações dos narradores, não se reduzindo àqueles portadores de maior instrução letrada, como verificamos, com certa frequência, nas falas do Beato Romano: “baixou-se sobre mim, tocou-me o ombro, puxou-me pela mão” (QUEIROZ, 1992, p.166, grifo nosso); mas, inclusive, constatamos ênclise em alguns pronunciamentos de Tonho, quer como narrador: “quando a labareda grande subiu, deu-se um grande estalo na cumeeira” (QUEIROZ, 1992, p.67, grifo nosso), quer como personagem: “— Foi-se a casa do Limoeiro!” (QUEIROZ, 1992, p.70, grifo nosso); em narrações de Irineu: “à Maria Moura, com certeza acabava com ela, depois de lhe quebrar os dentes ou ferrá-la com ferro em brasa” (QUEIROZ, 1992, p.50, grifo nosso); ou mesmo, na fala de uma criança do vilarejo ‘As Bruxas’, no qual os moradores são marcados por diversos solecismos, destoando esta fala de Rana: “— Com uns quatro dias ela foi-se embora. Não acabou nem a semana...” (QUEIROZ, 1992, p.282, grifo nosso) – é a isto que Luís Bueno chama atenção ao dizer que a estética modernista promove que o narrador saia de seu pedestal e o abismo entre sua linguagem e a linguagem da fala popular sejam superados (2006, p.155.23).

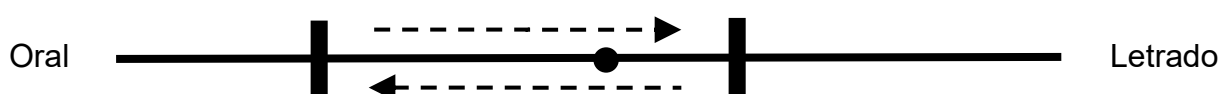
Por fim, e não menos importante, temos o dado de que há diversas referências da autora a produções do âmbito do letramento, promovendo um vínculo, mesmo que indireto, das figuras do Beato Romano e de Maria Moura com o mundo letrado e de uma formação superior aos demais – dentre as obras citadas pelo Beato Romano, temos o clássico de Camões, *Os Lusíadas* (QUEIROZ, 1992, p.204-205), a biografia de João Brandão (conhecido como ‘*O Terror da Beira*’ (QUEIROZ, 1992, p.204), uma obra religiosa intitulada *Santuário Doutrinal*, com a vida dos santos da Igreja Católica (QUEIROZ, 1992, p.203), e ao *Jornal do Commercio*, que circulava no Rio de Janeiro<sup>133</sup> (QUEIROZ, 1992, p.204); no caso de Maria Moura, temos a obra intitulada *A Vida de Carlos Magno e Os Doze Pares da França* (QUEIROZ, 1992, p.356-357).

---

<sup>133</sup> Este jornal circulou por 189 anos, de 1827 até 2016.

Deste modo, a partir dos elementos apresentados até aqui, e, mesmo, devido ao caráter fluido do *Continuum de Oralidade-Letramento* (BORTONIRICARDO, 2004, p.62), aferimos que **na totalidade desta obra, o referido continuum encontra-se oscilando entre os dois extremos, com uma preponderância para o extremo das práticas orais**, deixando clara as características modernistas nesta produção romanesca, por parte de Rachel de Queiroz – como representamos na figura que segue:

**Figura 10** – *Continuum de Oralidade-Letramento em Memória de Maria Moura*



Fonte: O autor.

Fixando-nos, agora, em um olhar global **para as três obras** que estamos analisando nesta nossa tese, no que se refere ao *Continuum de Oralidade-Letramento*, é possível perceber que, no conjunto delas – fazendo valer os preceitos modernistas, de escrever com “uma língua mais próxima da fala” (BUENO, 2006, p. 23) – **há, nas obras, uma maior presença de manifestações linguísticas identificáveis com práticas da oralidade.**

### 5.3 OLHANDO PARA OS GRAUS DE PLANEJAMENTO ESTILÍSTICO

O próximo *continuum* a ser analisado é o *Continuum de Monitoração Estilística*, que visa aferir o grau de atenção e planejamento no emprego da linguagem por parte dos falantes (das personagens e de quem narra), pois, a depender do ambiente discursivo, do interlocutor, da temática do diálogo e do gênero discursivo, pode haver alteração no estilo de linguagem utilizada (BORTONIRICARDO, 2005, p.41) – haja vista que “não existe falante de estilo único” (LABOV, 2008, p.243).

No caso específico dos gêneros discursivos, alguns deles encontram-se especialmente vinculados ao domínio da escrita e a eventos de letramento da escrituralidade, com formas mais rigorosas e restritivas que aquelas

da oralidade, demandando, por sua natureza, maior planejamento e normatização (MARCUSCHI, 2010, p.27), e, por consequência, um uso mais monitorado da língua. É isto o que se dá com o gênero romance, do qual a obra *O Quinze* se vale, e outros gêneros como o hino e a passagem (bilhete de embarque) – estes últimos também presentes no romance ora em análise.

Entretanto, um dos maiores indicativos da inclinação desta obra de Rachel de Queiroz a um uso mais formal da língua pode ser encontrado no modo com o qual quem narra se apropria da Variedade Nordestina. O papel onisciente exercido pela figura de quem narra na história, não apenas descrevendo, mas comentando acerca das intenções e sentimentos das personagens, graças às temáticas decorrentes dessa ação, dá às construções linguísticas um caráter mais complexo e com maior formalidade, justificando-as.

Um exemplo deste uso de caráter mais formal por parte de quem narra está no emprego da ênclise, e, em decorrência disto, a não conversão dos pronomes oblíquos em pronomes pessoais – uma prática que Mário Marroquim reconhece como não sendo a mais comum entre aqueles que se valem da Variedade Nordestina, pois “*o nominativo exige menos esforço de interpretação; indica diretamente a pessoa gramatical; é mais instintivo que os casos oblíquos*” (1934, p.171), e reforça afirmando que “*esse emprego é geral em todo o Brasil. É construção que dificilmente será extirpada do falar brasileiro, pois atingiu todas as classes sociais*” (1934, p.176).

Assim, diversamente do uso comum e recorrente, a figura narradora opta pela construção < pô-lo > ao em vez das formas < pôr ele > ou < pôs ele >, e mesmo, evita a substituição do verbo < pôr > pelo verbo < botar > ou < colocar > (forma reconhecida como mais polida) – haja vista que, segundo Amadeu Amaral (1982, p.52-53) e Antenor Nascentes (1981, p.104.136), < botar > é a forma mais comum de uso pelos falantes, independente da classe social, abarcando o significado de < pôr >, < colocar >, < deitar >, < assentar > e < meter >. Destacamos as seguintes ocorrências nas quais identificamos o que expusemos anteriormente: “depois dobrou o papel, tornou a pô-lo no lugar” (QUEIROZ, 1981, p.14); e “Conceição reabriu o livro — pô-lo sobre os joelhos” (QUEIROZ, 1981, p.93).

Outro exemplo, ainda referente à figura de quem narra, está no emprego que é feito do pretérito mais-que-perfeito, um tempo verbal “*desconhecido na língua do povo*” (MARROQUIM, 1934, p.117), e que pode ser averiguado na

aplicação dos verbos < ir > e < conhecer >, no trecho a seguir: “Vicente sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo o que era inculto e rude. Sempre o conhecera querendo ser vaqueiro como um caboclo desambicioso” (QUEIROZ, 1981, p.10).

Também a figura da personagem Conceição, graças a sua formação como professora (QUEIROZ, 1981, p.5.52-55) e seu gosto pela leitura (QUEIROZ, 1981, 58.94.101-102), apresenta algumas manifestações da linguagem que destoam do uso comum e popular, tal como a expressão < mormente >, observada no trecho a seguir: “as filhas também são muito boas, não são? A Zefinha mormente...” (QUEIROZ, 1981, 56).

Todavia, além das ocorrências que denotam um uso mais formal da língua na obra, inclinando-a para este extremo do *Continuum de Monitoração Estilística*, concomitantemente, há presença constante de diversas expressões idiomáticas nos turnos de fala de quem narra e de várias das personagens (inclusive de Conceição), evidenciando uma forte relação da obra com a linguagem oral e mais informal (PRETI, 1991, p.62.65-66).

Dentre as referidas expressões idiomáticas destacamos duas. A primeira diz respeito à manifestação da personagem Dona Inácia: “Moça que pega a escolher muito, acaba ficando na peça...” (QUEIROZ, 1981, p.92), neste caso a expressão < ficando na peça > é usada com o sentido de “ficar solteirona, ficar para tia/titia” (AULETE, 2021). A segunda refere-se a uma das manifestações de quem narra: “Desengonçadamente, numa indiferença de macaco pensativo que se agacha num encontro de galhos e ali fica” (QUEIROZ, 1981, p.15), no caso, a expressão < indiferença de macaco pensativo > faz referência à aos três macacos sábios do folclore japonês. O conjunto das 67 expressões levantados por nós nesta obra consta no quadro 1 do apêndice A.

Outro exemplo desta alteração estilística menos monitorada, mesmo por parte de pessoas com maior instrução letrada, em *O Quinze*, adaptando-se ao interlocutor, é o emprego do advérbio < mais > com o sentido da preposição < com >, e que segundo Marroquim (1934, p.173-174) é muito preferido na fala de pessoas de baixa instrução, mas que pode ser constatado na fala do delegado Luís Bezerra em um diálogo com seu compadre Chico Bento: “naturalmente tinha ido embora mais eles” (QUEIROZ, 1934, p.61).

O fenômeno da repetição lexical, como típica ocorrência da oralidade, na qual verifica-se a simultaneidade da produção e difusão do texto no eixo temporal (PRETI, 1999, p.136), também testifica um emprego mais informal da linguagem na obra. Em *O Quinze* é possível constatar este fenômeno por algumas vezes em manifestações de quem narra, dentre as quais destacamos: “a água dos riachos afina, afina até se transformar” (QUEIROZ, 1981, p.6); e “Chico Bento cortava, cortava sempre, com um movimento febril de mãos, enquanto o Pedro, comovido e ansioso, ia segurando o couro descarnado” (QUEIROZ, 1981, p.48).

Em decorrência das informações trazidas até então, **é possível aferir esta relação de uso mais formal e informal da Variedade Nordestina da Língua Portuguesa como ocupando a posição medial do *continuum***, tal como representado na figura a seguir:

**Figura 11** – *Continuum* de Monitoração Estilística em *O Quinze*

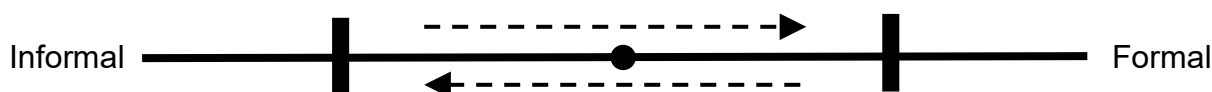


Fonte: O autor.

Voltamo-nos, agora, para a análise da obra *As Três Marias*, nesta produção de Rachel de Queiroz é possível identificarmos que há uma diferenciação no emprego da linguagem pela autora quando Maria Augusta se alterna nos papéis de narradora e personagem. **Quando é assumido o papel de narradora, o emprego da Variante Regional Nordestina movimenta-se entre as proximidades dos dois extremos do *continuum*** devido à alternância entre as modalidades formais e informais da Variedade Nordestina no decorrer na obra, podendo ser assim aferido:

**Figura 12** – *Continuum* de Monitoração Estilística em *As Três Marias*, referente à

narradora



Fonte: O autor.

Esta constatação pode ser explicada pelo fato de a obra pertencer ao Modernismo da geração de 30, que procura diminuir o abismo entre a linguagem intelectualizada daquela das camadas mais baixas da população (BUENO, 2006, p.23), preocupando-se tanto em valorizar a fala natural e cotidiana, quanto em não deixar de lado influências da gramática prescritiva e da necessidade de certa adequação àquilo que se esperava do gênero romance naquele momento histórico.

Como atestado por Bortoni-Ricardo (2005, p.41), o uso mais formal, e, portanto, mais monitorado da língua, de modo geral, é encontrado quando existe uma preocupação com a complexidade do tema a ser exposto, e é justamente este um dos motivos pelos quais Maria Augusta toma para si o turno de fala enquanto narradora. Pode-se averiguar este dado quando a narradora assume o turno de fala para emitir um juízo moral sobre o que estava ocorrendo, como na descrição sobre as orações de Maria José, e para emitir um juízo sobre o fato, promovendo um monólogo sobre o tema da piedade e amor ao próximo:

Maria José rezava. Rezava o seu exercício predileto, as meditações sobre a Paixão. De momento em momento, tomava o crucifixo nas mãos e beijava uma das chagas da imagem. O Cristo era de gesso, encarnado em cores violentas, com grandes lágrimas de sangue salpicando-lhe o corpo, cachos dourados e olheiras dum roxo de flor. Não parecia um morto, no meio de tantas cores. Porém Maria José o via morto, via a tragédia, e chorava e batia no peito.

Será possível que ela se comova realmente, sofra realmente, só na evocação mental, quase literária, daquele drama longínquo?

Que é piedade, que é caridade, que é amor do próximo? Que é que nos dói na dor alheia, qual a impressão que verdadeiramente nos causam, os sofrimentos dos outros?

Por mim, penso que eles só têm importância para nós quando assumem um aspecto direto, imediato, físico: quando se vêem.

Diante da ferida aberta dum desgraçado, qualquer coisa, o estômago talvez, revolve-se dentro de mim; a gente ressentido o mal físico do outro, sofre com ele. Porém, mesmo isso precisa ser muito brutal, muito visível, para impressionar profundamente. A fome dos outros é sempre, em princípio, uma *idéia* abstrata. E as *idéias* abstratas atingem a inteligência, mas dificilmente abalam o coração. É preciso que a gente **veja** a fome, que a gente **sinta** a fome (QUEIROZ, 1982, p.186-187, grifos nosso e da autora).

Já o uso de expressões idiomáticas (frases, refrões, provérbios, expressões provenientes da memória coletiva oral, comumente melódicas, facilitando a memorização, e que expressam um modo peculiar de ver e manifestar sua visão de mundo), segundo Preti (1991, p.62.65-66), são uma mostra da

presença influente da linguagem oral e menos monitorada mesmo em textos escritos e de maior formalidade.

Corroborando o que já fora dito, destacamos duas das manifestações de Maria Augusta enquanto narradora e que trazem essas expressões idiomáticas. A primeira delas trazendo a expressão < de chofre >, utilizada no sentido de “repentinamente” (MICHAELIS, 2000, p.488), como observado aqui: “Como um conspirador intimado de chofre, do meio das suas bombas” (QUEIROZ, 1982, p.25). A segunda manifestação traz a expressão < sem eira nem beira >, referindo-se a um “estado de completa penúria, na indignância” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1983, p.296), como constatado aqui: “Um boêmio sem eira nem beira” (QUEIROZ, 1982, p.91). O conjunto das 25 expressões que identificamos nesta obra estão apresentados no quadro 2 do apêndice A.

Também o uso do ‘*itálico*’ atua como instrumento de evidência dessa presença da linguagem oral nos textos escritos, com o objetivo de marcar graficamente aquela ênfase ao que está sendo dito, como se naquele momento houvesse uma alteração na entonação daquela palavra, como em: “é preciso que a gente veja a fome, que a gente sinta a fome” (QUEIROZ, 1982, p.187), dando a ênfase que só seria possível se audível fosse.

Há momentos na obra em que a narradora parece dialogar com seu leitor, quando isto ocorre há também a utilização de uma linguagem buscando intimidade, com conotações mais informais, como averiguado neste caso: “falei em livro. É que vivíamos lendo, então. Foi justamente por esse tempo que descobri a literatura. Até essa época eu já lia, naturalmente, mas lia como criança” (QUEIROZ, 1982, p.29).

Entretanto, o trecho a seguir consegue demonstrar com exatidão esse movimento de mescla entre a linguagem formal e informal, empregado pela narradora:

Coitadinho, coitadinho. Tudo era vulgar, mesquinho, sem grandeza. Ele pensara talvez num gesto sublime, a embriaguez ajudara no sonho, imaginara fazer-se grande aos meus olhos, aos olhos de todos, cheio de repente do prestígio terrível, da majestade esmagadora da morte (QUEIROZ, 1982, p.150).

O trecho é iniciado com dois fenômenos típicos da oralidade. Marcando o uso informal temos a repetição e o diminutivo “coitadinho, coitadinho”, todos no intuito de dar afetividade ao tema e criar laços de proximidade com o leitor

– Bortoni-Ricardo (2004, p.47) salienta ser bastante comum às mulheres a utilização do diminutivo em situações menos monitoradas –. Por sua vez, a ocorrência, por três vezes, do pretérito mais-que-perfeito evidencia um uso que, segundo Marroquim (1934, p.117), é totalmente desconhecido da fala popular, apenas empregado na forma escrita e em situações formais por pessoais de maior instrução.

O fenômeno oral da repetição lexical pode ser observado várias outras vezes nas manifestações da narradora, como em: "parecia tão alta, tão alta!" (QUEIROZ, 1982, p.47, grifo nosso); "e rezava, rezava cada vez mais perdidamente" (QUEIROZ, 1982, p.142, grifo nosso); ou "Isaac já estava perdido para mim, perdido, perdido!" (QUEIROZ, 1982, p.176, grifo nosso). Segundo Dino Preti, este fenômeno é de larga recorrência na língua oral devido ao fato de que, na fala, a "elaboração e produção do texto coincidem no eixo temporal" (1999, p.136).

Agora, enquanto na função de personagem, há considerável diferença no trato com a língua para aquele observado até então. Sob o ponto de vista do *Continuum de Monitoração Estilística*, diferentemente do que observado quando Maria Augusta assume a função de narradora, enquanto personagem faz-se evidente uma menor preocupação com o monitoramento no uso da língua, haja vista serem esses momentos marcadamente diálogos com outras personagens, nos quais a informalidade é predominante.

Essa informalidade nas manifestações de Maria Augusta enquanto personagem pode ser identificada pela ocorrência de expressões típicas da oralidade, tais como a dupla negação que, no caso a seguir, serão verificadas em dois momentos do mesmo turno de fala da personagem: "— Eu? Ainda ontem ele esteve aqui, e você bem o viu! Não disse nada, não se queixou. Nunca me disse nada!" (QUEIROZ, 1982, p.147, grifo nosso). Uma explicação para a ocorrência de tal mecanismo deve-se ao fato de a negativa ou as palavras de valor negativo antes do verbo serem percebidas com menos ênfase, necessitando de um reforço de sentido (MARROQUIM, 1934, p.197-198), fenômeno evitado na escrita e em situações de formalidade.

Todavia, embora representação de uma manifestação oral, nos diálogos de Maria Augusta é possível identificar marcas da norma culta e de textos escritos, como neste caso: "— Não fale mais, Aluísio. Briguei com ele. Desiludi-me muito..." (QUEIROZ, 1982, p.145), no qual o estilo empregado traz traços da norma culta da língua ao não utilizar o pronome átono no início da oração, fato comum na

oralidade e que Mário Marroquim reconhece como sendo “*essa a regra geral da colocação em todas as classes; não só no nordeste, como no resto do Brasil*” (1934, p.185).

Esta constatação **pode ser explicitada pela representação da fala da personagem Maria Augusta como ocupando o ponto medial do *Continuum de Monitoração Estilística***, já que comportando, em equilíbrio, características típicas tanto do uso formal quanto informal da Variedade Regional Nordestina:

**Figura 13** – *Continuum* de Monitoração Estilística em *As Três Marias*, referente à personagem Maria Augusta



Fonte: O autor.

Agora, nos voltaremos para a obra *Memorial de Maria Moura*. Nossa análise acerca do grau de atenção e planejamento no emprego da língua por parte dos falantes (personagens e narradores) na obra *Memorial de Maria Moura* – como busca aferir o *Continuum de Monitoração Estilística* (BORTONI-RICARDO, 2005, p.41) – constata tanto da parte de narradores quanto de personagens um uso menos monitorado e mais informal da língua, deixando ainda mais nítida a proximidade que esta produção escrita tem das práticas orais da língua (PRETI, 1991, p.62.65-66).

Evidenciando este emprego menos monitorado e mais informal temos um elenco de 104 expressões idiomáticas encontradas nas falas quer de personagens quer de narradores, alguns destes, inclusive, com maior instrução letrada. É o que identificamos no caso do Beato Romano ao empregar a expressão < pegar um filho >, em referência a “engravidar” (GIRÃO, 2000, p.291), identificada aqui: “até a esposa achava natural; a negrinha achava naturalíssimo. Se pegasse um filho, então, botava um pé no futuro” (QUEIROZ, 1992, p.101, grifo nosso). A grande maioria das expressões idiomáticas utilizadas por narradores ocorre quando Maria Moura ocupa essa posição, como ao utilizar a expressão < fula de raiva >, no mesmo sentido de “doido, amarelo, cego” (GIRÃO, 2000, p.214) de raiva, e como é possível ver neste trecho: “eu não fiquei assustada. Fiquei fula de raiva” (QUEIROZ,

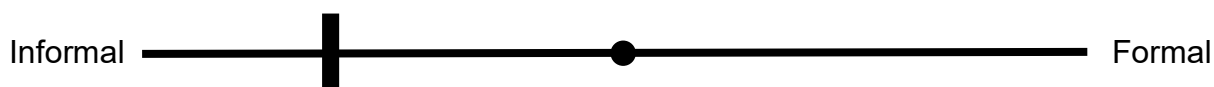
1992, p.196, grifo nosso). O conjunto completo das expressões verificadas nesta obra encontra-se no quadro 3 do apêndice A.

O fenômeno da repetição lexical, típica ocorrência de práticas orais, as quais são marcadas pela simultaneidade da produção e difusão dos textos (PRETI, 1999, p.136), é um dado distintivo do uso informal da linguagem e se faz razoavelmente presente nesta obra. Um dado a ser destacado é que a ocorrência de repetições lexicais se faz presente tanto nas falas das personagens quanto nas manifestações dos narradores, o que pode ser explicado, dentre outras coisas, pelo fato de as narrações serem de tom memorialístico e buscarem um diálogo com o leitor – como observa-se nestes trechos de Maria Moura: “e eu que quase me esquecia da munição! Boa guerreira que eu ia ser! Mas a gente aprende, aprende” (QUEIROZ, 1992, p.39, grifo nosso); “quantas e quantas vezes já tinha eu assistido a essas madrugadas” (QUEIROZ, 1992, p.427, grifo nosso).

Embora uma prática evitada na escrita por pessoas de maior escolaridade e em situação de formalidade, mesmo na Variedade Nordestina (MARROQUIM, 1934, p.197-198), a ocorrência de negação dupla é um fenômeno também observado nesta obra de Rachel de Queiroz. Todavia, sua ocorrência se dá na fala de um dos ‘cabras’ de Maria Moura, João Rufo, homem de pouca escolarização: “Não sei não, não sei não, Sinhazinha” (QUEIROZ, 1992, p.388, grifo nosso); e em um diálogo desprezioso de Maria Moura, na cozinha, com Rubina: “— Não sei. Não ouvi nada” (QUEIROZ, 1992, p.454, grifo nosso).

Pelos motivos elencados anteriormente **é possível, então, aferir que nesta obra o *Continuum de Monitoração Estilística* aponta para uma grandeza que se coloca como preponderando para o extremo de manifestações linguísticas tidas como mais informais**. São, especialmente, as falas e demais manifestações do Beato Romano, dotadas de maior erudição e do uso de expressões típicas de práticas letradas e cultas da língua na Variedade Nordestina, como o caso da ênclise, o que contribui a que a identificação com o extremo da informalidade não seja maior – deste modo, o *continuum* é assim representado:

**Figura 14** – *Continuum de Monitoração Estilística em Memorial de Maria Moura*



Fonte: O autor.

Quando, por sua vez, nosso foco abarca **as três obras** de Rachel de Queiroz que estamos analisando, o que se constata é **uma ligeira tendência a um uso da linguagem com características de informalidade**, cujas expressões idiomáticas são uma marca relevantíssima –, sendo esta propriedade aquela que Luís Bueno pontua como a predominância de “uma linguagem coloquial, sem enfeites” (2006, p.112), privilegiando “o tom pessoal” (2006, p.155) –, característica marcante da estética modernista e que buscamos evidenciar neste *Continuum de Monitoração Estilística*.

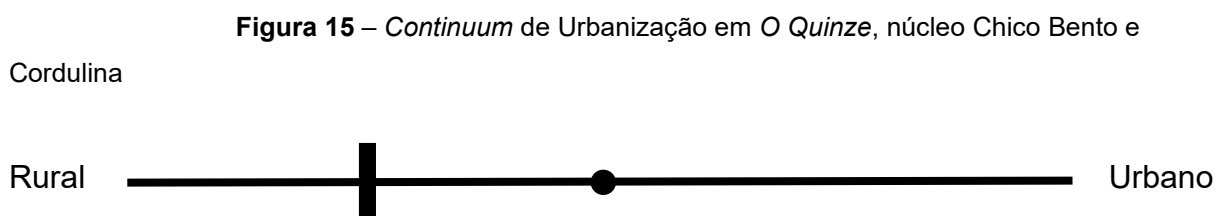
#### 5.4 AS MARCAS DOS ATRIBUTOS SOCIAIS E CULTURAIS

Para uma aferição mais precisa sobre o *Continuum de Urbanização* e de como as características mais próximas de uma fala rural ou urbana se fazem presentes na obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, realizaremos a análise a partir dos dois núcleos de personagens (o núcleo de Chico Bento e Cordulina; e o núcleo de Conceição e Vicente), bem como, sobre a atuação de quem narra.

Embora o núcleo de Chico Bento e Cordulina mantenha contato com o meio urbano, realizando comércio na cidade de Quixadá<sup>134</sup> (QUEIROZ, 1981, p.15-17), na fala dessas personagens são conservados fortes traços de suas comunidades, mais isoladas, com uma linguagem menos padronizada, e carregando fenômenos fonéticos e fonológicos que não são encontrados apenas nesse grupo – há, como destacamos anteriormente, uma única ocorrência de metaplasmo na fala da figura de quem narra. E é **pelo fato de esses traços serem marca distintiva**

<sup>134</sup> Pelo ano de 1915, o município de Quixadá já contava com 45 anos de criação (embora sua povoação remonte a 1705), com uma população de 20 mil habitantes, tendo o maior aqude do nordeste, além de linha férrea; indústrias de algodão, açúcar, redes e sabão; e, desde a muito, cineteatro, biblioteca e outros espaços culturais, como uma escola para a formação em administração agrária (ANNUARIO, 1915, p.2708-2710). Os habitantes e trabalhadores de Quixadá destacavam-se pela organização sindical e luta pelos direitos trabalhistas já pelos anos da construção do grande aqude, um dos exemplos disso é o monumento *O Trabalhador*, de 1922.

daquela fala mais deslocada para o extremo da fala rural, como nos apresenta Bortoni-Ricardo (2004, p.52; 2005, p.40), **que assim a representaremos no *continuum***:



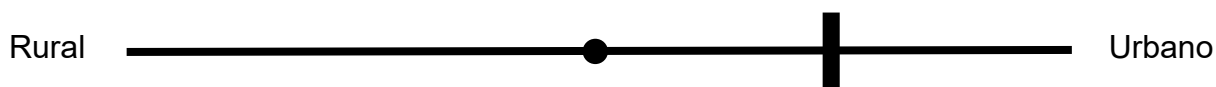
Fonte: O autor.

A não total identificação da fala dos membros do núcleo de Cordulina e Chico Bento com o extremo da fala rural, no *continuum*, se dá pela presença de personagens como o delegado Luís Bezerra (compadre do casal Chico Bento e Cordulina), que viveu por um tempo nas terras de Dona Maroca (a dona da fazenda das Aroeiras, da qual Chico Bento era administrador) – Luís Bezerra se recorda do tempo em que teve uma ‘bodega’ nas Aroeiras e do tipo de relação escrava que manteve com aquela que chamavam de “madrinha” (QUEIROZ, 1981, p.62).

Há, ademais, algumas poucas manifestações linguísticas das personagens desse núcleo que destoam da fala popular, encontrada na prática oral, como o uso da ênclise por parte de Cordulina: “acho até que vou morrer. Dá-me aquela zoeira na cabeça!” (QUEIROZ, 1981, p.46). Ou, também, ocorrências lexicais que, segundo Mário Marroquim (1934, p.168), não são empregadas por pessoas provenientes do meio rural, como o caso da expressão < papai >, mas que é constatada na fala de Pedro, filho mais velho do vaqueiro Chico Bento, em: “Papai! Já vou levar o gado do homem!” (QUEIROZ, 1981, p.19).

No caso do núcleo de Vicente e Conceição há um movimento contrário àquele do núcleo de Cordulina e Chico Bento, pois **há uma proximidade maior com o extremo do *continuum* identificado com o uso urbano da Variedade Nordestina** – como aqui representado nós:

**Figura 16** – *Continuum* de Urbanização em O Quinze, núcleo Conceição e Vicente



Fonte: O autor.

Concretamente, isto se dá pelo fato de que dentre os membros deste núcleo, em várias ocasiões, personagens como Lourdinha e Conceição são descritas lendo ou fazendo referências a obras literárias, como no caso Conceição ao comparar fatos de sua vida a cenas de uma obra de Machado de Assis (QUEIROZ, 1981 p.58), e Lourdinha, contrastando seu irmão com um galã do escritor espanhol Enrique Pérez Escrich (QUEIROZ, 1981 p.102). Sem contar o fato do professorado de Conceição (QUEIROZ, 1981 p.5.52).

Todavia, embora Vicente seja filho de pessoas com instrução letrada e seus irmãos tenham tido acesso a esta cultural – realçamos o fato de Paulo ser promotor de justiça no Cariri (QUEIROZ, 1981, p.10-11) –, Vicente é descrito como tendo uma “alma que nunca suportou a servidão a uma disciplina ou a um professor” (QUEIROZ, 1981, p.30), dono de uma personalidade rústica, matuta, desprovido de instrução, um sertanejo típico:

Todo o dia a cavalo, trabalhando, alegre e dedicado, Vicente sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo o que era inculto e rude. Sempre o conheceu querendo ser vaqueiro como um caboclo desambicioso, apesar do desgosto que com isso sentia a gente dele (QUEIROZ, 1981, p.10).

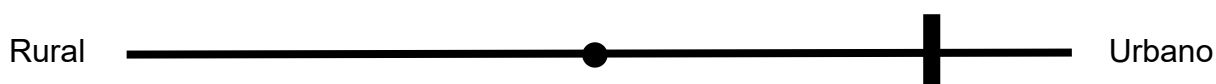
Um singelo vestígio da ocorrência, na fala de Vicente, de formas lexicais que Mário Marroquim (1934, p.168) descreve como propriamente urbanas, está no uso da expressão < mamãe >, como constatado aqui: “ora, mamãe, o pobre morrendo de precisão!” (QUEIROZ, 1981, p.17).

Olhando para **as manifestações de fala de quem narra**, assim como ocorre com a maioria das personagens que fazem parte do núcleo de Conceição e Vicente, **há uma propensão a que o *Continuum de Urbanização* se incline em direção à fala urbana.**

Todavia, apesar de muitas manifestações linguísticas da figura de quem narra valerem-se da estrutura mais formal e monitorada da Variedade Nordestina – como no emprego de um tempo verbal desconhecido da fala popular (MARROQUIM, 1934, p.117), o pretérito mais-que-perfeito para os verbos < criar > e

< morrer >, nesta ocorrência: “todos os anos, nas férias da escola, Conceição vinha passar uns meses com a avó (que a criara desde que lhe morrera a mãe)” (QUEIROZ, 1981, p.4-5) –, a aferição que fazemos é de que mesmo no caso de quem narra não há uma radical identificação de sua linguagem com o ponto mais extremo do *continuum* que representa a fala urbana:

**Figura 17** – *Continuum* de Urbanização em *O Quinze*, referente a quem narra



Fonte: O autor.

Esta identificação não radical pode ser constatada no emprego de expressões idiomáticas por parte da figura que narra – como em: “no quarto vizinho a avó, insone como sempre, mexia as contas do rosário” (QUEIROZ, 1981, p.4), na qual é usada a expressão < mexer as contas do rosário >, para dizer que Dona Inácia rezava o rosário todas as noites. Outro exemplo é a utilização, em alguns momentos, de uma construção discursiva que aproxima sua fala a um uso oral e menos monitorado da língua, como nas repetições lexicais – é isto o que ocorre com a palavra < cresciam >, em: “pendendo-lhe das orelhas duas argolas de ouro, que cresciam, cresciam, até atingir o tamanho do sol.” (QUEIROZ, 1981, p.47).

Por fim, como já citado anteriormente, é também possível observar a ocorrência do fenômeno da monotongação nesta manifestação da narradora: “só algum juazeiro ainda escapo à devastação” (QUEIROZ, 1981, p.8) – na qual o verbo < escapou > assume a forma < escapo >.

Aprofundando um pouco mais nossa análise da obra *O Quinze*, olharemos para outras estratégias de Rachel de Queiroz em vista da valorização da Variedade Regional Nordestina e de um uso da língua mais próximo daquele da fala cotidiana (o uso oral) – é o caso do uso de elementos gráficos para representar o silêncio ou a alteração súbita de pensamento, ou o emprego de um léxico bem característico.

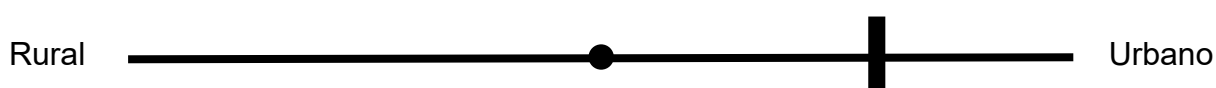
O uso de reticências < ... > é a estratégia empregada pela autora para esta representação do silêncio ou do fenômeno da aposiopese – que é a “interrupção de uma frase por um silêncio brusco, seguido de um anacoluto” (DUBOIS et al, 1998, p.63). As reticências, tal como observado na fala de

Conceição: “engraçada, não... tola... Diz que estão falando muito do Vicente com a Josefa do Zé Bernardo...” (QUEIROZ, 1981, p.44), ou nesta fala de Chico Bento: “só Deus Nosso Senhor sabe...” (QUEIROZ, 1981, p.66), expressariam a pretensão da autora em demonstrar graficamente como estas mesmas falas se dariam e poderiam ser percebidas pelo interlocutor em uma situação oral.

Já no caso desta manifestação de Vicente: “é... aliás eu não devia andar comprando gado agora” (QUEIROZ, 1981, p.17), ou nesta outra de Conceição: “brinque direitinho... Tome uma figura” (QUEIROZ, 1981, p.93), é possível perceber o silêncio representado pelas reticências como mudança abrupta no pensamento, originado pela interação dialogal entre os interlocutores e/ou desses com o contexto da fala.

Voltando-nos, agora, para a obra *As Três Marias*, é possível identificarmos diferenciação quanto ao emprego da linguagem nas situações em que Maria Augusta se alterna nos papéis de narradora e de personagem. **Ao assumir o papel de narradora, o emprego da Variante Regional Nordestina é localizado mais próximo ao extremo que marca a fala urbana, sem, contudo, uma identificação total com esta**, podendo, para o *Continuum de Urbanização*, ser assim aferido:

**Figura 18** – *Continuum de Urbanização em As Três Marias*, referente à narradora



Fonte: O autor.

Tal constatação se faz possível pela ocorrência de traços graduais no emprego da Variante Nordestina (traços esses já destacados anteriormente), o que pode ser explicado pela procedência de uma posição social mais favorecida e que possibilitou uma cultura letrada, embora vinda de um contexto rural, o Sertão do Cariri.

Entretanto, sob o ponto de vista de um falante de outra variedade, seria possível a identificação de alguns traços descontínuos no que se refere ao léxico utilizado, como no caso das palavras < melíflua e frascarices >, em: “era comoventemente ridículo ouvi-lo recitar com voz melíflua, piscando um olho safado e

sorrindo sob o bigode amarelo, as frascarices galantes do seu poeta” (QUEIROZ, 1982, p.160, grifo nosso); ou < xerimbabo >, em: “dois dias Luciano levou choramingando trás de todo o mundo, procurando um nome para o xerimbabo” (QUEIROZ, 1982, p.105, grifo nosso).

Agora, quando na função de personagem, as diferenças são consideráveis para o modo como a língua é empregada enquanto esta figura como narradora. Analisadas as falas de Maria Augusta, embora não sendo muitas, estas podem ser assim aferidas através dos *Continua de Urbanização*, como apresentaremos a seguir.

Apesar de advinda de um contexto rural, do Crato, no Sertão do Cariri, é provável que o intenso contato de Maria Augusta com o mundo letrado a tenha aproximado consideravelmente da língua como desempenhada no contexto urbano – conforme explicitado nesta referência a seu pai: “as poesias que você me ensinava de noite, no alpendre, eu deitada com você na rede de corda, nós dois olhando a grande lua vermelha que ia subindo, nós dois repetindo os versos” (QUEIROZ, 1982, p.51); ou neste trecho, falando da vida no Colégio: “outra vez, num recreio de domingo, eu lia um romance, sentada a um batente de porta. [...]. Falei em livro. É que vivíamos lendo” (QUEIROZ, 1982, p.27.29) –, fazendo com que em sua linguagem haja presença apenas de traços graduais da Variedade Regional Nordesteana.

Todavia, quando analisada sob a perspectiva de outra variedade de nossa língua, seria possível a identificação de traços descontínuos decorrentes do léxico ou de alguma expressão idiomática, como no caso da expressão < de aliança de ouro no dedo >, em: “pensávamos na outra, da nossa idade e já de aliança de ouro no dedo” (QUEIROZ, 1982, p.75, grifo nosso) – pois algumas construções tratadas como incomuns ou “estranhas” em uma localidade podem ser comuns e plenamente aceitas em outras (MARROQUIM, 1934, p.161).

Deste modo, para o *Continuum de Urbanização* a representação dessas marcas no **uso da língua pela personagem Maria Augusta pode ser expressa como próxima ao extremo direito do *continuum*, sem, contudo, identificar-se totalmente com a fala urbana:**

**Figura 19** – *Continuum* de Urbanização em *As Três Marias*, referente à personagem Maria Augusta



Fonte: O autor.

Embora na obra *As Três Marias*, analisada em sua totalidade, seja possível averiguar fortes traços do âmbito da oralidade, assumidos pela autora como marcas dos preceitos modernistas, por tratar-se de uma produção escrita, fenômenos de ordem fonética e fonológica da Variedade Regional Nordestina (pela própria obviedade dos referidos fenômenos em relação ao material de análise) não podem ser aferidos, por isto, aprofundando nossa análise, nos voltaremos ao léxico empregado pela autora, fruto de sua opção estética.

Quando comparadas as variedades linguísticas, a variante de ordem lexical é aquela que mais chama atenção em produções escritas, o que não é diferente no caso da Variedade Regional Nordestina. Mário Marroquim (1934, p.136-139.147-148) destaca que o léxico nordestino tem nos arcaísmos, na derivação e na composição algumas de suas características mais marcantes, isto devido à própria estrutura da língua, de sua relação com outras línguas (como as indígenas e africanas), e ao isolamento social e cultural com o resto do país que durante vários séculos aquela região sofreu – todavia, embora algumas palavras utilizadas pelos falantes desta variedade também ocorram em outras variedades do Português Brasileiro, no Nordeste o significado de algumas delas remontam àquele do Português do século XVI (MARROQUIM, 1934, p.140).

Apesar de uma produção escrita do gênero romance, repleta de referências do mundo escrito e próprias de uma pessoa com instrução privilegiada e acesso à cultura mais ampla – como podem ser observadas nas referências ao mundo literário e filosófico, trazidos pela autora: “mas agora, digo como o velho Rousseau: é preciso não mentir. A poesia me envolveu, me sufocou, me raptou, é bem verdade” (QUEIROZ, 1982, p.29-30); e “tinha medo de ler; todo livro é uma evocação de tragédias. Há tantos rapazes mortos nas histórias escritas” (QUEIROZ, 1982, p.155) –, nesta obra é também possível observar que a autora não se alija dos traços lexicais próprios de sua geocultura, evitando, como é próprio entre os

modernistas, “a dissociação entre sua obra e eles mesmos” (MARROQUIM, 1934, p.164) – esta característica será mais bem trabalhada adiante.

Para a obra *Memorial de Maria Moura*, no caso do *Continuum de Urbanização*, que tem foco nos atributos sociais e culturais dos indivíduos que estão envolvidos no processo de comunicação (BORTONI-RICARDO, 2005, p.43-52), a prática linguística dos falantes na obra é evidenciada como marcada pelo falar citadino (urbano), embora repleta de personagens provenientes ou muito atreladas ao ambiente cultural do campo, em contato apenas com pessoas de vilarejos e pequenas cidades.

Todavia, como será possível notar nos quadros que preparamos acerca do léxico presente na obra, muitas das palavras típicas da Variedade Nordestina aqui presentes dizem respeito ao ambiente rural, motivo pelo qual **a grandeza representada no *Continuum de Urbanização* se desloca um pouco além da posição medial, em direção ao extremo das falas tipicamente urbanas, sem, contudo, se identificar totalmente com ele** – apenas o Beato Romano, devido a sua formação sacerdotal, teria uma fala totalmente identificada com o extremo urbano deste *continuum*:

**Figura 20** – *Continuum de Urbanização em Memorial de Maria Moura*



Fonte: O autor.

Em decorrência de suas características modernistas, de buscar aproximar a produção artística do contexto linguístico da realidade a qual se empenha por representar (MARROQUIM, 1934, p.164; BUENO, 2006, p.112.155), neste momento, apresentaremos um elenco de vários traços lexicais peculiares da geocultura na qual Rachel de Queiroz inscreve seus personagens e da qual ela mesma faz parte (aquela dos falantes da Variedade Nordestina) e que se fazem presentes em todos os três romances que estamos analisando – *O Quinze*; *As Três Marias*; *Memorial de Maria Moura*.

Cabe salientar que, em decorrência do intenso e constante movimento migratório por todo o território nacional, é possível que algumas das

palavras e expressões aqui destacadas como pertencentes à Variedade Regional Nordesteira sejam reconhecidas como presentes no vocabulário de outras variedades regionais, todavia, nem sempre trazendo consigo o mesmo sentido. Alguns exemplos são as palavras < mariola >; < rebolar >; < sacudir > e < criatura >, que embora constantes em diferentes variedades do Português Brasileiro, na Variedade Regional Nordesteira ganham uma acepção diferenciada.

Enquanto < mariola > é, em muitas regiões do país, conhecida como o nome de um doce à base de banana ou de goiaba, no Nordeste esta palavra refere-se a uma “pessoa de mau caráter” (AULETE, 2021). O verbo < rebolar >, embora aparente características banais, por sua obviedade, não pode ser compreendido dentre os falantes da Variedade Regional Nordesteira com o sentido de movimentar o quadril, mas sim “atirar fora” (CABRAL, 1972, p.667); e o mesmo ocorre com o verbo < sacudir >, que ao em vez de significar agitar com ímpeto e força, na verdade, significa “arremessar” (MICHAELIS, 2000, p.1875). No caso da palavra < criatura >, distintamente do sentido genérico, referindo-se a uma pessoa qualquer, comumente em tom pejorativo, no Nordeste, refere-se a um “modo afetoso ou sugestivo de dirigir-se a alguém” (CABRAL, 1972, p.272) – como pode ser observado em: “coisa inédita e maravilhosa para ela [...], sentir-se a primeira no pensamento e no coração de uma criatura” (QUEIROZ, 1982, p.73, grifo nosso).

Especificamente no caso do léxico da Variedade Nordesteira é de se destacar os episódios nos quais são identificáveis arcaísmos – palavras estas que segundo Mário Marroquim (1934, p.139-140) são um dado distintivo do falar nordestino e que estão presentes tanto na fala popular quanto na fala culta.

Todavia, há, aqui, um item que vale ser trabalhado com atenção. Em decorrência da dificuldade em determinar quais construções lexicais eram tidas como arcaísmos quer na época da autora quer na época a qual a autora se refere em suas obras, iremos apresentá-las como compondo o rol daquelas do léxico regional da Variedade Nordesteira. Para auxiliar-nos na análise que desenvolvemos, utilizamos também um dicionário datado da década de 40 do século passado e que traz palavras que hoje são vistas como arcaicas, mas que não eram assim percebidas pela autora e por seus contemporâneos no momento da confecção de algumas das obras ou no contexto ao qual elas se referem.

Para uma compreensão mais clara daquilo ao qual nos referimos, destacaremos algumas dessas palavras e/ou expressões encontradas nos romances

que analisamos. É o que constatamos com as palavras < reclame >, < dentifrício > e < defeso >.

No caso das palavras < reclame > e < defeso >, encontradas nesta fala da figura que narra, em *O Quinze*: “o pequeno estendeu a mão para o reclame de dentifrício” (QUEIROZ, 1981, p.66), elas são assim conceituadas no *Dicionário elementar da Língua Portuguesa*, de Augusto Moreno (1939): dentifrício= “Que serve para limpar os dentes” (MORENO, 1939, p.18); reclame= de reclamo= “recomendação em jornal” (MORENO, 1939, p.18) – salientamos que o dicionário em questão se pretendia um dicionário escolar, trazendo os termos mais usados entre os falantes –. Entretanto, quando pesquisadas no *Dicionário de Língua Portuguesa*, de Fernão Magalhães (1981), também destinado ao uso escolar, estas mesmas palavras são inexistentes; e mesmo quando pesquisadas em dicionários mais completos, são assim descritas: dentifrício= “Esse creme ou essa pasta” (AULETE, 2021); reclame= “Anúncio comercial, ato de propaganda” (MICHAELIS, 2000, p.1787).

Por sua vez, no caso da palavra < defeso >, encontrada no seguinte trecho da obra *Memória de Maria Moura*: “ia sem querer me perdendo na repetição desse verbo defeso” (QUEIROZ, 1982, p.133), enquanto o dicionário de Augusto Moreno explica este conceito como significando “proibido” (MORENO, 1939, p.268), o *Dicionário Aulete* (2022) classifica-o, em seus significados ‘proibido’ e ‘interditado’, como sendo um termo arcaico.

Isto posto, para um olhar mais apurado sobre a riqueza deste léxico, reuniremos essas palavras e expressões em alguns grupos conceituais: fauna e flora; alimentação; moradia; profissões; topônimo; e sobre as pessoas.

O grupo de palavras ‘Fauna e Flora’ diz respeito àquelas construções lexicais referentes à nomenclatura de animais e/ou plantas que são típicas da região (embora possam ocorrer em outras partes do país) na qual se passa a história ou ao modo característico com que os falantes de lá referem-se a elas, assim como ações realizadas com tais animais ou plantas, e/ou por eles. O conjunto completo das referidas palavras pode ser conferido no quadro 4, apêndice B.

É possível identificarmos, das palavras aqui presentes, 22 adjetivos, vinculados a características de animais e plantas – como é o caso da palavra < cardão >, e que diz respeito à cor branca acinzentada, em equinos (CABRAL, 1972,

p.204), encontrada neste trecho da obra *Memorial de Maria Moura*: “O Irineu num cavalo cardão, com uma pisadura tão feia” (QUEIROZ, 1992, p.35).

Relativamente a ações realizadas pelas personagens envolvendo esses animais ou plantas, ou mesmo praticadas por estes, constatamos 17 verbos – como o exemplo do verbo < incandecer >, utilizado no sentido de “exaltar(-se)” (MICHAELIS, 2000, p.1139), como ocorre em *O Quinze*, no seguinte trecho: “A seiva viva e forte que o incandescia e tonteava” (QUEIROZ, 1981, p.29).

Há, também, um grupo de 126 substantivos, designando seres comuns (não exclusivos) da Região Nordeste Brasileira – como indicado pela palavra < malva >, definindo uma “planta, de cujas folhas grossas e aquosas se extrai um líquido com excelentes propriedades medicinais, muito empregado em incisões, feridas, luxações etc.” (CABRAL, 1972, p.517), e que aparece neste trecho da obra *Memorial de Maria Moura*: “Rubina me tratava com cozimentos de malva e eu deixava a dor doer, parece loucura” (QUEIROZ, 1992, p.468).

Para o grupo de palavras ‘Alimentação’, reunimos aquelas construções lexicais que designam bebidas, alimentos ou situações e objetos ligados ao contexto semântico da alimentação das personagens e que são muito comuns no contexto de fala dos falantes do Nordeste do Brasil. O conjunto completo das palavras que constam deste grupo pode ser conferido no quadro 5, apêndice C.

De um rol de 48 substantivos, 12 definem bebidas e/ou medicamentos caseiros – como é o caso de < aluá >, que nomeia uma “bebida fermentada, feita de arroz, milho, pão, abacaxi, etc.” (GIRÃO, 2000, p.67), descrita na obra *Memorial de Maria Moura*: “Rubina fez um pote de aluá [...]” (QUEIROZ, 1992, p.385); e outros 36 nomeiam refeições e/ou ingredientes de refeições – dentre as quais temos o < pirão de peixe >, que é um “cozido de caldo de carne com farinha” (CABRAL, 1972, p.626), como encontrado na obra *O Quinze*: “Vê se tu dás um pirão de peixe a este menino” (QUEIROZ, 1981, p.21).

Temos, também, seis palavras que constituem adjetivos atribuídos a alimentos em geral ou a predicados dados a quem os consome, como o adjetivo < pia >, utilizado para designar uma “coisa muito salgada” (GIRÃO, 2000, p.296), tal como encontrado no seguinte trecho da obra *Memorial de Maria Moura*: “Ih! Sal puro! Mesmo que pia!” (QUEIROZ, 1981, p.26).

E, ainda, há a presença de apenas dois verbos, um deles relativo ao processo de preparar um alimento, < pisar >, que significa “moer no pilão; triturar”

(AULETE, 2021), e que fora descrito na obra *Memorial de Maria Moura*: "pilador não era difícil, todo mundo ali era acostumado a pisar milho de caçula; [...]" (QUEIROZ, 1992, p.329); e outro < esfaimado >, em referência à ação exercida na pessoa pela falta de alimento (AULETE, 2021), como trazido na obra *O Quinze*: "com uma pressa áspera e esfaimada" (QUEIROZ, 1981, p.76).

Por sua vez, o grupo de palavras 'Moradia' abarca aquelas que visam designar objetos e/ou lugares, e suas características, no âmbito da vida cotidiana (rural e/ou citadina) das personagens e que são comumente utilizadas pelas pessoas que empregam a Variedade Regional Nordestina. O conjunto deste grupo de palavras está integralmente presente no quadro 6, apêndice D.

Foi possível constatar a ocorrência de 21 verbos na fala das personagens e/ou narradores(as), relativos a ações sofridas pelas coisas, e exercidas sobre elas ou por intermédio delas – como é o caso do verbo < chapinhar >, em designação ao ato de "agitar-se na água com as mãos ou com os pés" (MICHAELIS, 2000, p.481), como descrito na obra *As Três Marias*: "Corria comigo pelo quintal molhado, chapinhando nos pequenos regatos" (QUEIROZ, 1982, p.44).

Qualificando coisas e/ou espaços, encontramos 18 adjetivos – dos quais elencamos < rasgado >, qualificando um espaço "largo, vasto" (MICHAELIS, 2000, p.1774), tal como trazido neste trecho da obra *O Quinze*: "espreguiçando-se em becos rasgados" (QUEIROZ, 1981, p.19).

E temos, também, 186 substantivos, majoritariamente relativos ao ambiente rural, designando vestimentas (e seus materiais), utensílios, espaços (interiores e/ou exteriores ao ambiente domésticos), além de valores, pesos e medidas empregados nesse ambiente – destacamos a palavra < albornoz >, que designa um "manto de lã com capuz, usado primeiro pelos árabes" (MICHAELIS, 2000, p.93), e que é descrito no seguinte trecho da obra *As Três Marias*: "O xequê de albornoz branco e flutuante" (QUEIROZ, 1982, p.54); e a palavra < lucarna >, que nomeia uma "janela vertical em um telhado, para clarear um sótão" (MICHAELIS, 2000, p.1280), identificada na obra *Memorial de Maria Moura*: "foi botado uma semana no quartinho de preso, que tem uma lucarna na porta" (QUEIROZ, 1992, p.333).

Reunimos, no caso do grupo de palavras 'Profissões', as construções lexicais características para designar algumas atividades profissionais e o mundo semântico a elas relacionadas, e que se fazem presentes nos romances. O

conjunto completo das palavras deste grupo pode ser consultado no quadro 7, apêndice E.

Dentre as palavras deste grupo que se inscrevem na classe dos verbos, referindo-se a ações relativas ao *métier* de cada personagem, obtivemos o número de sete – das quais destacamos o verbo < encoivarar >, que se refere a “fazer coivara” (CABRAL, 1972, p.342), < coivara >, por sua vez, designa o “conjunto de galhos e ramagens remanescentes de queimada na roça, e que se queima para limpar o terreno ao mesmo tempo que se o aduba com as cinzas” (AULETE, 2021), como a obra *Memorial de Maria Moura* traz no trecho que segue: “Brocava, cercava de ramada, encoivarava, plantava e colhia o legume nos roçados” (QUEIROZ, 1992, p.80).

Foram, também em número de sete os adjetivos elencados – dos quais destacamos o adjetivo < vasqueira >, que é o feminino de < vasqueiro >, e que qualifica algo como “escasso, raro, difícil” (CABRAL, 1972, p.765), tal como empregado na obra *Memorial de Maria Moura*: “Nesta casa, mão-de-obra de mulher anda muito vasqueira” (QUEIROZ, 1992, p.301).

Para os substantivos, identificamos um total de 114 substantivos, dos quais 75 abarcam objetos, espaços, pesos e medidas, atrelados às várias atividades profissionais descritas nos romances – como é o caso de < farnel >, nome dado às “Provisões alimentares para pequena viagem (ou) saco para essas provisões; fardel” (MICHAELIS, 2000, p.939), como se presente na obra *Memorial de Maria Moura*: “Era o que nos restava do farnel do barbudo” (QUEIROZ, 1992, p.117).

Já no caso das atividades profissionais, levantamos um total de 39 delas – das quais salientamos a profissão da < fiandeira >, que é a “mulher que realiza fiação” (AULETE, 2021), como descrita na obra *Memorial de Maria Moura*: “(O sujeito) falou no legume perdido daquele ano, no pasto fraco, no algodão que não ia dar nem para encher os fusos das fiandeiras” (QUEIROZ, 1992, p.195); ou, ainda, a função do < pregoeiro >, que é “Aquele que exalta, enaltece, faz propaganda; arauto” (MICHAELIS, 2000, p.1687), como descrito na obra *As Três Marias*: “Os automóveis e os homens da rua, os pregoeiros, os ônibus” (QUEIROZ, 1982, p.159).

O grupo de palavras ‘Topônimo’ traz aquelas palavras que denominam lugares ou regiões típicas daquela na qual a história se desenvolve – como poderá ser observado no quadro 8, apêndice F –. Das palavras que compõem

este grupo há apenas um único adjetivo, < rumaico >, em referência à pessoa proveniente da Romênia, como presente neste trecho da obra *As Três Marias*: “Dr. Isaac, um rumaico de cabelo vermelho” (QUEIROZ, 1982, p.161).

As demais expressões do grupo ‘Topônimo’, em um total de 34, dizem respeito a substantivos que tanto nomeiam localidades restritas ao Nordeste do Brasil, quanto ao modo como os falantes da Variedade Nordestina referem-se a outras localidades e regiões, bem como, abarcam substantivos que denominam estruturas geoambientais e urbanas, comumente empregadas pelos falantes da Variedade Regional Nordestina – como é o caso da palavra < furna >, que designa “Caverna, gruta [...] (ou) lugar apertado entre vales” (MICHAELIS, 2000, p.1001), tal como utilizado na obra *Memorial de Maria Moura*: “A chamada onça tigre... criada em furna, nos serrotes, capaz de acabar com um homem só com a patada...” (QUEIROZ, 1992, p.51).

Já o grupo de palavras ‘Sobre as Pessoas’ reúne aquelas construções lexicais destinadas a nomear características, atitudes, situações e/ou sentimentos de um indivíduo ou de um coletivo de pessoas. O conjunto completo das palavras que compõem este grupo poderá ser consultado no quadro 9, apêndice G.

Das 480 palavras constantes neste último quadro, é possível distinguir a presença cinco advérbios e cinco interjeições, classes gramaticais estas que não haviam aparecido até então.

Dos advérbios é possível destacar o advérbio < trovejantemente >, em referência a uma ação que ocorre de modo “estrondoso” (MICHAELIS, 2000, p.2132), tal como descrita no seguinte trecho da obra *As Três Marias*: “Depois de o ver à mesa, disputar trovejantemente sobre os discursos da Convenção” (QUEIROZ, 1982, p.160).

Já dentre as interjeições, elencamos a interjeição < adeus >, que na Variedade Regional Nordestina ganha conotação de expressão de cumprimento (AULETE, 2021), assim como empregado na obra *O Quinze*: “Essa é a comadre? Adeus, comadre, entre também!” (QUEIROZ, 1981, p.61).

Constatou-se, ainda, a presença de 137 adjetivos – dentre os quais damos destaque ao adjetivo < espavorido >, que caracteriza um indivíduo “cheio de pavor; apavorado” (MICHAELIS, 2000, p.869), tal como utilizado na obra *As Três Marias*: “Enquanto a roda das meninas, em torno, a escutava de coração

espavorido” (QUEIROZ, 1982, p.23); bem como, ao adjetivo < glabro >, que qualifica um indivíduo “calvo (e/ou) sem barba” (MICHAELIS, 2000, p.1035), como presente na obra *Memorial de Maria Moura*: “A feição curtida de sol, de fadiga, de tristeza, tão diferente do Padre moço, animado, glabro, coroa raspada bem redonda e branca” (QUEIROZ, 1992, p.311).

No caso dos verbos, foram identificados um total de 146 – dentre esses, destacamos o verbo < aboletar >, em referência ao ato de “alojar-se, refestelar-se. Sentar-se ou acomodar-se, em descanso ou repouso” (CABRAL 1972, p.26), tal como utilizado na obra *Memorial de Maria Moura*: “Fui para a feira, me aboletei junto ao meu tabuleiro [...]” (QUEIROZ, 1992, p.193); assim como, o verbo < empomadar >, reportando-se ao ato de se “perfumar” (AULETE, 2021), tal como empregado neste trecho da obra *O Quinze*: “De cabelo empomadado” (QUEIROZ, 1981, p.11).

Por sua vez, constatamos a ocorrência de 187 substantivos do léxico da Variedade Regional Nordestina, dos quais destacamos a palavra < paroara >, expressão usada como denominação ao “nordestino que regressava endinheirado da Amazônia” (CABRAL, 1972, p.596), como se vê na obra *O Quinze*: “A barriga tão inchada como a de alguns paroaras quando estão para morrer” (QUEIROZ, 1981, p.71).

Se olharmos para o conjunto dos seis grupos conceituais<sup>135</sup> – aqueles dos seis quadros presentes entre o apêndice B a G –, é possível constatar a presença de cinco advérbios; cinco interjeições; 190 adjetivos; 193 verbos; e o número de 695 substantivos – palavras essas que denominam ou caracterizam e qualificam coisas, espaços, lugares, seres, alimentos, medicamentos, padrões de medida; além de exprimirem ações e/ou reações de humanos e/ou animais.

Das 1088 palavras e/ou expressões levantadas em nossas leituras das obras *O Quinze*, *As Três Marias* e *Memorial de Maria Moura*, constatamos que os dois grupos nos quais mais palavras foram encontradas correspondem aos grupos: ‘sobre as pessoas’ e ‘moradia’ – com 480 e 225 palavras, respectivamente – ; palavras essas que compõem o léxico da Variedade Regional Nordestina e que a autora emprega não apenas nas manifestações das personagens mais simples (os trabalhadores rurais e os cabras) ou de pouquíssima instrução letrada (os indígenas

---

<sup>135</sup> A saber, os grupos ‘fauna e flora’; ‘alimentação’; ‘moradia’; ‘profissões’; ‘topônimo’; e ‘sobre as pessoas’.

e quilombolas), mas aparecem nas falas de pessoas portadoras de ensino superior, como o Beato Romano, ou moradores da cidade, com fortes hábitos de leitura (em língua vernácula e estrangeira), como o caso de Conceição e Maria Augusta; em momentos de menor ou de maior formalidade (quer devido ao gênero discursivo, quer devido ao contexto de produção do discurso); mas não apenas nas manifestações das personagens, também a voz de quem narra vem marcada pelo léxico desta variedade, mesmo quando o(a) narrador(a) não consta entre o rol das personagens.

No caso de um vislumbre da íntegra das três obras que estamos analisando, de Rachel de Queiroz, **embora reconheçamos haver uma moderada tendência de uso da língua que a aproxima das características urbanas da Variedade Regional Nordestina, não ocorre uma identificação com ela, o que nosso elenco lexical contribui para evidenciar**, ocorrendo, quer para narradores quer para personagens, uma proximidade do ponto medial deste *Continuum de Urbanização* – estabelecendo, na prática, a superação daquela “distância entre a voz do narrador e a das suas criaturas” (BUENO, 2006, p. 157), daquele ‘abismo’ entre as falas ‘do intelectual’ e das ‘camadas mais baixas da população’, forjando “uma nova linguagem literária para a ficção brasileira” (BUENO, 2006, p.97).

## 5.5 ARREIMATE REMISSIVO PARA ESTE CAPÍTULO

Neste capítulo, ao analisarmos três das mais relevantes produções de Rachel de Queiroz – seu primeiro romance, *O Quinze*, seu último romance, *Memorial de Maria Moura*, e aquela que foi considerada sua obra prima, *As Três Marias* – pudemos fazer um percurso explicitando os pressupostos modernistas de valorização da Variedade Regional Nordestina da Língua Portuguesa do Brasil, tanto em sua forma culta quanto em sua forma popular, tanto na oralidade quanto na escrita (PRETI, 2004, p.19; MARROQUIM, 1934, p.164), e, com o auxílio dos *continua* de Bortoni-Ricardo e do *continuum* de Marcuschi, demonstrar como isto se manifestou em sua prática literária, fazendo do particular, universal; do regional, nacional (CÂNDIDO, 1999, p.82; RANCIÈRE, 2005, p.21-22.29).

Para a obra *O Quinze*, transcorrida tanto em ambientes rurais quanto urbanos, conseguiu-se mesclar gêneros discursivos do âmbito da fala e da

escrita, e possibilitou, por meio da voz das personagens e de quem narra, uma aproximação literária e verossímil para com a Variedade Regional Nordestina, **manifestando considerável equilíbrio** entre os usos mais e menos monitorado desta variedade; de práticas tanto próximas da oralidade quanto da escrita (letradas); **e uma mescla orgânica** entre o falar, quer daquele do ambiente rural, quer daquele do ambiente urbano, sem caricaturizá-los.

No caso da obra *As Três Marias*, muito devido ao ambiente discursivo no qual a história se passa, ambiente majoritariamente urbano das capitais cearense e fluminense, e apesar de os outros gêneros discursivos empregados durante o desenvolvimento do enredo estarem mais próximos ao âmbito da fala, a produção, como um todo, manifesta práticas linguísticas da Variedade Nordestina, tanto das personagens quanto da narradora, **mais próximos àquelas do letramento (da escrita) e tipicamente empregadas junto aos falantes citadinos**; havendo diferenciação quanto às formas mais e menos monitoradas no que se refere ao modo como a narradora e a personagem principal (que são a mesma figura) se apropriam de sua variedade linguística.

Por sua vez, para a obra *Memorial de Maria Moura*, cujo cronotopo se dá majoritariamente no ambiente rural, embora traga uma gama bem diversificada de gêneros discursivos – indo desde a conversação espontânea até a apreciação de plantas arquitetônicas –, nos é propiciado um contato com a Variedade Nordestina **com ligeira preponderância para aquelas manifestações linguísticas de práticas orais e menos monitoradas**, quer de personagens, quer de narradores; todavia, graças à influência dos narradores Beato Romano e Maria Moura, os quais mais se manifestam e que têm estreitos vínculos com o meio urbano e com uma formação escolar mais avançada que os demais, **é dado maior destaque e espaço ao uso citadino** desta variedade linguística.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O destino da palavra, como apresentaram Bakhtin (2006, p.199) e Labov (2006, p.215), está intimamente unido ao da sociedade; deste modo, olhar para a variação diatópica da língua é uma oportunidade privilegiada para observar como o Brasil Regional, com sua combinação, fusão e mistura (FREYRE, 1976, p.76) deu e dá sua contribuição para a riqueza do Português Brasileiro no seu todo.

Por sua vez, olhar para o Movimento Modernista é uma ocasião de vislumbrar não apenas o arrojo e a gana emancipatória de nossos literatos, frente às tendências linguísticas estrangeiras, incapazes de representar a realidade dos falantes brasileiros, mas o ‘momento de sentir-se partícipe neste movimento de vitalidade e de transformação de nossa língua e literatura’, movimento este ainda em marcha (BORTONI-RICARDO, 2005, p.71).

Creemos que a análise por nós empreendida comprovou o que preliminarmente nossa pré compreensão acerca da Sociolinguística e da Literatura, assim como as informações que levantáramos, já nos apontavam como hipótese passível de confirmação – a saber: não apenas é possível como também viável um estudo da Língua Portuguesa do Brasil em obras literárias modernistas, tendo a Variedade Regional Nordestina como objeto de análise.

Por meio dos *continua* de Bortoni-Ricardo e o *continuum* de Marcuschi, esta nossa análise da Variedade Regional Nordestina, que assume matéria e forma nas obras *O Quinze*, *As Três Marias* e *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz, proporcionou a constatação da possibilidade de um estudo variacionista e pôde evidenciar a viabilidade de uma aproximação culturalmente e pedagogicamente sensível da língua através da literatura – em resposta a nossa inquietação inicial – a saber: como se daria um possível e viável estudo variacionista da Língua Portuguesa em obras literárias modernistas, tendo o uso de uma dada variedade regional como objeto de análise?.

Em nossa tese salientamos a necessidade da utilização de ferramentas linguísticas adequadas para fazer com que todos os falantes do Português do Brasil sejam capazes de perceber a língua que usam cotidianamente, a sua variante da língua, não como um mal a ser combatido e superado, mas como um fenômeno natural a ser descrito, compreendido e valorizado (FARACO, 2009,

p.166-167), e neste ponto os *continua* de Bortoni-Ricardo e o *continuum* de Marcuschi demonstraram a eficiência e viabilidade que buscávamos, diante de uma proposta de percurso apresentada nesta tese, em busca da aproximação entre Linguística e Literatura. Isto tudo, levando em conta que, como já no início do século passado preconizava Mário Marroquim (1934, p.163): “*antes de estudar a língua, é necessário olhar para o indivíduo que a fala, considerar o meio social em que ele se move, porque a sua linguagem ha de refletir esse ambiente*”.

A tarefa do sociolinguista, em associação com outros ramos dos estudos da língua, é a de levar todo falante a ser um verdadeiro “poliglota dentro de sua própria língua’, possibilitando-lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação e até, no texto em que isso se exigir ou for possível, entremear várias línguas funcionais” (BECHARA, 1989, p.14, grifo nosso), contribuindo para que se tenha acesso ao patrimônio cultural acumulado de nossa sociedade, e superando concepções preconceituosas sobre as variantes da língua e seus falantes.

Neste sentido, o olhar que buscamos empreender acerca do tema da variação linguística, a partir de outra perspectiva, pode apontar para novas possibilidades de trabalho com a língua, integrando-a às demais práticas linguísticas, não mais compreendida como “mais um conteúdo a ser vencido”, e sim tratando a língua contextualmente e culturalmente localizada (ERICKSON, 1987, p.337)<sup>136</sup>.

A superação da dicotomia entre Linguística (Sociolinguística) e Literatura (quando não ocorre uma tripartição: língua, literatura e redação) faz-se importante como uma ferramenta, um eixo norteador, auxiliando na tentativa de compreensão da língua como viva e heterogênea, afastando-a de paradigmas artificiais e abstratos – e, neste ponto, a Sociolinguística e o Movimento Modernista inscrevem-se como paradigma perfeito e possibilidade de fazer/levar à aproximação da língua de um modo mais culturalmente sensível, não puramente racional e abstrata, mas embebida da vida<sup>137</sup>.

Em vistas desse movimento de aproximação, expressamos como o Modernismo – seguindo a esteira da contribuição já dada por outros movimentos

---

<sup>136</sup> Em cumprimento ao primeiro dos objetivos específicos que propusemos.

<sup>137</sup> Uma discussão interessante acerca dessa aproximação é feita na obra *Língua, Literatura e Ensino*, organizada por Jarbas Vargas Nascimento; Micheline Tomazi e Paulo Sodré.

estéticos – foi e ainda é capaz de abrir espaço para que as normas cultas da língua e as normas populares, gradativamente, possam estar aproximando-se e reciprocamente enriquecendo-se<sup>138</sup>. Sua postura frente a língua e a literatura não era uma simples opção estética ou implicate rebeldia aos cânones gramaticais, mas aos modernistas era impossível utilizar uma linguagem, em sua obra, que estivesse totalmente dissociada deles mesmos, longe daquela linguagem praticada por eles (MARROQUIM, 1934, p.163).

Como afirmam Kaviski e Fumaneri (2014, p.165), olhar para o Movimento Modernista é vislumbrar conquistas de uma linguagem mais capaz de refletir (em ambos os sentidos do vocábulo) as ambiguidades da nossa sociedade, desenvolvendo uma perspectiva mais completa e complexa da realidade<sup>139</sup>.

Aprofundando nossa reflexão e a aproximação entre a Sociolinguística e o Modernismo, recordamos que a abertura à adoção de uma linguagem menos artificial e mais próxima da linguagem comum brasileira, dada pelos modernistas da primeira geração, concretizou-se por “uma linguagem coloquial, sem enfeites” (BUENO, 2006, p.112) e deu seus melhores frutos na segunda geração e em seus romances (LEITE, 1997, p.85).

Não sem motivo o estudioso Luís Bueno afirma que autores da década de 30, como Rachel de Queiroz, foram responsáveis por forjar “uma linguagem que tira de seu pedestal o velho narrador dos romances de seca, [...] abr[indo] mão de uma posição tão arrogantemente superior à de seus personagens pobres, misturando-se a elas, de uma forma ou de outra, e renovando sua língua” (2006, p.155.156), a fala foi se “desfolclorizando” (2006, p.157) e uma “nova linguagem literária para a ficção” (2006, p.97) foi se consolidando, agora simples, espontânea, do cotidiano, sem ornatos que a desconfigurassem, escrita com “uma língua mais próxima da fala” (2006, p.23) – isto tudo por meio do gênero romance, capaz de unir, em um único gênero marcas da língua que sejam características tanto da oralidade quanto da escrita (BAKHTIN, 2002, p.73)<sup>140</sup>.

Se quanto mais amplo o conhecimento e realce dado a um gênero, mais clara se torna a representação e a apropriação da língua e de sua enunciação

---

<sup>138</sup> Embora saibamos que não apenas este movimento foi e é responsável por propiciar tal aproximação, todavia, sua escolha se deu devido à ênfase que seus autores deram e que essa estética dá a tal questão.

<sup>139</sup> Em cumprimento ao segundo dos objetivos específicos que nos propusemos.

<sup>140</sup> Em cumprimento ao terceiro dos objetivos específicos que nos propusemos.

(BAKHTIN, 2002, p.159), assim, a viabilidade da realização deste nosso trabalho foi se demonstrando mais claramente com a utilização do instrumento dos *Continua de Urbanização, Oralidade-Letramento e Monitoramento Estilístico* e o *Continuum Tipológico*<sup>141</sup>, pelos quais analisamos as obras *O Quinze, As Três Marias* e *Memorial de Maria Moura*.

Apontamos, de modo até então não explorado, às várias estratégias utilizadas por Rachel de Queiroz para dar relevo a elementos da Variedade Regional Nordestina, advindas quer da fala popular, quer da fala culta, em situações mais e menos monitoradas, e inclusive, nas ocorrências de hibridizações do romance com outros gêneros, orais e escritos<sup>142</sup> – uma capacidade de unir os diferentes, presente desde a primeira geração de modernistas, e, por seu ideal antropofágico (ANDRADE, 1976, p.9), valorizar a tradição culta sem a necessidade de um aprisionamento no passado, pois a lógica do Modernismo “(não seria um) eterno retorno do mesmo [...], mas seria o que podemos chamar de eterno retorno em diferença” (SANTIAGO *et al*, 1985, p.129)<sup>143</sup>.

Nesta tese, **explicitamos que Rachel de Queiroz, no conjunto das obras, aos moldes modernistas, marca tanto a fala das personagens quanto as manifestações dos narradores com uma linguagem tendendo para a oralidade, embora seja recorrente o emprego de práticas linguísticas vinculadas ao letramento.** E a isto há o acompanhamento de diversos gêneros discursivos, no interior dos três romances, que têm seu ambiente vital no contexto da fala, quer por empregarem o som como ‘suporte de comunicação’<sup>144</sup>, quer por valerem-se da proximidade com o enunciatário como ‘condição de comunicação’ – conforme abordado na página 78 desta tese.

Ao bom estilo da geração de 30, os romances regionalistas que analisamos, evidenciam a tentativa de diminuir, quando não acabar, com o abismo entre as manifestações dos narradores (comumente vinculadas com o falar urbano e formal) e aquelas das personagens (mais identificadas com o falar rural e informal), de modo que, **nas obras de Rachel de Queiroz, há um equilíbrio entre os**

<sup>141</sup> De Bortoni-Ricardo (2004) e Marcuschi (2010), respectivamente.

<sup>142</sup> Referimo-nos àqueles gêneros elencados quando analisamos as obras sob a perspectiva do *Continuum Tipológico*, e que variam desde os monólogos de caráter filosófico até aos diálogos espontâneos, passando por cânticos, hinos, cartas, bilhetes, plantas baixas e uma passagem (bilhete de embarque) de navio.

<sup>143</sup> Em cumprimento ao terceiro dos objetivos específicos que nos propusemos.

<sup>144</sup> Conceito apontado por Marcuschi em seu *Continuum Tipológico*, relativo ao suporte sonoro ou gráfico (2010, p.40-43).

**extremos**, dado, dentre outras coisas, pelo emprego de expressões idiomáticas e de um léxico que inscrevem um tom coloquial e pessoal, sem, contudo, folclorizar e estereotipar os falantes da Variedade Regional Nordestina<sup>145</sup> – como pode ser apreciado nos quadros presentes entre os apêndices B a G.

Ao fim e ao cabo, as três obras que selecionamos, como explicitamos no último capítulo, abrangeram tanto produções da fase mais jovem da autora, quanto uma produção de sua fase mais madura, de modo coerente e coeso, demonstrando ser não apenas uma fonte viável e exemplar de estudo e análise da língua em uma de suas variedades, mas também ferramenta, quer na mão de professores, quer na mão de estudantes, para a superação de muito preconceito linguísticos e para o conhecimento da riqueza e diversidade que a Língua Portuguesa do Brasil traz consigo.

A manutenção de uma percepção desinformada, distorcida e preconceituosa da língua não permite ver as variedades linguísticas como constituindo um todo coerentemente organizado, vinculada a um modo próprio de ver o mundo e de manter a coesão e a identidade grupal, tratando-as como agramaticais, erradas e/ou como deformações da ‘verdadeira’ língua, obstaculizando seu ensino (FARACO, 2012, p.46).

Isto posto, como fim último (teleológico) de nosso estudo, no qual esta tese ocupa lugar paradigmático, esperamos ter fornecido uma singela contribuição à Sociolinguística, bem como, termos sido capazes de motivar futuras pesquisas e um olhar mais crítico para nossa língua como um todo, em suas variedades e na relação Sociolinguística e Literatura.

A implicação de nossa tese em âmbito escolar não nos parece um horizonte distante, uma vez que a reflexão que empreendemos contribui para a percepção de que a existência de variantes não é um problema, mas sim uma riqueza da língua, manifesta tanto na oralidade quanto na escrita, por meio dos mais variados gêneros discursivos, empregada por falantes ruais ou citadinos, em situações de maior ou menor formalidade, sendo objeto de apreciação e trabalho de eminentes literatos do Português Brasileiro, como Rachel de Queiroz, apontando-nos para o fato de que o real problema para com a língua emerge de como as

---

<sup>145</sup> Em cumprimento ao segundo e ao terceiro dos objetivos específicos que nos propusemos.

variantes não prestigiadas e seus falantes são tratados na esfera escolar e em qual pedagogia é utilizada nesse ambiente (BORTONI-RICARDO, 2005, p.13-15).

A viabilidade de um estudo da Língua Portuguesa em obras literárias, tendo uma variedade específica da língua como objeto de análise, faz-nos crer que esta tese pode inspirar professores a adotarem práticas pedagógicas diferenciadas e inovadoras que tragam resultados a longo prazo, como patamares a serem construídos nesta edificação, geradoras de maior conscientização tanto aos próprios estudantes, aos demais membros da sociedade, e, especialmente, quanto à nossa língua (ERICKSON, 1987, p.342), uma vez que “*o rumo definitivo da língua brasileira (e de seus falantes) só poderá ser determinado depois de (crítica e respeitosamente) estudadas as varias tendencias regionais*” (MARROQUIM, 1934, p.166).

“Se quiser, aprenda o que é o amor, leia os livros e sonhe!” (QUEIROZ, 1982)

## REFERÊNCIAS

ABL. **Amadeu Amaral – Biografia.** Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/amadeu-amaral/biografia>. Acesso em: 10 de nov. de 2019.

ALENCAR, Maria Silvana Militão de. Introdução. In: GIRÃO, Raimundo. **Vocabulário Popular Cearense.** Fortaleza: Demócrito, 2000.

ALKMIN, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras.** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2004, v.1.

ALVES, Adalberto. **Portugal ecos de um passado árabe.** Lisboa: Instituto Camões, 1999.

AMADO, Jorge. **Cacau.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira.** São Paulo: Hucitec, 1982.

AMARAL, Amadeu. **Tradições Populares.** 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1976.

**ANNUÁRIO, comercial, industrial, agrícola, profissional e administrativo da República dos Estados Unidos do Brasil para 1915.** Rio de Janeiro: Almanak Laemmaert, 1915, v.3.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A Semana Continua. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano 81, n. 256, Caderno B, p. 8, 3 fev. 1972. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015\\_09&pagfis=227957](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pagfis=227957). Acesso em 27 de dez. de 2022.

ANDRADE, Mário de. **Aspectos da Literatura Brasileira.** 5.ed. São Paulo: Livraria Martins Editorial, 1974.

ANDRADE, Mário de. **Obras completas: O empalhador de passarinho.** São Paulo: Martins Fontes, 1946, v.20.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. In: **Obras Completas.** 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, v.6, p.11-19.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto da Poesia Pau-Brasil. In: **Obras Completas.** 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, v.6, p.3-10.

ANDRADE, Oswald de. **Os dentes do dragão.** 2.ed. São Paulo: Globo, 1990.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A fraseologia como marco do léxico regional-popular. In: COSTA, Daniela de Souza Silva; BENÇAL, Dayme Rosane (org.). **Nos Caminhos do Léxico.** Campo Grande: Editora UFMS, 2016, p.33-49.

ARANHA, José Pereira da Graça. A emoção estética na arte moderna. In: AMARAL, Aracy Abreu. **Artes Plásticas na Semana de 22**. 5.ed. São Paulo: Editora 34, 1998 [1922], p.268-273.

AULETE, Caldas. **Aulete Digital: Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/index.php>. Acesso em: 12 de fev. de 2021.

ÁVILA, Affonso. **O Modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

AZEVEDO, Fernando de. **A educação e seus problemas**. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1953 [1937].

AZEVEDO, Fernando *et al.* **MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA**. Disponível em: <<  
[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1\\_22e.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf)>>. Acesso em 1 de jun de 2020 [1932].

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **The Dialogic Imagination**. Austin: University of Texas Press, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance**. 5.ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BALLY, Charles. **Traité de Stylistique Française**. 2.ed. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1921, v.1.

BANDEIRA, Manuel. **Antologia Poética**. 9.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

BATISTA, Patrícia de Oliveira. **A Toponímia Cearense no século XIX**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p.144, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Ensino de gramática**. Opressão? Liberdade?. 4.ed. São Paulo: Ática, 1989.

BECHARA, Evanildo. Prefácio. In: CABRAL, Tomé. **Dicionário de termos e expressões populares**. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1972.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O Português Brasileiro e o Português Europeu: Identidade e contrastes. **Revue belge de philologie et d'histoire**, Bélgica, v. 79, n. 3, p. 963-975, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegamu na escola e agora?: sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; ROCHA, Maria do Rosário. O ensino de português e a variação linguística em sala de aula. In: MARTINS, Marco Antônio; VIEIRA, Silvia Rodrigues; TAVARES, Maria Alice (orgs.). **Ensino de Português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014, p.37-56.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Processos interativos em sala de aula e a pedagogia culturalmente sensível. **POLIFONIA**, Cuiabá, n.07, p.119-136, 2003.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 32.ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

BRASIL, Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Congresso, 2005.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – Ensino Fundamental**. Brasília: MEC, 2017.

BRITO, Mário da Silva. **História do Modernismo Brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

BUENO, Francisco da Silveira. **A formação histórica da Língua Portuguesa**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 1967.

BUENO, Luís. **Uma História do Romance de 30**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CABRAL, Tomé. **Dicionário de termos e expressões populares**. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1972.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. **Jorge Amado**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, nº3, 1997.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. In: Remate de Males. Departamento de Teoria Literária IEL/UNICAMP, Número especial Antônio Candido Campinas, 1999, p.81-90.

CÂNDIDO, Antônio; CASTELLO, J. Aderaldo. **Presença da Literatura brasileira, história e antologia III**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

CAPUTO, Angelo Renan Acosta; PRUNZEL, Clóvis Jair. **Latim Básico**. Curitiba: InterSaber, 2017.

CARMO, Laura do. A voz do caipira em Amadeu Amaral. In: CARMO, Laura do; LIMA, Ivana Stolze (Org.). **História social da língua nacional**, Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008, v.1, p.375-390.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. 3.ed. Brasília: Senado Federal, 2008, v.4.

CASTELLO, José Adalberto. **A Literatura Brasileira: origens e unidade**. São Paulo: EdUSP, 2004.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; ELIAS, Vanda Maria. **Pequena Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTRO, Celso. MARQUES, Juliana. **Interpretações do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2010 p.141-164.

CHKLOVSKI, Viktor. A Construção da Novela e do Romance. In: JAKOBSON, Roman *et al.* **Teoria da Literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Globo, 1971, p.205-226.

CORRÊA, Roberto Alvim (org.). **Dicionário Escolar Francês-Português Português-Francês**. 2.ed. Rio de Janeiro: MEC, 1961.

COSERIU, Eugenio. **Sincronía, Diacronía e Historia: El problema de cambio lingüístico**. 3.ed. Madrid: Gredos, 1978.

COSTA, Daniela de Souza Silva; BENÇAL, Dayne Rosane (orgs). **Nos Caminhos do Léxico**. Campo Grande: Editora UFMS, 2016.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1969, v.3.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1970, v.5.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. A pedagogia da variação linguística é possível? In: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola, 2015, p.31-51.

DIETRICH, Wolf. A língua guarani e o português no Brasil. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (org). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p.155-168.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Linguística**. 10.ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

ERICKSON, Frederick. *Transformation and School Success: The Politics and Culture of Educational Achievement*. **Anthropology and Education Quarterly**, v.18, n.4. p.335-356, 1987.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FALCÃO, Márlío; FALCÃO, Maneol; CARNEIRO, Flávio. **Fortaleza: Dicionário de Ruas**. Disponível em: <http://www.dicionarioderuasfortaleza.com.br/>. Acesso em: 26 de fev. de 2021.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. 2.ed. São Paulo: Parábola, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desatando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 37-61.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução à história das línguas**. 2.ed. São Paulo: Parábola, 2007.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

FARIA, João Roberto Gomes de. Mário de Andrade e a questão da língua brasileira. In: COSTA, Marta Morais da *et al.* **Estudos sobre o Modernismo**. Blumenau: Criar, 1982, p.45-68.

FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista**. 6.ed. Recife: MEC, 1976.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem e modas de mulher**. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GENETTE, Gerard. **Discurso da Narrativa**. 3.ed. Lisboa: Vega, 1995.

GENETTE, Gerard. **Introdução ao Arquitexto**. Lisboa: Vega, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos e pesquisas**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIRÃO, Raimundo. **Vocabulário Popular Cearense**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

GOLOVATY, Ricardo Vidal. **O Elogio da Mediocridade: Percursos de Amadeu Amaral**. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, p.334, 2010.

GOMES, Roberto. **Crítica da Razão Tupiniquim**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 1982.

GREGÓRIO DE MATOS. **Gregório de Matos: Poemas Atribuídos**. Belo Horizonte: Autentica, 2014.

HOBBSAWM, Eric John Ernest. **La era del imperio (1875-1914)**. 6.ed. Buenos Aires: Planeta, 2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

KAVISKI, Ewerton; FUMANERI, Maria Luísa Carneiro. **Literatura Brasileira: uma perspectiva histórica**. Curitiba: InterSaberes, 2014.

KUHN, Thomas Samuel. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. **Lengua hablada en la Romania: español, francés, italiano**. Madrid: Gredos, 2007.

JOBIM, José Luis; SOUZA, Acízelo de. **Iniciação à Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LAFETÁ, João Luís. **1930: a crítica e o modernismo**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo**. 10.ed. São Paulo: Ática, 2002.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

LEITE, Marli Quadros. PURISMO NO DISCURSO ORAL CULTO. In: PRETI, Dino (org). **O Discurso Oral Culto**. 2.ed. São Paulo: Humanitas, 1997, p.79-113.

LIMA, Ébion. **Lições de Literatura Brasileira**. 3.ed. São Paulo: Salesiana, 1965.

LUCCHESI, Dante. **Língua e Sociedade Partidas: a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, Dante. Norma Linguística e Realidade Social. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da Norma**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 63-92.

MAGALHÃES, Fernão. **Dicionário de Língua Portuguesa**. 36.ed. São Paulo: Cultura Brasileira, 1981.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **Dicionário de Curiosidades Verbais**. São Paulo: Ediouro, 1983.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e Escrita. **Revista Signótica**. Goiânia, v.9, n.1, p.119-147, jan/dez de 1997.

MARROQUIM, Mário. **A Língua do Nordeste**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

MARTINS, Andrea Cristina. Rachel de Queiroz e seu percurso criativo em Memorial de Maria Moura: o livro e a minissérie. **Revista Araticum**, Montes Claros, v. 3, n. 1, p. 42-51, 2011.

MICHAELIS. **Michaelis 2000: Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2000, v.1.

MICHAELIS. **Michaelis 2000: Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2000, v.2.

MONTEIRO, Adolfo Casais. Um Romance que não envelheceu. In: QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 27.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fala, Letramento e Inclusão Social**. São Paulo: Contexto, 2007.

MORENO, Augusto. **Dicionário elementar da Língua Portuguesa**. 2.ed., Porto: Editora Educação Nacional, 1939.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário de Sinônimos**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

NAVARRO, Fred. **Dicionário do Nordeste**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

NERY, Hermes Rodrigues. **Presença de Rachel**. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2002.

NICOLA, José de; NICOLA, Lucas de. **Semana de 22: antes do começo, depois do fim**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

NOLL, Volker. O Brasil Colônia entre a língua geral e o português. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (org). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p.105-118.

OLIVEIRA, Marilza de (org.). **Língua Portuguesa em São Paulo: 450 anos**. São Paulo: Humanitas, 2006.

PAGNAN, Celso Leopoldo. **Manual Compacto de Literatura Brasileira**. São Paulo: Riedeel, 2010.

PAIVA, Maria da Conceição de. Mudança em tempo real e em tempo aparente. In: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JUNIOR, Celso (orgs.). **Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016, p.23-32.

PAIVA, Maria da Conceição A. de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta anos depois: a herança de um programa na linguística brasileira. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin Irving. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. 2.ed. São Paulo: Parábola, 2009.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática Descritiva do Português**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2005.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

POLIDORI, Erminio. **Introduzione allo studio del modernismo letterario ibero-americano**. Milano: Gastaldi Editore, 1953.

PRETI, Dino. A língua falada e o diálogo literário. In: PRETI, Dino (org). **Análise de Textos Oraís**. 4.ed. São Paulo: Humanitas, 1999, p.215-228.

PRETI, Dino. **A Linguagem dos Idosos**. São Paulo: Contexto, 1991.

PRETI, Dino. A propósito do conceito de discurso urbano oral culto: a língua e as transformações sociais. In: PRETI, Dino (org). **O Discurso Oral Culto**. 2.ed. São Paulo: Humanitas, 1997, p.21-34.

PRETI, Dino (org.). **Análise de textos oraís**. 4.ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

PRETI, Dino. **Estudos da Língua Oral e Escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

PRETI, Dino. O texto literário como documento linguístico. In: BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Editora Contexto, 2010, p.94-97.

QUEIROZ, Rachel de. **As Três Marias**. São Paulo: Abril, 1982.

QUEIROZ, Rachel de. **Depoimento: Programa Memória Política TV Câmara**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/arquivo/historia-oral/Memoria%20Politica/Depoimentos/raquel-de-queiroz/texto>. Acesso em: 11 de jan. de 2023 [2000].

QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**. São Paulo: Siciliano, 1992.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 27.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

RAMOS, Graciliano. **Linhas tortas**. São Paulo: Martins Fontes, 1964.

RAMOS, Rui (coord.); VASCONCELOS E SOUSA, Bernardo; MONTEIRO, Nuno Gonçalves. **História de Portugal**. 8.ed. Lisboa: Esfera dos Livros, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: Estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2005.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia Antiga: Platão e Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 1994, v.2.

REZENDE, Neide. **A Semana de Arte Moderna**. 2.ed. São Paulo: Ática, 2006.

RIBEIRO, Laudicena de Fátima Ribeiro. **Sistema de Bibliotecas da UEL: Regras Básicas para Apresentação Formal de Trabalhos**. Disponível em: <https://www.uel.br/bc/portal/arquivos/apostila-normalizacao.pdf>. Acesso em: 20 de jan. de 2021.

RIBEIRO, Manoel Pinto. A Reforma Ortográfica da Academia Brasileira de Letras, em 1907. **Revista da Academia Brasileira de Filologia**. Rio de Janeiro, ano 9, n. 9, p. 206-210, jul. de 2011.

ROCHA, Carlos Alberto de Macedo; ROCHA, Carlos Eduardo Penna de Macedo. **Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

SAMPAIO, Newton. **Uma visão literária dos anos 30**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1979.

SAMPAIO, Teodoro. **O tupi na geografia nacional**. 5.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

SANTIAGO, Silviano *et al.* **CULTURA BRASILEIRA: Tradição/Contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1985.

SANTINI, Juliana. Entre o riso e a ruína: humor, romance e regionalismo em José Lins do Rego. **Teresa, revista de literatura brasileira**, São Paulo, n. 16, p.175-190, 2015.

SAPIR, Edward. Language. In: SAPIR, Edward. **Culture language and personality, selected essays**. Los Angeles: University of California Press, 1949, p.3-44.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3.ed. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

SERAINE, Florival. Contribuição à toponímia cearense. **Revista do Instituto do Ceará**, v.60, p.254-276, 1946.

SERAINE, Florival. Contribuição à toponímia cearense. **Revista do Instituto do Ceará**, v.62, p.266-285, 1948.

SILVA, Rita do Carmo Polli da. **A sociolinguística e a língua materna**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

SILVA, Vera Lúcia Paredes da. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (org). **Introdução à Sociolinguística: O tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2010, p.67-72.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. São Paulo: Ática, 2007.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola**. 17.ed. São Paulo: Ática, 2000.

SOBRINHO, Barbosa Lima. **A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil**. 2.ed. Brasília: José Olympio/MEC, 1977.

SOUZA, Carlos Alberto de. **A Linguagem Regional-Popular nos romances de Rachel de Queiroz**. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p.256, 2013.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1997.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa. **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2018a, p.55-82.

TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa. **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2018b, p.29-54.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. Variedade do português brasileira na trilha das bandeiras paulistas. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (org). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p.119-140.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: UNESP, 2018.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VIEIRA, Padre Antônio. **Obras Várias**. Lisboa: Editores J.M.C. Seabra e T.Q.Antunes, 1856, Tomo I.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A

Quadros com as expressões idiomáticas presentes nos três romances analisados

**Quadro 1** – Expressões idiomáticas presentes na obra *O Quinze*

	Significado	Na obra
<b>A modo de</b>	<p>“Com jeito” (MICHAELIS, 2000, p.1395).</p> <p>“À maneira de; ao jeito de; à moda de” (ROCHA; ROCHA, 2011, p.6).</p>	<p>“O rapaz disse, a modo de despedida” (QUEIROZ, 1981, p.17).</p>
<b>A peito</b>	<p>“Com boa vontade, com decisão; com empenho” (MICHAELIS, 2000, p.1582).</p>	<p>“Tomei a peito e vou ao fim...” (QUEIROZ, 1981, p.70).</p>
<b>A pique</b>	<p>“A prumo, verticalmente” (MICHAELIS, 2000, p.1625).</p>	<p>“Escorria em grandes listas, sumindo-se nas anfractuosidades, chamalotando as ásperas paredes a pique” (QUEIROZ, 1981, p.67).</p>
<b>Ao emboléus</b>	<p>“Isto é, ao léu, à-toa, sem destino, desarvorado” (CABRAL, 1972, p.331).</p>	<p>“Não sei como não morri, por aí, aos emboléus” (QUEIROZ, 1981, p.104).</p>
<b>Ali</b>	<p>“Então, naquele tempo, naquela ocasião” (MICHAELIS, 2000, p.106).</p> <p>Aproximadamente (CABRAL, 1972, p.47).</p>	<p>“Homem é assim! Opinioso até ali! Eu também, começando acabo! Nem que rache!” (QUEIROZ, 1981, p.70).</p>
<b>Alongar a voz</b>	<p>Alongar= “Estender(-se) [...]. Aumentar a duração de” (MICHAELIS, 2000, p.112).</p>	<p>“O caboclo alongou tristemente a voz lamentosa” (QUEIROZ, 1981, p.16).</p>
<b>Almoça auto e janta libelo</b>	<p>“Ser extremamente empenhado no seu ofício, em particular, na militância jurídica” (ARAGÃO, 2016, p.45).</p>	<p>“É o seu doutor promotor de Santa Ana... Almoça auto e janta libelo...” (QUEIROZ, 1981, p.12).</p>
<b>Botou de banda</b>	<p>“Acabar com” (ARAGÃO, 2016, p.44).</p>	<p>“Hein, minha comadre! Botou o luxo de banda...” (QUEIROZ, 1981, p.27).</p>

<b>Calcanhar do judas</b>	“Lugar distante, remoto” (CABRAL, 1972, p.184).	“Você preferia ter ficado perto daquelas velhas, suas primas, lá no calcanhar do judas” (QUEIROZ, 1981, p.43)
<b>Chapéu de massa</b>	“Qualquer chapéu de feltro” (NAVARRO, 2004, p.109).	“Sacudindo, num grande gesto de adeus, seu largo chapéu de massa” (QUEIROZ, 1981, p.23).
<b>Como ele só</b>	Relativo à expressão QUE SÓ= “Usada para expressar que ninguém é tanto (referente a característica, qualidade, defeito etc.) quanto a pessoa mencionada” (AULETE, 2021).	“Dizedor de prosa como ele só!...” (QUEIROZ, 1981, p.41).
<b>Contar que</b>	“Supor imaginar, admitir algo, para chegar a uma conclusão” (CABRAL, 1972, p.254).	“Contava que Mãe Nácia quisesse ir” (QUEIROZ, 1981, p.9).
<b>Dar de frente</b>	O mesmo que DAR DE FACE COM= “Encontrar, topar” (MICHAELIS, 2000, p.636). “Deparar com; Topar” (AULETE, 2021).	“Quando o rapaz deu de frente com a casa” (QUEIROZ, 1981, p.8).
<b>Dar para</b>	“Ser suficiente; Bastar” (AULETE, 2021).	“Você quererá ser doutora, dar para escrever livros?” (QUEIROZ, 1981, p.92).
<b>De carreira</b>	Derivado da palavra CARREIRA= “Itinerário de transporte coletivo” (AULETE, 2021).	“Não sei se posso nem ir ver vocês, de carreira...” (QUEIROZ, 1981, p.22).
<b>Deixe estar</b>	“Não se preocupe, tenha paciência que” (CABRAL, 1972, p.289).	“Pois deixe estar que no ano que vem eu trago aqui uma porção de moças bonitas” (QUEIROZ, 1981, p.9).
<b>Diabo(a)</b>	“Expressão de denota revolta, indignação, surpresa. [...] Interjeição de protesto, de desapontamento. [...] Interjeição de revolta, de decepção”	“Inda por cima do verãozão, diabo de tanto carrapato...” (QUEIROZ, 1981, p.6). “Diaba do chouto duro como o

	(CABRAL, 1972, p.313-314).	cão!" (QUEIROZ, 1981, p.21).
<b>Em tempo de</b>	"A tempo, oportunamente" (MICHAELIS, 2000, p.2038).	"O meu gado anda em tempo de cair" (QUEIROZ, 1981, p.9).
<b>Estar perdido</b>	"Que não tem esperança de salvação" (AULETE, 2021). "Extraviado, transviado" (MICHAELIS, 2000, p.1594).	"Aquele está perdido para mim..." (QUEIROZ, 1981, p.12).
<b>Falaram no mau</b>	A expressão completa é "FALOU DO MAU, PREPARE O PAU – Expressão usada, quando alguém surge justamente no momento em que estão falando a seu respeito" (CABRAL, 1972, p.393).	"Falaram no mau..." (QUEIROZ, 1981, p.53).
<b>Fazer a trouxa</b>	"Arrumar, entrouxar as coisas, fazer as malas para retirar-se. [...]. Arrumar o que é seu porque está despedido" (MICHAELIS, 2000, p.2132).	"Ele já está fazendo a trouxa" (QUEIROZ, 1981, p.7).
<b>Fazer pena</b>	No sentido de provocar o sentimento de lástima, compaixão, dó, desgosto, tristeza, pesar (AULETE, 2021).	"Faz pena!" (QUEIROZ, 1981, p.7).
<b>Feito</b>	"Como" (CABRAL, 1972, p.400).	"O céu, transparente que doía, vibrava tremendo feito uma gaze repuxada" (QUEIROZ, 1981, p.8).
<b>Ficar na peça</b>	"Ficar solteirona, ficar para tia/titia" (AULETE, 2021).	"Moça que pega a escolher muito, acaba ficando na peça..." (QUEIROZ, 1981, p.92).
<b>Ganhar o mundo</b>	"Sair à toa, para longe, para o não-sabe-onde" (GIRÃO, 2000, p.220). "Ir para longe. Ir embora, sem destino certo. Viajar" (CABRAL, 1972, p.435).	"E o pessoal dela que ganhe o mundo..." (QUEIROZ, 1981, p.6).
<b>Gestos insultuosos</b>	"Afrontoso; Ignominioso" (AULETE, 2021).	"Vingavam-se, estirando a língua, como gestos insultuosos mas

		perdidos" (QUEIROZ, 1981, p.25).
<b>Guarda-peito</b>	"Peça de roupa-de-couro de vaqueiro, que protege o tórax e é presa ao pescoço por uma correia ou colarinho circundando-o, e também à cintura, do mesmo modo" (GIRÃO, 2000, p.227).	"Com o guarda-peito encarnado desenhando-lhe o busto forte e as longas pernas" (QUEIROZ, 1981, p.10).
<b>Inda</b>	"O mesmo que ainda" (MICHAELIS, 2000, p.1145).	"Inda por cima do verãozão, diabo de tanto carrapato..." (QUEIROZ, 1981, p.6).
<b>Indiferença de macaco pensativo</b>	Em referência aos três macacos sábios do folclore japonês – Kikazaru (o que tapa os ouvidos), iwazaru (o que tapa a boca) e mizaru (o que cobre os olhos).	"Desengonçadamente, numa indiferença de macaco pensativo que se agacha num encontro de galhos e ali fica" (QUEIROZ, 1981, p.15).
<b>Inhora</b>	Inhora ou Nhora= "O mesmo que senhora (empregam, em resposta a alguém que imprime respeito" (CABRAL, 1972, p.465).	"É, inhora sim" (QUEIROZ, 1981, p.66).
<b>Já é de Nosso Senhor</b>	Eufemismo para morreu, estar morto.	"Esse já é de Nosso Senhor..." (QUEIROZ, 1981, p.40).
<b>Lá</b>	"Exprime advertência em certas expressões" (MICHAELIS, 2000, p.1215). "Vocábulo usado em expressões para dar-lhe sentido negativo" (CABRAL, 1972, p. 483).	"Vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão!" (QUEIROZ, 1981, p.28).
<b>Levar</b>	"Apanhar, receber, sofrer" (MICHAELIS, 2000, p.1248).	"Branco leva sol, fica corado" (QUEIROZ, 1981, p.9).
<b>Mão em pala</b>	Em ralação à palavra PALA= "Anteparo para resguardar os olhos do excesso de claridade" (MICHAELIS, 2000, p.1530).	"Resguardando os olhos com a mão em pala" (QUEIROZ, 1981, p.8).
<b>Mão pra lá, mão</b>	Expressão em referência a uma	"Cedeu, mas foi mão pra lá, mão

<b>pra cá</b>	ação corrupta.	pra cá...” (QUEIROZ, 1981, p.21).
<b>Mastigar</b>	“Pronunciar confusamente” (AULETE, 2021).	“O pai mastigou um ‘Deus te acompanhe’” (QUEIROZ, 1981, p.20).
<b>Mexer as contas do rosário</b>	Em referência a rezar o rosário. O que é feito pela passagem de uma conta a outra, acompanhada de uma Ave-Maria ou de um Pai-Nosso.	“No quarto vizinho a avó, insone como sempre, mexia as contas do rosário” (QUEIROZ, 1981, p.4).
<b>Mode</b>	“Substitui a preposição <b>para</b> ou a locução <b>a fim de</b> ” (CABRAL, 1972, p.549, grifo do autor).	“Não tinha água mode lavar...” (QUEIROZ, 1981, p.26).
<b>Moço Branco</b>	O indivíduo de côr branca. [...]. O patrão ou pessoa de importância” (CABRAL, 1972, p.149).	“Moço branco não é pra bico de cabra que nem nós...” (QUEIROZ, 1981, p.41).
<b>Montão</b>	“Certa quantidade. Grande número” (CABRAL, 1972, p.550).	“Um confuso montão de trapos de chita” (QUEIROZ, 1981, p.32).
<b>Morrendo e aprendendo</b>	Expressando o sentido de que sempre há algo novo a ser aprendido, mesmo em momentos inesperados.	“A gente é morrendo e aprendendo!” (QUEIROZ, 1981, p.44).
<b>Mundão de meu Deus</b>	“Lugar distante, remoto” (CABRAL, 1972, p.557).	“Onde é que a gente vai viver, por esse mundão de meu Deus?” (QUEIROZ, 1981, p.18).
<b>Mundos e fundos</b>	“Vantagem sem fundamento ou inacreditáveis. Coisa difícil ou inverossímil” (CABRAL, 1972, p.559).	“Me convidou para abrir uma bodega, que me dava mundos e fundos, garantia de um tudo” (QUEIROZ, 1981, p.62).
<b>Não é pra bico</b>	“Não estar à altura” (CABRAL, 1972, p.130).	“Moço branco não é pra bico de cabra que nem nós...” (QUEIROZ, 1981, p.41).
<b>Não ter santo que</b>	O mesmo sentido de NÃO TER JEITO= “Não ter conserto; não ter remédio; ser desajeitado” ( ROCHA; ROCHA, 2011, p.306)	“Não tinha santo que desse jeito!” (QUEIROZ, 1981, p.44).
<b>Nem que rache</b>	Expressando o sentido de que ao	“Homem é assim! OpiniOSO até ali!

	iniciar algo é necessário ir até o fim, às últimas consequências.	Eu também, começando acabo! Nem que rache!" (QUEIROZ, 1981, p.70).
<b>Nove-horas</b>	"Invencionices, luxos, exigências tolas, novidades" (GIRÃO, 2000, p.276).	"Você é tão cheio de nove-horas" (QUEIROZ, 1981, p.86).
<b>Obra de</b>	"Cerca de, aproximadamente" (CABRAL, 1972, p.575)	"Eu ainda esperei obra duma semana..." (QUEIROZ, 1981, p.61).
<b>O pobre</b>	Pobre= "Digno de compaixão, infeliz" (MICHAELIS, 2000, p.1647).	"O pobre morrendo de precisão!" (QUEIROZ, 1981, p.17).
<b>Olhos embaciados</b>	Embaciado= "Sem brilho; embaçado" (MICHAELIS, 2000, p.777).	"Dos olhos embaciados da velha, as lágrimas desciam" (QUEIROZ, 1981, p.108).
<b>Ou quebra ou bota relógio</b>	Expressando o sentido de que ao iniciar algo é necessário ir até o fim, às últimas consequências.	"Ou quebra ou bota relógio!" (QUEIROZ, 1981, p.70).
<b>Pegar a</b>	"Pôr-se a; começar" (CABRAL, 1972, p.608).	"Você pega a teima!" (QUEIROZ, 1981, p.86).
<b>Pia</b>	"Coisa muito salgada" (GIRÃO, 2000, p.296).	"Ih! Sal puro! Mesmo que pia!" (QUEIROZ, 1981, p.26).
<b>Quando Deus é servido</b>	"Quando for possível (constitui promessa muito vaga)" (CABRAL, 1972, p.311).	"[...] ou quando Deus Nosso Senhor é servido de tirar..." (QUEIROZ, 1981, p.79).
<b>Quem comeu a carne tem de roer os ossos</b>	Expressando o sentido de que ao iniciar algo é necessário ir até o fim, às últimas consequências (explicação nossa).	"Quem comeu a carne tem de roer os ossos..." (QUEIROZ, 1981, p.6).
<b>Quinhão</b>	"Parte que, na repartição ou divisão de um todo, toca a cada um; porção que se recebe quando se distribui ou reparte alguma coisa" (MICHAELIS, 2000, p.1752).	"Se achou no direito de tomar seu quinhão de abrigo" (QUEIROZ, 1981, p.28).
<b>Se sujando</b>	De SUJAR= "Cometer ações infames; desmoralizar-se, rebaixar-se"	"Um moço branco andar se sujando com negras?" (QUEIROZ,

	(MICHAELIS, 2000, p.1990). “Ficar mal visto por ele” (AULETE, 2021).	1981, p.44).
<b>Ser gente</b>	“Ter importância, afirmar-se em algo” (AULETE, 2021). “Ter chegado à adolescência, à maturidade” (MICHAELIS, 2000, p.1026).	“E teimava em não querer ‘ser gente’...” (QUEIROZ, 1981, p.11).
<b>Sinhá</b>	“Nome pelo qual os escravos ou empregados se dirigiam às donas de casa, nos tempos da escravatura. Ainda hoje é utilizado como cognome” (CABRAL, 1972, p.703).	“Defronte da casa de sinhá Eugênia” (QUEIROZ, 1981, p.36).
<b>Tomar a peito</b>	“Enfrentar decididamente, com entusiasmo” (CABRAL, 1972, p.611).	“Tomei a peito e vou ao fim...” (QUEIROZ, 1981, p.70).
<b>Tomar sumiço</b>	O mesmo que LEVAR SUMIÇO= “Desaparecer ou perder-se de vista; não se saber onde para ou está” (MICHAELIS, 2000, p.1993).	“Vim falar ao senhor mode um filho meu, que desde ontem tomou sumiço” (QUEIROZ, 1981, p.60).
<b>Tomar um rumo</b>	“Achar rumo; [...] endireitar; tomar juízo” (MICHAELIS, 2000, p.1866).	“Você pode tomar um rumo” (QUEIROZ, 1981, p.14).
<b>Tratar a vela de libra</b>	“Viver ou ser acolhido regiamente” (CABRAL, 1972, p.767). “Ser acolhido regionalmente” (ARAGÃO, 2016, p.45).	“Danou-se para vir pro Ceará porque ouviu dizer que estavam tratando retirante a vela de libra” (QUEIROZ, 1981, p.56).
<b>Um cristão</b>	Cristão= “Qualquer pessoa ou indivíduo” (GIRÃO, 2000, p.159). “Certa pessoa. [...] Qualquer pessoa; alguém” (CABRAL, 1972, p.273).	“Vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão!” (QUEIROZ, 1981, p.28).
<b>Vá-se</b>	Vá-se ou Vai-te= Interjeição de repulsa, desagrado, aversão” (CABRAL, 1972, p.762).	“Olhe, sua perguntadeira, se você quer mesmo ir, vá-se vestir” (QUEIROZ, 1981, p.85).
<b>Valer</b>	“Acudir, auxiliar, defender, proteger,	“Valha-me Deus!” (QUEIROZ,

	socorrer" (MICHAELIS, 2000, p.2173).	1981, p.8).
<b>Vosmecês</b>	"Abreviatura de Vossa Mercê. O mesmo que 'o senhor', a vossa senhoria" (CABRAL, 1972, p.763).	"Vosmecês tem coragem de comer isso?" (QUEIROZ, 1981, p.28).

Fonte: O autor.

**Quadro 2** – Expressões idiomáticas presentes na obra *As Três Marias*

	Significado	Na obra
<b>A custo</b>	"Difícilmente" (MICHAELIS, 2000, p.630).	"Eu ia respondendo a custo, sentindo-me mal" (QUEIROZ, 1982, p.10).
<b>Atrás de si</b>	"À procura de. [...]. À espera de, na expectativa ( <i>sic</i> ) de. [...]" (CABRAL, 1972, p.91).	"Já enterrada, deixando atrás de si um viúvo, um filho, uma vida toda..." (QUEIROZ, 1982, p.124).
<b>Criar carnes</b>	Metáfora para engordar.	"Tinham-na mandado criar carnes, passar o inverno" (QUEIROZ, 1982, p.47).
<b>Da vida</b>	Eufemismo para prostituta (MICHAELIS, 2000, p.2200).	"Filha adúltera. Pai casado e mãe da vida" (QUEIROZ, 1982, p.67).
<b>Dar confiança</b>	"Dar atenção, encorajar pessoas que fazem insinuações amorosas" (MAGALHÃES JÚNIOR, 1983, p.92).	"Não dê confiança, Glória" (QUEIROZ, 1982, p.54).
<b>Dar o peito</b>	Amamentar. Peito= "Seio, mama" (MICHAELIS, 2000, p.1581).	"Mamãe estava na rede, comigo no colo, me dando o peito" (QUEIROZ, 1982, p.23).
<b>De aliança de ouro</b>	Metáfora para "estar casada".	"Pensávamos na outra, da nossa idade e já de aliança de ouro no dedo" (QUEIROZ, 1982, p.75).
<b>Decerto</b>	"Com certeza" (MICHAELIS, 2000, p.641).	"Decerto que sim" (QUEIROZ, 1982, p.75).
<b>De chofre</b>	"Repentinamente" (MICHAELIS, 2000, p.488).	"Como um conspirador intimado de chofre, do meio das suas bombas" (QUEIROZ, 1982, p.25).
<b>De nojo</b>	Nojo= "Mágoa, pesar, tristeza. [...]. Luto" (MICHAELIS, 2000, p.1461).	"O Colégio ainda esta de nojo como num luto" (QUEIROZ, 1982, p.66).
<b>De vez em vez</b>	"O mesmo que <i>de vez em quando</i> "; "Turno [...]. Quantidade que se repete" (MICHAELIS, 2000, p.2197).	"A própria Glória se envergonharia se as lágrimas de vez em vez não lhe viessem" (QUEIROZ, 1982, p.18).
<b>Dentes trincados</b>	Eufemismo para nervoso, irritado.	"Avancei de dentes trincados para Maria José" (QUEIROZ, 1982, p.97).

<b>Em tempo de</b>	“Incorrendo em risco de, arriscando-se a” (AULETE, 2021).	“Judiando com o pobre do bichinho, em tempo de matar!” (QUEIROZ, 1982, p.47).
<b>Em torno</b>	“à roda, em giro, em redro, em volta” (MICHAELIS, 2000, p.2086).	“Enquanto a roda das meninas, em torno, a escutava de coração espavorido” (QUEIROZ, 1982, p.23).
<b>Fazer sua cama</b>	“Pôr em ordem; arrumar” (MICHAELIS, 2000, p.943).	“Fez sua cama, minha filha?” (QUEIROZ, 1982, p.78).
<b>Lá isso</b>	“Partícula explicativa” (MICHAELIS, 2000, p.1215).	“Lá isso, se é católico...” (QUEIROZ, 1982, p.54).
<b>Levar pau</b>	“Ser espancado. [...] Ser reprovado em exame” (CABRAL, 1972, p.496).	“Você não há de querer que a gente leve pau, e vá embora, saia do Colégio” (QUEIROZ, 1982, p.39).
<b>Não cuidar</b>	Cuidar= “Cogitar, imaginar, pensar. [...]. Ocupar-se de, tratar de” (MICHAELIS, 2000, p.622).	“Ela, porém, não cuidava nisso, era feliz em sentir seu amor partilhado por nós” (QUEIROZ, 1982, p.57).
<b>No Macio</b>	“Brandamente, delicadamente, sem pressa” (CABRAL, 1972, p.511).	“Acabaram-se os longos passeios ao cemitério, no macio da tarde, quando os estefanotes da sepultura da moça espalhavam o seu cheiro” (QUEIROZ, 1982, p.17).
<b>Orelhas cabanas</b>	“Orelhas grandes, mal ajustadas ou caídas” (CABRAL, 1972, p.161).	“Tinha tanto medo de ver a filha de orelhas cabanas!” (QUEIROZ, 1982, p.46).
<b>Pés nus</b>	“Descalço” (MICHAELIS, 2000, p.1467).	“A imagem de uma moça de vestido brando e pés nus” (QUEIROZ, 1982, p.7).
<b>Pé-rapado</b>	“O mesmo que miserável [...]. A denominação deve provir do hábito, comum aos que andam de pés descalços em terremos lamacentos, de raspar a sola do pé com uma faca” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1983, p.253).	“na capela do fim da linha, onde só ia cabocla e pé-rapado” (QUEIROZ, 1982, p.35)
<b>Sem eira nem beira</b>	“Em estado de completa penúria, na indigência” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1983, p.296).	“Um boêmio sem eira nem beira” (QUEIROZ, 1982, p.91).
<b>Virgem</b>	“Interjeição de espanto ou admiração” (CABRAL, 1972, p.776).	“Virgem, você parece que está doida” (QUEIROZ, 1982, p.104).
<b>Vossência</b>	“de Vossa Excelência, com síncope” (MICHAELIS, 2000, p.2219).	“Palavras como ‘vossência’, por exemplo” (QUEIROZ, 1982, p.81).

Fonte: O autor.

Quadro 3 – Expressões idiomáticas presentes na obra *Memória de Maria Moura*

	Significado	Na obra
<b>À Bandoleira</b>	Trazê-las alçadas ao ombro ou a tiracolo (MICHAELIS, 2000, p.295).	"Cada um levava a sua arma à bandoleira" (QUEIROZ, 1992, p.271).
<b>Abença</b>	"(Expressão popular para abênção" (AULETE, 2021).	"Abença, Beato Romano!" (QUEIROZ, 1992, p.361).
<b>Abanar os queixos</b>	"Isto é insultá-lo ou provocá-lo, agindo a mão perto do rosto" (GIRÃO, 2000, p.58). "Ameaçar alguém, pegando-lhe no queixo e sacudindo-o. Agitar a mão à altura do rosto de outrem, numa ameaça de agressão" (CABRAL, 1972, p.24).	"A Firma chegou mais perto de Rubina e abanou-lhe os queixos: ..." (QUEIROZ, 1992, p.91)
<b>Abrir a barra do dia</b>	Um pouco antes ou logo ao amanhecer.	"Antes de se abrir a barra do dia" QUEIROZ, 1992, p.163).
<b>Apanhar bolacha quebrada</b>	"Ninharia, coisa sem valor" (NAVARRO, 2004, p.66).	"Por ora vão só dar uma olhada, aventurar. E não me apanhem bolacha quebrada. Tragam tudo no estado" (QUEIROZ, 1992, p.180).
<b>Apontando o bigode</b>	Era muito jovem	"Ele mal apontando o bigode, ela pesada, esperando filho" (QUEIROZ, 1992, p.248).
<b>Bateu a bota</b>	De BATER A BOTA= "Morrer" (CABRAL, 1972, p.117).	"Quando o casamento já tinha mais de ano, o velho bateu a bota" (QUEIROZ, 1992, p.50).
<b>Barra do dia</b>	Em relação a BARRA= "Clareza no horizonte, anunciadora do nascer do sol. [...]. A primeira clareza da manhã" (CABRAL, 1972, p.112).	"O de agora cantava e amiudava, a barra do dia estava rompendo" (QUEIROZ, 1992, p.44).
<b>Beber soro azedo mas arrotar coalhada</b>	"Diz-se de pessoa que conta vantagem sobre qualquer atividade, mas que na verdade não tem nada de especial nem de poder" (COSTA; BENÇAL, 2016, p.45).	"Esses seus primos pensam que são de raça de fidalgo!... Dos que bebe soro azedo mas arrota coalhada com açúcar branco..." (QUEIROZ, 1992, p.35).
<b>Botar a alma pela boca</b>	"Ficar esbaforido" (CABRAL 1972, p.133).	"Paramos, areados e botando a alma pela boca" (QUEIROZ, 1992, p.410).
<b>Botar a boca no mundo</b>	"Propalar boato ou mentira" (CABRAL 1972, p.133).	"Vou é atijar a Firma pra botar a boca no mundo, contando que o cunhado desonrou a prima donzela" (QUEIROZ, 1992, p.12).
<b>Bucho-furado</b>	"Indivíduo indiscreto" (MICHAELIS, 2000, p.364).	"O tal do Zé Pedro era um desses buchos-furados que não guardam segredo de nada?"

		(QUEIROZ, 1992, p.146).
<b>Cabelo na venta</b>	"Diz-se do indivíduo corajoso, destemido, que não tolera desaforo" (CABRAL, 1972, p.166).	"Com autoridade, cabelo na venta não vale" (QUEIROZ, 1992, p.53).
<b>Cabra macho</b>	"Indivíduo famanaz, valente, disposto, trabalhador" (CABRAL, 1972, p.169).	"Pai dizia que eu parecia um cabra macho e logo que ficasse moça tinha que aprender a andar de lado, como as outras, num silhão ou em andilhas, das antigas..." (QUEIROZ, 1992, p.87).
<b>Cair na boca do mundo</b>	"Ser alvo de comentários ou de maledicência" (CABRAL, 1972, p.180).	"Depois que Pai morreu, eu fiquei moça e Mãe caiu na boca do mundo" (QUEIROZ, 1992, p.62).
<b>Ca-te-espero</b>	Imprimir uma chamada de atenção; pressionar.	"Pois eu vou botar um cá-te-espero nele" (QUEIROZ, 1992, p.31).
<b>Chinelão cara-de-gato</b>	Chinelo parecido com o modelo conhecido como "havaianas", cujas correias aparentam a fisionomia do focinho dos gatos.	"Vinham dois vaqueiros encourados, como se estivessem de saída pra catinga. Chapéu de couro descaído para a testa, gibão, guarda-peito, perneira, chinelão cara-de-gato. Num burro, atrás, vinha no meio da carga, o moleque já nosso conhecido" (QUEIROZ, 1992, p.336).
<b>Cinco chagas de Cristo</b>	Jurar por aquilo que é mais sagrado.	"O que então se passou, não sei. Pelas Cinco Chagas de Cristo, juro que não sei" (QUEIROZ, 1992, p.155).
<b>Comer com os olhos</b>	"Olhar insistentemente, com desejo mal contido" (CABRAL, 1972, p.248).	"Jardilino me comia com os olhos, posso dizer" (QUEIROZ, 1992, p.24).
<b>Danado da vida</b>	Expressão usada na locução DANADO DE= "Usada para acentuar, intensificar, exagerar aquilo que se diz de algo ou alguém. [...]. Pessoa que está zangada, furiosa" (AULETE, 2021).	"Eu me levantei, já danada da vida" (QUEIROZ, 1992, p.35).
<b>Dantes</b>	"De antes, anteriormente, antigamente" (GIRÃO, 2000, p.163).	"Dantes só me chamava de Sinhazinha" (QUEIROZ, 1992, p.111).
<b>Dar de marcha</b>	"Partir" (CABRAL, 1972, p.526).	"Os outros riram. Roque meteu o relho na burra, nós demos de marcha aos cavalos" (QUEIROZ, 1992, p.260).
<b>Dar nas vistas</b>	"a) tornar-se público e notório; b) tornar-se notável (pelo traje ou pelos atos); c) tonar-se escandaloso" (MICHAELIS, 2000, p.636).	"Despachamos Zé Soldado, que era o mais esperto dos três, para adquirir os mantimentos; e sem dar nas vistas!" (QUEIROZ, 1992, p.85).

<b>Dar um aperto</b>	"Repreender; censurar; dar um arrepio; [...] dar, passar uma lição; [...]; meter, soltar a língua em alguém; [...]; dar, passar um pito em alguém; [...] dar, passar uma rabeçada" (SILVA, 2013, p.64).	"Talvez ela ainda mande os cabras me darem um aperto" (QUEIROZ, 1992, p.16).
<b>Dar um ensino</b>	"Castigar, aplicar corretivo" (SILVA, 2013, p.548).	"Ah, eu tinha que dar um ensino neles, em vez de correr me escondendo da perseguição, como queriam os meus cabras" (QUEIROZ, 1992, p.196).
<b>Dar um pio</b>	"Falar, manifestar-se; gemer, chorar" (CABRAL, 1972, p.625).	"Os meninos mostraram que são de confiança e não deram um pio a ninguém" (QUEIROZ, 1992, p.44).
<b>Das bandas</b>	"Determinado lugar" (CABRAL, 1972, p.108).	"Fugiu com aquele mulato, cabra forro, vindo das bandas do Maranhão!" (QUEIROZ, 1992, p.47).
<b>De barriga</b>	"Grávida" (CABRAL, 1972, p.114).	"Depois de um ano apareceu de repente e achou a mulher de barriga..." (QUEIROZ, 1992, p.323).
<b>De barriga chorando</b>	Estar com muita fome; o mesmo que 'de barriga roncando'.	"Juvêncio velho, manda essa negra assoprar o fogo que a gente tá de barriga chorando!" (QUEIROZ, 1992, p.145).
<b>De Borco</b>	"Emborcado, de bruços" (CABRAL, 1972, p.141).	"(O Liberato) caiu de borco, direto, na cama velha de Mãe" (QUEIROZ, 1992, p.26).
<b>De cocas</b>	"Termo usado na locução adverbial DE COCA, como corruetela de 'de cócoras'" (CABRAL, 1972, 241).	"À luz da candeia, avistei logo o tal Novato, de cocas no chão, todo encolhido" (QUEIROZ, 1992, p.406).
<b>De feição</b>	"De modo que" (AULETE, 2021).	"Pilador não era difícil, todo mundo ali era acostumado a pisar milho de caçula; duas pessoas, cada uma com a sua mão de pilão, batendo de feição: quando uma ia com a mão pro alto a outra descia" (QUEIROZ, 1992, p.329).
<b>De Nojo</b>	Nojo= "Mágoa, pesar, tristeza. [...]. Luto" (MICHAELIS, 2000, p.1461).	"Eu não fui, me declarei de nojo" (QUEIROZ, 1992, p.30).
<b>De raro em raro</b>	De vez em quando; muito raramente.	"Se eu ia à vila, de raro em raro e, como de costume, entrava na loja da D. Lilita" (QUEIROZ, 1992, p.34).
<b>Desmentiu a junta</b>	"Deslocar, desarticular, torcer (um membro)" (CABRAL, 1972, p.306). "Luxar uma articulação, deslocar" (GIRÃO,	"Parece que destroncou, ou pelo menos desmentiu a junta" (QUEIROZ, 1992, p.318).

	2000, p.171).	
<b>Dito e feito</b>	"Com presteza, rapidamente" (MICHAELIS, 2000, p.947).	"Pois foi dito e feito: assim que a tarde caiu, mandamos Zé Soldado" (QUEIROZ, 1992, p.145).
<b>Do seu tope</b>	"Estatura, tamanho, altura" (CABRAL, 1972, p.737)	"Ele era quase do seu tope e parecia um pouco de cara com você" (QUEIROZ, 1992, p.251).
<b>Dor de veado</b>	"Dor à altura do baço, provocada por enfado após uma corrida ou longa caminhada. A dor sintomática da apendicite" (CABRAL, 1972, p.322).	"Quando o cavalo chouteava forte, me atacava aquela dor que chamam dor de veado, a que dá uma pontada forte nos vazios." (QUEIROZ, 1992, p.87)
<b>É nas águas profundas que vive a cobra grande</b>	No sentido de que as ações/ as pessoas mais perigosas surgem de onde menos se pode esperar.	"Ah, mas é nas águas profundas que vive a cobra grande, dizia uma beata" (QUEIROZ, 1992, p.32).
<b>Em vante</b>	"(Expressão) querendo significar 'em diante' e 'por diante'. (Corrutela de avante)" (CABRAL, 1972, p.763).	"De ora em vante, vocês vão fingir que continuam vivendo como antes" (QUEIROZ, 1992, p.119).
<b>Enquanto reza, o diabo abana o rabo</b>	"Pessoa de má índole, que tem procedimento demoníaco" (SOUZA, 2013, p.136).	"Aquela não adianta rezar; porque enquanto ela reza, o diabo abana o rabo..." (QUEIROZ, 1992, p.33)
<b>Estalar a língua</b>	Gesto/ação para demonstrar prazer e/ou satisfação com o que se esta ingerindo (alimentando).	"A gente estalava a língua depois de beber. Era melhor do que mel" (QUEIROZ, 1992, p.232).
<b>Falou no mau</b>	"Expressão usada, quando alguém surge justamente no momento em que estão falando a seu respeito" (CABRAL, 1972, p.393).	"Falou no mau!" (QUEIROZ, 1992, p.34).
<b>Falsa fé</b>	"Traíçoeiramente; deslealmente" (AULETE, 2021).	"Ela me pegou de falsa fé" (QUEIROZ, 1992, p.298).
<b>Faz bem</b>	Expressão para enfatizar uma passagem do tempo já percorrida desde que uma determinada ação foi realizada.	"Mataram ele já fez bem uns seis anos" (QUEIROZ, 1992, p.46).
<b>Fazer caminho</b>	Ir embora; o mesmo que 'tomar o seu rumo'.	"Podem fazer caminho, que eu não estou aqui para ouvir vocês detratando de Pai e de Mãe" (QUEIROZ, 1992, p.36).
<b>Fazer desobriga</b>	De DESOBRIGA= "Visita periódica do vigário às capelas de sua freguesia ou do bispo às paróquias de sua diocese" (CABRAL, 1972, p.307).	"Pode ir fazer desobriga por aqueles lados, ficar amigo da casa, na Noruega" (QUEIROZ, 1992, p.160).
<b>Ficar com espinha atravessada na goela</b>	"Guardar remorso; ter cuidado ou inquietação" (MICHAELIS, 2000, p.875).	"Não pôde reagir na hora porque era um só contra muitos. Ficou com aquela espinha atravessada na goela. Por isso queria sair no terreiro e acabar

		com eles, nem que fosse a ferro frio" (QUEIROZ, 1992, p.61)
<b>Fogo nele</b>	"Disparar de arma de fogo; fuzilaria, canhoneio" (MICHAELIS, 2000, p.973).	"Fogo nele!" (QUEIROZ, 1992, p.200).
<b>Fulo(a) de raiva</b>	"Doido, amarelo, cego" (GIRÃO, 2000, p.214). "Com muita raiva" (AULETE, 2021).	"Eu fiquei andando no alpendre, pra lá e pra cá, ainda fula de raiva" (QUEIROZ, 1992, p.38). "O homem ficou fulo de raiva" (QUEIROZ, 1992, p.410).
<b>Gado do vento</b>	"Quer dizer sem dono" (QUEIROZ, 1992, p.241).	"O gado foi morrendo, o pouco que escapou amontou pela serra, virou 'gado do vento', quer dizer sem dono — como fala o povo" (QUEIROZ, 1992, p.240-241).
<b>Galada</b>	Encolhida; escondida tal qual uma galinha com seus filhotes.	"Me disse um dia que mulher, pra ele, até então era só uma galada debaixo das moitas, para desapertar a natureza..." (QUEIROZ, 1992, p.377).
<b>Graça</b>	A GRAÇA ou SUA GRAÇA= "Indicação do nome de certa pessoa" (CABRAL, 1972, p.444).	"Como é a graça de vocemecê?" (QUEIROZ, 1992, p.270).
<b>História do Trancoso</b>	"Contos, histórias e lendas, algumas semelhantes às de mil e uma noites" (CABRAL, 1972, p.454).	"Essa idéia de arrastar no chão galho de pau, parece história do Trancoso, pra enganar menino velho..." (QUEIROZ, 1992, p.179).
<b>Indez</b>	"Moeda ou objeto que se guarda ou conserva à vista em determinado lugar e que se presume servir de chamariz a outras da mesma natureza" (CABRAL, 1972, p.462).	"Lá no Limoeiro, Mãe gostava de deixar um ovo de indez no ninho, servindo de chama pras galinhas. Pois a vaquinha vai ser o nosso indez, pra começar a boiada" (QUEIROZ, 1992, p.182).
<b>Lá nela</b>	"Expressão usada quando a pessoa está-se referindo a determinada parte do corpo de um outro ou de um animal" (CABRAL, 1972, p.483).	"Foi pegar um frango que estava fugindo pelas pedras, escorregou, caiu, quebrou qualquer coisa dentro, lá nela. Doía o corpo todo, não podia nem trocar a passada" (QUEIROZ, 1992, p.233)
<b>Leite mugido</b>	"Diz-se assim do leite que acaba de ser mungido, isto é, ordenhado (ainda com a espuma)" (CABRAL, 1972, p.493).	"Quando a menina veio trazer o copo de leite mugido para mim, na cama, é que deram pela minha falta" (QUEIROZ, 1992, p.139).
<b>Meio sangue</b>	"Diz-se de animal que foi gerado por reprodutores, dos quais somente um é puro-sangue" (AULETE, 2021).	"Me chamou de 'meio-sangue' — eu sei que eu sou, mas não gosto que me digam na cara" (QUEIROZ, 1992, p.299).
<b>Milho de</b>	Relativo à CAÇULA= "Jogo de duas	"Pilador não era difícil, todo

<b>caçula</b>	<p>“pessoas que moem ao pilão, batendo alternadamente; sula” (AULETE, 2021).</p>	<p>mundo ali era acostumado a pisar milho de caçula; duas pessoas, cada uma com a sua mão de pilão, batendo de feição: quando uma ia com a mão pro alto a outra descia” (QUEIROZ, 1992, p.329).</p>
<b>Mulher da vida</b>	<p>“Denominação dada às prostitutas” (CABRAL, 1972, p.556).</p> <p>“Meretriz, prostituta, rapariga” (GIRÃO, 2000, p.272).</p>	<p>“Esse delegado pode abusar com mulher da vida e cachaceiro, na Vargem da Cruz; mas comigo é diferente” (QUEIROZ, 1992, p.38).</p>
<b>Mulher de bigode</b>	<p>“Mulher independente, que não aceita opinião de ninguém” (SOUZA, 2013, p.174).</p>	<p>“Ele se treme todo quando ela lhe bota aqueles olhos duros de gavião. Mulher de bigode, que é que se pode esperar?” (QUEIROZ, 1992, p.50)</p>
<b>Na raça</b>	<p>“Com muita energia, com o máximo rigor, violentamente” (CABRAL, 1972, p.663).</p>	<p>“A gente ocupava o sítio na raça” (QUEIROZ, 1992, p.21).</p>
<b>Não saber fazer um O com um canudo</b>	<p>“Ser totalmente analfabeto” (SOUZA, 2013).</p>	<p>“É a Sinhazinha que escreve as cartas todas. O patrão não sabe fazer um O com um canudo. Mas mandou a filha estudar pra ter quem escrevesse e fizesse as contas pra ele” (QUEIROZ, 1992, p.192).</p>
<b>No sagrado</b>	<p>É de se observar que no cemitério, durante muito tempo, havia lugar especial para enterro de suicidas, local distinto dos demais em virtude do tipo de morte.</p> <p>“Cemitério” (GIRÃO, 2000, p.326).</p> <p>“Dava-se a denominação de ‘o sagrado’ ao cemitério ou certo local do cemitério sob a jurisdição da igreja” (CABRAL, 1972, p.692).</p>	<p>“Enterro que nem pôde ser no sagrado, na cova de Pai” (QUEIROZ, 1992, p.19).</p>
<b>No seguro</b>	<p>Em segurança.</p> <p>“Que oferece segurança contra ataques, acidentes, desastres ou danos de qualquer outra natureza; Lugar seguro” (MICHAELIS, 2000, p.1909).</p>	<p>“Eu vou lá em casa correndo, o principal era botar o Sinhô no seguro” (QUEIROZ, 1992, p.167).</p>
<b>No tempo</b>	<p>“A atmosfera, o ar livre a céu descoberto” (AULETE, 2021).</p>	<p>“Era a primeira vez que eu passava a noite no tempo, a céu aberto” (QUEIROZ, 1992, p.81).</p>
<b>Nossunhô</b>	<p>O mesmo que ‘Nosso Senhor’.</p>	<p>“Também não podia ser... Ele não era coxo e, a toda hora, estava falando em ‘Nossunhô Jesus Cristo...’” (QUEIROZ, 1992, p.209).</p>
<b>Olho sonso</b>	<p>Olho com estrabismo; olho torto.</p>	<p>“O negro velho, que ainda estava por lá, era junto com uma índia gorda e de olho sonso, que mal se vestia com um trapo da saia e a camisa de cabeça”</p>

		(QUEIROZ, 1992, p.240).
<b>Pai das águas</b>	Expressão para designar uma abundância, uma fartura de águas.	"Essa barranca é só pedra e piçarra. E olhe, Dona, o espriado pra represa! Vai ser um pai das águas!" (QUEIROZ, 1992, p.238).
<b>Passar um carão</b>	"Repreensão, ralho, reprimenda" (GIRÃO, 2000, p.131). "Repreender rispidamente; repreender" (CABRAL, 1972, p.204).	"Eu ia a cavalo e escutei o vozeirão dele passando um carão no moleque. Muito brabo" (QUEIROZ, 1992, p.267).
<b>Passa a mão</b>	"Roubar apossar-se" (CABRAL, 1972, p.524).	"Se você achar alguma sela desprevenida, passe a mão!" (QUEIROZ, 1992, p.86).
<b>Pé-rapado</b>	"Indivíduo de baixa classe, sem reputação" (CABRAL, 1972, p.605).	"Sinhazinha tinha coragem de se casar comigo? Um pé-rapado feito eu? (QUEIROZ, 1992, p.25).
<b>Pecado da Carne</b>	"Luxúria, lascívia" (AULETE, 2021).	"Padre, eu cometi o pecado da carne com o meu padrasto. E agora vou mandar matar ele..." (QUEIROZ, 1992, p.11).
<b>Pega-para-capar</b>	A hora decisiva; o mesmo que 'hora do vamos ver', 'hora derradeira'.	"Não vê você? Grita e esperneia, mas quando chegar a hora do pega-para-capar, vai correr se esconder na cozinha, chorando" (QUEIROZ, 1992, p.43).
<b>Pegar um filho</b>	O mesmo que PEGAR FILHO="Engravidar" (GIRÃO, 2000, p.291).	"Até a esposa achava natural; a negrinha achava naturalíssimo. Se pegasse um filho, então, botava um pé no futuro" (QUEIROZ, 1992, p.101).
<b>Pra baixo todo santo ajuda</b>	Expressão que tem sua origem na sentença de Virgílio, na 'Eneida', na qual dizia que "até a descida para o inferno é fácil" (MAGALHÃES JÚNIOR, 1983, p.245).	"A Sinhá Dona não sabe que a terra puxa tudo pra baixo? Pra baixo todo santo ajuda..." (QUEIROZ, 1992, p.238).
<b>Pra molhar o cuspe</b>	"Em quantidade mínima" (SOUZA, 2013, p.189).	"Só vai dar pra molhar o cuspe. Um gole pra cada um" (QUEIROZ, 1992, p.43)
<b>Que a terra há de (vai) comer</b>	Expressão para enfatizar a veracidade do que está sendo dito, pois a própria pessoa é testemunho ocular do ocorrido, do que se está afirmando.	"Eu vi com os meus olhos. Sim, com estes olhos que a terra vai comer!" (QUEIROZ, 1992, p.162).
<b>Quebrava</b>	Do verbo QUEBRAR="Dobrar ou tomar o caminho à direita (ou à esquerda)" (GIRÃO, 2000, p.309).	"Eu recordava uma encruzilhada que se tomava a pouco menos de uma légua da estrada que vinha da Vargem, e onde se quebrava às direitas para a Atalaia" (QUEIROZ, 1992, p.311).
<b>Que só</b>	"Conjunção comparativa. Como, o mesmo	"Jardilino, o Liberato já está de

	que, à semelhança de" (CABRAL, 1972, p.652).	olho em nós dois. Aquilo sabe farejar que só perdigueiro!" (QUEIROZ, 1992, p.26).
<b>Quem come do meu pirão, leva do meu cinturão</b>	Expressão para evidenciar uma submissão e sujeição à vontade do mais forte.	"Tem lá o ditado: quem come do meu pirão, leva do meu cinturão. Tem que fazer o que se mandar" (QUEIROZ, 1992, p.49).
<b>Quem quer a cabra prende o cabrito</b>	Expressão derivada do conhecimento tradicional rural, evidenciando os laços que existe entre a mãe e sua cria (seus filhotes).	"Decerto tinham soltado a mãe para ir pastar, mantendo a cria presa; não diz que quem quer a cabra prende o cabrito?" (QUEIROZ, 1992, p.231).
<b>Rebate falso</b>	"Engano. Boato. Notícia inverídica" (CABRAL, 1972, p.667).	"Mas podia não haver nada, Peba Preto ainda estar por lá e ser tudo um rebate falso" (QUEIROZ, 1992, p.401).
<b>Rédea curta</b>	"Controlar, limitar, moderar" (MICHAELIS, 2000, p.1793).	"Sempre ouvi dizer que a Firma o trazia de rédea curta" (QUEIROZ, 1992, p.35).
<b>Santa Luzia no seu cavalinho</b>	Expressão derivada de um verso tradicional, utilizada como simpatia (oração) para curar males nos olhos enquanto estes são massageados: "Santo Luzia passou por aqui montada em seu cavalinho comendo capim. Perguntei se queria pão, disse que não; perguntei se queria vinho, disse que sim".	"Se Santa Luzia ameaçasse nos acompanhar no seu cavalinho, ele não se escandalizava tanto" (QUEIROZ, 1992, p.127).
<b>Sem préstimo</b>	"Inútil, sem valor" (MICHAELIS, 2000, p.1693).	"O José tem um bacamarte, que foi da tropa, já sem préstimo" (QUEIROZ, 1992, p.39).
<b>Senhora Dona</b>	Expressão para designar a Dona da Casa, a Esposa do Senhor e dono da casa ou fazenda.	"Ela saiu, espigada, feito uma senhora dona, abanando a saia" (QUEIROZ, 1992, p.298).
<b>Sentar praça</b>	"Alistar-se e incorporar-se em uma das forças armadas" (AULETE, 2021).	"Zé Soldado era doido por esse negócio de militar e tinha aprendido muita coisa no tempo em que sentou praça" (QUEIROZ, 1992, p.181).
<b>Sete quintas</b>	Estar satisfeita; ser/ estar muito feliz, contente.	"Rubina! Rubina andava nas suas sete quintas, saliente demais, feliz, feliz" (QUEIROZ, 1992, p.382).
<b>Seu criado</b>	"Termo empregado como demonstração de cordialidade, não só na forma usual, isto é, quando a pessoa se refere a si própria, como aplicando-o em elemento da própria família" (CABRAL, 1972, p.272).	"O meu nome é Valentim Pereira, seu criado" (QUEIROZ, 1992, p.72).
<b>Siá</b>	"Senhora" (AULETE, 2021).	"Siá Libânia ria, jogando o último pedaço de rapadura dentro

		do chá" (QUEIROZ, 1992, p.119).
<b>Sinhá e Sinhazinha</b>	"Nome pelo qual os escravos ou empregados se dirigiam às donas de casa, nos tempos da escravidão. Ainda hoje é utilizado como cognome" (CABRAL, 1972, p.703).	"Um chefe de bando, um comandante, uma sinhá governando" (QUEIROZ, 1992, p.15). "Sinhazinha, me desculpe" (QUEIROZ, 1992, p.35).
<b>Sinhô</b>	"Senhor. Tratamento que os escravos davam ao senhor" (MICHAELIS, 2000, p.1948).	"Vamos embora, Sinhô Padre! Vamos!" (QUEIROZ, 1992, p.167).
<b>Sovaco da serra</b>	Ou SACO DA SERRA= "Reentrância escarpada entre os contrafortes da serra. Lugar muito isolado num pé de serra" (CABRAL, 1972, p.701).	"E se a gente fizesse pra ele um barraco, num dos sovacos da serra, bem encoberto" (QUEIROZ, 1992, p.397).
<b>Sucesso</b>	"Refere-se à morte repentina ou por acidente. (Sucesso, no caso, pode ter duas origens: corrutela de <b>acesso</b> , para o primeiro caso, e derivação de <b>coisa sucedida</b> , para o segundo caso)" (CABRAL, 1972, p.709, grifo do autor). "No linguajar do sertanejo, um acidente, algo que aconteceu sem desejo de ninguém" (NAVARRO, 2004, p.320).	"Estava a três dias de viagem da Vargem da Cruz, quando se deu o sucesso" (QUEIROZ, 1992, p.45).
<b>Tirante</b>	"Excetuoado" (MICHAELIS, 2000, p.2070).	"Já a plantação, isso eu tenho que confessar, era quase que só um enfeite, tirante o que a gente produzia para o nosso sustento e o dos bichos" (QUEIROZ, 1992, p.390).
<b>Tostão furado</b>	Nunca ter visto e/ou tido valor algum de dinheiro, mesmo a menor quantidade ou do mais baixo valor monetário.	"Nas Marias Pretas nunca vi um tostão furado" (QUEIROZ, 1992, p.300).
<b>Um particular</b>	"Significa entendimento reservado, conversa em particular" (CABRAL, 1972, p.596).	"Eu realmente disse que desejo falar com a senhora. Mas peço um particular" (QUEIROZ, 1992, p.10).
<b>Um xis</b>	"Nada valer. [...]. Nada possuir. Achar-se sem dinheiro" CABRAL, 1972, p.787).	"Do dinheiro não se viu nem um xis" (QUEIROZ, 1992, p.50).
<b>Vassuncês</b>	"De vossa mercê, com síncope e metátese vocálica [...] (popularmente, o mesmo que) você" (MICHAELIS, 2000, p.2181).	"Vassuncês são tropa de soldado?" (QUEIROZ, 1992, p.114).
<b>Vida airada</b>	"Vida de estróina; pândega rasgada; vagabundagem" (MICHAELIS, 2000, p.2200).	"Uns saltimbancos de vida airada, conseguiu que, da casa de uma beata rica, nos mandassem todo dia uma panela com a janta" (QUEIROZ, 1992, p.289).
<b>Vive da mão pra boca</b>	Viver para se alimentar, para a sobrevivência.	"Não tem onde se comprar nada. A gente vive da mão pra boca" (QUEIROZ, 1992, p.117).

<b>Vocemecê</b>	O mesmo que vossa mercê, vosmecê ou vassuncê.	"Como é a graça de vocemecê?" (QUEIROZ, 1992, p.270).
-----------------	---	---

Fonte: O autor.

## APÊNDICE B

Quadro com palavras referentes ao grupo conceitual 'Fauna e Flora' presentes nas três obras analisadas

**Quadro 4** –Grupo conceitual 'Fauna e Flora'

	Significado	Na obra
<b>Aluir</b>	<p>"Erguer-se, levantar-se, mover-se, locomover-se, sair, retirar-se. (Usado geralmente na forma negativa)" (CABRAL, 1972, p.51).</p> <p>"Sacudir" (MICHAELIS, 2000, p.117).</p>	"A rês se aluiu, mas caiu de novo" (QUEIROZ, 1981, p.32).
<b>Amiudava</b>	Do verbo AMIUDAR= "Diz-se da mais intensa repetição do canto dos galos à proporção que se avizinha a madrugada" (GIRÃO, 2000, p.69).	"O (galo) de agora cantava e amiudava, a barra do dia estava rompendo" (QUEIROZ, 1992, p.44).
<b>Amojada</b>	<p>Relativo a amajo. Amajo= "Antigamente era a ordenha, mas o sentido, afinal, fixou-se no entumescimento<sup>146</sup> das partes genitais da rês nas proximidades de parir" (GIRÃO, 2000, p.69).</p> <p>"Em estado adiantado de prenhez (diz-se da vaca e de outras fêmeas de animais prestes a parir e com úbere desenvolvido)" (MICHAELIS, 2000, p.133).</p>	<p>"Muito amojada, mole como o diacho" (QUEIROZ, 1981, p.32).</p> <p>"O Tonho montado numa besta amojada e o Irineu num cavalo cardão" (QUEIROZ, 1992, p.35).</p>
<b>Amontada</b>	Do verbo AMONTAR= "Fugir para monte ou mato (animal domesticado) tornando-se selvagem. Fugir, escapar" (AULETE, 2021).	"Tem também umas galinhas meio brabas. Mãe dizia que elas já estavam amontadas..." (QUEIROZ, 1992, p.234).
<b>Anca(s)</b>	"Região lateral do corpo humano, da cintura à articulação da coxa; quadril. [...] Quarto traseiro dos quadrúpedes" (MICHAELIS, 2000, p.144).	"Reses magras, com grandes ossos agudos furando o couro das ancas" (QUEIROZ, 1981, p.5).
<b>Angico</b>	"Planta da família das Leguminosas, subfamília das Mimosáceas, cujas sementes contêm substância narcótica. [...]. Nome de outras árvores do gênero Piptadênia" (MICHAELIS, 2000, p.153).	"Amarrados num pé de angico, perto, três cavalos, ainda sem os arreios" (QUEIROZ, 1992, p.111).
<b>Aprumado</b>	" <i>Pôsto a prumo; correcto e altivo</i> " (MORENO, 1939p.85).	"O Tirano me carregava aprumado, era desses cavalos que parecem que têm orgulho no dono" (QUEIROZ, 1992, p.122).
<b>Araçás</b>	"O mesmo que araçazeiro. Fruto do araçazeiro" (MICHAELIS, 2000, p.199).	"O portãozinho do quintal se abria para deixar passar dois vultos negros que caminhavam de leve entre as pitangueiras e os araçás do quintal" (QUEIROZ,

<sup>146</sup> Erro ortográfico. Na verdade, a grafia correta é "intumescimento".

		1992, p.157).
<b>Aracati</b>	<p>“Denominação dada à aragem que se presume partir da foz do rio Jaguaribe, perto de Aracati (CE) e vai subindo, acompanhando o curso do mesmo rio, todos os dias, em determinada hora, espalhando-se pelas terras ribeirinhas” (CABRAL, 1972, p.69).</p> <p>“Vento que, durante as tardes de verão, sopra de nordeste para sudoeste em certas regiões do Nordeste, especialmente no Ceará” (AULETE, 2021).</p>	<p>“Leve e doce, o aracati soprava” (QUEIROZ, 1981, p.51).</p>
<b>Arção</b>	<p>“Peça arqueada não só da sela, mas ainda da cangalha” (GIRÃO, 2000, p.74).</p> <p>“Parte saliente, adiante e atrás da sela, onde é costume amarrar o que se faz necessário transportar” (MICHAELIS, 2000, p.205).</p>	<p>“Vinha na larga seca de campo, de arção redondo” (QUEIROZ, 1981, p.17).</p> <p>“As rédeas no arção da sela” (QUEIROZ, 1992, p.72).</p>
<b>Árdego</b>	<p>“Ardente, fogofo, impetuoso, irrequieto. Irascível, irritável. Árduo, custoso, espinhoso, trabalhoso” (MICHAELIS, 2000, p.207).</p>	<p>“O poldro, na verdade, cada dia era melhor; árdego, andador, estava sempre na frente, puxando a marcha” (QUEIROZ, 1992, p.86).</p>
<b>Arfava</b>	<p>De ARFAR= “Estar ofegante; palpitar” (MICHAELIS, 2000, p.209).</p> <p>“Respirar com dificuldade; arquejar; ofegar” (AULETE, 2021).</p>	<p>“Perto, no curral, a novilha caída arfava” (QUEIROZ, 1981, p.89).</p>
<b>Arnica</b>	<p>“Designação comum a várias plantas do gênero Arnica, da fam. das compostas. Tintura extraída dessa planta, usada externamente em contusões e internamente em medicamentos homeopáticos” (AULETE, 2021).</p>	<p>“A Libânia já chegava com uns trapos e a garrafada de arnica” (QUEIROZ, 1992, p.172).</p>
<b>Aroeira</b>	<p>“Nome comum de várias árvores ou arbustos da família das Anacardiáceas” (MICHAELIS, 2000, p.216).</p>	<p>“Começando pela cerca, as estacas de aroeira, com sete palmos de altura” (QUEIROZ, 1992, p.293).</p>
<b>Arruda</b>	<p>“Erva lenhosa europeia da família das Rutáceas, de cujas folhas, que são verde-cinzentas, se obtêm um óleo volátil, irritante e venenoso, usado como arborífero e emenagogo” (MICHAELIS, 2000, p.227).</p>	<p>“Ela cultivava arnica, arruda, manjerona e as ervas que usava na cozinha” (QUEIROZ, 1992, p.203).</p>
<b>Azinavrado</b>	<p>“Coberto de azinavrado” (MICHAELIS, 2000, p.276).</p> <p>Azinavrado= “Hidrocarbonato de cobre, venenoso, de cor verde, que se forma na superfície do cobre ou latão, quando exposto ao ar úmido” (MICHAELIS, 2000, p.276).</p> <p>“Camada esverdeada que se forma em objetos de cobre ou latão devido à umidade” (AULETE, 2021).</p>	<p>“Nem um triste vintém azinavrado” (QUEIROZ, 1981, p.33).</p> <p>“A caatinga despontava toda em grelos verdes; pauís esverdeados, dum sujo tom de azinavrado líquido” (QUEIROZ, 1981, p.107).</p>

<b>Babau</b>	<p>“Burro, jumento” (NAVARRO, 2004, p.48).</p> <p>“Certa personagem da farsa popular <i>bumba-meu-boi</i>” (MICHAELIS, 2000, p.279).</p>	<p>“Por um babau velho” (QUEIROZ, 1981, p.17).</p> <p>“Se montaram nos babaus” (QUEIROZ, 1992, p.36).</p>
<b>Babugem</b>	<p>“A erva, a grama que aparece depois das primeiras chuvas” (NAVARRO, 2004, p.48).</p> <p>“Vegetação inicial após a seca” (MICHAELIS, 2000, p.280).</p>	<p>“Está com o focinho por acolá, só de bater na babugem...” (QUEIROZ, 1981, p.102).</p>
<b>Babujar</b>	<p>“É estar o gado a comer a babugem ou os restos de pastagem seca” (GIRÃO, 2000, p.83).</p> <p>“Beliscar, provar, lambiscar” (NAVARRO, 2004, p.48).</p> <p>“Nascer (a erva, o pasto). [...]. Abocanhar, lambar, beijar, babando” (CABRAL, 1972, p.100).</p>	<p>“Algumas reses, sem ir mais longe, começavam a babujar a poeira do panasco que ainda palhetava” (QUEIROZ, 1981, p.13).</p>
<b>Bacurau</b>	<p>“Ave noturna (espécie de coruja)” (CABRAL, 1972, p.100).</p>	<p>“Piava coruja e bacurau, piava e resmungava e roncava tanto pássaro e bicho esquisito, mas não dava medo” (QUEIROZ, 1992, p.81).</p>
<b>Barbatã / Barbatão</b>	<p>“Touro ou novilho bravio” (CABRAL, 1972, p.111).</p> <p>“Boi que, fugindo às manadas, se interna nos matos e se torna bravio; alongado, bagual, brabeza. Touro ou novilho sem marca ou ferrete do dono. Bezerro já crescido” (MICHAELIS, 2000, p.298).</p>	<p>“A vaquinha não mostrava ferro nem sinal, devia ser novilha barbatã, nascida na mata e na mata criada” (QUEIROZ, 1992, p.182).</p> <p>“Tinha engenho de rapadura [...]. Fora o que amontava no mato e virava barbatão” (QUEIROZ, 1992, p.335).</p>
<b>Bargado</b>	<p>“Diz-se do bovino com manchas brancas no corpo” (CABRAL, 1972, p.111).</p>	<p>“Um mês desses eu dei de cara com um touro preto bargado, que ficou me encarando duro, feito gente com raiva” (QUEIROZ, 1992, p.241).</p>
<b>Bode</b>	<p>“Ruminante cavicórneo, macho da cabra” (MICHAELIS, 2000, p.339).</p> <p>BODECO= Bode pequeno.</p>	<p>“Criava um grande rebanho de bode” (QUEIROZ, 1992, p.80).</p> <p>“A vaca Indez com a sua cria, a miunça, já aumentada de uma marrã de ovelha e um casal de bodecos que as minhas parselhas tinham trazido numa das suas saídas” (QUEIROZ, 1992, p.226).</p>
<b>Bogari</b>	<p>“Arbusto oleáceo, de flores brancas e aromáticas; bogarizeiro. Flor dessa planta” (MICHAELIS, 2000, p.340).</p>	<p>“Tinha ainda uma roseira e um pé de bogari” (QUEIROZ, 1992, p.203).</p>
<b>Boiote</b>	<p>Boiote= Boieco= “Boi pequeno [...]. Garrote</p>	<p>“Um boiote, uma vaca solteira e um garrote” (QUEIROZ, 1981,</p>

	castrado" (MICHAELIS, 2000, p.340). "Novilho ou boi de ano" (CABRAL, 1972, p.137).	p.16).
<b>Bonecasse</b>	De BONECAR= "Brotar a espiga de milho" (CABRAL, 1972, p.141).	"Carecia esperar que o feijão grelasse, enramasse, floeasse, que o milho abrisse as palmas, estendesse o pendão, bonecasse, e lentamente endurecesse o caroço" (QUEIROZ, 1981, p.108).
<b>Borrvalho</b>	"Cinzas quentes" (MICHAELIS, 2000, p.349).	"Era como uma cobra que fugisse sobre o borrvalho ainda quente de uma coivara" (QUEIROZ, 1981, p.24).
<b>Bracejar</b>	"Estender os braços, ramos ou apêndices [...]. Agitar os braços" (MICHAELIS, 2000, p.352).	"Bracejar num emaranho de ramos" (QUEIROZ, 1981, p.29).
<b>Bralha</b>	O mesmo que BARALHA= "Certa andadura do cavalo, a mais difícil, aliás, de quantas lhe são ensinadas: parece dançar, baralhando as pernas" (CABRAL, 1972, p.110).	"Saltei na sela do Tirano, que tomou o caminho numa bralha vistosa. Não já contei que o Tirano era bralhador?" (QUEIROZ, 1992, p.245).
<b>Brenhas</b>	"Matagal espesso. Mato intrincado, de difícil acesso" (CABRAL, 1972, p.150).	"Traziam de um tudo de que se carecesse naquelas brenhas" (QUEIROZ, 1992, p.125).
<b>Brocando</b>	Do verbo BROCAR= "Fazer a derruba do mato para ser queimado" (CABRAL, 1972, p.152). "Furar com broca; broquear. Furar. [...]. Derrubar à foice (mato fino)" (MICHAELIS, 2000, p.360).	"la ver os homens brocando os roçados e remendando as cercas" (QUEIROZ, 1992, p.390).
<b>Caatinga</b>	"Mata de vegetação enfezada, composta de espinheiros, árvores tortuosas, cardos e gravatás" (AULETE, 2021). "Do tupi 'caa', mato + 'tinga' branca, aberta" (NAVARRO, 2004, p.78, grifo nosso).	"Vicente marchava através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta" (QUEIROZ, 1981, p.7).
<b>Cachorro-do-mato</b>	"Designação comum a várias espécies de carnívoros da família dos Canídeos, gênero Canis, que vivem nas matas e campos brasileiros, como, por exemplo, o guará e o guaraxaim" (MICHAELIS, 2000, p.380).	"Cuidado com os bichos! Nessa mata tem onça mesmo, como a que comeu o seu marido. E tem cachorro-do-mato, cobra..." (QUEIROZ, 1992, p.239).
<b>Caititu</b>	"Espécie de porco bravio" (GIRÃO, 2000, p.120). "Peça cilíndrica de madeira, ao longo da qual estão encravadas serrilhas de metal. Destina-se à ralação da mandioca, nas casas-de-farinha" (CABRAL, 1972, p.182).	"Caçaram um porco caititu, perderam uma veada catingueira que fugiu, mas trouxeram a cria, um veadinho todo espantado e sarapintado de branco" (QUEIROZ, 1992, p.238). "Aquela era farinha da farinhada, rapada no caititu,

		espremida na prensa, torrada no forno de tijolo, como deve ser" (QUEIROZ, 1992, p.265).
<b>Cajazeira</b>	"Árvore de frutos comestíveis, da família das Anacardiáceas; acajaíba, cajá, cajá-mirim, cajaeiro; cajaíba, cajazeiro" (MICHAELIS, 2000, p.390).	"Até a gaiola da graúna, pendurada num galho de cajazeira no terreiro da cozinha, estava com a portinhola aberta" (QUEIROZ, 1992, p.96).
<b>Cajueiro</b>	"Árvore, da família das anacardiáceas, com pseudofrutos formados por pedúnculo carnoso, o caju, na ponta do qual se encontra preso o verdadeiro fruto, a castanha-de-caju; caju" (AULETE, 2021).	"Sentara-se num tronco de cajueiro, interessada por aquela criatura que chegava do sertão" (QUEIROZ, 1981, p.41).
<b>Capão</b>	"Animal emasculado, especialmente o carneiro, o porco ou o frango" (MICHAELIS, 2000, p.420).	"Com agradados carinhosos para o seu vigário: um bolo de carimã, um queijo, um capão gordo" (QUEIROZ, 1992, p.154).
<b>Capado</b>	"Porco adulto, na ceva; porco gordo. Qualquer animal ou pessoa gordos" (MICHAELIS, 2000, p.419).	"Fez um forno de barro, dos redondos, de quase meia braça. Que dava pra assar um capado inteiro..." (QUEIROZ, 1992, p.267).
<b>Capim panasco</b>	PANASCO= "Erva, da fam. das poáceas, nativa do NE, que serve de alimento para o gado" (AULETE, 2021).	"João Rufo escolheu uma baixada para fechar com a cerca, onde dava uma beleza de capim panasco" (QUEIROZ, 1992, p.121).
<b>Capim santo</b>	O mesmo que CAPIM-LIMÃO= "Erva gramínea cujas folhas ásperas, com gosto amargo e aroma de limão, são usadas como chá calmante; capim-amargoso, capim-cidreira, capim-cidró" (MICHAELIS, 2000, p.422).	"Chiquinha chegava, me chamando para o chá de capim santo com broa de milho, que se servia sempre àquela hora, costume velho desde os tempos de Pai" (QUEIROZ, 1992, p.25).
<b>Capoeira</b>	"Mato fino, em terreno onde já houve cultura" (CABRAL, 1972, p.200).	"Ainda tem por aí muita capoeira com pasto" (QUEIROZ, 1992, p.15).
<b>Capoeiro</b>	"Espécie de veado, de tamanho grande e cor avermelhada, de cuja pele, preferentemente, se faz a roupa de couro dos vaqueiros" (GIRÃO, 2000, p.130).	"É toda de couro de capoeiro" (QUEIROZ, 1981, p.16).
<b>Capucho</b>	"O capulho (do algodão)" (CABRAL, 1972, p.201). "Espuma do leite ao ser tirado do peito da vaca" (GIRÃO, 2000, p.130). "Em SE é sinônimo de sabugo, a espiga de milho sem os grãos" (NAVARRO, 2004, p.96).	"Branco e fofo como um capucho..." (QUEIROZ, 1981, p.35).
<b>Carcará</b>	O mesmo que CARACARÁ= "Nome comum a várias grandes aves, na maioria sul-	"Sempre tive pena de passarinho e de qualquer

	americanas, da família dos Falconídeos, que têm o alto da cabeça, as asas e parte posterior do abdome de cor escura, garganta e os lados da cabeça brancos, cauda preta no ápice, branca listrada no resto" (MICHAELIS, 2000, p.426).	animalzinho pequeno do mato. Até um gavião carcará, que certa vez abati" (QUEIROZ, 1992, p.310).
<b>Cardão</b>	"Diz-se do equino ou muar de côr branca, com leve tonalidade cinza ou arroxeadá" (CABRAL, 1972, p.204).	"O Irineu num cavalo cardão, com uma pisadura tão feia" (QUEIROZ, 1992, p.35).
<b>Carnaubais</b>	Plantação de CARNAÚBAS= "Espécie de palmeira, originária do Nordeste do Brasil, de folhas palmadas e frutos ovais de polpa comestível" (AULETE, 2021).	"O carro veio desandando o caminho de antes, entre os carnaubais e as lagoas cheias de lírios-d'água" (QUEIROZ, 1982, p.132).
<b>Carnuda(o)</b>	"Que tem boas carnes, nem gordo nem magro" (GIRÃO, 2000, p.133).	"Era nova, coiceira, e ainda carnuda" (QUEIROZ, 1981, p.20).
<b>Caroar</b>	Possivelmente relativo a CARUARA= "(No Nordeste) paralisia das articulações dos bezerros e outros animais recém-nascidos" (AULETE, 2021).	"Tonho, não se esquecesse de mandar buscar a vaca que pariu no mato, não fosse o bezerro caroar" (QUEIROZ, 1992, p.71).
<b>Catingueira</b>	"Arbusto das Leguminosas-Cesalpiniáceas, também chamdo catinga-de-porco, pau-de-porco e pau-de-rato" (MICHAELIS, 2000, p.454).	"Uma légua adiante, num limpo de chão, debaixo de uma catingueira, nós estávamos assando um jacu que o Alípio matou de bodoque e enchendo a boca com os punhados de farinha" (QUEIROZ, 1992, p.260).
<b>Catolé</b>	O mesmo que CATULÉ= "Palmeira silvestre do Brasil, de cuja amêndoa se extrai óleo" (MICHAELIS, 2000, p.455).	"O pouso, ou pousada, não passava de uma espécie de telheiro coberto de palha de catolé" (QUEIROZ, 1992, p.142).
<b>Cepo</b>	"Parte e raízes que continuam no solo depois do corte da árvore; Touceira" (AULETE, 2021).	"[...] aqueles cepos apontados para o céu não tinham nada de abrigo" (QUEIROZ, 1981, p.34).
<b>Chorão</b>	"Designação de várias plantas, cujas hastes se inclinam e pendem de vasos ou paredes" (MICHAELIS, 2000, p.488).	"Parecia sentir um encanto particular naqueles nossos passeios por entre cruzeiros e chorões" (QUEIROZ, 1982, p.121).
<b>Chouto</b>	Chouto ou Choto= "Andadura ligeira, quase correndo, do bovino. [...] Andadura incômoda do burro ou do cavalo. Trote ligeiro" (CABRAL, 1972, p.234).	"Ao chouto duro do cavalo, o cavaleiro subia e descia na sela" (QUEIROZ, 1981, p.15). "Saíram num chouto alto" (QUEIROZ, 1992, p.36).
<b>Coiceira</b>	Feminino de COICERO= "Que tem o costume de dar coices" (MICHAELIS, 2000, p.529).	"Era nova, coiceira, e ainda carnuda" (QUEIROZ, 1981, p.20).

	No sentido de arisca.	
<b>Coivara</b>	<p>“Caeira de toros de madeira e de galhos amontoados para serem queimados” (CABRAL, 1972, p.245).</p> <p>“Fogueira alimentada por paus e ramos que não queimaram bem quando do fogo ateado à broca dos roçados” (GIRÃO, 2000, p.150-151).</p>	<p>“Era como uma cobra que fugisse sobre o borralho ainda quente de uma coivara” (QUEIROZ, 1981, p.24).</p>
<b>Coto</b>	<p>“Sem rabo ou de rabo cortado, aparado” (GIRÃO, 2000, p.157).</p> <p>“Que perdeu parte de um dos membros” (CABRAL, 1972, p.267).</p>	<p>“As pobres árvores apareciam lamentáveis, mostrando os cotos dos galhos” (QUEIROZ, 1981, p.8).</p>
<b>Craveiro</b>	<p>“(Tipo de planta) que produz flores de variados matizes e agradável aroma; cravo” (MICHAELIS, 2000, p.605).</p> <p>“Planta que dá o cravo” (AULETE, 2021).</p>	<p>“Defronte à janela do quarto de Conceição, uma forquilha onde sempre havia uma panela de barro com um craveiro” (QUEIROZ, 1981, p.69).</p>
<b>Criação</b>	<p>“Totalidade dos seres criados. [...]. Animais domésticos que se criam para alimento do homem” (MICHAELIS, 2000, p.608).</p>	<p>“Do lado de fora da cerca alta, o curral do gado, o chiqueiro da criação” (QUEIROZ, 1992, p.10).</p>
<b>Cumarus</b>	<p>“Árvore da fam. das leguminosas, gênero <i>Dipteryx odorata</i>, própria da mata úmida, de grande porte, que fornece ótima madeira de lei; cumaru-verdadeiro” (AULETE, 2021).</p>	<p>“Os homens me mostravam a madeira de lei, os paus d’arco, as aroeiras, os angicos, os cumarus, e tudo esperando ser cortado e servir na construção” (QUEIROZ, 1992, p.237).</p>
<b>De pintada</b>	<p>“Pintada é a fêmea do capote, e, também, uma espécie de onça” (GIRÃO, 2000, p.298).</p>	<p>“Os meninos voltaram à história do caçador de onça. Couro de pintada estava dando um dinheiro doido” (QUEIROZ, 1992, p.126).</p>
<b>Eriçada</b>	<p>Feminino de ERIÇADO= “Que se eriçou; arrepiado, encrespado, ouriçado” (MICHAELIS, 2000, p.839).</p>	<p>“Uma ovelha de lã avermelhada pela poeira e eriçada de garranchinhos” (QUEIROZ, 1981, p.14).</p>
<b>Esgalhamento</b>	<p>“Divisão em galhos ou ramos (arbustos com intrincados esgalhamentos). Divisão em partes ou elementos secundários” (AULETE, 2021).</p>	<p>“A mata parecia esgalhamento de carvão” (QUEIROZ, 1981, p.24).</p>
<b>Esquálida</b>	<p>Feminino de ESQUÁLIDO= “Sujo. Sórdido. Desalinhado. Carrancudo. Macilento. Torpe, vil” (MICHAELIS, 2000, p.881).</p>	<p>“Reses famintas, esquálidas, magoavam o focinho no chão” (QUEIROZ, 1981, p.107).</p>
<b>Esquipando</b>	<p>Do verbo ESQUIPAR= “Equipar(-se) com tudo o que é preciso para (fazer algo)” (AULETE, 2021).</p>	<p>“Se botou rapaz, mandou fazer roupa pela costureira da Vargem da Cruz e saiu se esquipando no cavalo” (QUEIROZ, 1992, p.71-72).</p>
<b>Estefanote</b>	<p>“Trepadeira arbustiva” (AULETE, 2021).</p>	<p>“Acabaram-se os longos passeios ao cemitério, no macio</p>

		da tarde, quando os estefanotes da sepultura da moça espalhavam o seu cheiro" (QUEIROZ, 1982, p.17).
<b>Fartum</b>	"Cheiro desagradável de ranço. Cheiro desagradável de alguns animais. Qualquer fedor nauseabundo; fedor; futum; inhaca; morrnha" (AULETE, 2021).	"As mãos tintas de vermelho, um fartum sangrento envolvendo-o todo" (QUEIROZ, 1981, p.28).
<b>Galharia</b>	"Muitos galhos, galhada" (CABRAL, 1972, p.432).	"Através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta" (QUEIROZ, 1981, p.7).
<b>Garranchinho</b>	Diminutivo de GARRANCHO= "Doença nos cascos das cavalgaduras. Arbusto ou ramo tortuoso" (MICHAELIS, 2000, p.1016). "Ramo retorcido de árvore ou arbusto. Galho muito fino de árvore ou arbusto; graveto" (AULETE, 2021).	"Uma ovelha de lã avermelhada pela poeira e eriçada de garranchinhos" (QUEIROZ, 1981, p.14).
<b>Garrancho</b>	"Arbusto ou ramo tortuoso" (MICHAELIS, 2000, p.1016). "Ramo retorcido de árvore ou arbusto. Galho muito fino de árvore ou arbusto; graveto" (AULETE, 2021).	"Às vezes se topava com uma veredinha quase fechada, cheia de garrancho" (QUEIROZ, 1992, p.69).
<b>Garrotinho</b>	Diminutivo de GARROTE= "O bovino no segundo ano, depois de bezerro" (GIRÃO, 2000, p.221).	"Depois olhou um garrotinho magro" (QUEIROZ, 1981, p.13).
<b>Gato do Mato</b>	"Designação de várias espécies de felinos da floresta" (MICHAELIS, 2000, p.1021).	"Pegaram de prosa, explicaram a presença ali, contando que tinham notícia de um gato do mato por aquelas bandas" (QUEIROZ, 1992, p.195).
<b>Graúna</b>	"Pássaro da família dos Icterídeos, todo preto, inclusive o bico; chico-preto, iraúna, melro, melrão, rexenção, craúna" (MICHAELIS, 2000, p.1052).	"Até a gaiola da graúna, pendurada num galho de cajazeira no terreiro da cozinha, estava com a portinhola aberta" (QUEIROZ, 1992, p.96).
<b>Grelos</b>	De grelar. Grelar= "Espiar com insistência, fixar demoradamente o olhar sobre alguma coisa (principalmente uma mulher)" (GIRÃO, 2000, p.226).	"A caatinga despontava toda em grelos verdes; pauís esverdeados, dum sujo tom de azinhavre líquido" (QUEIROZ, 1981, p.107).
<b>Imburana</b>	"Pequena árvore da família das Burseráceas, cuja madeira se utiliza para tábuas, móveis e moirões; imburana-de-cambão, imburana-vermelha" (MICHAELIS, 2000, p.1129).	"Retirei a tampa de imburana, lá estava tudo" (QUEIROZ, 1992, p.265).
<b>Incandescer</b>	"Exaltar(-se)" (MICHAELIS, 2000, p.1139).	"A seiva viva e forte que o incandescia e tonteava" (QUEIROZ, 1981, p.29).

<b>Inteirçar</b>	O mesmo que INTIRIÇAR= "Hirto" (CABRAL, 1972, p.467). "Enrijecer(-se); retesar(-se)" (AULETE, 2021).	"Um momento, e a marrã inteiriçou-se mais, procurando erguer a cabeça [...]" (QUEIROZ, 1981, p.15).
<b>Jacu</b>	"(Ave) que vive em pequenos bandos, com plumagem parda ou preta, garganta nua com barbela colorida, esp. nos machos e bico preto; se alimenta de brotos, frutas e folhas" (AULETE, 2021).	"Os rapazes fizeram uma funda com um pedaço de corda, e sempre conseguiam derrubar rolinha, nambu. Até jacu eles mataram" (QUEIROZ, 1992, p.85).
<b>Juá ou Juazeiro</b>	"Planta da família das Ramnáceas, de galhos armados de espinhos, que produz drupas amareladas comestíveis, de gosto doce aciculado" (MICHAELIS, 2000, p.1206). "Uma das árvores mais típicas do sertão nordestino" (GIRÃO, 2000, p.237).	"Encostado em uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando" (QUEIROZ, 1981, p.5). "Se esfregue com raspa de juá, se ponha cheirosa e bonita, que é capaz de aparecer outro marido pra você!" (QUEIROZ, 1992, p.239). "Foi até a sombra do juazeiro novo, no terreiro, espisar" (QUEIROZ, 1992, p.42).
<b>Jurema</b>	"Árvore leguminosa-momosácea brasileira, cuja casca tem propriedades adstringentes e narcóticas" (MICHAELIS, 2000, p.1209).	"Encostado em uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando" (QUEIROZ, 1981, p.5). "Só tem jurema e unha-degato, com os seus espinhos cortando a cara e as mãos dos cavaleiros" (QUEIROZ, 1992, p.229).
<b>Lanzuda(o)</b>	"Lanoso, lanudo" (MICHAELIS, 2000, p.1228). "Lanoso" (CABRAL, 1972, p.488). "O ovelhum de muita lâ" (GIRÃO, 2000, p.244).	"A bichinha tão bonita, tão lanzuda!" (QUEIROZ, 1981, p.15).
<b>Latada</b>	"Parreira. [...]. Abrigo ou cobertura de capim ou de coqueiro" (MICHAELIS, 2000, p.1232). "Alpendre de casa pobre no sertão. É geralmente coberta de varas ou fôlhas de coqueiro, palmeira etc. e serve de abrigo e pouso para os viandantes" (CABRAL, 1972, p. 491).	"Na latada, coberta de folhas secas, o cachorro cochilava" (QUEIROZ, 1981, p.13). "No quinto dia vimos um rancho, que era só uma latada, coberta com galhos de folha murcha" (QUEIROZ, 1992, p.229).
<b>Macaxeira</b>	"Mandioca mansa, aipim" (GIRÃO, 2000 p.249).	"Se enchiam de cargueiros, trazendo nas cangalhas feijão, arroz, milho. E caçuás cheios de macaxeira, batata, maniva" (QUEIROZ, 1992, p.191).

<b>Magoavam</b>	Ato de MAGOAR= "Contundir, ferir, pisar" (MICHAELIS, 2000, p.1298).	"Reses famintas, esquiladas, magoavam o focinho no chão" (QUEIROZ, 1981, p.107).
<b>Malva</b>	O mesmo que MALVA-DO-REINO ou MALVA SANTA= "Planta, de cujas folhas grossas e aquosas se extrai um líquido com excelentes propriedades medicinais, muito empregado em incisões, feridas, luxações etc." (CABRAL, 1972, p.517).	"Rubina me tratava com cozimentos de malva e eu deixava a dor doer, parece loucura" (QUEIROZ, 1992, p.468).
<b>Mamona</b>	"Arbusto da família das euforbiáceas, nativo da África ao Oriente Médio e cultivado desde a Antiguidade pelas propriedades terapêuticas de suas folhas e sementes [...]. O fruto dessa planta, uma cápsula com espinhos moles e três sementes. A semente desse fruto, de superfície brilhante, acinzentada e rajada de preto, da qual se extrai o óleo de rícino, usado como purgante" (MICHAELIS, 2000, p.1307).	"Roque se embrenhou no quintalejo por trás da tapera, voltou com umas folhas de mamona para me cobrir o ferimento" (QUEIROZ, 1992, p.200).
<b>Mandacaru</b>	"Grande cacto, de porte arbóreo, tronco grosso e ramificado, que pode fornecer madeira na base, flores enormes, alvas, que se abrem à noite, e cujos ramos têm de quatro a cinco ângulos, sendo o fruto uma baga espinhosa" (NAVARRO, 2004, p.221).	"Enquanto houver juazeiro e mandacaru em pé e água no açude, trato do que é meu!" (QUEIROZ, 1981, p.6).
<b>Manjerona</b>	"Cada uma das várias plantas, comumente aromáticas, que constituem dois gêneros, Majorana e Orégano, da família das Labiadas e incluem várias espécies usadas com o condimento, destacando-se a Origanum majorana ou Majorana hortensis, originária das regiões mediterrâneas e largamente cultivada no Brasil" (MICHAELIS, 2000, p.1316).	"Ela cultivava arnica, arruda, manjerona e as ervas que usava na cozinha" (QUEIROZ, 1992, p.203).
<b>Maria-de-barro</b>	"No Ceará é o nome dado ao João-de-barro, pássaro que tem vários nomes no país: João-barreiro, amassa-barro, oleiro, forneiro e pedreiro" (NAVARRO, 2004, p.226).	"Mandei o meu pessoal fazer um barraquinho pra ele, encostado numa árvore, parecendo um ninho de Maria-de-barro" (QUEIROZ, 1992, p.173).
<b>Mariscada</b>	"Côr do pelo do gato selvagem, de um cinzento sujo pintalgado de branco e preto" (CABRAL, 1972, p.527).	"O vi morto no chão, tão bonito, com aquela plumagem mariscada, fina e brilhante" (QUEIROZ, 1992, p.310).
<b>Marmeleiral</b>	"Plantação de marmeleiros" (MICHAELIS, 2000, p.1328). MARMELEIRO= "Planta de caule resistente e linheiro, preferido na construção de cercas de faxina, de casas de taipa etc. É também utilizada no fabrico caseiro de palitos" (CABRAL, 1972, p.527).	"O pasto, as várzeas, a caatinga, o marmeleiral esquelético, era tudo de um cinzento de borralho" (QUEIROZ, 1981, p.13).

<b>Marmeleiro</b>	“Planta de caule resistente e linheiro, preferido na construção de cercas de faxina, de casas de taipa etc. É também utilizada no fabrico caseiro de palitos” (CABRAL, 1972, p.527).	“Mandei que elas enchessem o fogão com achas de lenha seca de marmeleiro” (QUEIROZ, 1992, p.64).
<b>Marrã</b>	“Novinha de ovelha” (GIRÃO, 2000, p.259). “Ovelha jovem, novinha” (NAVARRO, 2004, p.228).	“A marrã se esticava mais, querendo morrer, com os olhos sanguinolentos” (QUEIROZ, 1981, p.15). “Alípio conseguiu passar a mão numa marrã de cabra, bem gordinha” (QUEIROZ, 1992, p.85).
<b>Mastruço</b>	O mesmo que MASTRUZ ou MENTRUZ= “Crucífera cuja folha tem propriedades medicinais e em cuja ação muito confia o povo” (GIRÃO, 2000, p.260).	“Fazia angu de mastruço, me atava no queixo os emplastos quentes” (QUEIROZ, 1992, p.201).
<b>Mata-pasto</b>	“O mesmo que fedegoso. [...]. Arbusto leguminoso-cesalpiniáceo” (MICHAELIS, 2000, p.1334).	“Se eu facilitasse, no impulso em que ele vinha, me derrubava ali mesmo, em cima do mata-pasto” (QUEIROZ, 1992, p.386).
<b>Maxixe</b>	“O fruto do maxixeiro, dotado de numerosos apêndices flexíveis, semelhantes a espinhos” (AULETE, 2021).	“O mais que saí é até o quintal para dar milho às galinhas, uma fugidinha ao roçado antes do sol quente, trazer maxixe ou melancia” (QUEIROZ, 1992, p.62).
<b>Meio galope</b>	Andadura da mesma natureza que o galope, mas de passo mais curto e menos rápido” (MICHAELIS, 2000, p.1347).	“Ele e os outros pegaram as rédeas dos cavalos, montaram e saíram a meio galope” (QUEIROZ, 1992, p.38).
<b>Meruim</b>	O mesmo que MARUIM= “Inseto díptero quironomídeo, cuja picada faz inchar a pele, outrossim bembé e mosquito-do-mangue” (AULETE, 2021).	“Mostrou os braços e a testa todos comidos de meruim e mais vermina” (QUEIROZ, 1992, p.398).
<b>Mezinhas</b>	Ou MEIZINHA= “Remédio caseiro ou manipulado nas farmácias do interior [...]” (CABRAL, 1972, p.534). “Remédio caseiro, garapada, garrafada. [...] Derivação popular do latim <i>medicina</i> ” (GIRÃO, 2000, p.262).	“Agora, esgotadas as mezinhas, findos os recursos, sozinha, [...], Cordulina chorava sem consolo” (QUEIROZ, 1981, p.39).
<b>Miosótis</b>	“Planta desse gênero de flores miúdas, muito delicadas, azul-claras” (MICHAELIS, 2000, p.1384).	“O nome das duas e mais o dístico ‘amizade eterna’, dentro de uma cercadura de miosótis” (QUEIROZ, 1982, p.25).
<b>Mofumbeiro</b>	De MOFUMBO= “Arbusto (Combretum leprosum) da família das combretáceas, natural da caatinga; muito ramificado, possui folhas membranosas e ásperas, flores amarelas, e sâmara aveludada” (AULETE,	“Nós nos escondemos atrás da moita escolhida, que era um grande mofumbeiro do tamanho de uma casa” (QUEIROZ, 1992, p.174).

	2021).	
<b>Mororó</b>	“O mesmo que pata-de-vaca ou pé-de-boi, uma árvore da família das leguminosas” (NAVARRO, 2004, p.239).	“Mande selar o seu cavalo, está preso no pé de mororó, do lado de fora da cerca” (QUEIROZ, 1992, p.459).
<b>Mucunã</b>	<p>“Gênero de trepadeiras leguminosas papilionadas, de que é espécie a mucunã mansa, da qual se aproveitam as sementes e se extraem grandes raízes nas épocas das secas, para o efeito de obter-se a fécula com que, em derradeiro recurso, se alimentam os flagelados das terríveis estiagens” (GIRÃO, 2000, p.271).</p> <p>“(Leguminosas) que dão umas vagens cobertas com uns pelos, os quais quando tocam no corpo produzem um prurido muito forte. Também lhes chamam comandá-açu, fava-coceira e pó-de-mico” (AULETE, 2021).</p>	<p>“E se não fosse uma raiz de mucunã arrancada aqui e além, ou alguma batata-brava que a seca ensina a comer, teriam ficado todos pelo caminho” (QUEIROZ, 1981, p.45).</p> <p>“[...] alguma vasilha de barro, lustrada com caroço de mucunã, que ganhava dos índios amigos dele e que, de vez em quando, lhe apareciam lá, de visita” (QUEIROZ, 1992, p.405).</p>
<b>Muriçoca</b>	<p>“Mosquito, carapanã” (GIRÃO, 2000, p.273).</p> <p>“No Nordeste e em Minas Gerais é pernilongo (mosquito) de zumbido e picada quase sempre incômodos” (NAVARRO, 2004, p.241).</p>	“Felizmente muriçoca não havia — já não era o mês das águas” (QUEIROZ, 1992, p.81).
<b>Muxoxo</b>	“Tunco. Gesto ou ruído peculiar feito na boca, indicativo de discordância, desdém, aborrecimento” (GIRÃO, 2000 p.273).	<p>“Bateu alegremente na rédea, com um muxoxo” (QUEIROZ, 1981, p.86).</p> <p>“Rubina deu um muxoxo e saiu da sala numa rabanada” (QUEIROZ, 1992, p.92).</p>
<b>Nambi</b>	“Diz-se do animal que só tem uma orelha, troncho” (GIRÃO, 2000, p.274).	“Uma cabra ruiva, nambi, de focinho quase preto, estendeu a cabeça” (QUEIROZ, 1981, p.47).
<b>Oiticica</b>	“Bela árvore dos vales dos rios nordestinos. Da família das Rosáceas. De tronco, às vezes enormemente grosso, este vegetal pode atingir 15 metros de altura, com ramos extensos e folhagem densa” (GIRÃO, 2000, p.278).	“A areia era toda branca; escura só a sombra da enorme oiticica, no barranco” (QUEIROZ, 1992, p.311).
<b>Oveiro</b>	“O ovário da galinha. O ânus da galinha” (CABRAL, 1972 p.582).	“Dizia que Duarte estava contando com o pinto no oveiro da galinha” (QUEIROZ, 1992, p.330).
<b>Pacavira</b>	“Bananeira silvestre, de fruto não comestível” (AULETE, 2021).	“Vidrara-se em torrões de lama ressequida, cortada aqui e além por alguma pacavira defunta que retorcia as folhas empapeladas” (QUEIROZ, 1981, p.13).
<b>Panasco</b>	“Erva umbelífera que serve para pastos. Qualquer erva de pasto. Zona de vegetação	“Começavam a babujar a poeira do panasco que ainda

	semelhante à do lacre, entre a região dos agrestes e a do carrasco ou catinga" (MICHAELIS, 2000, p.1734).	palhetava" (QUEIROZ, 1981, p.13).
<b>Pau D'arco</b>	"Árvore bignoniácea, de folhas amarelas, também denominada ipê" (MICHAELIS, 2000, p.1571).	"Mandou-se tirar na mata três boas toras de pau d'arco, bem grossas" (QUEIROZ, 1992, p.329).
<b>Pé de cravo</b>	O mesmo que CRAVEIRO= "Gênero de plantas, tipo da família das cariofiláceas, que contém grande número de espécies e variedades" (AULETE, 2021).	"Frio e cheiroso de um pé de cravo todo em flor, posto numa panela de barro" (QUEIROZ, 1992, p.420).
<b>Pebas</b>	"Tatu amarronzado e de pelos esparsos na carapaça" (AULETE, 2021). "Indivíduo cavador, furão, penetrante" (GIRÃO 2000, p.290).	"Já tenho um cemiteriozinho só meu, fechei até com uma cerca, para os pebas e os porcos-do-mato não fuçar" (QUEIROZ, 1992, p.242).
<b>Pedrês</b>	"Diz-se de galinha ou galo pintalgado de preto e branco; Carijó" (AULETE, 2021).	"Vicente se dirigiu ao seu velho pedrês" (QUEIROZ, 1981, p.7).
<b>Pelúcia</b>	"Tecido de seda, lã etc. aveludado e felpudo em uma das faces. Pelos, pelugem" (AULETE, 2021).	"O pasto se enramava, e uma pelúcia verde, verde e macia, se estendia no chão" (QUEIROZ, 1981, p.107).
<b>Pequi</b>	"Árvore dessa família (Caryocar brasiliense) de fruto grande, oleaginoso e de polpa alaranjada, usado na fabricação de licor e como condimento. O fruto aromático dessa árvore" (AULETE, 2021).	"Por todo o resto da vida, nunca mais tocou em pequi. Até o cheiro abusava" (QUEIROZ, 1992, p.80).
<b>Piaba</b>	"Pequeno peixe, de vários tipos, muito comum nos rios e lagoas, a beliscar ou dar dentadinhas nos banhistas, sem maior perigo" (GIRÃO, 2000, p.296).	"Quando menina, ainda, saía pela mata com os moleques, matando passarinho de baladeira, pescando piaba no açudinho, usando como puçá o pano da saia" (QUEIROZ, 1992, p.62).
<b>Pisadura</b>	"Ferida ou esfoladura no dorso dos animais, provocada pela sela ou pela cangalha" (CABRAL, 1972, p.627).	"Para ver se era sinal ou pisadura mal sarada" (QUEIROZ, 1981, p.20). "O Irineu num cavalo cardão, com uma pisadura tão feia" (QUEIROZ, 1992, p.35).
<b>Poldro</b>	"Cavalo novo; potro" (MICHAELIS, 2000, p.1651).	"O poldro, na verdade, cada dia era melhor; árdego, andador, estava sempre na frente, puxando a marcha" (QUEIROZ, 1992, p.86).
<b>Preá</b>	"Palavra de origem tupi, 'apé-reá' (o que mora no caminho, o que se encontra nos caminhos). Roedor herbívoro comum no Nordeste, de carne muito apreciada"	"Eu comia, assada na brasa, banda de nambu ou de preá, ou de tatu" (QUEIROZ, 1992, p.124).

	(NAVARRO, 2004, p. 286).	
<b>Punaré</b>	“Espécie de rato grande, de porte maior do que o do guabiru” (CABRAL, 1972, p.646).	“Pra eles tudo ‘faz mal’. Beber água fria com o corpo quente, pegar em ferro cortante em dia de sexta-feira, comer fruta à noite; pato é reimoso, todo peixe de couro é reimoso, e preá, e punaré” (QUEIROZ, 1992, p.309).
<b>Purulenta</b>	“Cheio de pus; que segrega pus. Da natureza do pus; puriforme” (MICHAELIS, 2000, p.1734).	“Só dois ocos podres, donde escorria uma água purulenta” (QUEIROZ, 1981, p.28).
<b>Quartau(s)</b>	“Cavalo pequeno e robusto; quartão [...] Cavalo castrado” (MICHAELIS, 2000, p.1740). “Cavalo castrado, de montaria” (CABRAL, 1972, p.651).	“Sacudido pela estrada larga do quartau, seguiu rápido, o peito entreaberto na blusa, todo vermelho e tostado do sol” (QUEIROZ, 1981, p.7). “Dois dos animais eram grandes, quartaus criados” (QUEIROZ, 1992, p.112).
<b>Raceada(o)</b>	“Mestiço de animal comum com outro de boa raça” (CABRAL, 1972, p.663).	“Já outra vez caíra a novilha raceada” (QUEIROZ, 1981, p.88).
<b>Rama</b>	“A babugem que brota com as primeiras chuvas. A pastagem que fica, depois das chuvas, para alimento do gado” (CABRAL, 1972, p.664). “Folhagem do mato que serve de forragem ao gado” (GIRÃO, 2000, p.313).	“A rama já não dava nem para um mês” (QUEIROZ, 1981, p.6).
<b>Rebentões</b>	“Haste que nasce da raiz da planta, e que se pode separar dela dando origem a uma nova planta” (MICHAELIS, 2000, p.1781). “Em todo o Nordeste é sinônimo de seca prolongada, a maior tragédia do <i>sertão</i> nordestino” (NAVARRO, 2004, p.301, grifo do autor).	“Devoravam confiadamente os rebentões que a ponta dos terçados espalhava pelo chão” (1981, p.5).
<b>Receada</b>	“Que se receia; que causa receio. Temido” (MICHAELIS, 2000, p.1784).	“Nas suas reses há alguma receada?” (QUEIROZ, 1981, p.17).
<b>Resedá</b>	“Nome comum às ervas do gênero Reseda, da família das resedáceas, originárias da Europa, Mediterrâneo e Ásia, algumas cultivadas como ornamentais, pelo perfume de suas flores e/ou para extração de óleo essencial e de tintura amarela” (AULETE, 2021).	“Me lembro de uns cravos-de-defunto e um pé de resedá que eu trouxe de fora” (QUEIROZ, 1992, p.310).
<b>Rês (Reses)</b>	“O animal bovino” (GIRÃO, 2000, p.319). “Qualquer quadrúpede cuja carne seja própria para a alimentação do homem. Nome que se dá aos indivíduos do gado bovino,	“Os homens esfolavam uma rês e as mulheres faziam ferver uma lata de querosene” (QUEIROZ, 1981, p.27).

	geralmente para exprimir quantidade” (MICHAELIS, 2000, p.1825).	"A vaquinha não mostrava ferro nem sinal, devia ser novilha barbatã, nascida na mata e na mata criada. Dessas reses sem dono que os fazendeiros chamam 'boi do vento'" (QUEIROZ, 1992, p.182).
<b>Retouço</b>	"Ação de retouçar” (MICHAELIS, 2000, p.1836). RETOUÇAR= “Comer (o animal) vegetação rasteira, pastar” (AULETE, 2021).	"A água era escassa de encontrar, o retouço do mato não matava a fome dos animais” (QUEIROZ, 1992, p.149).
<b>Ripava</b>	Do verbo RIPAR= “Aparar quase rente (a crina do cavalo)” (CABRAL, 1972, p.678). “Aparar as crinas e cauda das cavalgadas” (GIRÃO, 2000, p.321).	"João Rufo preparava os animais, ripava as crinas dos cavalos, aparava o rebordo rachado dos cascos” (QUEIROZ, 1992, p.226).
<b>Rolinha</b>	"Pequena rola” (MICHAELIS, 2000, p.1856). “Ave columbiforme” (AULETE, 2021).	"Os rapazes fizeram uma funda com um pedaço de corda, e sempre conseguiam derrubar rolinha, nambu. Até jacu eles mataram” (QUEIROZ, 1992, p.85).
<b>Rosilha</b>	Feminino de ROSILHO= “Diz-se do cavalo de pelos brancos e vermelhos com crina de uma dessas cores” (CABRAL, 1972, p.684).	"Seguia uma moça, montada de lado, em silhão, com uma saia tão grande que quase cobria a besta rosilha” (QUEIROZ, 1992, p.174).
<b>Ruço</b>	"Cor do cavalo: quase branco” (GIRÃO, 2000, p.324). “Branco (o cavalo ou o burro)” (CABRAL, 1972, p.685).	"Lá estava Valentim, segurando pela rédea um cavalo claro, me pareceu ruço” (QUEIROZ, 1992, p.138).
<b>Sabre</b>	"Espada curta de um só fio; terçado” (MICHAELIS, 2000, p.1871).	"Quando era praça aprendeu a meter o chanfalho nos 'elementos', batendo só com a folha do sabre, no lombo e nos quartos do cabra” (QUEIROZ, 1992, p.445).
<b>Sagui</b>	"Nome comum a diversos pequenos mamíferos da ordem dos Primatas, todos pertencentes à família dos Calitricídeos, cujas espécies apresentam unhas em forma de garras. Tipo amacacado, feio, esquisito” (MICHAELIS, 2000, p.1871). “Pessoa miúda e feia” (AULETE, 2021).	"Foi bom a gente se esquecer dos brincos. Ia apavorar ainda mais aquela negrinha da rede, que parecia um sagui assustado” (QUEIROZ, 1992, p.178).
<b>Saião</b>	"Erva da família das crassuláceas, natural do Brasil, cujas folhas suculentas são us. como medicamento tópico cicatrizante; coirama; folha-da-costa; folha-da-fortuna; orelha-de-monge” (AULETE, 2021).	"Aí um negro velho, que eu nem conhecia de antes, vinha me botar uma banha quente nos cortes e cobria com folhas de saião ou pimenteira, nem sei” (QUEIROZ, 1992, p.208).

<b>Saramanta</b>	O mesmo que SALAMANTA= "Designação comum a certas serpentes do gênero Epicrates" (MICHAELIS, 2000, p.1879).	"Como é que eles agüentavam ficar dentro daquele inferno, seriam raça de saramanta?" (QUEIROZ, 1992, p.67).
<b>Sarapintado</b>	"Coberto de pintas (corpo sarapintado)" (AULETE, 2021).	"Caçaram um porco caititu, perderam uma veada catingueira que fugiu, mas trouxeram a cria, um veadinho todo espantado e sarapintado de branco" (QUEIROZ, 1992, p.238).
<b>Sene</b>	"Nome comum a várias plantas da família das leguminosas, cujas folhas e cascas, chamadas folículos de sene, têm propriedades purgativas" (AULETE, 2021).	"E do fundo de uma lata tirou um punhado ressequido de sene" (QUEIROZ, 1981, p.39).
<b>Seixo</b>	"Pedra branca e dura, de variados tamanhos; calhau, rebo" (MICHAELIS, 2000, p.1909). "Pedra lisa e pequena dos rios com arestas arredondadas pelas águas; cascalho" (AULETE, 2021).	"Os cascos do animal pareciam tirar fogo nos seixos do caminho" (QUEIROZ, 1981, p.8). "Os pés calcando os pequenos seixos do chão" (QUEIROZ, 1982, p.44).
<b>Socó</b>	"Nome de várias espécies de aves ciconiformes, ardeídeas, semelhantes às garças" (MICHAELIS, 2000, p.1962).	"O filho era ladino, fazia arapuca, gaiola de caçar gato do mato, pegavam passarinho e pássaro grande — jacu, socó" (QUEIROZ, 1992, p.115).
<b>Tanger</b>	"Tocar (os animais, fazendo-os caminhar)" (MICHAELIS, 2000, p.2016).	"Tanger para cá!" (QUEIROZ, 1981, p.6).
<b>Tatu</b>	"Denominação comum aos mamíferos, da família dos dasipodídeos, cujo corpo é coberto por uma forte carapaça de placas articuladas, vivem em galerias subterrâneas; encontrados do sul dos EUA à Argentina" (AULETE, 2021).	"Aquela era a primeira vez em que Liberato saía, depois da caçada de tatu" (QUEIROZ, 1992, p.29).
<b>Tejuaçu</b>	O mesmo que TEIÚ= "Lagarto terrestre da fam. dos teiídeos, com corpo de 50 cm de comprimento, de coloração cinzenta manchada de preto com fitas transversais amarelo-escuro, vive em tocas e é onívoro; encontrado do Norte do Brasil ao norte da Argentina; teju; tejo" (AULETE, 2021).	"Curvava-se, espiando debaixo dos paus, procurando ouvir a carreira de algum tejuaçu que parecia ter passado perto deles" (QUEIROZ, 1981, p.47).
<b>Tinhorão</b>	"Nome comum às ervas aráceas da América tropical, [...], muito cultivada em jardins por folhas grandes, manchadas ou mosqueadas de branco e vermelho" (MICHAELIS, 2000, p.2066).	"Ficava um pequeno jardim ao lado da casa, alisando com a mãozinha a folha dum tinhorão" (QUEIROZ, 1982, p.182).
<b>Toro</b>	"Tronco de árvore derrubada com casca e sem galhos; tora" (AULETE, 2021).	"Sentando-a num toro de madeira, exclamava" (QUEIROZ, 1981, p.86).
<b>Traíra</b>	"Nome comum do peixe caracídeo, fluvial e lacustre" (MICHAELIS, 2000, p.2095).	"Eu comia, assada na brasa, banda de nambu ou de preá, ou

		de tatu; ou uma traíra, da lagoa, temperando o feijão" (QUEIROZ, 1992, p.124).
<b>Tratar</b>	"Cuidar de. [...] Alimentar, nutrir, sustentar" (MICHAELIS, 2000, p.2106).	"Era raro e alarmante, em março, ainda se tratar de gado" (QUEIROZ, 1981, p.5).
<b>Trepada</b>	"Encostada, ladeira. Terreno em aclave; subida" (MICHAELIS, 2000, p.2111).	"Quando o rapaz deu de frente com a casa do Logradouro, toda branca, trepada num alto vermelho e nu, viu logo Conceição" (QUEIROZ, 1981, p.8).
<b>Tropel</b>	"Ruído que se faz com os pés; sapateado. Grande ruído, causado pelo andar de animais; tropeada" (MICHAELIS, 2000, p.2130).	"O tropel de um cavalo souo na rua" (QUEIROZ, 1981, p.111). "Cavaleiro não toma chegada, avança no tropel" (QUEIROZ, 1992, p.179).
<b>Turino</b>	"Diz-se de certa espécie de gado bovino de raça holandesa" (MICHAELIS, 2000, p.2142). "Referência ao bovino de raça holandesa ou, por extensão, ao bovino gordo e bem desenvolvido" (CABRAL, 1972, p.751).	"A vaca e o boiote são filhos do turino velho" (QUEIROZ, 1981, p.17).
<b>Úbere</b>	"Teta ou mama das fêmeas de animais mamíferos" (MICHAELIS, 2000, p.2147).	"Olhou para o animal que todo se pontilhava de verrugas pretas, encarçando-lhe o úbere" (QUEIROZ, 1981, p.6).
<b>Umarizeira</b>	"A árvore do umari" (CABRAL 1972, p.755).	"Atrás de um grupo de umarizeiras da várzea" (QUEIROZ, 1981, p.10).
<b>Unha-de-gato</b>	"Planta espinhos aguçados, curtos e curvos, semelhante unhas daquele felino. Desenvolve-se em moitas ou touceiras, embaraçando as atividades dos vaqueiros nas lides do campo" (CABRAL, 1972, p.439).	"Só tem jurema e unha-de-gato, com os seus espinhos cortando a cara e as mãos dos cavaleiros" (QUEIROZ, 1992, p.229).
<b>Vargeado</b>	De VARGEM ou VARGE= "Várzea, planície alagada, marginal aos rios e riachos, de terras aluvionais, meio preferido da carnaubeira ou carnaúba" (GIRÃO, 2000, p.355).	"Nós tínhamos saído da mata mais fechada e entrado num vargeado, quando de repente levantei os olhos e soltei um grito" (QUEIROZ, 1992, p.230).
<b>Vazio</b>	"A virilha dos animais de maior porte ou, por detração, do homem" (CABRAL, 1972, p.766).	"Basta dizer, por exemplo, que estranhou tanto a cela de andilha, pra montar de lado, que vivia só querendo cair, se queixando de uma dor no vazio." (QUEIROZ, 1992, p.142).
<b>Veredas</b>	"Caminho estreito; caminho da roça; trilha de animais ou de caçadores, entre casas do campo. Atalho" (CABRAL 1972, p.771).	"Pelas veredas já conhecidas nossas, chegamos até a estrada real" (QUEIROZ, 1992, p.174).
<b>Vergôntea</b>	"Ramo de árvore [...]. Haste" (MICHAELIS,	"Mastigava sem ânimo uma

	2000, p.2192).	vergôntea estorricada” (QUEIROZ, 1981, p.13).
<b>Vermina</b>	“Verminose. Tudo o que rói e destrói progressivamente” (MICHAELIS, 2000, p.2193).	"Mostrou os braços e a testa todos comidos de meruim e mais vermina daquele maldito Poço das Antas" (QUEIROZ, 1992, p.398).
<b>Visgo</b>	O mesmo que visco. VISCO= “Substância muito pegajosa, em geral seiva ou suco vegetal, com que se envolvem pequenas varas, para apanhar pássaros” (MICHAELIS, 2000, p.2209). “Pasta pegajosa, feita do leite enfumado de certas plantas. [...] Pessoa importuna que não larga outra. Mulher que seduz e prende homens” (CABRAL, 1972, p.777).	“Como se estivesse com visgo nos olhos” (QUEIROZ, 1981, p.50).
<b>Xerimbabo</b>	“Designação genérica de animal de criação ou estimação” (MICHAELIS, 2000, p.2228). “No MA (e também na região Norte) é animal de criação ou estimação” (NAVARRO, 2004, p.354).	“Atrás de todo o mundo, procurando um nome par ao xerimbabo” (QUEIROZ, 1982, p.105).
<b>Zarolho</b>	“Diz-se do milho no começo da maturação [...]; e do pasto que começa a amarelecer” (GIRÃO, 2000, p.363).	"Saí do caminho, puxando o Veneno pela rédea, meti-me pelo mato já zarolho" (QUEIROZ, 1992, p.7).
<b>Zínia</b>	“Da família das Compostas, constituído por ervas tropicais americanas, que têm flores duráveis raiadas, em vistosos capítulos” (MICHAELIS, 2000, p.2237). “[...] também conhecida como canela-de-velha e moças-e-velhas” (AULETE, 2021).	“Ficava abstrata, a boca cheia de espuma, olhando os canteiros de zínias” (QUEIROZ, 1982, p.78).

Fonte: O autor.

### APÊNDICE C

Quadro com palavras referentes ao grupo conceitual 'Alimentação' presentes nas três obras analisadas

**Quadro 5** – Grupo conceitual 'Alimentação'

	Significado	Na obra
<b>Aguardente</b>	"Bebida alcoólica extraída da uva, da cana, dos cereais, da mandioca, das frutas doces e de quaisquer outros produtos sujeitos a fermentação" (MICHAELIS, 2000, p.84).	"Vendia também aguardente, mas só de garrafa" (QUEIROZ, 1992, p.102).
<b>Alfenim</b>	"Massa branca preparada com óleo de amêndoas e açúcar, com a qual se fazem doces delicados, geralmente em forma de animais ou flores" (AULETE, 2021).	"Meu moleque levou lá pra dentro um uru com rapadura batida, alfenim, essas besteirinhas de engenho" (QUEIROZ, 1992, p.337).
<b>Aluá</b>	"Bebida fermentada, feita de arroz, milho, pão, abacaxi, etc, em infusão na água adoçada com rapadura ou açúcar e condimentada com gengibre e erva-doce" (GIRÃO, 2000, p.67).	"Rubina fez um pote de aluá [...]" (QUEIROZ, 1992, p.385).
<b>Angu</b>	"Espécie de pirão, massa escaldada, quase mingau, feito de farinha ou de massa-de-milho, com água, sal e condimentos" (GIRÃO, 2000, p.70).	"Fazia angu de mastruço, me atava no queixo os emplastos quentes" (QUEIROZ, 1992, p.201).
<b>Beiju</b>	"Massa de farinha de mandioca, às vezes com o tempero de coco ralado, cozida ao forno" (GIRÃO, 2000, p.93).	"Cordulina ia raspando para um beiju o achado miserável" (QUEIROZ, 1981, p.39).
<b>Biqueiro(a)</b>	"Exigente na comida, (pessoa) que come pouco, escolhendo os alimentos, fastiento" (GIRÃO, 2000, p.96).	"Eu sempre tinha vivido trancada em casa, as cunhas me trazendo tudo na mão, preparando meu banho, lavando a minha roupa, fazendo comidinha especial porque eu era biqueira" (QUEIROZ, 1992, p.120).
<b>Broa de milho</b>	"Pão de farinha de milho. Bolo de farinha de milho [...]" (MICHAELIS, 2000, p.360).	"A Chiquinha chegava, me chamando para o chá de capim santo com broa de milho" (QUEIROZ, 1992, p.25).
<b>Cana</b>	"Aguardente, cachaça" (MICHAELIS, 2000, p.409).	"Nas casas cheias de mucamas e cunhãs, derrubar uma negrinha era fato tão sem importância quanto beber dois dedos de cana" (QUEIROZ, 1992, p.101).
<b>Canja</b>	"Caldo de galinha com arroz" (MICHAELIS, 2000, p.416).	"Mal engoli a canja, corri para o terreiro da cozinha"

		(QUEIROZ, 1992, p.137).
<b>Carimã</b>	"Farinha seca e fina de mandioca. Mandioca, amolecida por fermentação na água, com que se fazem bolos. Bolo feito de massa grossa de farinha de mandioca e seco ao sol" (MICHAELIS, 2000, p.435).	"Com agrados carinhosos para o seu vigário: um bolo de carimã, um queijo, um capão gordo" (QUEIROZ, 1992, p.154).
<b>Carne-de-sol</b>	O mesmo que CARNE-SÊCA= "Carne de bovino, salgada, sêca, não prensada" (CABRAL, 1972, p.206).	"Levando os mantimentos que davam para alguns dias; o principal deles era uma boa manta de carne-de-sol" (QUEIROZ, 1992, p.228).
<b>Carne do Ceará</b>	"Carne de bovino, sêca, salgada e prensada" (CABRAL, 1972, p.206).	"O povo chama de 'carne do Ceará', porque a maior parte vem de lá" (QUEIROZ, 1992, p.471).
<b>Carne-seca</b>	O mesmo que CARNE-DE-SOL= "Carne de bovino, salgada, sêca, não prensada" (CABRAL, 1972, p.206).	"Ganho o almoço e ainda me pagam com um litro de farinha, uma rapadura, um pedaço de carne-seca..." (QUEIROZ, 1992, p.74).
<b>Charque</b>	"Carne salgada e enxugada ao sol, em mantas; o mesmo que carne-do-ceará, ceará, carne-de-sol, carne-do-sul, carne-seca, carenvelha, jabá ou iobá, sambamba, sumaca" (MICHAELIS, 2000, p.481).	"Eles têm um contrato de fornecimento de carne salgada — que eles chamam de carne de charque e que é mandada para o Sul" (QUEIROZ, 1992, p.471).
<b>Chibé</b>	"Espécie de caldo feito com farinha de mandioca, rapadura e água" (GIRÃO, 2000, p.144).	"Mas João Rufo tratou logo de fazer um chibé com rapadura raspada, farinha e água, 'para dar sustância à menina'" (QUEIROZ, 1992, p.143).
<b>Cocada</b>	"Doce de côco, de diversos outros frutos ou de leite, feito com açúcar ou rapadura, em forma de tabletes" (CABRAL, 1972, p.241).	"Eu também sei fazer cocada puxa. Só me falta ter com quê!" (QUEIROZ, 1992, p.120).
<b>Dedal</b>	"Pequena porção de líquido" (MICHAELIS, 2000, p.644).	"Eu mandei servir um dedal de jerebita, para festejar" (QUEIROZ, 1992, p.302).
<b>De-comer</b>	"Alimentação. Comida, farnel" (MICHAELIS, 2000, p.643).	"Faz dois dias que a gente não bota um de-comer de panela na boca" (QUEIROZ, 1981, p.28).
<b>Doce de coco</b>	O mesmo que COCADA= "(Doce) feito com açúcar ou rapadura, em forma de tabletes" (CABRAL 1972, p.241).	"A merenda era ovo frio, pão de milho, doce de coco, leite e café" (QUEIROZ, 1992, p.215).
<b>Engulhento</b>	"O mesmo que engulhoso" (AULETE, 2021). ENGULHOSO= "Que causa engulho" (MICHAELIS, 2000, p.812). ENGULHO= "Sensação de náusea, ânsia de vômito. Nojo, asco" (AULETE, 2021).	"Na ansiedade de chegar bem depressa, de receber de suas mãos a xícara cheia de café, embora requentado e engulhento" (QUEIROZ, 1981, p.37).

<b>Esfaimado</b>	O mesmo que esfomeado (MICHAELIS, 2000, p.859). "Que está com muita fome; faminto; esfomeado" (AULETE, 2021).	"Com uma pressa áspera e esfaimada" (QUEIROZ, 1981, p.76).
<b>(O) Fato</b>	"Vísceras do gado abatido" (GIRÃO, 2000, p.205). "Intestino, vísceras" (CABRAL, 1972p.397).	"O papai matou, mas veio o dono tomar, e por milagre ainda deu o fato..." (QUEIROZ, 1981, p.49).
<b>Fumo</b>	"Fumo é o tabaco em corda ou rolo ou picado para o cigarro ou cachimbo" (GIRÃO, 2000, p.214).	"Nem carregamos todos os rolos de fumo. A gente não consumia tanto" (QUEIROZ, 1992, p.147).
<b>Garapa</b>	"O caldo da cana-de-açúcar" (CABRAL, 1972, p.436).	"A caneca passou de mão em mão e cada um bebeu um gole da garapa quente, pra quebrar o jejum" (QUEIROZ, 1992, p.82).
<b>Garrafada</b>	"Medicamento líquido guardado em garrafa, especialmente o preparado com ervas, raízes etc. por curandeiro" (AULETE, 2021).	"Só uma vez conseguiu escapar, dizendo que ia tomar uma garrafada, precisava ficar fechada, sozinha, que o remédio era muito forte e pedia resguardo" (QUEIROZ, 1992, p.157).
<b>Genebra</b>	"Bebida feita de aguardente e bagas de zimbro; gim" (MICHAELIS, 2000, p.1024).	"Liberato vinha da Vargem da Cruz, encharcado de genebra, tombando em cima do cavalo" (QUEIROZ, 1992, p.29).
<b>Hóstia</b>	Um pedaço, tal como o pequeno pedaço de pão distribuído nas missas, comumente designado pelo povo como este nome específico.	"De vez em quando lhe passava mais uma colherinha de doce, mais um golinho de chá, mais uma hóstia de queijo" (QUEIROZ, 1992, p.378).
<b>Ité</b>	"Que não tem sabor; insípido. Adstringente (fruta)" (MICHAELIS, 2000, p.1190).	"Estava ali mesmo o sol pra secar a carne e todo mundo já estava acostumado a comer ité, feito índio" (QUEIROZ, 1992, p.238).
<b>Jerebita</b>	Com variante para JIRIBITA e JERIBITA="Aguardente, cachaça, pinga" (GIRÃO, 2000, p.237).	"De qualquer modo, o Irineu não era tão sem presença, pelo menos não cheirava a cachimbo nem a jerebita" (QUEIROZ, 1992, p.227).
<b>Mancheia</b>	O mesmo que 'mão-cheia' (MICHAELIS, 2000, p.1309). "Porção de uma ou mais coisas que cabe numa mão; mão-cheia; punhado" (AULETE, 2021).	"Sacudiu na boca uma mancheia de farinha" (QUEIROZ, 1981, p.64).
<b>Manipeba</b>	"Variedade de mandioca muito venenosa" (MICHAELIS, 2000, p.1315).	"Numa cova, onde um tronco de manipeba apontava"

		(QUEIROZ, 1981, p.38).
<b>Maniva</b>	<p>“A haste de mandioca. Reduzida a pequenos pedaços serve para o plantio, como somente, e, também, para a alimentação dos gados” (GIRÃO, 2000, p.255).</p>	<p>“Com um pau de maniva aqui, outro além” (QUEIROZ, 1981, p.38).</p> <p>“Se enchiam de cargueiros, trazendo nas cangalhas feijão, arroz, milho. E caçuás cheios de macaxeira, batata, maniva” (QUEIROZ, 1992, p.191).</p>
<b>Manta de carne</b>	<p>“Grande porção de carne de bovino, compreendendo quase toda a extensão do corpo do animal” (CABRAL, 1972, p.522).</p>	<p>“O vaqueiro foi aos alforjes e veio com uma manta de carne de bode, seca” (QUEIROZ, 1981, p.26).</p>
<b>Mata-Bicho</b>	<p>“Aperitivo de aguardente. Deriva-se da expressão ‘matar o bicho’, mais empregada em Portugal” (CABRAL, 1972, p.530).</p>	<p>“Chico Bento cuspiu com o ardor do mata-bicho” (QUEIROZ, 1981, p.21).</p>
<b>Merenda</b>	<p>“Refeição leve, geralmente entre o almoço e o jantar. [...]. O que se leva em farnel para comer no campo ou em viagem” (MICHAELIS, 2000, p.1358).</p>	<p>“Valentim acabou a merenda, pediu pra dar de beber à burra” (QUEIROZ, 1992, p.75).</p>
<b>Mocororó</b>	<p>“Suco de jacu, fermentado; assim chamado, também mesmo antes de fermentar” (GIRÃO, 2000, p.267).</p>	<p>“A negra Rubina inventou fazer vinho com mocororó de caju” (QUEIROZ, 1992, p.364).</p>
<b>Mugunzá</b>	<p>“Do quimbundo ‘um’kunza’ (milho cozido). Caldo de milho branco cozido no leite de coco, também chamado de canjica no Sul e Sudeste” (NAVARRO, 2004, p.240-241).</p>	<p>“Vicente parou de machucar o mugunzá” (QUEIROZ, 1981, p.17).</p>
<b>Naco</b>	<p>Pedaço, fatia (GIRÃO, 2000, p.274).</p> <p>“Pedaço ou fatia de alguma coisa, espécie de alimento” (AULETE, 2021).</p>	<p>“Um naco de carne cheiroso emergia” (QUEIROZ, 1981, p.74).</p> <p>“O prêmio podia ser uma banana (coisa rara ali), um naco de rapadura. Ou ficava o ganhador dispensado da tarefa no roçado, no dia seguinte” (QUEIROZ, 1992, p.281).</p>
<b>Óleo de rícino</b>	<p>“Óleo das sementes de rícino usado como purgante” (MICHAELIS, 2000, p.1487).</p> <p>“Óleo obtido de sementes de mamona, usado como medicamento e na indústria; óleo de mamona” (AULETE, 2021).</p>	<p>“Vou trazer rapadura, remédio, óleo de rícino, tudo que precisar aqui” (QUEIROZ, 1992, p.239).</p>
<b>Paçoca</b>	<p>“Carne-sêca torrada e pilada com farinha e cebola” (CABRAL, 1972, p.586).</p> <p>“Iguaria muito apreciada, feita de carne seca ou de carne-de-sol ou carne-do-sul (charque) ou, ainda, de carne seca de qualquer animal ou ave, torrada e pilada com farinha de mandioca” (GIRÃO, 2000, p.281).</p>	<p>“Levei comigo o resto do sebo de carneiro e um saco com paçoca de carne seca que a mulher do pouso me arranjou” (QUEIROZ, 1992, p.319).</p>
<b>Pão de milho</b>	<p>“Cuscuz feito de massa de milho”</p>	<p>“A merenda era ovo frio, pão</p>

	(CABRAL, 1982, p.592).	de milho, doce de coco, leite e café" (QUEIROZ, 1992, p.215).
<b>Pia</b>	"Coisa muito salgada" (GIRÃO, 2000, p.296).	"Ih! Sal puro! Mesmo que pia!" (QUEIROZ, 1981, p.26).
<b>Pirão / Pirão de Peixe</b>	"Cozido de caldo de carne com farinha. Emplastro" (CABRAL, 1972, p.626). "Papa grossa de farinha cozida com água ou caldo de carne ou peixe e condimentos" (GIRÃO, 2000, p.299).	"Vê se tu dás um pirão de peixe a este menino" (QUEIROZ, 1981, p.21). "Me deram também um prato com pirão de peixe cozido, e um taco de rapadura" (QUEIROZ, 1992, p.15).
<b>Pisar</b>	"Moer no pilão; triturar" (AULETE, 2021).	"Pilador não era difícil, todo mundo ali era acostumado a pisar milho de caçula; duas pessoas, cada uma com a sua mão de pilão, batendo de feição: quando uma ia com a mão pro alto a outra descia" (QUEIROZ, 1992, p.329).
<b>Porqueira</b>	"Coisa muito ordinária" (CABRAL, 1972, p.634). "Coisa nojenta, desprezível; porcaria" (MICHAELIS, 2000, p.1669).	"Rebolem essa porqueira pros urubus, que já é deles!" (QUEIROZ, 1981, p.28).
<b>Ração</b>	"Porção de alimento que se calcula necessária para o consumo diário ou para cada refeição de uma pessoa ou de um animal" (MICHAELIS, 2000, p.1761).	"Venha comigo, compadre, receber a ração de comida, que está na hora" (QUEIROZ, 1981, p.67).
<b>Rapadura</b>	"Açúcar bruto, feito do mel da cana-de-açúcar. Fabricado em forma de tijolo, pesando em média (no Cariri) oitocentas gramas, serve, com farinha, de alimento à população do sertão" (CABRAL, 1982, p.665).	"Lambiam algum taco de rapadura" (QUEIROZ, 1981, p.26). "Me deram também um prato com pirão de peixe cozido, e um taco de rapadura" (QUEIROZ, 1992, p.15).
<b>Reimoso</b>	Do substantivo REIMA= "Propriedade que tem certos alimentos de, quando digeridos, provocarem doenças, coceiras, mal estar. O incômodo provocado por esses alimentos" (CABRAL, 1972, p.670).	"E eram muito supersticiosos, viviam impedidos por toda espécie de abuso — pra eles tudo 'faz mal' [...]; pato é reimoso, todo peixe de couro é reimoso" (QUEIROZ, 1992, p.309).
<b>Rejeito</b>	"É sinônimo de jarrete (nervo ou tendão das pernas dos quadrúpedes)" (NAVARRO, 2004, p.302).	"Eu tive um conhecido que, quando atacava um cavaleiro, vinha por trás e cortava, de faca, o rejeito do animal" (QUEIROZ, 1992, p.179).
<b>Sorvo(s)</b>	"Ato ou efeito de sorver" (MICHAELIS, 2000, p.1974). SORVER= "Beber aos sorvos; beber lentamente" (MICHAELIS, 2000, p.1974).	"Colando às bordas a boca sôfrega, em sorvos lentos, deliciosos, sugou a água" (QUEIROZ, 1981, p.27).

<b>Sustância</b>	O mesmo que SUSTÂNÇA= “Força. Resistência. Coragem” (CABRAL, 1972, p.712).	"Mandava preparar um caldo de sustância, para me levantar as forças" (QUEIROZ, 1992, p.19).
<b>Taco/ Taquinho</b>	“Pedaço; naco” (CABRAL, 1972, p.717). “Pedaço, bocado, tico, porção” (GIRÃO, 2000, p.337).	“Me dá um taquinho de rapadura!” (QUEIROZ, 1981, p.28). “Me deram também um prato com pirão de peixe cozido, e um taco de rapadura” (QUEIROZ, 1992, p.15).
<b>Tapiocas</b>	“É o pão caseiro do sertão do Ceará, feito da goma da mandioca (amido), água e sal (às vezes temperado com coco), com forma semelhante um disco pequeno” (CABRAL, 1972, p.721).	"Ultimamente andava faltando o coco para as tapiocas" (QUEIROZ, 1992, p.192).
<b>Toldava</b>	Do verbo TOLDAR= “Anuviar, encobrir, tapar. [...]. Turvar(-se). Obscurecer, obcecar. Embriagar-se”(MICHAELIS, 2000, p.2077).	"Curtia o meu ódio da Firma como se fosse um licor forte, que era bom de gosto na boca e toldava um pouco a cabeça" (QUEIROZ, 1992, p.136).
<b>Xerém de milho</b>	Ou simplesmente XERÉM= “Farelo de milho que fica na peneira. Milho pilado ou quebrado, mas não triturado” (CABRAL, 1972, p.789).	"Ficou movidinho, se criando só com papa de xerém de milho" (QUEIROZ, 1992, p.117).

Fonte: O autor.

## APÊNDICE D

Quadro com palavras referentes ao grupo conceitual 'Moradia' presentes nas três obras analisadas

**Quadro 6** – Grupo conceitual 'Moradia'

	Significado	Na obra
<b>Abafador</b>	“Capa de feltro com que se cobre o bule de chá para conservar o calor da infusão” (MICHAELIS, 2000, p.3).	“Uma toalha de xadrez vermelho, duas xícaras e um bule, sob o abafador bordado” (QUEIROZ, 1981, p.3).
<b>Abarracamento</b>	“Lugar onde se encontram barracas armadas. [...]. Acampamento com barracas” (MICHAELIS, 2000, p.7).	“Entregara aos azares da estrada e à promiscuidade miserável dum abarracamento de flagelados” (QUEIROZ, 1981, p.70).
<b>Achas</b>	“Pedaço de madeira, ger. em estado natural, usada como lenha em fogo ou fogueira; cavaco; estilha” (AULETE, 2021).	“Mandei que elas enchessem o fogão com achas de lenha seca de marmeleiro” (QUEIROZ, 1992, p.64).
<b>Açude</b>	“Reservatório das águas pluviais, com a intercepção e represa da corrente do rio ou riacho, por meio de barragem ou parede, e com um sangradouro, que dá vazão ao excesso d'água acumulada, evitando, assim, o arrombamento da barragem” (GIRÃO, 2000, p.61).	“Chico Bento conseguiu obter o ambicionado lugar no açude do Tauape” (QUEIROZ, 1981, p.73).
<b>Adelgaçando</b>	“Tornar fino ou sutil [...]. Tornar menos denso, tornar tênue ou quase transparente” (MICHAELIS, 2000, p.57).	“A nevoa otimista foi-se adelgaçando” (QUEIROZ, 1981, p.19).
<b>Adro</b>	“Terreno em frente ou em redor de uma igreja. [...]. Antigo cemitério, quando os enterramentos eram feitos no próprio templo ou ao redor dele” (MICHAELIS, 2000, p.64).	“Ao lado dela, o telheiro cheio de milagres; e o seu adro empedrado” (QUEIROZ, 1982, p.162-163). “E, reunidas no adro da igreja” (QUEIROZ, 1992, p.32).
<b>Afinar</b>	“Fazer passar em fluxo ralo e constante [...], fugir” (MICHAELIS, 2000, p.72).	“Também a água dos riachos afina” (QUEIROZ, 1981, p.6).
<b>Água-de-cheiro</b>	“Perfume. Água de colônia” (CABRAL 1972, p.42).	“Comprou um lenço de seda e um frasco de água-de-cheiro que veio me trazer” (QUEIROZ, 1992, p.358).
<b>Albornoz</b>	“Manto de lã com capuz, usado primeiro pelos árabes” (MICHAELIS, 2000, p.93).	“O xeque de albornoz branco e flutuante” (QUEIROZ, 1982, p.54).
<b>Alcobaça</b>	“Espécie de lenço de algodão, grande e vermelho, antigamente usado pelas pessoas	“Um lenço encarnado de Alcobaça que encontrei, já em

	que cheiravam rapé” (MICHAELIS, 2000, p.96).	viagem, no bolso do casacão de Pai” (QUEIROZ, 1992, p.112).
<b>Algibeira</b>	“Bólso que faz parte integrante do fato; pequena bolsa, separada do fato, que as mulheres do povo trazem por baixo da saia” (MORENO, 1939, p.46).	“Meti a mão na algibeira, tirei um cobre que atirei para o moleque” (QUEIROZ, 1992, p.185).
<b>Alguidar</b>	“Vaso em forma de cone truncado e invertido. Vasilha tosca, utilizada em serviços domésticos” (MICHAELIS, 2000, p.105).	“Saiu e voltou com uma negrinha e um alguidar de água morna” (QUEIROZ, 1992, p.251).
<b>Aljofrando</b>	“Orvalhar(-s), salpicar(-se) com gotas semelhantes ao aljofre” (MICHAELIS, 2000, p.109).	“Com gotas de suor aljofrando-lhe a testa preta” (QUEIROZ, 1981, p.84).
<b>Almanjarra</b>	“Pau a que se prende o animal que fez andar a atafona ou nora. Coisa desconforme, malfeita. Móvel disforme e desproporcionado” (MICHAELIS, 2000, p.109).	“Ia dar uma pirueta de duas voltas, quando a almanjarra do trapézio começou a estalar” (QUEIROZ, 1992, p.76).
<b>Alpendre</b>	<p>“Teto de uma só água sustentado de um lado por colunas e encostado pelo outro contra uma parede de edifício. [...] Telheiro, galpão, barracão” (MICHAELIS, 2000, p.113).</p> <p>“Varanda no limiar e, às vezes, aos lados da casa, na mesma água da frente ou não, sustentada na parte anterior ou mais baixa por colunas de alvenaria ou de madeira. É aí que o sertanejo recebe quem chega como se fosse a sala de visitas, e é aí que ele faz a sesta e também guarda arreios e objetos de uso mais imediato” (GIRÃO, 2000, p.67).</p>	<p>“Carecia mesmo dormir alguém no alpendre para botar sentido...” (QUEIROZ, 1981, p.33).</p> <p>“O Duarte (o filho dela) estava me esperando no alpendre” (QUEIROZ, 1992, p.95).</p>
<b>Alpendrim</b>	O mesmo que alpendre.	“Passaram a mão numa alheia, jogada no alpendrim de uma casa fechada” (QUEIROZ, 1992, p.126).
<b>Alpercata</b>	<p>Alpercata= Alpergata= Alpargata= “Calçado leve, de lona, com sola de borracha, couro ou outro material” (MICHAELIS, 2000, p.113).</p> <p>Alpergata ou apragata= “Formada apenas do solado e de duas correias em forma de V” (CABRAL, 1972, p.49).</p>	“Põe-lhe grandes laços vermelhos no cabelo, vestidinhos bordados, alpercatas rendadas” (QUEIROZ, 1982, p.193).
<b>Alumiava</b>	Do verbo ALUMIAR= “Produzir luz sobre, iluminar. [...] Resplandecer” (MICHAELIS, 2000, p.118).	<p>“Uma lamparina moribunda alumiava mal” (QUEIROZ, 1981, p.18).</p> <p>“O clarão do incêndio é que nos alumiava, mas já ia enfraquecendo” (QUEIROZ, 1992, p.69).</p>
<b>Amurada</b>	“Prolongamento do costado do navio, acima da parede interna do casco” (MICHAELIS, 2000, p.137).	“Encostei-me à amurada, deixei-me estar olhando a água” (QUEIROZ, 1982, p.177).

<b>Ancoretas</b>	"Pequeno barril usado para transportar água, vinho, aguardente etc." (AULETE, 2021).	"Tive pena de não trazer um par de ancoretas, umas jóias, que um menino estava levando para encher na cacimba" (QUEIROZ, 1992, p.86).
<b>Andilha</b>	"Sela de madeira semelhante a uma cadeirinha, que, posta sobre a cavalgadura, ampara a pessoa sentada" (MICHAELIS, 2000, p.146).	"Logo que ficasse moça tinha que aprender a andar de lado, como as outras, num silhão ou em andilhas, das antigas..." (QUEIROZ, 1992, p.87).
<b>Anfractuoso</b>	"Com elevações e depressões" (MICHAELIS, 2000, p.152).	"Escorria em grandes listas, sumindo-se nas anfractuosidades, chamalotando as ásperas paredes a pique" (QUEIROZ, 1981, p.67).
<b>Anilado</b>	"Azulado com anil, tinto de azul. Que tem cor de anil; azulado" (MICHAELIS, 2000, p.157).	"O crochê caiu no solo e o novelo rolou, sujando no ladrilho seu lindo branco anilado" (QUEIROZ, 1981, p.52).
<b>Anquinhas</b>	"Almofadas ou arames, que eram usados pelas mulheres para altear os quadris e dar maior roda às saias" (MICHAELIS, 2000, p.162).	"Penso sempre é nos corpos que andavam debaixo das anquinhas e das casacas" (QUEIROZ, 1982, p.124).
<b>Apalaçada</b>	"Em forma de palácio, semelhante a palácio" (MICHAELIS, 2000, p.178).	"Casa apalaçada, abandonada pelos donos" (QUEIROZ, 1982, p.102).
<b>Apragatas</b>	"Formada apenas do solado e de duas correias em forma de V" (CABRAL, 1972, p.49).	"Em cima das minhas apragatas" (QUEIROZ, 1992, p.87).
<b>Arcaz</b>	"Arca de gavetas grandes" (MICHAELIS, 2000, p.205).	"Zé Soldado, Maninho, Alípio e mais João Rufo, fizemos o inventário das armas guardadas no arcaz" (QUEIROZ, 1992, p.475).
<b>Armado / Armador</b>	Do verbo ARMAR= "Construir, fabricar (obra provisória ou de curta duração)" (MICHAELIS, 2000, p.214). Do verbo ARMAR= "Preparar, forjar, arquitetar" (CABRAL, 1972, p.72).	"Como um pouso que uma alma caridosa houvesse armado" (QUEIROZ, 1981, p.26). "Pra ninguém mais querer botar o pé no meu pescoço; ou me enforcar num armador de rede" (QUEIROZ, 1992, p.40).
<b>Arranchar</b>	"Albergar. [...] Reunir-se em rancho ou mesa comum [...] Estabelecer pouso provisoriamente" (MICHAELIS, 2000, p.220). "Dar rancho, pousada. Hospedar" (CABRAL, 1972, p.72).	"Na primeira noite, arrancharam-se numa tapera" (QUEIROZ, 1981, p.26). "Nos arranchamos num pouso" (QUEIROZ, 1992, p.141).
<b>Arredado</b>	"Afastado, um pouco distante" (CABRAL, 1972, p.76).	"Além do mais, é arredado, lá no juremal, terra ruim, brejada, que não dá pasto nem planta, tudo mato espinhento"

		(QUEIROZ, 1992, p.167).
<b>Arremedo</b>	<p>“O que, por sua qualidade, seu caráter etc. está muito aquém de (aquilo que sua denominação implica ser ou dever ser)” (AULETE, 2021).</p> <p>“Mostra, aparência” (MICHAELIS, 2000, p.223).</p>	<p>“Num arremedo de nuvens” (QUEIROZ, 1981, p.24).</p>
<b>Arrodeios</b>	<p>Plural de ARRODEIO= “Caminho que encurta distância ou serve para desviar obstáculo da estrada franca” (GIRÃO, 2000, p.77).</p>	<p>“Tratei mesmo de estudar esse caminho de arrodeios, pensando justamente na volta” (QUEIROZ, 1992, p.431).</p>
<b>Arruado</b>	<p>“Série de casas à beira de uma estrada. [...] Lugarejo de uma só rua” (MICHAELIS, 2000, p.227).</p> <p>“Vilarejo com poucas casas, quase sempre nas margens das estradas” (NAVARRO, 2004, p.41).</p> <p>Povoado (CABRAL, 1972, p.82).</p>	<p>“Passados uns quatro dias, acabei dando com o arruado em que o casal me falara” (QUEIROZ, 1992, p.248).</p>
<b>Átimo</b>	<p>“Instante, momento” (GIRÃO, 2000, p.80).</p>	<p>“Da festa da cumeeira à casa pronta foi, a bem dizer, um átimo” (QUEIROZ, 1992, p.388).</p>
<b>Atochado</b>	<p>“Cheio, atufalhado” (CABRAL, 1972, p.90).</p>	<p>“Duarte como é que se arrumava a pólvora na embalagem, em cartuchos: se fazia aquele rolo, como se fosse de moeda, na medida de um cartucho mesmo, bem atochado [...]” (QUEIROZ, 1992, p.331).</p>
<b>Autopista</b>	<p>Autoestrada= “Estrada para automóveis, autopista” (MICHAELIS, 2000, p.264).</p>	<p>“Rodopiei loucamente no chicote, abalroei com furor nos pequenos automóveis da autopista” (QUEIROZ, 1982, p.196).</p>
<b>Baeta</b>	<p>“Tecido felpudo e grosseiro de lã” (MICHAELIS, 2000, p.284).</p>	<p>“Na Fazenda Pau Ferrado, só se compra o sal e a baeta” (QUEIROZ, 1992, p.267).</p>
<b>Bagaceira</b>	<p>“Área em torno dos engenhos de rapadura, onde se espalha o bagaço da cana, para secar e servir de combustível na fornalha” (CABRAL, 1972, p.101).</p>	<p>“Me criei moleque de bagaceira, porque a fazenda não era de gado, era engenho” (QUEIROZ, 1992, p.172).</p>
<b>Baladeira</b>	<p>“Pequena forquilha de madeira, com elástico, para atirar pedras. Atiradeira, estilingue” (CABRAL, 1972, p.104).</p>	<p>“Quando menina, ainda, saía pela mata com os moleques, matando passarinho de baladeira” (QUEIROZ, 1992, p.62).</p>
<b>Balaustrada</b>	<p>“Fileira, série de balaústres formando grade de parapeito ou corrimão” (MICHAELIS, 2000, p.289).</p> <p>BALAÚSTRE= “Pequena coluna ou pilar</p>	<p>“Encostou-se à balaustrada, e ficou fumando uns cigarrinhos finos e longos” (QUEIROZ, 1982, p.90).</p>

	que sustenta uma travessa ou corrimão” (MICHAELIS, 2000, p.289).	
<b>Balouçar</b>	“Mover(-se) de um lado para outro; balançar(-se)” (MICHAELIS, 2000, p.291).	“Como as açucenas das margens do Mondego quando o vento as balouça” (QUEIROZ, 1982, p.21).
<b>Banda</b>	“Parte lateral; lado” (MICHAELIS, 2000, p.294). “Metade, pedaço. [...]. Direção, área, lado” (CABRAL, 1972, p.107-108). Bandas= “Determinado lugar” (CABRAL, 1972, p.108). “Lado. A pessoa mesma” (GIRÃO, 2000, p.87).	“Enfiou a cabeça pela banda aberta da meia porta” (QUEIROZ, 1981, p.8).
<b>Banguê</b>	"Padiola que servia para conduzir cadáveres de escravos pretos. [...]. Liteira rasa, com teto e cortinados de couro, montada sobre varais a que se atrelam duas cavalgaduras, uma adiante e outra atrás. [...]. Cocho de couro (para curtume e decoada); anoque" (AULETE, 2021).	"Me arrastaram à força para fora do quarto, me deitaram no banguê de couro da sala" (QUEIROZ, 1992, p.18).
<b>Bata</b>	“Roupão de homem. [...]. Pequeno casaco largo e frouxo” (MICHAELIS, 2000, p.307). “Jaleco de médico, dentista, professor etc.; veste leve e larga, geralmente branca e usada por sobre a roupa comum” (AULETE, 2021).	“Realizou o artista tal qual o sonháramos, vestido na bata branca” (QUEIROZ, 1982, p.93).
<b>Beiradeiros</b>	O mesmo que BERADEIRO= “Habitante à beira da estrada de ferro. Por extensão, essa denominação vem sendo aplicada também àqueles que habitam perto da cidade ou ainda, aos matutos em geral” (CABRAL, 1972, p.124).	"(Você) tem mais força do que todos esses beiradeiros que pensam que são ricos" (QUEIROZ, 1992, p.421).
<b>Belbutina</b>	“Belbute fino”(MICHAELIS, 2000, p.314). BELBUTE= “Tecido de algodão aveludado” (MICHAELIS, 2000, p.314).	"Vendemos uma saia de belbutina que a dona da estalagem cobiçava" (QUEIROZ, 1992, p.288).
<b>Bilros</b>	“Peçazinha de madeira com feitio de fuso ou pêra, e com a qual se fazem rendas ou obras de cabelo” (MICHAELIS, 2000, p.327). “Pedaço fino e roliço de madeira, com um caroço de macaúba numa das extremidades. Na outra extremidade enrola-se a linha, para a feitura da renda, na almofada. O número de bilros varia de acordo com a largura da renda, bico ou rendão” (CABRAL, 1972, p.131).	“Trabalhava, trocando os bilros com ruído” (QUEIROZ, 1981, p.10). “Trocava, desgostosa, os bilros na minha almofada de renda” (QUEIROZ, 1992, p.95).
<b>Biqueiras</b>	“Calha por onde escorre a água do telhado” (CABRAL, 1972, p.131). “Veio de água que cai do telhado. [...]. Telha ou tubo, por onde jorra essa água; goteira” (MICHAELIS, 2000, p.331).	“Acompanhava a queda da água no calçamento empoeirado, o lento gotejar das biqueiras e de um jacaré” (QUEIROZ, 1981, p.98).

		"Uma debaixo das minhas biqueiras" (QUEIROZ, 1992, p.32).
<b>Bordão</b>	"Vara que serve de apoio ou arrimo; bastão, cajado. Amparo, arrimo, proteção" (MICHAELIS, 2000, p.347).	"Não dispensava mais a companhia do bordão, que era um grande cacete de madeira de jucá, o castão enrolado num C, que Mestre Quixó tinha preparado para ele" (QUEIROZ, 1992, p.379).
<b>Borralho</b>	"Cinzas quentes" (MICHAELIS, 2000, p.349).	"Um humilde lugar no borralho, sem lhe ser nunca permitido deitar nas almofadas da sala" (QUEIROZ, 1982, p.67). "E nas brasas e no borralho assamos os bichinhos" (QUEIROZ, 1992, p.82).
<b>Botija</b>	"Vasilhame bojudo e de boca estreita. Vasilha de arenito, de forma cilíndrica, boca estreita e uma pequena asa, para conter líquidos" (AULETE, 2021).	"O povo é doido por história de ouro enterrado, botijas cheias de moeda" (QUEIROZ, 1992, p.22-23).
<b>Bragal</b>	"Toda roupa branca de uma casa. Enxoval de uma pessoa" (MICHAELIS, 2000, p.353).	"A Dona Aldenora largou as camisinhas de pagão e as fraldas e cueiros que costurava dia e noite para o bragal do neto" (QUEIROZ, 1992, p.287).
<b>Bruacas</b>	Plural de BRUACA= "Mala de couro cru" (GIRÃO, 2000, p. 106).	"Um dia nos chegou um comboieiro e de um par de malas de couro — as bruacas — tirou sessenta libras de salitre" (QUEIROZ, 1992, p.331).
<b>Burel</b>	"Pano grosseiro de lã, mais comumente de cor parda, castanha ou preta, que servia para vestidos de luto" (MICHAELIS, 2000, p.367). "Tecido grosseiro de lã" (AULETE, 2021).	"E no andor, hirtto, com as mãos laivadas de roxo, os pés chagados aparecendo sob o burel, São Francisco passeou por toda a cidade" (QUEIROZ, 1981, p.91).
<b>Cabaça</b>	"Fruto da cabaceira (ou do cabaceiro). Quando sêco, fazem uma abertura na parte superior e, depois de completado o processo de limpeza, é utilizado no transporte de líquidos" (CABRAL, 1972, p.161).	"Vivia a duas léguas de distância, ao pé da serra, e vinha ao Pai e o Filho, com uma cabaça na cabeça para apanhar água no olho d'água" (QUEIROZ, 1992, p.240).
<b>Cabeção</b>	"Gola larga e pendente de capa, casaco ou vestido. [...]. Espécie de gola em que se prende o colarinho dos padres" (MICHAELIS, 2000, p.374).	"O negro velho, que ainda estava por lá, era junto com uma índia gorda e de olho sonso, que mal se vestia com um trapo da saia e a camisa de cabeção" (QUEIROZ, 1992, p.240).
<b>Cabeço</b>	"Come arredondado de um monte" (MICHAELIS, 2000, p.374).	"Nem sei por que tinha esse nome, já que se erguia num

		cabeço de morro e a entrada pra lá era uma ladeira" (QUEIROZ, 1992, p.432).
<b>Cabeçote</b>	<p>"Cabeça de madeira, prolongamento dos arçõs da cangalha, onde se prendem as aselhas das malas ou dos cambitos" (CABRAL, 1972, p.165).</p> <p>"A parte saliente e vertical de cda arção da cangalha e na qual se prendem as aselhas das costais" (GIRÃO, 2000, p.113).</p>	<p>"Amarrado por um pano aos cabeçotes da cangalha" (QUEIROZ, 1981, p.25).</p>
<b>Cacete</b>	<p>"Pau, em forma de bengala ou bastão, mas sem curva, de madeira resistente, que serve de arma ao homem rústico; com ele defende-se ou ataca. O pênis" (GIRÃO, 2000, p.115).</p> <p>"Importuno, implicante, pau, chato, maçante, enfadonho" (CABRAL, 1972, p.171).</p>	<p>"Fechou a marcha, com o cacete ao ombro" (QUEIROZ, 1981, p.25).</p> <p>"O Zé bateu com o cacete na cabeça do outro" (QUEIROZ, 1992, p.433).</p>
<b>Cacimba</b>	<p>"Poço, cisterna [...] bebedouro para o gado" (GIRÃO, 2000, p.116).</p>	<p>"No duro vaivém do serviço sem tréguas, cavando aqui uma cacimba" (QUEIROZ, 1981, p.87).</p> <p>"Tive pena de não trazer um par de ancoretas, umas jóias, que um menino estava levando para encher na cacimba" (QUEIROZ, 1992, p.86).</p>
<b>Caco</b>	<p>"Prato de barro" (CABRAL, 1972, p.174).</p>	<p>"Fizemos um banquete de carne seca, assada no caco, com pirão mole e molho de pimenta" (QUEIROZ, 1992, p.149).</p>
<b>Caçuás</b>	<p>Plural de CAÇUÁ= Espécie de cesto grande, feito de cipós ou de talos de bambu, sem tampa e em formato de mala, com duas aselhas de couro ou de corda. Destina-se ao transporte das mais variadas coisas" (CABRAL, 1972, p.175).</p>	<p>"Se enchem de cargueiros, trazendo nas cangalhas feijão, arroz, milho. E caçuás cheios de macaxeira, batata, maniva" (QUEIROZ, 1992, p.191).</p>
<b>Caiada</b>	<p>Feminino de caiado= "Revestido de cal" (MICHAELIS, 2000, p.386).</p>	<p>"Na parede caiada se desenhava, enorme, o emblema azul da Virgem Maria" (QUEIROZ, 1982, p.7).</p>
<b>Caixilhos</b>	<p>"Armação de madeira ou metal que emoldura as almofadas de uma porta, vidraças de uma janela, painéis etc.. Moldura. Quadro, armação. Bastidor" (MICHAELIS, 2000, p.389).</p>	<p>"Varandas de ferro forjado e caixilhos desmantelados" (QUEIROZ, 1982, p.102).</p>
<b>Calcinada(o)</b>	<p>"Reduzido a cinzas ou a carvão. Extremamente seco pelo fogo ou pelo sol; queimado, torrado" (MICHAELIS, 2000, p.393).</p>	<p>"Queimando cada vez mais forte a pobre terra calcinada" (QUEIROZ, 1981, p.87).</p>

<b>Camarinha</b>	<p>“Alcova, quarto de dormir” (GIRÃO, 2000, p.122).</p> <p>“Esconderijo no meio do mato, onde os bandidos ficam durante o dia. [...] Quarto de dormir” (NAVARRO, 2004, p.89).</p>	<p>“Alta noite, na camarinha fechada” (QUEIROZ, 1981, p.18).</p> <p>“Na camarinha da finada, a santa da parede não era Nossa Senhora coisa nenhuma” (QUEIROZ, 1992, p.33).</p>
<b>Cambada</b>	<p>“Conjunto de objetos ou animais, enfiados ou pendurados; molho de chaves” (MICHAELIS, 2000, p.402).</p> <p>“Reunião de coisas” (GIRÃO, 2000, p.122).</p>	<p>“Veio me pedir ordens, eu tirei do cinto a grande cambada onde estavam todas as chaves da casa” (QUEIROZ, 1992, p.304).</p>
<b>Cambráia</b>	<p>“Tecido muito fino de algodão ou de linho” (MICHAELIS, 2000, p.405).</p>	<p>“Vicente é muito capaz de trazer madapolão por cambráia...” (QUEIROZ, 1981, p.53).</p>
<b>Campa</b>	<p>“Sino pequeno para sinais de aviso. Sineta de igreja ou comunidade. Campanha maior de que se faz uso nas missas solenes e quando sai o viático. Cincerro, chocalho. [...] Pedra ou lousa que cobre a sepultura. Cobertura rasa da sepultura” (MICHAELIS, 2000, p.406).</p>	<p>“Minha avó dizia que o diabo vem com uma capa e uma campá, quando quer atentar a gente” (QUEIROZ, 1992, p.333).</p>
<b>Canastrinha</b>	<p>“Canastra pequena” (MICHAELIS, 2000, p.411).</p> <p>CANASTRA= “Cesta larga, com ou sem tampa, feita com hastes ou ripas de madeira flexível” (AULETE, 2021).</p>	<p>“Maninha me arranjou uma canastrinha de esteira para guardar o meu ‘enxoval” (QUEIROZ, 1992, p.139).</p>
<b>Candeia</b>	<p>“Utensílio de folha ou de barro que se usa suspenso da parede ou do velador e em que se coloca azeite ou querosene para alimentar o lume na torcida ou mecha que sai por um bico. [...]. Vela de cera pelo menos em sua maior parte, para as funções litúrgicas” (MICHAELIS, 2000, p.412).</p>	<p>“Ele via a réstea de luz da candeia, acesa no meu quarto” (QUEIROZ, 1992, p.20).</p>
<b>Cangalha</b>	<p>“Armação constituída de dois arções com cabeçote e presos de um lado e de outro pelas prendas. Destinada ao transporte, em animais ou bois, de cargas, fardos, etc.” (GIRÃO, 2000, p.125).</p>	<p>“Amarrado por um pano aos cabeçotes da cangalha” (QUEIROZ, 1981, p.25).</p>
<b>Cantoneira</b>	<p>“Armário ou prateleira que se adapta ao canto de uma casa” (MICHAELIS, 2000, p.418).</p>	<p>“Maria José tinha um genuflexório e no alto de uma cantoneira um Cristo e uma Nossa Senhora de gesso” (QUEIROZ, 1982, p.82).</p>
<b>Caquinho</b>	<p>Diminutivo de CACO= “Pedaço, coisa sem valor. Prato de barro” (CABRAL, 1972, p.174).</p> <p>“Fragmento ou pedaço de louça, cerâmica, vidro etc. Objeto que se estragou, que se tornou inútil” (AULETE, 2021).</p>	<p>“Machado eu tenho um, ainda com serventia, que se trouxe, na fugida. Enxada tem um caquinho, que a minha nora trouxe também...” (QUEIROZ, 1992, p.118).</p>

<b>Caramanchão</b>	“Construção ligeira, para que nela se enrosquem trepadeiras, nos jardins ou pomares” (MICHAELIS, 2000, p.428).	“Ao centro do pátio ficava o caramanchão cheiroso do jasmineiro” (QUEIROZ, 1982, p.7).
<b>Carbureto</b>	Relativo à CARBETO= “Serão, entre os índios” (MICHAELIS, 2000, p.430). SERÃO= “Trabalho, geralmente noturno, realizado após o horário do expediente. Remuneração recebido por esse trabalho” (AULETE, 2021).	“Brilhou com um lampejo de ouro à luz do carbureto” (QUEIROZ, 1981, p.70).
<b>Carga(s)</b>	“Qualquer volume que se conduz às costas de animais” (CABRAL, 1972, p.205).	“Aí nas cargas eu tenho um resto de criação salgada que dá para nós” (QUEIROZ, 1981, p.28).
<b>Caritó</b>	“Pequena prateleira nas salas ou quartos das casas sertanejas” (GIRÃO, 2000, p.132). “Casa pequena, casebre, <i>coió</i> , <i>mocambo</i> . [...]. Dependência pequena, suja e escura das casas, quarto-depósito” (NAVARRO, 2004, p.97-98).	“Foi direto a um caritó, ao canto da sala da frente” (QUEIROZ, 1981, p.13).
<b>Carrascal</b>	“Região de mato pequeno, de moitas e cardos, bastante intrincado, de mais difícil acesso = Terreno de vegetação miúda” (GIRÃO, 2000, p.134).	“Os cavalos se perdiam pelos canaviais, pelas lagoas, pelo carrascal bravo” (QUEIROZ, 1982, p.163).
<b>Carro</b>	“Vagão de transporte ferroviário de passageiros” (AULETE, 2021).	“A rapariga agarrou-se à borda do carro, e gemeu tristemente” (QUEIROZ, 1981, p.103).
<b>Carroção</b>	“Grande carro de bois, coberto, que se usava para transporte de pessoas” (MICHAELIS, 2000, p.443).	“Aprendi a viajar com eles. O sonho do Seu Tónico era comprar um carroção onde se viajasse e se morasse, como numa casa de rodas” (QUEIROZ, 1992, p.218).
<b>Casinhola</b>	“Casa pequena e pobre; biando” (MICHAELIS, 2000, p.448).	“A idéia era me arranchar em alguma casinhola de beira de estrada” (QUEIROZ, 1992, p.311).
<b>Castão</b>	“Remate da extremidade superior de bengalas” (AULETE, 2021). “Ornato ou remate de metal, osso ou marfim, no topo de uma bengala e de outros utensílios” (MICHAELIS, 2000, p.449).	“Lourdinha bateu com o queixo no castão da sombrinha, muito fino e comprido” (QUEIROZ, 1981, p.68). “Não dispensava mais a companhia do bordão, que era um grande cacete de madeira de jucá, o castão enrolado num C, que Mestre Quixó tinha preparado para ele” (QUEIROZ, 1992, p.379).
<b>Catre</b>	“Cama pobre e tosca. Camilha dobradiça.	“João Rufo empurrou a porta

	Cama de viagem” (MICHAELIS, 2000, p.455).	do quartinho dos fundos: num catre que mais parecia um ninho” (QUEIROZ, 1992, p.147).
<b>Cerca de faxina</b>	“Cêrca de varas, entrançadas em sentido vertical” (CABRAL, 1972, p.397).	“E, isolando a casa, enquadrando o grande terreiro à frente, uma cerca de faxina, alta de oito palmos, toda feita de mourões grossos, como paliçada em aldeia de índio bravo” (QUEIROZ, 1992, p.9).
<b>Cercadura</b>	“Bainha” (MICHAELIS, 2000, p.471).	“O nome das duas e mais o dístico ‘amizade eterna’, dentro de uma cercadura de miosótis” (QUEIROZ, 1982, p.25).
<b>Cerrada</b>	Do verbo CERRAR= “Fechar-se” (MICHAELIS, 2000, p.474).	“Eu vou me deitar também, mas deixo mal cerrada a porta da frente” (QUEIROZ, 1992, p.41).
<b>Cerzir</b>	“Coser, remendar (um tecido), de modo que não se note o conserto” (MICHAELIS, 2000, p.475).	“As camas por fazer, as meias por cerzir” (QUEIROZ, 1982, p.77).
<b>Chamalotando</b>	Dar aspecto de CHAMALOTE= “Tecido de lã de camelo. Tecido de pelo ou lã, muitas vezes misturado a seda” (MICHAELIS, 2000, p.478).	“Escorria em grandes listas, sumindo-se nas anfractuosidades, chamalotando as ásperas paredes a pique” (QUEIROZ, 1981, p.67).
<b>Chapinhar</b>	“Banhar com a mão ou com um pano embebido em líquido. [...] Agitar-se na água com as mãos ou com os pés” (MICHAELIS, 2000, p.481).	“Corria comigo pelo quintal molhado, chapinhando nos pequenos regatos” (QUEIROZ, 1982, p.44).
<b>Charola</b>	“Objeto (andor, cadeira etc.) que serve para conduzir alguém em triunfo” (CABRAL, 1972, p.225).	“Alguma alusão escarminha à decomposição da pobre alma que passava levada de charola” (QUEIROZ, 1982, p.83).
<b>Chicote</b>	“Espécie de folguedo de crianças” (CABRAL, 1972, p.230).	“Rodopiei loucamente no chicote, abalroei com furor nos pequenos automóveis da autopista” (QUEIROZ, 1982, p.196).
<b>Choupo</b>	“O mesmo que álamo” (MICHAELIS, 2000, p.489). Álamo= Árvore do gênero Pópulo choupo [...] choupo eurásio” (MICHAELIS, 2000, p.90).	“Quadros da Europa, além desse, paisagens de choupos” (QUEIROZ, 1982, p.93).
<b>Cilha</b>	“Correia larga ou faixa de tecido forte, fios torcidos, couro cru ou sola, e até de borracha entelada, que passa sob a barriga, para segurar a sela ou a carga dos animais; cincha. Faixa pregada sobre paus para formar o fundo de um leito, sofá, cadeira estofada e similares” (MICHAELIS, 2000, p.498).	“Eu gritei para o moleque trazer um balde de água; ele levou a água para a burrinha, tirou-lhe a brida, afrouxou-lhe a cilha, esperou que ela bebesse” (QUEIROZ, 1992, p.75).

<b>Cobre</b>	“Dinheiro” (CABRAL, 1972, p.240).	“Meti a mão na algibeira, tirei um cobre que atirei para o moleque” (QUEIROZ, 1992, p.185).
<b>Coité</b>	Ou CUITÉ= “A cuia feita dêsse fruto, utilizada como medida, utensílio de cozinha etc.” (CABRAL, 1972, p.245).	“Pegou duas cuias serradas ao meio da mesma coité” (QUEIROZ, 1992, p.331).
<b>Condado</b>	“Território que está ou esteve sob jurisdição de um conde. Divisão territorial existente na Inglaterra e nos EUA” (MICHAELIS, 2000, p.554).	“Ali eu senti, de verdade, que tinha encontrado o meu canto no mundo, o meu condado” (QUEIROZ, 1992, p.239).
<b>Contraforte</b>	“Pilastra de reforço de muro ou parede que suporta alguma carga; botaréu. Reforço de muralha, reparo e terraplano. [...]. Defesa, anteparo” (MICHAELIS, 2000, p.574).	“A casa atarracada ficava à frente de uma espécie de barreira formada por dois serrotes, um maior outro menor, e que eram os contrafortes de Serra dos Padres” (QUEIROZ, 1992, p.9).
<b>Copiar</b>	“Varanda contígua à casa; alpendre. Parte aberta da barraca ou de casa rústica; espécie de vestíbulo desta” (NAVARRO, 2004, p.120).	“Seu Dão me mandou dormir no copiar, como dizia a Dona Mocinha” (QUEIROZ, 1992, p.252).
<b>Corpete</b>	“Peça do vestuário feminino que se ajusta ao peito; justilho” (MICHAELIS, 2000, p.591).	“Busto redondo, farto, levantando-lhe a linha dura do corpete” (QUEIROZ, 1982, p.27). “A maneira dela é de mulher que carrega punhal no corpete” (QUEIROZ, 1992, p.50).
<b>Cós</b>	“Tira de pano que remata certas peças de vestuário, especialmente as calças e as saias, no lugar em que cingem a cintura. Parte do vestuário em que se ajusta essa tira de pano” (MICHAELIS, 2000, p.598).	“Um dos últimos fósforos que trazia no cós da saia” (QUEIROZ, 1981, p.50).
<b>Coser</b>	“Ligar, unir com pontos de agulha [...]. Fazer trabalho de costura; costurar” (MICHAELIS, 2000, p.598).	“Aprendiam a trabalhar, a coser, a tecer as rendas dos enxovais de noiva” (QUEIROZ, 1982, p.22).
<b>Coto</b>	“Pedaço ou resto de archote, tocha, vela, etc.” (MICHAELIS, 2000, p.601). “Algo bem pequeno” (AULETE, 2021).	“Ia escrevendo com um precioso coto de lápis que ele não largava jamais” (QUEIROZ, 1992, p.186).
<b>Coxias</b>	“Sarjeta” (GIRÃO, 2000, p.158).	“O barro da estrada se desmanchava pelas coxias” (QUEIROZ, 1982, p.131).
<b>Crepe</b>	“Fita ou tecido negro, que se usa em sinal de luto” (MICHAELIS, 2000, p.607).	“Junto do grande retrato rodeado de crepe” (QUEIROZ, 1982, p.16).
<b>Cromo(s)</b>	“Folhinha de parece, com calendário” (CABRAL, 1972, p.273).	“Pequenos cromos que, aos oito anos, Glória devia recitar”

		(QUEIROZ, 1982, p.16).
<b>Cubico</b>	<p>"Um quartinho disfarçado entre as paredes da sala e dos quartos" (QUEIROZ, 1992, p.304).</p> <p>"Deve ser cubículo. Do latim cubiculum" (QUEIROZ, 1992, p.372).</p> <p>De CUBÍCULO= "Quarto ou compartimento de pequenas dimensões. [...]. Célula de estabelecimentos penais" (MICHAELIS, 2000, p.620).</p>	<p>"Acontece que Pai, entre os casos da família que me contava, quando eu menina, falava muito no 'cubico' que existia na fazenda da avó dele" (QUEIROZ, 1992, p.304).</p>
<b>Cueiros</b>	<p>"Faixa de pano em que se envolve o corpo dos nenês da cintura para baixo, especialmente as nádegas" (MICHAELIS, 2000, p.621).</p>	<p>"Dona Aldenora largou as camisinhas de pagão e as fraldas e cueiros que costurava dia e noite para o bragal do neto" (QUEIROZ, 1992, p.287).</p>
<b>Degredo</b>	<p>"Pena de desterro que a justiça impõe aos criminosos. A terra onde se cumpre essa pena. Desterro" (MICHAELIS, 2000, p.647).</p>	<p>"Eles todos saem, só eu fico, neste degredo" (QUEIROZ, 1992, p.71).</p>
<b>Dérreis</b>	<p>Corruptela de DEZ-RÉIS= "Moeda de cobre, a de menor valor, hoje desusada e correspondente à metade de um vintém" (GIRÃO, 2000, p.173).</p>	<p>"Tem gente que me dá só um dérreis" (QUEIROZ, 1992, p.74).</p>
<b>Descaído</b>	<p>"Caído, pendente; inclinado" (MICHAELIS, 2000, p.670).</p>	<p>"Chapéu de couro descaído para a testa, gibão, guarda-peito, perneira, chinelo cara-de-gato" (QUEIROZ, 1992, p.336).</p>
<b>Desentulhar</b>	<p>"Tirar o entulho. Tirar da tulha" (MICHAELIS, 2000, p.685).</p> <p>TULHA= "Celeiro, depósito" (AULETE, 2021).</p>	<p>"Achou um jeito de desentulhar uma pá" (QUEIROZ, 1981, p.73).</p>
<b>Destriorado</b>	<p>Derivado de DETERIORADO (SOUZA, 2013, p.129).</p>	<p>"O pano está destriorado, mas ainda encobre o corpo..." (QUEIROZ, 1992, p.242).</p>
<b>Desvão</b>	<p>"Pavimento superior de uma casa" (MICHAELIS, 2000, p.708).</p> <p>"Recanto; lugar apartado e escuso; esconderijo" (AULETE, 2021).</p>	<p>"Chegando mais perto, viu-se que, no desvão separando o Pai do Filho, levantava-se um barraco" (QUEIROZ, 1992, p.231).</p>
<b>Dobrão</b>	<p>"Moeda de cobre de dois vinténs (40 réis) que teve curso até os primeiros anos da República. Por incrível que pareça, os dobrões eram utilizados por alguns para cobrir feridas ou ferimentos, especialmente os oriundos de mordidas de cobra" (CABRAL, 1972, p.319).</p> <p>"Antiga moeda do Reino Português com 58,78 gramas de ouro de 22 quilates, cunhada entre 1724/1727 por ordem de D. João V." (AULETE, 2021).</p>	<p>"Doze patacas de prata, um dobrão de ouro, que era do tempo do meu avô" (QUEIROZ, 1992, p.63).</p>

<b>Embuçava</b>	Do verbo EMBUÇAR= "Encobrir (o rosto), deixando pequena abertura para os olhos. Disfarçar(-se), encobrir(-se)" (AULETE, 2021).	"À luz da vela, vi que Cirino se embuçava todo no lençol, ao sentir minha presença" (QUEIROZ, 1992, p.359).
<b>Empeçonhou</b>	Do verbo EMPEÇONHAR= "Dar peçonha a; envenenar. Pôr peçonha em" (MICHAELIS, 2000, p.786).	"Quem sabe aquele punhal era ervado, me empeçonhou o ferimento" (QUEIROZ, 1992, p.201).
<b>Encartadinhos</b>	Diminutivo de ENCARTADO= "Bem junto, apertado, bem arrumado" (GIRÃO, 2000, p.183).	"Só mais tarde, debaixo dela, vi como a palha era bem trabalhada, tecida em leques bem encartadinhos, obra de índio, sem dúvida" (QUEIROZ, 1992, p.189).
<b>Enxameando</b>	Do verbo ENXAMEAR= "Formar enxame. Apresentar-se em grande quantidade; fervilhar; pulular" (AULETE, 2021).	" A Estação enxameando de guarda-freios, de bagageiros, de passageiros alegres [...]" (QUEIROZ, 1981, p.37).
<b>Enxameios</b>	Plural de ENXAMEIO= "A armação de estacas e varas que deve receber o barro amassado, nas paredes de taipa" (GIRÃO, 2000, p.190).	"Das paredes que ainda estavam de pé já tinha caído todo o barro, só restava o esqueleto dos enxameios, por onde as labaredas se enroscavam" (QUEIROZ, 1992, p.69).
<b>Ervado</b>	"Envenenado, alocado, por ter comido erva" (GIRÃO, 2000, p.191).	"Quem sabe aquele punhal era ervado, me empeçonhou o ferimento" (QUEIROZ, 1992, p.201).
<b>Escabelo</b>	"Banco comprido e largo de assento móvel e que constitui ao mesmo tempo uma caixa, a que serve de tampa o assento. Estradinho para descansar os pés. Assento raso" (MICHAELIS, 2000, p.845).	"Com toda a minha força arremessei o escabelo em direção à cabeça dele" (QUEIROZ, 1992, p.166).
<b>Esfiapada</b>	"Desfeito em fiapos; esfiampado" (MICHAELIS, 2000, p.860).	"Levantei a manga esfiapada da blusa" (QUEIROZ, 1992, p.251).
<b>Esteira</b>	"Peça que se põe sobre o dorso do animal, antes da sela ou da cangalha. Pode ser feita de tecido grosso, de fibra trançada ou de couro curtido, de veado ou de criação" (CABRAL, 1972, p.380). "Pano ou tapete feito de palha de carnaúba, taquaras, etc." (GIRÃO, 2000, p.199).	"Maninho morria de inveja. Só ele, agora, montava em cima de esteira, feito índio" (QUEIROZ, 1992, p.86). "Ela estava na cama e eu deitada também, numa esteira, aqui pertinho" (QUEIROZ, 1992, p.166).
<b>Estofos(s)</b>	Mobiliário. "Lã, crina ou outra substância que se mete sob o tecido que reveste sofás, cadeiras etc." (MICHAELIS, 2000, p.898).	"Uma velha de costas, reclinada nuns estofos de veludo vermelho" (QUEIROZ, 1982, p.93-94).
<b>Estucado</b>	"Revestido, rebocado com estuque.	"Era uma grande casa antiga,

	Trabalhado ou modelado em estuque” (MICHAELIS, 2000, p.906). Estuque= “argamassa com que se rebocam tetos e paredes e se fazem em arquitetura diferentes ornamentações internas, como baixos-relevos, cornijas, florões, etc.” (AULETE, 2021).	de vastas salas de teto estucado” (QUEIROZ, 1982, p.102).
<b>Extremas</b>	Plural de EXTREMA= “Limite; fim” (MORENO, 1939, p.398).	“Eu de boa vontade servia de feitor no sítio, brigava com os vizinhos por causa das extremas” (QUEIROZ, 1992, p.21).
<b>Faúlha(s)</b>	“Fáisca, centelha. [...]. O mesmo que fagulha” (AULETE, 2021). “Bagatelas, ninharias” (MICHAELIS, 2000, p.942).	“Um monto de cinzas onde luzissem faúlhas” (QUEIROZ, 1981, p.51).
<b>Fato</b>	“Roupa; vestuário” (MORENO, 1939, p.407). “Vestimenta, indumentária, traje” (AULETE, 2021).	“A mãe abriu o baú, tirou de lá um fato completo, não seria novo, mas parecia” (QUEIROZ, 1992, p.254).
<b>Ferrolho</b>	“Tranqueta de ferro corrediça, com que se fecham portas ou janelas” (MICHAELIS, 2000, p.952).	“Enquanto Esperança desenganchava a sua saia que se prendera no ferrolho da porta” (QUEIROZ, 1982, p.42).
<b>Fieiras</b>	“Fileira, linha, ala” (MICHAELIS, 2000, p.956).	“Pendiam os raios, formados de fieiras de lâmpadas” (QUEIROZ, 1982, p.41).
<b>Folho</b>	“Tira de pano pregueada para guarnecer saias de mulher, toalhas de altar etc.” (MICHAELIS, 2000, p.975).	“Insistiu pensativamente, compondo sobre os joelhos os folhos amplos da saia” (QUEIROZ, 1982, p.128).
<b>Folhinha</b>	“Folha de papel ou cartão com calendário impresso, ou em que é pregado um bloco com os respectivos dados para cada mês ou dia do ano, impressos em folhas destacáveis” (MICHAELIS, 2000, p.975).	“Eu fui olhar na folhinha” (QUEIROZ, 1992, p.461).
<b>Fornilho</b>	“Forno pequeno ou fogareiro. Fornalha pequena. Parte do cachimbo onde arde o tabaco” (MICHAELIS, 2000, p.980).	“Enchi o forninho, peguei no artifício, tentei fazer fogo, mas não consegui” (QUEIROZ, 1992, p.44).
<b>Fraldas</b>	“Parte inferior da camisa. Parte inferior de qualquer hábito ou vestido talar de homem ou mulher” (MICHAELIS, 2000, p.987).	“As fraldas das camisas já tinham antes caído da cara dos outros, mas ninguém se importou” (QUEIROZ, 1992, p.113).
<b>Frechal</b>	“Viga em que se pregam os caibros à beira do telhado. Cada uma das vigas horizontais sobre que se levantam os frontais de cada pavimento” (MICHAELIS, 2000, p.990).	“Vimos que, de repente, uma labareda espirrou pelo frechal, no lado esquerdo da casa” (QUEIROZ, 1992, p.65).

<b>Frincha(s)</b>	<p>“Fenda, fresta, greta” (MICHAELIS, 2000, p.993).</p> <p>“Abertura estreita” (AULETE, 2021).</p>	<p>“A luz do dia que entrava pelas frinchas da camarinha” (QUEIROZ, 1981, p.19).</p>
<b>Ganga</b>	<p>“Tecido de fabricação indiana, amarelo ou azul” (MICHAELIS, 2000, p.1013).</p>	<p>“No baú de cedro, o dinheiro em moeda, atado no seu saco de ganga” (QUEIROZ, 1992, p.33).</p>
<b>Gibão</b>	<p>“Paletó de couro curtido (feito geralmente do couro do veado capoeira), usado pelos vaqueiros” (CABRAL, 1972, p.441).</p>	<p>“Roupa, só alguma coisa especial — um belo gibão de couro” (QUEIROZ, 1992, p.180).</p>
<b>Hirto</b>	<p>“Todo direito. Imóvel” (MICHAELIS, 2000, p.1106).</p> <p>“Que não possui flexibilidade. Que está imóvel, parado” (AULETE, 2021).</p>	<p>“E no andor, hirto, com as mãos laivadas de roxo, os pés chagados aparecendo sob o burel, São Francisco passeou por toda a cidade” (QUEIROZ, 1981, p.91).</p>
<b>Homiziar</b>	<p>“Dar guarida. Esconder à ação da justiça” (MICHAELIS, 2000, p.1111).</p>	<p>“Quando eu precisei de homiziar o meu próprio filho, trouxe ele para cá” (QUEIROZ, 1992, p.396).</p>
<b>Jacaré</b>	<p>“Goteira alongada, em telhado de construção antiga” (MICHAELIS, 2000, p.1193).</p> <p>“Ligação ilegal de água ou eletricidade; o mesmo que ‘gato’ e ‘macaco’ em outras regiões do país. [...]. Um tipo de facão, já desaparecido, no <i>sertão</i> da BA” (NAVARRO, 2004, p.196).</p>	<p>“Acompanhava a queda da água no calçamento empoeirado, o lento gotejar das biqueiras e de um jacaré” (QUEIROZ, 1981, p.98).</p>
<b>Jirau</b>	<p>Girau= “Estrado ou prateleira de varas sôltas ou entrelaçadas, com várias aplicações: secar louça e utensílios (fora de casa); guardar utensílios [...]. É a dispensa da casa do pobre” (CABRAL, 1972, p.477).</p> <p>“Estrado sobre forquilhas, dentro de casa, que serve para guardar objetos vários” (MICHAELIS, 2000, p.1203).</p> <p>“Armação feita com varas usada como suporte para construção de casas em lugares úmidos ou alagados” (AULETE, 2022).</p>	<p>“O chão lá dentro era de terra; tinha um banco de jirau, armado em duas forquilhas” (QUEIROZ, 1992, p.167).</p> <p>“A velha casa de taipa negrejava ao sol o telhado de jirau” (QUEIROZ, 1981, p.13).</p>
<b>Jucá</b>	<p>“Pequeno cacête muito resistente geralmente feito de pau-ferro” (CABRAL, 1972, p.479).</p>	<p>“Chamei João Rufo, que escutava por perto, encostado no pé de jucá do terreiro” (QUEIROZ, 1992, p.36).</p>
<b>Lucarna</b>	<p>“Janela vertical em um telhado, para clarear um sótão ou água-furtada. [...]. Fresta numa parede, para dar luz ao interior de um compartimento” (MICHAELIS, 2000, p.1280).</p>	<p>“Em vez disso, foi botado uma semana no quartinho de preso, que tem uma lucarna na porta” (QUEIROZ, 1992, p.333).</p>
<b>Madapolão</b>	<p>“Tecido branco e consistente, de lã ou algodão” (MICHAELIS, 2000, p.1294).</p>	<p>“Vicente é muito capaz de trazer madapolão por cambraia...” (QUEIROZ, 1981,</p>

		p.53). "Não sabia dar prazer a um homem, não tirava a camisola de madapolão, comprida até os pés" (QUEIROZ, 1992, p.34).
<b>Malota</b>	"Maleta, valise" (CABRAL, 1972, p.517).	"O melhor seria arrumar a malota, deixar a boa vida e voltar" (QUEIROZ, 1982, p.167).
<b>Mantilha</b>	"Manto fino, também chamado bioco ou capuz. Faixas infantis. Tudo o que cobre ou serve para cobrir" (MICHAELIS, 2000, p.1317).	"Aquele? Nunca me enganou. Só pelo modo de se ajoelhar na igreja, dava para conhecer: alargando a saia, ajeitando a mantilha..." (QUEIROZ, 1992, p.33).
<b>Matalotagem</b>	"Roupa, utensílios e comida que o sertanejo carrega em viagem; bagagem" (MICHAELIS, 2000, p.1334).	"Mal parando para dar de beber ao cavalo. E para comer, um pedaço de queijo, ovo duro e um pedaço de carne assada que a nossa madrinha de casamento nos ofereceu de matalotagem" (QUEIROZ, 1992, p.140).
<b>Matraca</b>	"Instrumento de madeira com que os vendedores ambulantes, ou mascates, se anunciavam nas ruas e caminhos. Instrumento formado de tábuas ou argolas móveis que se agitam para fazer barulho" (MICHAELIS, 2000, p.1336).	"Ao bater do sinal da Irmã, que soava como uma matraca" (QUEIROZ, 1982, p.13). "Valentim teve a idéia de falar com o vigário e combinou sair com a rabeça, na frente dos homens que tocavam a matraca" (QUEIROZ, 1992, p.288).
<b>Medrado</b>	Do verbo MEDRAR= "Fazer crescer, desenvolver. Incrementa, aumentar, fazer progredir. Crescer, desenvolver-se [...]. Adiantar-se, prosperar." (MICHAELIS, 2000, p.1343).	"Com a presença da gente e os trabalhos na Casa Forte, o lugarejo tinha medrado, criou vida nova" (QUEIROZ, 1992, p.294).
<b>Meia-água</b>	"Diz-se da casa, cujo telhado só tem uma inclinação. É comum no sertão esse tipo de casa com o telhado começando da cumeeira e inclinando-se para os fundos da mesma" (CABRAL, 1972, p.41).	"O sogro acabou se mudando de mala e cuia para a casa da Ninosa — ou melhor, para a tendinha dela, que era uma meia-água com dois vãos" (QUEIROZ, 1992, p.289).
<b>Meia porta</b>	"Cada uma das folhas de uma porta quando esta é dividida em duas metades de alto a baixo" (AULETE, 2021).	"Um homem de cachimbo no queixo mostrou a cara na meia porta" (QUEIROZ, 1981, p.60).
<b>Metralha</b>	"Pedaços de ferro, cacos etc., com que se carregam ordinariamente projéteis ocos" (MICHAELIS, 2000, p.1369).	"Os rapazes bonitos e jovens que morrem estripados pelas baionetas, que se despedaçam debaixo da metralha" (QUEIROZ, 1982, p.191).
<b>Molambo(s)</b>	"Pano ou roupa velha e rasgada" (CABRAL, 1972, p.548).	"Limpou os beiços nos molambos do braço" (QUEIROZ, 1981, p.96).

		"Tome os seus molambos!" (QUEIROZ, 1992, p.15).
<b>Monturo</b>	"Monte de lixo ou de esterco. Montão de coisas repugnantes ou vis" (MICHAELIS, 2000, p.1409).	"A pobre da burra, que vinha sustentando Deus sabe como, com casca seca de pau e sabugos de monturo, foi emagrecendo" (QUEIROZ, 1981, p.46).
<b>Mossa</b>	"Marca" (CABRAL, 1972, p.553). "Entalho, rebaixo ou cavidade na madeira, em ferro etc." (AULETE, 2021).	"A chave que nos interessava tinha uma marca, uma mossa no ferro, como sinal" (QUEIROZ, 1992, p.439).
<b>Mourão</b>	"Pau grosso em cada lado das porteiras do curral, servindo de esteio à cancela ou aos varões. [...]. Estaca mais grossa do que as comuns, servindo de apoio nos cantos das cercas ou no meio de um lance de carca, quando ete é muito extenso" (CABRAL, 1972, p.553-554). "Tronco de madeira onde se amarra a rês ou animal para domá-los ou para outros fins, como a ferra, a castração, etc." (GIRÃO, 2000, p.270).	"O burro e o cavalinho de campo estavam também arreados, atados no mourão pelo cabresto" (QUEIROZ, 1992, p.65).
<b>Negrejava</b>	Do verbo NEGREJAR= "Tornar-se escuro, negro" (AULETE, 2021).	"A velha casa de taipa negrejava ao sol o telhado de jirau" (QUEIROZ, 1981, p.13).
<b>Níqueis</b>	Níqueis ou Níquel= "Dinheiro. [...] Nada, coisa nenhuma" (CABRAL, 1972, p.569).	"Tinha finalmente algum dinheiro – só dois níqueis, é verdade!" (QUEIROZ, 1981, p.74). "Tinha finalmente algum dinheiro – só dois níqueis, é verdade!" (1981, p.74). "Acabaram-se os versos, os presentes, os níqueis que ela lhe tirava do bolso" (QUEIROZ, 1982, p.17).
<b>Oitão</b>	"Parede lateral de uma casa, erguida sobre a linha divisória do lote" (MICHAELIS, 2000, p.1486). "Beco, passagem lateral entre a casa e o muro" (NAVARRO, 2004, p.253).	"O couro lavrado, espichado em varas, de encontro ao oitão" (QUEIROZ, 1981, p.69). "João Rufo, encostado no oitão, divisou o vulto do homem se aproximando, chegar perto, empurrar de leve a janela" (QUEIROZ, 1992, p.31).
<b>Orago</b>	"Santo a que é dedicado um templo, capela ou povoação; padroeiro" (MICHAELIS, 2000, p.1501).	"Talvez, entre todos, fosse o mais interessado na igreja, cujo orago seria o Mártir São Sebastião" (QUEIROZ, 1992, p.250).
<b>Palhetava</b>	Do verbo PALHETAR= "Estremecer,	"Começavam a babujar a

	mosquear, salpicar de algo como palhetas” (MICHAELIS, 2000, p.1533).	poeira do panasco que ainda palhetava” (QUEIROZ, 1981, p.13).
<b>Paliçada</b>	“Cerca feita de estacas fincadas na terra” (AULETE, 2021). “Estacada defensiva. Arena, liça para lutas e torneios” (MICHAELIS, 2000, p.1534).	“À frente, uma cerca de faxina, alta de oito palmos, toda feita de mourões grossos, como paliçada em aldeia de índio bravo” (QUEIROZ, 1992, p.9).
<b>Papelote</b>	“Pedaço de papel, em que as mulheres enrolam o cabelo para o encrespar ou frisar” (MICHAELIS, 2000, p.1545).	“Logo aos sábados, púnhamos papelotes no cabelo” (QUEIROZ, 1982, p.36).
<b>Parlatório</b>	“Lugar reservado (geralmente separado por grades, vidro etc.) para conversas entre uma pessoa (geralmente em regime de internação, como em mosteiros, prisão etc.) e seu visitante” (AULETE, 2021).	“O parlatório, onde eu esperava, estava àquela hora vazio” (QUEIROZ, 1982, p.8).
<b>Patacas</b>	Plural de PATACA= “Moeda antiga, correspondente a 300 réis” (GIRÃO, 2000, p.289).	“Peguei também, no baú, todo o dinheiro que ainda tinha — doze patacas de prata, um dobrão de ouro, que era do tempo do meu avô” (QUEIROZ, 1992, p.63).
<b>Peia</b>	“Peça entrançada de corda ou de tiras de couro, destinada a prender animais pelos pés ou da cabeça a um dos pés dianteiros” (CABRAL, 1972, 610).	“Dizia rindo que iria buscar as duas debaixo da peia” (QUEIROZ, 1982, p.44). “E a surra de peia que você deu” (QUEIROZ, 1992, p.47).
<b>Peitilho</b>	“Parte da camisa que fica sobre o peito. Peça de vestuário que se coloca sobre o peito, por cima da camisa” (MICHAELIS, 2000, p.1581).	“Enforcado no colarinho duro, suave o peitilho da camisa, envesgava os pés nos sapatos de verniz” (QUEIROZ, 1982, p.126).
<b>Penca</b>	“Molho, grupo, certa quantidade” (CABRAL, 1972, p.614).	“Juro até por esta penca de cruces...” (QUEIROZ, 1981, p.85).
<b>Pêra</b>	“Tipo de interruptor de corrente elétrica que tem a forma da fruta de mesmo nome” (MICHAELIS, 2000, p.1592).	“Estendi a mão, encontrei a pêra, fechei a luz” (QUEIROZ, 1982, p.190).
<b>Permanganato</b>	“Adstringente; usado como desinfetante” (MICHAELIS, 2000, p.1601).	“A outra, coitadinha, que estava morrendo na Santa Casa, por ter tomado permanganato, com ciúmes dum chofer; ou a pequena, de dezesseis anos, que levou uma navalhada dum secreta” (QUEIROZ, 1982, p.123).
<b>Piçarra</b>	“Rocha sedimentar argilosa estratificada, altamente endurecida. Xisto cujas folhas são mecanicamente separáveis. Pedreira, penedia” (MICHAELIS, 2000, p.1614).	“Essa barranca é só pedra e piçarra. E olhe, Dona, o espriado pra represa! Vai ser um pai das águas!” (QUEIROZ,

		1992, p.238).
<b>Pipas</b>	“Grande vasilha de madeira, aproximadamente cilíndrica, bojuda, para vinho e outros líquidos” (MICHAELIS, 2000, p.1624).	"Devem trazer agora carga de açúcar, café, pano e sal; às vezes traz até uma ou duas pipas de cachaça ou uma caixa de louça de mesa" (QUEIROZ, 1992, p.143).
<b>Pito</b>	“Cachimbo” (GIRÃO, 2000, p.299). “Cachimbo rústico e simples, composto de um pau furado que se encaixa em um pequeno fornilho de barro cozido, abastecido com fumo de corda desfiado” (NAVARRO, 2004, p.282).	"Saí no alpendre e João Rufo me acompanhou; trazia o seu pito de barro com o forno para baixo, pra não se ver a brasa" (QUEIROZ, 1992, p.42).
<b>Postigo</b>	“Pequena porta. Abertura quadrangular, munida de portinhola, em portas ou janelas para olhar através delas sem abri-las. Janela pequena, sem vidraça, fechada apenas com uma folha de madeira” (MICHAELIS, 2000, p.1675).	“Dona Inácia, do postigo, já a esperava” (QUEIROZ, 1981, p.43).
<b>Prata</b>	“Moeda” (MICHAELIS, 2000, p.1680). “Dinheiro” (AULETE, 2021).	“Dando uma prata à mulher” (QUEIROZ, 1981, p.42).
<b>Privanças</b>	“Intimidade” (MICHAELIS, 2000, p.1699).	"Protegia (de costas!) as minhas retiradas para o mato, para as minhas privanças" (QUEIROZ, 1992, p.260).
<b>Puído</b>	“Desgastado, liso por fricção ou pelo uso prolongado” (MICHAELIS, 2000, p.1729).	“Sob o disfarce miserável do couro puído e sujo” (QUEIROZ, 1981, p.87).
<b>Punho</b>	“Alça da rede de dormir, própria para suspendê-la nos ganchos ou armadores” (CABRAL, 1972, p.646).	"Em redor do pescoço, um cordão de punho de rede, os pés a um palmo do chão, o rosto contra a parede" (QUEIROZ, 1992, p.17).
<b>Quartinha</b>	“Moringa” (CABRAL, 1972, p.652). “Bilha (cerâmica de barro) para água de bebê” (GIRÃO, 2000, p.308).	"Mas se matado com quê? Com uma colher de pau, com um caco de prato de barro, ou da quartinha?" (QUEIROZ, 1992, p.442).
<b>Quentando</b>	Do verbo QUENTAR= “O mesmo que aquecer” (AULETE, 2021). AQUENTAR= “Fazer ficar ou ficar, tornar(-se) quente; aquecer; esquentar” (AULETE, 2021).	"No fim, deixei todos ainda quentando o frio da noite ao pé da fogueira e fui" (QUEIROZ, 1992, p.120).
<b>Quilombo</b>	“Do quimbundo ‘kilombo’ (povoação, união). Além de designar os antigos acampamentos dos escravos fugitivos, é também um folgado de Natal” (NAVARRO, 2004, p.295).	"Se acoitaram na terra uns negros fugidos e armaram uma espécie de quilombo" (QUEIROZ, 1992, p.79).

<b>Quimono</b>	“Peça de vestuário para as mulheres, sem costura na cava das mangas, à moda oriental” (MICHAELIS, 2000, p.1752).	“Glória abriu o quimono” (QUEIROZ, 1982, p.196).
<b>Quintalejo</b>	“Quintal pequeno e inculto ou de cultura insignificante” (AULETE, 2021).	“Parou. Num quintalejo, um homem tirava o leite a uma vaquinha magra” (QUEIROZ, 1981, p.35). “Roque se embrenhou no quintalejo por trás da tapera” (QUEIROZ, 1992, p.200).
<b>Rabeca</b>	“Instrumento de quatro cordas, afinadas em quinta (sol, ré, lá mi) [...] Catre, esteira ou enxerga de palha” (MICHAELIS, 2000, p.1759). Catre= “Cama rústica e desconfortável” (AULETE, 2021).	“Lembra a voz de cego de esmola, desses de rabeca e cuia” (QUEIROZ, 1982, p.182). “Aquele choro fino e rouco de rabeca” (QUEIROZ, 1992, p.72).
<b>Ramada</b>	“Abrigo provisório, coberto de palhas, capim ou folhas, latada” (GIRÃO, 2000, p.313).	“Brocava, cercava de ramada, encoivarava, plantava e colhia o legume nos roçados” (QUEIROZ, 1992, p.80).
<b>Rancho</b>	“Local onde se faz descanso, nas viagens a cavalo ou de comboio ou tropa. [...]. Cabana, choça ou tapera improvisada” (GIRÃO, 2000, p.314).	“Tocou fogo na tapera dos negros pra acabar com a morrinha, levantou um rancho, roubou uma índia mansa, criada por uma família conhecida dele, e se fez dono do lugar” (QUEIROZ, 1992, p.80).
<b>Rasgado(s)</b>	“Espaçoso, largo, vasto” (MICHAELIS, 2000, p.1774).	“Espreguiçando-se em becos rasgados” (QUEIROZ, 1981, p.19).
<b>Recreio</b>	“Lugar onde se recreia” (MICHAELIS, 2000, p.1791). “Local destinado ao recreio” (AULETE, 2021).	“Levava os dias passeando pelo recreio” (QUEIROZ, 1982, p.38).
<b>Regato</b>	“Curso de água de pouca extensão e volume; arroio, pequeno ribeiro” (MICHAELIS, 2000, p.1802).	“Corria comigo pelo quintal molhado, chapinhando nos pequenos regatos” (QUEIROZ, 1982, p.44).
<b>Réis</b>	“Plural de real, antiga moeda usada no Brasil até 1942” (AULETE, 2021). “Plural de real” (MICHAELIS, 2000, p.1807).	“É uma nota de \$5 000 réis” (QUEIROZ, 1992, p.473).
<b>Relho</b>	“Corda feita de couro” (GIRÃO, 2000, p.318).	“Levou uma surra de relho” (QUEIROZ, 1982, p.63). “Nem que seja a poder de relho” (QUEIROZ, 1992, p.47).
<b>Repolhuda</b>	“Enovelado à maneira de repolho. Gordo, rechonchudo, roliço como repolho”	“O grande buquê de rosas repolhudas” (QUEIROZ, 1982,

	(MICHAELIS, 2000, p.1820).	p.56).
<b>Retiro</b>	“Sítio ermo ou remoto; retira, solidão. [...]” (MICHAELIS, 2000, p.1835).	“Já o que me interessa mais, hoje em dia, é a segurança. [...]. E este retiro que eu posso garantir a quem precisa” (QUEIROZ, 1992, p.17).
<b>Retreta</b>	“Toque de música, nas praças públicas, por bandas, geralmente militares” (MICHAELIS, 2000, p.1837).	“Era uma retreta, e a banda tocava o <i>Danúbio Azul</i> ” (QUEIROZ, 1982, p.93).
<b>Rexas</b>	O mesmo que REIXA= “Pequena tábu. Grade de janela; gelosia. Barrinha de ferro” (MICHAELIS, 2000, p.1807).	“Línguas de fogo saíram entre as rexas das janelas e os vãos das telhas” (QUEIROZ, 1992, p.65).
<b>Ruma</b>	“Certa quantidade” (CABRAL, 1972, p.686).	“Valentim, que tinha se sentado na ruma de tijolo ao meu lado, deixou rolar no chão a vasilha do leite” (QUEIROZ, 1992, p.456).
<b>Sabão preto</b>	Sabão de cinzas, no qual a soda caustica que compõe o sabão é extraída a partir de cinzas de madeira.	“Com os trapos limpos, que passou num pedaço de sabão preto, foi me lavando as feridas do pescoço, do peito, do braço” (QUEIROZ, 1992, p.251).
<b>Sapata</b>	“Parte do alicerce sobre a qual se levantam as paredes. Peça de madeira que, nos veículos de tração animal, se adapta às rodas para funcionar como freio. [...]. Porção de madeira grossa posta sobre o pilar para reforçar a trave que aí assenta” (MICHAELIS, 2000, p.1893).	“Fui até o oitão, lá estava o rapaz, arma no joelho, sentado na sapata” (QUEIROZ, 1992, p.42).
<b>Semoventes</b>	“Que se move por si mesmo. Ser que se move por si mesmo. (Diz-se de) gado, animais domésticos” (MICHAELIS, 2000, p.1917).	“Eu deixava todas as minhas posses, 'imóveis e semoventes, para o menino Alexandre, filho de minha prima Marialva [...]” (QUEIROZ, 1992, p.480).
<b>Sesmaria</b>	“Pedaço de terra devoluta ou cuja cultura fora abandonada, que os reis de Portugal entregavam a sesmeiros, para que o cultivassem. Antiga medida agrária, para superfícies de campo de criação” (MICHAELIS, 2000, p.1930).	“Meu avô, não sei como nem na mão de quem, veio a comprar de um herdeiro uma parte da sesmaria doada pelo rei a uma tal de Fidalga Brites” (QUEIROZ, 1992, p.22).
<b>Seteira</b>	“Qualquer fresta nas paredes de uma construção, para dar luz e ventilação” (MICHAELIS, 2000, p.1931).	“num nicho rasgado na parece, como uma seteira, uma grande Nossa Senhora” (QUEIROZ, 1982, p.41).
<b>Situar</b>	“Assentar em determinado lugar. [...]. Indicar (lugar) a; posicionar” (AULETE, 2021). “Deixar em estado de segurança as culturas permanentes ou as que produzem em dois ou mais anos consecutivos” (CABRAL,	“Avô arrumou, no Limoeiro, uma tropa de animais que carregou de mantimento, enxada, machado, facão e algumas armas de tiro. E partiu para situar a fazenda na serra”

	1972, p.704).	(QUEIROZ, 1992, p.80).
<b>Surrão</b>	“Saco de couro ou de palha trançada, onde se guardam gêneros, roupas, objetos” (CABRAL, 1972, p.712).	“Vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão!” (QUEIROZ, 1981, p.28). “Tem que ser transportado em mala de couro, porque arrisca de derreter na chuva, viajando em sacaria de pano ou surrão de palha” (QUEIROZ, 1992, p.329).
<b>Tabuado</b>	“Porção de tábuas. Sobrado, solho” (MICHAELIS, 2000, p.2006).	“Mestre Quixó fez o tabuado do chão” (QUEIROZ, 1992, p.305).
<b>Tabuleiro</b>	“Espécie de bandeja rústica de madeira, onde se vendem frutas, bolos, doces etc.” (CABRAL, 1972, p.716).	“Aí avistei no canto da sala um cavalete com um tabuleiro em cima, coisa pequena, mas me servia” (QUEIROZ, 1992, p.192).
<b>Taipa</b>	“Parede feita de varas amarradas paralelamente com cipós e encimento de barro” (CABRAL, 1972, p.718).	“Levantaram uma capela de taipa” (QUEIROZ, 1992, p.22).
<b>Taliscas</b>	“Pequena lasca, estilha. Sarrafo pouco espesso. [...]. Peça fina, de madeira, que se embute nos encaixes feitos longitudinalmente nas tábuas de uma janela, porta etc. Pedacinho” (MICHAELIS, 2000, p.2012).	“Era um boneco, feito de taliscas finas de madeira, desses que têm as juntas dos braços e das pernas ligadas por um cordão” (QUEIROZ, 1992, p.95).
<b>Tamborete</b>	“(Esta e outras expressões compostas com ela são) gírias depreciativas para designar pessoas baixinhas” (NAVARRO, 2004, p.325-326). “Cadeira de braços sem espaldar; banqueteta” (AULETE, 2021).	“Irineu tinha se atirado num tamborete e foi ele que respondeu” (QUEIROZ, 1992, p.95). “Tombado no tijolo, o tamborete em que ela subiu para acabar com a vida” (QUEIROZ, 1992, p.18).
<b>Tapera</b>	“Casa de taipa abandonada, em ruínas = Pequena casa, geralmente de taipa” (GIRÃO, 2000, p.339).	“Na primeira noite, arrancharam-se numa tapera” (QUEIROZ, 1981, p.26). “Tocou fogo na tapera dos negros” (QUEIROZ, 1992, p.80).
<b>Taramela</b>	O mesmo que TRAMELA= “Trinco de madeira usado internamente nas portas” (CABRAL, 1972, p.741).	“Estava no quarto tomando banho, em pé na bacia, nua, lria lhe ensaboando as costas, quando a porta se abriu num rompante, a taramela cedendo ao empurrão de Dona Eufrásia, que já entrou falando” (QUEIROZ, 1992, p.161).
<b>Tatalando</b>	Do verbo TATALAR= “Produzir som seco, como o de ossos a se chocarem. Agitar, produzindo um ruído seco; rumorejar. Ruído	“Rubina circulava, da mesa para a cozinha, tatalando a eterna saia engomada, sempre

	como o do ar agitado por asas ao soltarem o vôo" (MICHAELIS, 2000, p.2025).	cheia, como vela de barco no mar" (QUEIROZ, 1992, p.381).
<b>Telheiro</b>	"Cobertura de telhas ou de outro material, para abrigo ou proteção de pessoas, animais, materiais, utensílios etc., alpendre" (MICHAELIS, 2000, p.2035).	"Ao lado dela, o telheiro cheio de milagres; e o seu adro empedrado" (QUEIROZ, 1982, p.162-163). "O pouso, ou pousada, não passava de uma espécie de telheiro coberto de palha de catolé" (QUEIROZ, 1992, p.142).
<b>Timão</b>	"Camisola comprida, hoje em desuso" (GIRÃO, 2000, p.343).	"Já as meninas vestiam uma espécie de timão de pano ordinário, manga curta, a saia pelo meio das canelas" (QUEIROZ, 1992, p.274).
<b>Tões</b>	"Modo abreviado de empregar o plural de tostão (tostões), quando a nossa base monetária era o real" (CABRAL, 1972, p.734).	"Madrinha! Me dê dois tões para eu comprar um navio de papel!" (QUEIROZ, 1981, p.111).
<b>Torno</b>	"Cabide ou armador de madeira, nas casas sertanejas" (CABRAL, 1972, p.739).	"Tinha umas toalhas bordadas penduradas em um torno [...]" (QUEIROZ, 1992, p.352).
<b>Trajo</b>	"Derivado de trajar" e de traje (MICHAELIS, 2000, p.2095). Traje= "Vestuário habitual. [...] vestes" (MICHAELIS, 2000, p.2095).	"Dona Alice só me dava conselhos a respeito de trajo, calçado e lojas barateiras" (QUEIROZ, 1982, p.161). "Já o corpo, disfarçado no trajo, ainda podia enganar" (QUEIROZ, 1992, p.112).
<b>Trancelins</b>	"Cordão fino, geralmente de ouro, usado para suspender pingentes, relógios de algibeira etc." (AULETE, 2021).	"Passe pra cá os trancelins do pescoço e as memórias de ouro dos seus dedos" (QUEIROZ, 1992, p.175).
<b>Trempe</b>	"Suporte ou apoio para panela, composto de um aro de ferro com três ou de três pedras dispostas em círculo" (CABRAL, 1972 p.744).	"Tinham improvisado um trempe" (QUEIROZ, 1981, p.26). "Largou até a panela do feijão na trempe, em cima do fogo" (QUEIROZ, 1992, p.93).
<b>Trouxa(s)</b>	"A roupa; a bagagem" (CABRAL, 1972, p.749). "Os trastes ou objetos de uso duma pessoa, os seus bens" (GIRÃO, 2000, p.349).	"Também levava sua trouxa debaixo do braço" (QUEIROZ, 1981, p.25). "Nas duas trouxas tomadas às escravas que acompanhavam a Sinhá na sua rede, vinha a roupa de toda a família" (QUEIROZ, 1992, p.176).
<b>Uru</b>	"Cesto ou bolsa de palha trançada da carnaúba ou outra palmeira" (GIRÃO, 2000, p.351).	"Estendeu a mão e me entregou uma espécie de uru bem pequeno, comprido e estreito, feito de palha trançada,

	“Cesto, balaio” (CABRAL, 1972, p.757).	como de esteira” (QUEIROZ, 1992, p.95).
<b>Urupema</b>	“Peneira, em geral de forma circular, tecida de taquari, ou de talo da carnaúba, desfeito em lascas mais ou menos finas e fortes, conforme o crivo que se deseja dar ao objeto” (GIRÃO, 2000, p.352).	“Marialva, sentada num banco, debaixo do alpendre, debruçada numa urupema um molho de feijão verde da horta do Beato” (QUEIROZ, 1992, p.391).
<b>Vacaria</b>	“Porção de vacas” (MICHAELIS, 2000, p.2170).	“Dona Júlia tinha acabado com a vacaria, que só lhe dava prejuízos” (QUEIROZ, 1982, p.81).
<b>Vapor</b>	“Barco movido por máquina de vapor. [...]. Barco, navio” (AULETE, 2021).	“Eu queria primeiro que a senhora desse uns conselhos a ela; e ao depois que me arranjasse umas passagenzinhas pro vapor” (QUEIROZ, 1981, p.78).
<b>Vintém</b>	“Dinheiro, pecúlio” (MICHAELIS, 2000, p.2205).	“Tiro esmola, um ou outro me dá um vintém...” (QUEIROZ, 1981, p.105).

Fonte: O autor.

## APÊNDICE E

Quadro com palavras referentes ao grupo conceitual 'Profissões' presentes nas três obras analisadas

**Quadro 7 – Grupo conceitual 'Profissões'**

	Significado	Na obra
<b>Adjutório</b>	O mesmo que ADJUTORO, ADJITÓRIO ou ADJITORO= "Auxílio, ajuda" (CABRAL 1972, p.35).	"Ele era meio sapateiro, meio alfaiate, meio seleiro; tinha um pouco de todas as artes e ganhava assim um adjutório, apesar do paradeiro" (QUEIROZ, 1992, p.287).
<b>Agrado</b>	"Gratificação, gorjeta" (CABRAL 1972, p.40).	"Posso dar o paradeiro dela mas só se o senhor me dá primeiro o agrado" (QUEIROZ, 1992, p.198).
<b>Ajudante de ordens</b>	"Oficial sob as ordens de um superior militar ou civil" (AULETE, 2021).	"O ajudante de ordens vagava pelo salão" (QUEIROZ, 1981, p.80).
<b>Alforje</b>	"Bissaco de couro, com abertura entre os dois compartimentos, pela qual se coloca no arreio, na sela ou nos ombros" (MICHAELIS, 2000, p.103).	"O vaqueiro foi aos alforjes e veio com uma manta de carne de bode, seca" (QUEIROZ, 1981, p.26).
<b>Ama</b>	"Aia, criada. [...]. (Na Região Nordeste) designa criadas em geral" (MICHAELIS, 2000, p.120).	"Com algum custo conseguiu ficar na casa dum bodegueiro da praça, para servir como ama" (QUEIROZ, 1981, p.50).
<b>Apetrechos</b>	O mesmo que PETRECHOS= "Artefatos necessários à confecção de algo. [...]. Munições e armas usadas em guerra" (AULETE, 2021).	"Lá encontrei o enrolado da estopa, com a arma dentro. E todos os apetrechos: contei, não faltava um" (QUEIROZ, 1992, p.29).
<b>Bacamarte</b>	"Arma de fogo de cano curto e largo" (MICHAELIS, 2000, p.280).	"Aqui em casa tem um bacamarte velho, que é mesmo do Liberato" (QUEIROZ, 1992, p.27).
<b>Bailarim</b>	"Pessoa dedicada a arte de dançar; bailarino" (AULETE, 2021).	"Cadê o bailarim? Sumiu?" (QUEIROZ, 1992, p.129).
<b>Bandoleira</b>	"Correia de couro que em certas armas, como o fuzil, serve para trazê-las alçadas ao ombro ou a tiracolo" (MICHAELIS, 2000, p.295).	"Quando perguntei se ele andava em guerra, o desconhecido fez um sorriso encabulado e tentou depressa tirar a bandoleira do bacamarte" (QUEIROZ, 1992, p.171).
<b>Beato</b>	"Indivíduo fanático, amalucado, trajando rústico burel, semelhando um frade, que vive da caridade pública, explorando a credence do	"Marialva, sentada num banco, debaixo do alpendre, debulhava numa urupema um

	povo ignorante. Em suas pregações, misturando passagens truncadas da Bíblia com fatos inverossímeis e absurdo, quase sempre empregando palavras sem nexos, truncadas ou ininteligíveis" (CABRAL, 1972, p.120).	molho de feijão verde da horta do Beato" (QUEIROZ, 1992, p.391).
<b>Bisaco</b>	"Saco, mochila, bornal, embornal" (GIRÃO, 2000, p.97).	"Derreteram na caneca uma banda de rapadura que Zé Soldado tinha trazido no bisaco [...]" (QUEIROZ, 1992, p.81).
<b>Bodega</b>	"Pequena mercearia, venda, taberna" (GIRÃO, 2000, p.99). "Taberna pouco asseada" (MICHAELIS, 2000, p.339).	"Vou ali naquela bodega, ver se dou um jeito" (QUEIROZ, 1981, p.34). "Me disseram na bodega que a maioria do povo, nessa hora, está tudo carpindo mato" (QUEIROZ, 1992, p.25).
<b>Bodegueiro</b>	"O que tem uma bodega" (MICHAELIS, 2000, p.339). "O dono da bodega, o vendilhão, o taberneiro" (GIRÃO, 2000, p.99).	"Um bodegueiro de defronte assistiu tudo" (QUEIROZ, 1982, p.65).
<b>Bodoque</b>	"Espécie de arco que lança pedrinhas ou pequenas bolas de barro, cozidas ao fogo. Em vez e uma só fibra ou corda, é formado por dois cordões ou barbantes que, paralelamente dispostos, vão unir-se nas extremidades do arco de madeira, deixando-o bem tenso e curvo. As extremidades desses cordões paralelos ficam separadas por dois pauinhos denominados canários. No centro dos mesmos cordões fica a rêde, bem tecida, onde se aloja o projétil para ser desferido" (CABRAL, 1972, p.136).	"A gente se via, com toda facilidade, se apossando da terra, na paz, sem atirar sequer uma pedra de bodoque" (QUEIROZ, 1992, p.237).
<b>Boleeiro</b>	"O que dirige as carruagens; cocheiro. Aquele que monta a besta de sela, nas carruagens de boléia" (MICHAELIS, 2000, p.341).	"Um pouco mais, os burrinhos pararam, e o boleeiro girou o breque com um ressoar mastigado de correntes" (QUEIROZ, 1981, p.69).
<b>Borracha</b>	"Saco de couro, usado pelos tropeiros ou nos caminhões, para condução de água nas longas estiradas" (CABRAL, 1972, p.142).	"Eu perguntei se eles não tinham água ali, para encher nossa borracha seca" (QUEIROZ, 1992, p.229).
<b>Botica</b>	"Farmácia. Loja em que se vendiam gêneros a retalho" (MICHAELIS, 2000, p.350).	"Me contaram que até o engraçado da botica fazia troça" (QUEIROZ, 1992, p.104).
<b>Boticário</b>	"Farmacêutico. Homem que sabe preparar produtos farmacêuticos. Dona da botica" (MICHAELIS, 2000, p.350).	"O boticário me disse que o coração deve ter estourado antes" (QUEIROZ, 1992, p.223).
<b>Braça</b>	"Antiga medida de comprimento (2,2 m), equivalente a dez palmos. Medida de comprimento do sistema inglês (1.829 m),	"[...] fez um forno de barro, dos redondos, de quase meia braça" (QUEIROZ, 1992, p.267).

	equivalente a duas jardas" (AULETE, 2021).	
<b>Brida</b>	"Rédea. [...]. Freio (animal)" (MICHAELIS, 2000, p.358).	"Mandava que se equipassem, examinassem bem sela, arreios, cilha, rabicho e rabichola, freio e brida" (QUEIROZ, 1992, p.179).
<b>Butim</b>	"Acervo de bens de inimigo vencido, saqueados pelo vencedor; pilhagem; saque. Produto de qualquer roubo. Produto de uma caçada" (AULETE, 2021).	"Salviano botou três homens numa espera, para pegar os meus meninos, que já vinham da festa trazendo algum butim" (QUEIROZ, 1992, p.295).
<b>Cabo</b>	"Caudilhão, chefe, comandante. Graduação militar que, na hierarquia de nossas Forças Armadas, se situa acima de soldado, no Exército; de marinheiro-de-primeira-classe, na Marinha; e de soldado-de-primeira-classe, na Aeronáutica" (MICHAELIS, 2000, p.376).	"Um fica sendo o sargento, o outro o cabo..." (QUEIROZ, 1992, p.181).
<b>Cabras</b>	"Indivíduo de baixa condição. [...]. Qualquer indivíduo. Referência a determinada pessoa" (CABRAL, 1972, p.168). "Mestiço, filho de mulato e negra ou vice-versa [...] indivíduo qualquer [...]. Sujeito valente e provocador" (GIRÃO, 2000, p.114).	"Encostado em uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando" (QUEIROZ, 1981, p.5). "Minha segurança é que os cabras dela não vão matar um desconhecido" (QUEIROZ, 1992, p.8).
<b>Cabroeira</b>	"Grupo de trabalhadores rurais, de cabras, de cangaceiros, de desordeiros" (CABRAL, 1972, p.170). "Turma, grupo, patota" (NAVARRO, 2004, p.82).	"Com a morte do Major, espalhou-se tudo, os amigos e a cabroeira dele" (QUEIROZ, 1992, p.46).
<b>Caixeiro</b>	"Empregado que tem a seu cargo as vendas a retalho, em uma casa comercial; balconista. Indivíduo que entrega em domicílio as mercadorias compradas nos armazéns de secos e molhados. Empregado responsável pela caixa do estabelecimento; caixa" (MICHAELIS, 2000, p.389).	"Um moço alourado, enfatiotado, caixeiro da loja do pai" (QUEIROZ, 1981, p.99).
<b>Camaradas</b>	"Companheiro, amigo, colega. Alguém" certo indivíduo" (CABRAL, 1972, p.187). "Indivíduo empregado no serviço de sampo ou das fazendas. [...]. Tratamento entre soldados" (MICHAELIS, 2000, p.401).	"Em redor da fogueirinha, um homem de barba e dois camaradas" (QUEIROZ, 1992, p.111).
<b>Cambito</b>	"Gancho de pau. Pau com que se aperta a sobrecarga. [...]. Armação em que os animais carregam cana" (MICHAELIS, 2000, p.403).	"Carregava cana em cambito, para a moenda, junto com o Terto, filho deles" (QUEIROZ, 1992, p.172).
<b>Campeiro</b>	"O que lida com o gado no campo; vaqueiro" (MICHAELIS, 2000, p.407).	"Já estava desanimando, quando de repente me lembrei de Jardimino, caboclo novo,

		campeiro do pouquinho gado que ainda restava no Limoeiro" (QUEIROZ, 1992, p.24).
<b>Canastras</b>	"Cesta larga e baixa com ou sem tampa, feita de verga ou fasquias de castiçal entrançadas. Mala de couro de forma quadrada, usada para condução de roupas e objetos de uso, nas tropas" (MICHAELIS, 2000, p.411).	"Quem sabe o homem tinha notícias de algum comboio ou daquele doutor dentista das canastras carregadas" (QUEIROZ, 1992, p.195).
<b>Capinagem</b>	Do verbo CAPINAR= "Cortar ou mondar capim" (MICHAELIS, 2000, p.422). "Retirar capim, mato, ervas daninhas de um terreno ou plantação, geralmente trabalhando com enxada ou outro instrumento" (AULETE, 2021).	"Não era só comer e dormir, fazer a limpeza e a capinagem da 'fazenda', varrer os terreiros, melhorar a cobertura nos telhados de palha" (QUEIROZ, 1992, p.178).
<b>Carapina</b>	"Carpina, carpinteiro" (CABRAL, 1972, p.204).	"Tem a casa grande, um galpão comprido que serve de senzala dos escravos, as casas dos vaqueiros, a estrebaria, o paiol, a tenda do ferreiro, e a do carapina..." (QUEIROZ, 1992, p.268).
<b>Catraieiro</b>	"Estivador. O que faz, no porto, o serviço de carga e descarga: que faz frete" (GIRÃO, 2000, p.138).	"O catraieiro chegou" (QUEIROZ, 1981, p.83).
<b>Cavalhada</b>	"Cavalgada. Manada de cavalos. Gado cavalgar. Justas ou torneios em que há jogo da argolinha e outras diversões" (MICHAELIS, 2000, p.458).	"Eu estava lá em cima, mas vi a poeira se levantando com a cavalhada" (QUEIROZ, 1992, p.272).
<b>Cepilho</b>	"Plaina pequena com que os carpinteiros alisam a madeira. Lima de espingardeiro ou qualquer lima fina para polir metais" (MICHAELIS, 2000, p.469).	"A gente ia precisar de ferramenta para a construção: machados (nós só tínhamos um), pás, enxadas, picaretas, cavador, foice, serrote, martelo; um bom cepilho ou plaina e mais todos os ferros pequenos do uso de um carpina" (QUEIROZ, 1992, p.266).
<b>Chanfalho</b>	"Espada velha, ferrugenta, que não corta; chanfada. Utensílio deteriorado. Adaga, espada, facão" (MICHAELIS, 2000, p.479).	"Zé Soldado é que é o carrasco dessas surras; quando era praça aprendeu a meter o chanfalho nos 'elementos', batendo só com a folha do sabre, no lombo e nos quartos do cabra" (QUEIROZ, 1992, p.444-445).
<b>Chibatás</b>	Plural de CHIBATA= "Vara delgada para açoite, junco" (GIRÃO, 2000, p.144).	"Com o meu terçado cortei duas dessas chibatás, bem linheiras" (QUEIROZ, 1992, p.363).
<b>Clavinote</b>	"Bacamarte. Espécie de arma de fogo,	"Tinha um clavinote também

	semelhante à clavina” (CABRAL, 1972, p.239).	velho, que ainda podia dar serviço, trazido do pessoal da Firma” (QUEIROZ, 1992, p.55).
<b>Coxim</b>	“Pano felpudo com que se forra a sela, dispondo alguns de bolsos internos, para condução de roupas” (CABRAL, 1972, p.270).	“Valentim se encaminhou até a burra, levantou o coxim velho que cobria a sela [...]” (QUEIROZ, 1992, p.74).
<b>Derradeiro</b>	“Que fica ou vem atrás ou depois” (MICHAELIS, 2000, p.659).	“Começou a se espalhar a lenda de um tesouro que o derradeiro padre tinha enterrado debaixo do altar na capelinha” (QUEIROZ, 1992, p.22).
<b>Dragona</b>	“Pala ornada de franjas de ouro, seda, etc., que os militares usam em cada ombro” (AULETE, 2021).	“Ficava na janela, olhando o cadete metido a fidalgo que passava reluzindo o dourado das dragonas” (QUEIROZ, 1982, p.68).
<b>Jornal</b>	“Paga de um dia de trabalho [...]. Salário que o trabalhador ganha cada dia” (MICHAELIS, 2000, p.1205).	“Quando sentiu tinir no bolso o jornal ganho, um novo sentimento o animou” (QUEIROZ, 1981, p.74).
<b>Eito</b>	“Trato de terra onde trabalha, de enxada, uma turma de homens. O trabalho feito ou que está sendo feito por um grupo de homens (roçagem, limpa, plano, colheita etc.)” (CABRAL, 1972 p.328).	“Tem muito negro na fazenda, uns dez no oito, só na planta do algodão” (QUEIROZ, 1992, p.267).
<b>Embira</b>	Ou IMBIRA= “Casca ou entrecasca, não trançada, de cipó ou de certas plantas utilizadas como corda” (CABRAL, 1972, p.330). “Corda, cordel, fibra de várias plantas utilizadas para amarrar qualquer coisa” (GIRÃO, 2000, p.179).	“Ajeitei a vara pequena atravessada sobre a grande, atando com uma embira, formando os braços abertos de uma cruz” (QUEIROZ, 1992, p.363).
<b>Embornal</b>	“Sacola com alça, que se leva pendida do ombro” (MICHAELIS, 2000, p.780).	“Fui tomar o café junto com os homens, na porta da cozinha, apanhei o embornal no quarto” (QUEIROZ, 1992, p.361).
<b>Encoivarava</b>	Do verbo ENCOIVARAR= “Fazer coivara” (CABRAL, 1972, p.342). COIVARA= “Conjunto de galhos e ramagens remanescentes de queimada na roça, e que se queima para limpar o terreno ao mesmo tempo que se o aduba com as cinzas” (AULETE, 2021).	“Brocava, cercava de ramada, encoivarava, plantava e colhia o legume nos roçados” (QUEIROZ, 1992, p.80).
<b>Encordoado</b>	“Provido de cordas. [...]. Alinhado, em ordem, na marcha (o gado)” (MICHAELIS, 2000, p.799).	“Na semana antes tinham lhe dado de presente um arco de índio, bem encordoado; ele aproveitou o pretexto, disse que ia praticar tiro ao arco” (QUEIROZ, 1992, p.463).

<b>Escantilhou</b>	<p>Do verbo ESCANTILHAR= “Cortar de esguelha, obliquamente” (MICHAELIS, 2000, p.848).</p> <p>“Cortar (uma peça) de tal forma que os cantos não formem ângulos retos” (AULETE, 2021).</p>	<p>"Os dois rebocaram e caíram as paredes, Mestre Quixó fez o tabuado do chão, escantilhou as emendas das tábuas, que Duarte levou para armar lá dentro" (QUEIROZ, 1992, p.305).</p>
<b>Escorvando</b>	<p>Do verbo ESCORVAR= “Pôr escorva em, preparar a escorva de [...]. Deitar pólvora na escorva. Dispor, preparar para algum fim” (MICHAELIS, 2000, p.856).</p> <p>“Colocar escorva, explosivo em (arma de fogo, foguete)” (AULETE, 2021).</p>	<p>"Eu com João Rufo e os meninos passamos o tempo todo escorvando as armas e escolhendo a munição" (QUEIROZ, 1992, p.478).</p>
<b>Escrivão</b>	<p>“Oficial público que, junto de autoridade, corporações ou tribunais, escreve autos, termos de processo, atas e outros documentos legais. Escrevente, escriturário. Tabelião” (MICHAELIS, 2000, p.857).</p>	<p>"Já vi um escrivão assim num outro lugar que morei lá. O povo fazia fileira em redor da mesa dele. É muito difícil quem escreva, por aqui" (QUEIROZ, 1992, p.193).</p>
<b>Espias</b>	<p>“Pessoa que, às escondidas, espereita as ações de outrem; espião. Sentinela” (MICHAELIS, 2000, p.873).</p>	<p>"O Avô tinha mandado na frente uns espias, que lhe trouxeram as más notícias" (QUEIROZ, 1992, p.80).</p>
<b>Estrompei</b>	<p>"Estragar(-se), arruinar(-se)" (AULETE, 2021).</p>	<p>"Trabalhei o dia todo, já estava com cãibras nos dedos e estrompei meia dúzia de penas" (QUEIROZ, 1992, p.280).</p>
<b>Farnel</b>	<p>“Provisões alimentares para pequena viagem. Saco para essas provisões; fardel” (MICHAELIS, 2000, p.939).</p>	<p>"Era o que nos restava do farnel do barbudo" (QUEIROZ, 1992, p.117).</p>
<b>Feitor</b>	<p>“Administrador de bens alheiros. [...]. Rendeiro, caseiro. [...]. Fazedor” (MICHAELIS, 2000, p.947).</p>	<p>"Eu de boa vontade servia de feitor no sítio, brigava com os vizinhos por causa das extremas" (QUEIROZ, 1992, p.21).</p>
<b>Fiandeiras</b>	<p>“Mulher que realiza fição” (AULETE, 2021).</p> <p>Profissionais responsáveis por fiar, por confeccionar fios.</p>	<p>"(O sujeito) falou no legume perdido daquele ano, no pasto fraco, no algodão que não ia dar nem para encher os fusos das fiandeiras" (QUEIROZ, 1992, p.195).</p>
<b>Fojo</b>	<p>“Pequena armadilha para caça miúda, especialmente preás. É constituída de uma tabuínha com eixo, prêsas lateralmente a duas tariscas de madeira. É ele colocado sobre escavação aberta nas veredas daqueles roedores. À sua passagem, a tábua cede ao peso do animal e se inclina, deixando-o cair no fosso, e volta à posição anterior” (CABRAL, 1972, p.413).</p>	<p>"Saíam também em caçadas, matar algum bicho — de fojo, de armadilha, de gaiola, pra não gastar munição" (QUEIROZ, 1992, p.178).</p>
<b>Função</b>	<p>“Festa, divertimento, pagodeira” (GIRÃO,</p>	<p>"Fez uns dinheiros dando uma função lá mesmo, na</p>

	2000, p.215). "Espetáculo, exibição, especialmente de circo" (AULETE, 2021).	Vargem da Cruz" (QUEIROZ, 1992, p.137).
<b>Funda</b>	"Utensílio ou arma para arremesso de pedras ou balas a mão, consistindo em um pedaço de couro e duas cordas" (MICHAELIS, 2000, p.999).	"Os rapazes fizeram uma funda com um pedaço de corda, e sempre conseguiam derrubar rolinha, nambu. Até jacu eles mataram" (QUEIROZ, 1992, p.85).
<b>Fusos</b>	"Instrumento de fiar, roliço e pontiagudo, em que se enrola o fio torcido a mão, até formar a maçaroca" (MICHAELIS, 2000, p.1002).	"(O sujeito) falou no legume perdido daquele ano, no pasto fraco, no algodão que não ia dar nem para encher os fusos das fiandeiras" (QUEIROZ, 1992, p.195).
<b>Garrucha</b>	"Mecanismo com que se armava a besta, composto de garras e roldanas para retesar a corda. [...]. Pistola, ordinariamente de dois canos. Bacamarte" (MICHAELIS, 2000, p.1017).	"Era lá que ela escondia a arma; tinha pavor de tiro, Mãe; não queria nem pensar que eu, menina, chegasse perto de uma garrucha" (QUEIROZ, 1992, p.31).
<b>Grosas</b>	"Doze dúzias" (MICHAELIS, 2000, p.1055).	"Já estavam até fazendo umas caixetas de pau para arrumar bem arrumadas as dúzias e grosas de cartuchos" (QUEIROZ, 1992, p.468).
<b>Guarda-peito</b>	"Larga tira de couro usada pelos vaqueiros, para resguardar-lhe o tronco, nas corridas dentro do mato. É geralmente recortado com ondulações nas margens e enfeitado com ilhoses. Prende-se ao pescoço e à cintura por fortes correias" (CABRAL, 1972, p.612).	"Atrás dele vinham dois vaqueiros encourados, como se estivessem de saída pra catinga. Chapéu de couro descaído para a testa, gibão, guarda-peito, perneira, chinelo cara-de-gato" (QUEIROZ, 1992, p.336).
<b>Inquerido</b>	Ou INQUIRIDO= "Amarrado, atado fortemente" (CABRAL, 1972, p.466).	"Deitamos o velho na rede, todo inquerido nas cordas e saímos carregando ele" (QUEIROZ, 1992, p.408).
<b>Labuta</b>	"Lida, trabalho" (MICHAELIS, 2000, p.1217).	"Recordando a labuta do dia" (QUEIROZ, 1981, p.30).
<b>Lambedeira</b>	"Faca de lâmina longa e estreita, semelhante punhal, usada por criminosos e cangaceiros" (CABRAL, 1972, p.485).	"Levava sempre vantagem, até mesmo com Zé Soldado, que tinha alguma arte, mas se queixava do tamanho daquela lambedeira de três palmos" (QUEIROZ, 1992, p.173).
<b>Lavrado</b>	"Cor da rês, branco com lavras ou manchas pretas ou manchas avermelhadas, e vice-versa" (GIRÃO, 2000, p.244).	"O couro lavrado, espichado em varas, de encontro ao oitão" (QUEIROZ, 1981, p.69).
<b>Libras</b>	"Medida inglesa de peso de 16 onças, equivalente a 453,592 gramas" (MICHAELIS,	"Um dia nos chegou um comboieiro e de um par de malas

	2000, p.1251).	de couro — as bruacas — tirou sessenta libras de salitre" (QUEIROZ, 1992, p.331).
<b>Liceu</b>	"Estabelecimento oficial ou particular de instrução secundária ou de ensino profissional" (MICHAELIS, 2000, p.1252).	"Os seus anos de liceu, banais e dispersos" (QUEIROZ, 1982, p.122).
<b>Litografado</b>	Resultado da LITOGRAFIA= "Arte ou processo de produzir um desenho, caracteres etc. em uma pedra plana, especialmente preparada, e por meio desta reproduzi-los em papel" (MICHAELIS, 2000, p.1268).	"Quadros de verdade, pintados realmente por um artista e não litografados" (QUEIROZ, 1982, p.93).
<b>Lua da sela</b>	"Parte dianteira da sela que fica sobre o arção" (CABRAL, 1972, p.504). "Parte anterior ou frontal da sela" (GIRÃO, 2000, p.247).	"Valentim levava o nosso filho na lua da sela" (QUEIROZ, 1992, p.289).
<b>Magarefes</b>	Aquele que, nos matadouros, mata e esfolareses" (MICHAELIS, 2000, p.1296).	"Tenho uns magarefes que são meus fregueses de muito tempo já, e me compram o que eu levar" (QUEIROZ, 1992, p.471).
<b>Malho</b>	"Grande martelo de ferro ou de pau, sem unhas e sem orelhas. Maço de calceteiro. Macete de bater rodas de carro" (MICHAELIS, 2000, p.1304).	"Fizeram eles mesmos um malho, a machado e a facão, os únicos ferros de que a gente dispunha" (QUEIROZ, 1992, p.178).
<b>Marchantes</b>	"Do latim 'mercatus' (mercador), passando pelo francês 'marchand' (comerciante). Intermediário na venda de gado" (NAVARRO, 2004, p.226).	"E o povo do Piauí tira agora o pé da lama; porque de pataca pros pagamentos; os marchantes devem de trazer é de arroba pra cima, no surrão..." (QUEIROZ, 1992, p.472).
<b>Mascate</b>	"Vendedor ambulante de objetos manufacturados, panos, jóias etc." (MICHAELIS, 2000, p.1331).	"O mascate, com certeza, estava contando a minha história, com todas as agravantes, invenções e inuendos" (QUEIROZ, 1992, p.185).
<b>Meganhas</b>	"Soldado de polícia" (MICHAELIS, 2000, p.1345). "Profissional que trabalha na polícia, participando de operações de policiamento ostensivo ou de busca e captura de criminosos" (AULETE, 2021).	"Ai a gente tinha que brigar com os meganhas e até mesmo matar algum" (QUEIROZ, 1992, p.379).
<b>Mucama</b>	Ou MUCAMBA= "Criada que ajuda a dona-da-casa de modo mais direto" (GIRÃO, 2000, p.270).	"Sem nem ao menos uma negra de respeito, uma mucama que tomasse conta dela e lhe ensinasse as regras dos bons costumes..." (QUEIROZ, 1992, p.34).
<b>Mundéu</b>	O mesmo que MUNDÉ ou MONDÉ=	"A impressão que me dava

	"Armadilha para caça miúda" (CABRAL, 1972, p.550).	agora, era a de um mundéu se fechando em cima de mim" (QUEIROZ, 1992, p.63).
<b>Normalista</b>	"Que ou pessoa que fizera o curso da escola normal" (MICHAELIS, 2000, p.1463).	"Tinha na voz e nos modos uma espécie de aspereza espevitada, característica de todas as normalistas que conhecia..." (QUEIROZ, 1981, p.57).
<b>O Formal</b>	"Documento, em forma de carta do juiz de um inventário aos herdeiros, no qual se enumeram os bens e a distribuição da herança em conformidade com a folha de partilha aprovada pelo juiz" (AULETE, 2021).	"Queria que ele assinasse o formal de partilha da mãe" (QUEIROZ, 1992, p.367).
<b>Oitavas</b>	"Antigo peso de farmácia e do comércio de diamantes correspondente à oitava parte da onça, ou ,586 gramas" (MICHAELIS, 2000, p.1486). "Unidade monetária e moeda equivalentes a 1.200 réis" (AULETE, 2021).	"O Liberato falava de um barão que ele conheceu no Recife e tinha comprado a nobreza com um saco cheio de oitavas de ouro em pó" (QUEIROZ, 1992, p.265).
<b>Oleiro</b>	"Aquele que trabalha em olaria" (MICHAELIS, 2000, p.1487). "Aquele que produz e/ou vende peças de cerâmica; ceramista" (AULETE, 2021).	"Você vai me descobrir um oleiro" (QUEIROZ, 1992, p.237).
<b>Onça</b>	"Medida de peso inglesa, equivalente a 28,349 gramas" (MICHAELIS, 2000, p.1492).	"Pólvora é feito ouro, se mede por onça e por oitava" (QUEIROZ, 1992, p.331).
<b>Pajelança</b>	"Cerimonial do pajé para alcançar fórmulas terapêuticas, tradicionais, por meio dos espíritos 'encantados' de homens e de animais. Conjunto de regras e atos do feiticeiro aconselhando, ditando regras de vida, vendendo remédios, amuletos etc." (MICHAELIS, 2000, p.1529).	"A Dona Firma mandou chamar uma índia velha para fazer pajelança no rastro 'daquela bruxa'" (QUEIROZ, 1992, p.302).
<b>Pajeús</b>	Plural de PAJEÚ= "Faca de ponta, paraíba, lambedeira, punhal" (GIRÃO, 2000, p.282).	"Traziam também as facas do uso, as pajeús que todo homem carece portar" (QUEIROZ, 1992, p.41).
<b>Papo-de-ema</b>	Bolsa utilizada para guardar os utensílios mais distintos por viajantes e peões.	"Enfiei tudo no papo-de-ema, e amarrei aquele rolo grosso em redor da minha cintura" (QUEIROZ, 1992, p.63).
<b>Paradeiro</b>	"Movimento comercial fraco, quase sem vendas" (NAVARRO, 2004, p.263).	"Ele era meio sapateiro, meio alfaiate, meio seleiro; tinha um pouco de todas as artes e ganhava assim um adjutório, apesar do paradeiro" (QUEIROZ, 1992, p.287).
<b>Passarinheira</b>	"Diz-se da espingarda boa para caça miúda" (CABRAL, 1972, p.599).	"Saía às vezes para caçar, mas não tinha arma que

		prestasse, só uma espingarda velha passarineira, emprestada pelo ferreiro" (QUEIROZ, 1992, p.309).
<b>Passo estradeiro</b>	Tipo de passo, de pisada, do cavalo considerado como um bom andar, um andar tranquilo.	"Zé Soldado e Maninho caminhavam em passo estradeiro, quase sem atrasar a marcha dos cavalos" (QUEIROZ, 1992, p.84).
<b>Pederneira</b>	"Pedra muito dura que, ferida por um fragmento de aço, produz faísca; pedra-de-fogo. [...]. Designação vulgar do sílex pirômaco" (MICHAELIS, 2000, p.1577).	"O José levou a arma pro ferreiro velho, que remontou umas peças mais gastas, trocou outras e fez um ferrolho novo para a pederneira" (QUEIROZ, 1992, p.39).
<b>Pedra de figo</b>	É um tipo de pedra utilizada tanto para a produção de utensílio primitivo de corte, quanto para a obtenção de fagulhas para o fogo. O nome pode ser uma corrutela de 'pedra de fogo'.	"Zé Soldado era doido por esse negócio de militar e tinha aprendido muita coisa no tempo em que sentou praça [...]. A medir pólvora no polvarim, a colocar a pedra de figo, a preparar a carga da arma, socar a bucha [...]" (QUEIROZ, 1992, p.181).
<b>Pelotiqueiro</b>	"Indivíduo que fez peloticas, prestigiador, saltimbanco" (MICHAELIS, 2000, p.1585). "Destro em fazer peloticas; que é hábil, ligeiro com as mãos para iludir ou enganar os demais. [...]. O mesmo que malabarista" (AULETE, 2021).	"Certo dia nós fomos à feira de um lugar meio perto, ver outro pelotiqueiro que se exibia num número muito perigoso; era atirador de facas" (QUEIROZ, 1992, p.218).
<b>Perneiras</b>	"Calça de couro curtido (geralmente pele de veado), usada pelos vaqueiros. Polaina de couro curtido (sola) usada pelos soldados ou por quem vai andar a cavalo" (CABRAL, 1972, p.618).	"Com o guarda-peito encarnado desenhando-lhe o busto forte e as longas perneiras" (QUEIROZ, 1981, p.10).
<b>Pespontado</b>	"Presumido; suscetível, caprichoso" (AULETE, 2021).	"la inaugurar o meu gibão de couro, bem pespontado; muita vez, dizia Roque, serve pra desviar chumbo que venha de raspão ou enviesado" (QUEIROZ, 1992, p.476).
<b>Pilador</b>	"Que pila. Aquele que pila" (AULETE, 2021). Que usa e/ou manuseia o pilão.	"Pilador não era difícil, todo mundo ali era acostumado a pisar milho de caçula; duas pessoas, cada uma com a sua mão de pilão, batendo de feição: quando uma ia com a mão pro alto a outra descia" (QUEIROZ, 1992, p.329).
<b>Pilar</b>	"Esmagar no pilão. Descascar" (MICHAELIS, 2000, p.1617).	"A casa ia acordando. Primeiro acenderam o fogo na cozinha; veio o moleque pilar o

		milho para o pão" (QUEIROZ, 1992, p.427).
<b>Polvarim</b>	O Mesmo que POLVORIM= "Pólvora de grão muito miúdo. Pó que sai da pólvora" (AULETE, 2021).	"Os dois vinham cada um com o seu polvarim de chifre, chumbo grosso e fino, num saco; e a pedra que eles chamavam figo de galinha" (QUEIROZ, 1992, p.41).
<b>Praça</b>	"Soldado de polícia" (CABRAL, 1972, p.637).	"Não mando praça, porque só tem lá na Redenção" (QUEIROZ, 1981, p.62). "Deixei que ele desse uma viagem a Santana Mestra, uma vila onde havia grande guarnição de praça" (QUEIROZ, 1992, p.328).
<b>Pregoeiros</b>	"O que proclama, publica, divulga ou promove alguma coisa. [...]. Aquele que exalta, enaltece, faz propaganda; arauto" (MICHAELIS, 2000, p.1687).	"Os automóveis e os homens da rua, os pregoeiros, os ônibus" (QUEIROZ, 1982, p.159).
<b>Preposto</b>	"Indivíduo que dirige um serviço, um negócio, por delegação de pessoa competente; institor" (MICHAELIS, 2000, p.1690).	"O preposto é que é um ratuíno..." (QUEIROZ, 1981, p.21).
<b>Professorado</b>	"Cargo ou funções de professor. Classe dos professores; os professores" (MICHAELIS, 2000, p.1704).	"Emagrecida pelos dez meses de professorado" (QUEIROZ, 1981, p.5).
<b>Puçá</b>	"Rede em forma de cone com um círculo de arama na boca, usada na pesca de camarões e pitus nos rios e em todo o litoral nordestino" (NAVARRO, 2004, p.287).	"Quando menina, ainda, saía pela mata com os moleques, matando passarinho de baladeira, pescando piaba no açudinho, usando como puçá o pano da saia" (QUEIROZ, 1992, p.62).
<b>Quermesse</b>	"Festival com fim beneficente, social ou religioso" (MICHAELIS, 2000, p.1747).	"Já fazia tempo que não havia, em Quixadá, quermesse de Natal tão animada" (QUEIROZ, 1981, p.109).
<b>Quinas</b>	"Grupo de cinco objetos ou números" (AULETE, 2021).	"Eu agora tinha que tomar mais cuidado quando punha as minhas parelhas em campo, que, daí, nem mais parelhas eram, mas ternos e quinas" (QUEIROZ, 1992, p.328).
<b>Rabicho</b>	"Parte do arreio das bestas, que lhes passa por baixo da cauda e se prende à sela ou à cangalha, a fim de que estas não escorreguem para a frente" (MICHAELIS, 2000, p.1759).	"Escolhia dois deles ('um par de quadrilha', eles diziam), mandava que se equipassem, examinassem bem sela, arreios, cilha, rabicho e rabichola, freio e brida" (QUEIROZ, 1992, p.179).

<b>Rabichola</b>	<p>“Rabicho feito de larga tira de sola, para ser usado especialmente nas cangalhas de albarde” (CABRAL, 1972, p.661).</p> <p>“Tira larga de couro que prende a cangalha e passa por detrás do animal para impedir que, nas descidas, a albarda escorregue. [...]. (Diz) respeito aos paramentos dos animais dos tropeiros no sertão” (NAVARRO, 2004, p.298).</p>	<p>“Escolhia dois deles (‘um par de quadilha’, eles diziam), mandava que se equipassem, examinassem bem sela, arreios, cilha, rabicho e rabichola, freio e brida” (QUEIROZ, 1992, p.179).</p>
<b>Rebenque</b>	<p>“Pequeno chicote usado pelo cavaleiro para tocar a cavalgadura” (GIRÃO, 2000, p.315).</p>	<p>“Calcei os coturnos, enfiei os pés nas esporas, peguei no rebenque, pus-me a andar de um lado para o outro [...]” (QUEIROZ, 1992, p.165).</p>
<b>Reiunas</b>	<p>“Botinas com elástico usadas pelos soldados” (MICHAELIS, 2000, p.1807).</p>	<p>“Olhei para mim mesmo, ali, sentado no chão, a roupa de brim pardo, as grossas botas reiúnas, o lenço no pescoço” (QUEIROZ, 1992, p.8).</p>
<b>Render</b>	<p>“Ficar no lugar de; substituir. Tirar do posto (sentinelas, vigias etc.), substituindo-as por outras” (MICHAELIS, 2000, p.1814).</p>	<p>“A festa, pelo jeito, ainda vai longe. Não tarda vem alguém te render” (QUEIROZ, 1992, p.386).</p>
<b>Repente</b>	<p>“Improvisação de versos no desafio dos cantadores” (GIRÃO, 2000, p.318-319).</p>	<p>“Repente de homem apaixonado” (QUEIROZ, 1992, p.386).</p>
<b>Sal de mina</b>	<p>Sal proveniente de mineração, de extração da terra, em contraposição àquele extraído das águas do mar; salitre.</p>	<p>“Disse o cabo que o salitre que eles gastavam vinha de umas minas das bandas da Bahia. É o que a gente chama aqui de ‘sal de mina’” (QUEIROZ, 1992, p.329).</p>
<b>Saltimbancos</b>	<p>“Indivíduo que nas praças públicas apresenta as suas habilidades, diz facécias, vende drogas etc.; charlatão de feira. [...]. Artista circense” (MICHAELIS, 2000, p.1884).</p>	<p>“Era filho da Província do Rio de Janeiro, onde se criou. Com o pai, a mãe e um tio, formavam um grupo de saltimbancos, andando de feira em feira” (QUEIROZ, 1992, p.75).</p>
<b>Samarra</b>	<p>“Antiga vestimenta campesina feita de velocino. Batina ou túnica de eclesiásticos com mangas, a qual eles usam em casa ou em passeios; chimarra” (MICHAELIS, 2000, p.1886).</p>	<p>“Rubina chamou uma ajudante, num instante costurou a mortalha, quero dizer — a ‘samarra’ (palavra que o Padre me ensinou que era o nome certo para aquele camisa)” (QUEIROZ, 1992, p.322).</p>
<b>Secreta</b>	<p>“Polícia ou guarda policial que informa secretamente” (MICHAELIS, 2000, p.1905).</p>	<p>“A outra, coitadinha, que estava morrendo na Santa Casa, por ter tomado permangato, com ciúmes dum chofer; ou a pequena, de dezesseis anos, que levou uma navalhada dum secreta” (QUEIROZ, 1982,</p>

		p.123).
<b>Sentinela</b>	“Soldado armado que está de vigia em um posto. Pessoa que vigia ou vela por alguma coisa” (MICHAELIS, 2000, p.1920).	“Não precisa que fique todo mundo acordado; basta um de sentinela” (QUEIROZ, 1992, p.41).
<b>Seleiro</b>	“O fabricante de selas” (GIRÃO, 2000, p.329).	“Ele era meio sapateiro, meio alfaiate, meio seleiro; tinha um pouco de todas as artes e ganhava assim um adjutório, apesar do paradeiro” (QUEIROZ, 1992, p.287).
<b>Silhão</b>	“Sela grande, com um só estribo, montada por mulheres vestidas de saia. Cadeira grande, de braços” (MICHAELIS, 2000, p.1938).	“Logo que ficasse moça tinha que aprender a andar de lado, como as outras, num silhão ou em andilhas, das antigas...” (QUEIROZ, 1992, p.87).
<b>Surjão</b>	“O mesmo que cirurgião” (MICHAELIS, 2000, p.2000).	“Está estudando. Diz que vai ser doutor médico, surjão” (QUEIROZ, 1992, p.315).
<b>Tangerinos</b>	“O que, a pé, dirige o gado ou boiada, em viagem. Derivado de tanger” (GIRÃO, 2000, p.338). “Tangedor de animais” (CABRAL, 1972, p.720).	“Os chefes já estão vindo em pessoa, trazendo consigo os vaqueiros, melhor dizendo, os tangerinos, para tocarem as boiadas” (QUEIROZ, 1992, p.471).
<b>Terçados</b>	“Facão grande, muito usado nos trabalhos agrícolas” (GIRÃO, 2000, p.341).	“Devoravam confiadamente os rebentões que a ponta dos terçados espalhava pelo chão” (11981, p.5). “Apanhei o embornal no quarto, joguei-o no ombro a tiracolo, peguei um terçado de andar no mato e avisei aos homens da guarda” (QUEIROZ, 1992, p.361).
<b>Ternos</b>	“Grupo de três; trio; trindade” (MORENO, 1939, p.835).	“Eu agora tinha que tomar mais cuidado quando punha as minhas parselhas em campo, que, daí, nem mais parselhas eram, mas ternos e quinas” (QUEIROZ, 1992, p.328).
<b>Tipiti</b>	“Cesto cilíndrico, tecido de talas de palmeira, em que se mete a massa de mandioca ralada para ser espremida na prensa antes de se levar ao forno e de se tornar farinha” (MICHAELIS, 2000, p.2068).	“Tem mandioca, sempre que preciso faço um meio saco de farinha; ralo na pedra, espremo no tipiti, torro naquela outra pedra ali...” (QUEIROZ, 1992, p.234).
<b>Titereiro</b>	“Que faz títeres” (AULETE, 2021). TÍTERE= “Boneca ou figura que se faz mover e gesticular por meio de cordéis; marionete, bonifrate. Bufão, palhaço”	“Ficava nos jogos do cavalete e da corda bomba e mais os truques de titereiro que praticava com o pai” (QUEIROZ, 1992,

	(MICHAELIS, 2000, p.2073).	p.223).
<b>Traficância</b>	“Transação desonesta; negociata; roubalheira” (AULETE, 2021).	“Meu pai queria era me manter longe do Garrote, para poder fazer as suas traficâncias com a partilha de Mãe” (QUEIROZ, 1992, p.393).
<b>Vasqueira</b>	Feminino de VASQUEIRO= “Escasso, raro, difícil” (CABRAL, 1972, p.765).	“Nesta casa, mão-de-obra de mulher anda muito vasqueira” (QUEIROZ, 1992, p.301).
<b>Vedeta</b>	“Sentinela postada em lugar alto” (MICHAELIS, 2000, p.2182).	“Visávamos principalmente os professores, que eles eram como vedetas máximas da nossa sociedade” (QUEIROZ, 1982, p.20).
<b>Versidade</b>	“Termo usado geralmente na expressão TODA VERSIDADE, para significar toda espécie, modelo, forma, qualidade, variedade” (CABRAL 1972, p.771).	“Soldado, em campanha, só anda com comboio atrás, carregando toda versidade de abastecimento” (QUEIROZ, 1992, p.87).
<b>Vitrina</b>	“Vidraça, por trás da qual se expõem mercadorias que estão para ser vendidas” (MICHAELIS, 2000, p.2212).	“A vida se mostra, à sua frente, bela, sedutora, iluminada. Mas, para você, é apenas uma vitrina” (QUEIROZ, 1982, p.68).
<b>Volante</b>	“Contingente de polícia estadual, com poderes discricionários na caça de criminosos, cangaceiros e coiteiros, dentro do Estado e até em outros Estados” (CABRAL, 1972, p.779).	“Os homens do volante até que tiveram pena [...]” (QUEIROZ, 1992, p.115).
<b>Xeque</b>	“Soberano, entre os árabes; xeique” (AULETE, 2021).	“O xeque de albornoz branco e flutuante” (QUEIROZ, 1982, p.154).

Fonte: O autor.

## APÊNDICE F

Quadro com palavras referentes ao grupo conceitual 'Topônimo' presentes nas três obras analisadas

**Quadro 8** – Grupo conceitual 'Topônimo'

	Significado	Na obra
<b>Acarape</b>	<p>Município cearense, localizado na mesorregião do Norte Cearense. Sua origem remonta ao século XVII. O primeiro nome do povoado foi Calaboca, em referência a uma lenda envolvendo os religiosos que lá se instalaram por primeiro. Em 1879, com a chegada da linha de ferro, o povoado ganhou nova vida, e em 1883 o povoado foi criado distrito. Tempos depois, em 1926 foi renomeado como Araripe, e em 1965 é rebaixada a distrito de Redenção (da qual é distante apenas 3 quilômetros), voltando a tornar-se município em 1987.</p> <p>O topônimo tem origem em duas palavras tupi <i>acarás</i> (peixe) e <i>pe</i> (caminho), de modo que Acarape significaria “caminho dos acarás”, “canal de peixes” ou “caminho das graças” (SERAINÉ, 1946, p.271).</p>	<p>“Não mando praça, porque só tem lá na Redenção. Aqui no Acarape, só requisitando” (QUEIROZ, 1981, p.62).</p>
<b>Araripe</b>	<p>Em referência à <i>Serra</i> ou <i>Chapada do Araripe</i>, que é a principal na região do Cariri (SERAINÉ, 1948, p.267). Esta região está localizada na mesorregião do Sul Cearense, fazendo a fronteira do estado do Ceará com os estados do Pernambuco e do Piauí. O nome provém do tupi e significa “no rio das araras”.</p>	<p>“Nós tínhamos sempre no horizonte a barreira do Araripe, azul e constante como a linha do mar” (QUEIROZ, 1982, p.163).</p>
<b>Baturité</b>	<p>Município brasileiro do estado do Ceará, localizado na mesorregião do Norte Cearense. Fundada como <i>Aldeia das Missões de Nossa Senhora da Palma</i>, em 1763 foi elevada a vila, com o nome de <i>Palmas</i>, tendo sido renomeada, em 1764, como <i>Vila Real Monte-Mor o Novo da América</i>. Tornou-se município em 1857, quando recebeu o nome atual (BATISTA, 2011, p.136-137).</p> <p>O nome da cidade deriva do vocábulo <i>ibitira-ete</i>, significando “terra alta” ou “serra por excelência” (SERAINÉ, 1948, p.271; SAMPAIO, 1987, p.204).</p>	<p>“Conceição lembrou, então, uma retirada para o pedaço de terra que tinha na serra de Baturité” (QUEIROZ, 1981, p.24).</p> <p>“La para fora, para Baturité, bordar o enxoval de uma noiva rica” (QUEIROZ, 1982, p.26).</p>
<b>Caatinga</b>	<p>“Mata de vegetação enfezada, composta de espinheiros, árvores tortuosas, cardos e gravatás” (AULETE, 2021).</p> <p>“Do tupi ‘caa’, mato + ‘tinga’ branca, aberta” (NAVARRO, 2004, p.78).</p>	<p>“A noite fechou de todo, melancólica e cinzenta, como a caatinga, donde ela sobe” (QUEIROZ, 1982, p.200).</p>

<b>Cafua</b>	"Antro, caverna, cova, furna. Esconderijo. Choça, rancho escuro e imundo" (MICHAELIS, 2000, p.385).	"Caí desmaiado. Tinha perdido muito sangue, me esconderam em alguma cafua, por uns dias" (QUEIROZ, 1992, p.208).
<b>Camocim</b>	Município litorâneo do estado do Ceará, localizado na mesorregião do Noroeste Cearense. A primeira tentativa de aldeamento na região ocorreu em 1792, pelos índios Tremembés, logo na sequência vieram os colonizadores, fixando-se na entrada da baía, a <i>Barra de Camocim</i> . Em 1878 torna-se distrito e em 1879 município, com o nome atual. O nome deriva da palavra em tupi para 'vaso'.	"No dia seguinte estava tomando o navio em Camocim, rumo a Fortaleza" (QUEIROZ, 1982, p.63).
<b>Campo de Concentração</b>	<p>O Campo de Concentração foi um local criado, em 1915, para acolher os retirantes que ficavam espalhados pela cidade de Fortaleza.</p> <p>O Campo de Concentração ao qual Rachel de Queiroz se refere é o do Alagadiço. Este foi o primeiro campo de concentração criado pelo governador Benjamin Liberto Barroso, em Fortaleza, para recolher e abrigar os refugiados. Atualmente este campo de concentração estaria localizado no bairro de São Gerardo.</p> <p>Esta ação de acolhida e ajuda é descrita pela narradora. Conceição, junto com outras senhoras, levava roupas e comida aos flagelados (QUEIROZ, 1981, p.53).</p>	"Conceição atravessava muito depressa o Campo de Concentração" (QUEIROZ, 1981, p.40).
<b>Cariri</b>	Localizado na mesorregião do Sul Cearense, correspondendo ao sertão verde da Chapa do Araripe. A Região do Cariri compreende nove municípios cearenses: Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Jardim, Missão Velha, Caririaçu, Farias Brito, Nova Olinda e Santana do Cariri. A denominação desta região vem da tribo dos Cariris, sendo que o vocábulo significa 'força' ou 'esforço', em tupi (SERAINÉ, 1948, p.267-268).	<p>"Hoje casado e promotor no Cariri" (QUEIROZ, 1981, p.10).</p> <p>"Minha gente morava no sertão, no Cariri" (QUEIROZ, 1982, p.34).</p>
<b>Catinga</b>	Variação de CAATINGA= "Mato enfezado. Nome de lugares e plantas do sertão onde abunda o carrascal. Areal. Terra estéril" (MICHAELIS, 2000, p.372).	"Ela não está acostumada a enfrentar a catinga — e os espinhos, e as pedras, e o solão quente" (QUEIROZ, 1992, p.94).
<b>Ceará</b>	Em referência não ao Estado, pois a história se passa no Ceará, mas sim à capital, Fortaleza. É a mesma construção usada por moradores da zona rural ou de bairro periféricos, pois ao referirem-se ao "centro da cidade" dizem vou "à cidade".	"Diz que vai pro <i>Ceará</i> e de lá embora pro Norte..." (QUEIROZ, 1981, p.7, grifo do autor).
<b>Cerrado</b>	"Vegetação xerófila dos planaltos com alguma cobertura herbácea" (MICHAELIS,	"Passa por catinga e por serrotes; por mata e cerrado, por

	2000, p.474).	léguas de campos e alagados" (QUEIROZ, 1992, p.225).
<b>Crato</b>	Município do estado do Ceará, localizado na mesorregião do Sul Cearense. O povoamento inicial recebeu o nome de <i>Aldeia do Brejo</i> , posteriormente denominada <i>Miranda</i> ou <i>Missão de Miranda</i> , no século XVII. Em 1764 surge a <i>Vila Real do Crato</i> , elevada à cidade em 1852, sob o nome de <i>Crato</i> . (BATISTA, 2011, p.129-130). O nome deriva da palavra latina <i>curatus</i> , designando lugar com condições de tornar-se paróquia.	"Eu deveria ter ficado no Crato" (QUEIROZ, 1982, p.76).
<b>Erradas</b>	"Caminho, estrada ou vereda fácil de confundir o transeunte, desviando-o do rumo certo" (CABRAL, 1972, p.361).	"Tomei nota dos lugares onde devia passar, os pontos de referência, as erradas a evitar" (QUEIROZ, 1992, p.312).
<b>Freguesia</b>	"(Marca) indicativa de determinada paróquia ou município" (GIRÃO, 2000, p.213).	"Eu respondi que não era meu costume trazer freguesia para casa; mas, sendo caso de urgência..." (QUEIROZ, 1992, p.205).
<b>Furna</b>	"Caverna, gruta. Escavação de dimensões apreciáveis no solo ou subsolo. Lugar apertado entre vales" (MICHAELIS, 2000, p.1001).	"A chamada onça tigre... criada em furna, nos serrotes, capaz de acabar com um homem só com a patada..." (QUEIROZ, 1992, p.51).
<b>Guaramiranga</b>	Município do Estado do Ceará, localizado na mesorregião do Norte Cearense. Antes de elevado a condição de vila, em 1890, o povoado era conhecido como Conceição. No mesmo ano a vila de Guaramiranga fora erigida como município. O nome deriva do tupi e significa "pássaro vermelho".	"É uma história que aconteceu com a prima dela, na festa de Guaramiranga..." (QUEIROZ, 1981, p.90).
<b>Icó</b>	Município do estado do Ceará, localizado na mesorregião do Sul Cearense. O início de sua povoação pelos colonizadores se deu em 1630, quando foi chamado de <i>Salgado</i> , mas a região já era povoada pela tribo dos Icó. Ainda como pequeno povoado recebeu o nome de <i>Arraial de Nossa Senhora do Ó</i> , sendo em 1736 substituído por <i>Arraial da Ribeira dos Icó</i> . E em 1842 foi elevada a cidade, sob a denominação de <i>Icó</i> (que significa "rio das roças" (BATISTA, 2011, p.126-127).	"O pai matara a mulher num furor de ciúme e se acabava agora na cadeia do Icó" (QUEIROZ, 1982, p.23).
<b>Iguatu</b>	Município cearense, localizado na mesorregião Centro-Sul Cearense. As primeiras habitações remontam à presença de missionários católicos, em 1707. De início o povoamento ficou conhecido como Venda, sendo, posteriormente, identificado com o nome de Telha. Em 1831 foi criado distrito, e em 1874 município. A mudança do nome para Iguatu, que na língua tupi significaria "água	"Eu sou filho natural de Iguatu" (QUEIROZ, 1981, p.61).

	boa” ou “rio bom” ( <i>ig</i> ou <i>i</i> = água; <i>catu</i> = bom), ocorreu em 1883.	
<b>Jeremoabo</b>	<p>Cidade localizada no Estado da Bahia, a 386 Km de Salvador. Esta região era habitada pelos aborígenes muongurus e cariacás, descendentes dos tupinambás.</p> <p>Jeremoabo é palavra indígena que significa, entre outras coisas, “plantação de abóboras”, o que de fato ocorria muito por parte dos índios da região.</p> <p>O aldeamento começa no início do século XVI, com a chegada de algumas freiras no local e a instalação de uma comunidade religiosa dedicada à Nossa Senhora de Brotas.</p> <p>Em 1718, por Alvará Régio, criou-se uma Freguesia com o nome de São João Batista de Jeremoabo do Sertão de Cima; posteriormente, em 1831, sendo elevada a Vila, agora sob o nome de Vila de São João Batista de Jeremoabo.</p> <p>Em 1925, pelo Decreto Estadual nº 1775, de 06 de julho, é elevada a condição de cidade, com a denominação de Geremoabo; a grafia para Jeremoabo correu em 1943.</p> <p>Este município, segundo a Fundação Palmares, é o território com maior número de quilombos no Brasil. Desta região também partiram as forças de combate a Antônio Conselheiro (guerra de Canudos) e a Lampião (SON, 2021).</p>	<p>“O outro padre conseguiu fugir e apareceu muitos meses depois num povoado da Bahia, em caminho de Jeremoabo, onde ficava a Casa de Oração deles” (QUEIROZ, 1992, p.22).</p>
<b>Juazeiro</b>	<p>Em referência a Juazeiro do Norte, município do estado do Ceará, localizado na mesorregião do Sul Cearense. O nome deriva de uma planta, o JUAZEIRO= “Nativa do Piauí a Minas Gerais, de folhas trinérveas, flores pequeninas em cachos globosos, frutos amarelos e comestíveis, e casca adstringente” (aule-te, 2021). A região passou a ser povoada pelos colonizadores portugueses no século XVIII. Em 1911 a vila é desmembrada da cidade do Crato, tornando-se cidade, mas recebe o nome atual apenas em 1945.</p>	<p>“Ele também me fazia contar coisas do meu Cariri natal, que era ali tão exótico e distante quanto as agulhas dos Cárpatos. Do Juazeiro e dos beatos [...]” (QUEIROZ, 1982, p.162).</p>
<b>Logradouro</b>	<p>O nome da fazenda mantém relação com a palavra LOGRADOR= “Fazendola, em terreno foreiro, na Serra do Araripe, destinada à criação de gado, geralmente em campos abertos. As benfeitorias quase sempre se limitam à casa de morada e a um barreiro” (CABRAL, 1972, p.502).</p>	<p>“Conceição vinha passar uns meses com a avó (que a criara desde que lhe morrera a mãe), no Logradouro, a velha fazenda da família, perto do Quixadá” (QUEIROZ, 1981, p.4-5).</p>
<b>Mororó</b>	<p>Em referência à rua Padre Mororó, em Fortaleza. Esta é uma das principais ruas do centro da cidade. Padre Gonçalo Inácio de Albuquerque e Mello, ou simplesmente Padre</p>	<p>“Mudara-se para o fim da linha do Mororó, perto do cemitério” (QUEIROZ, 1982, p.81).</p>

	Mororó, foi um revolucionário brasileiro e o primeiro jornalista cearense, recebendo o título de patrono estadual dos jornalistas. Até 1888 era chamada <i>Rua São Cosmo</i> , recebendo o nome atual em 1889. Porém, em 1890 foi intitulada <i>Rua 16</i> , voltando, tempos depois, a denominação de <i>Rua Padre Mororó</i> . É nesta rua que se encontra o Cemitério São João Batista, aberto em 1866 (FALCÃO; FALCÃO; CARNEIRO, 2021).	
<b>Norte</b>	Em referência ao Estado do Amazonas e/ou à Região Amazônica.	“Diz que vai pro Ceará e de lá embora pro Norte...” (QUEIROZ, 1981, p.7, grifo do autor).
<b>Pauis</b>	Plural de PAUL= “Terra encharcada, alagadiça; pântano” (AULETE, 2021).	“A caatinga despontava toda em grelos verdes; pauis esverdeados, dum sujo tom de azinhavre líquido” (QUEIROZ, 1981, p.107).
<b>Perambeiras</b>	“O mesmo que precipício” (AULETE, 2021).	“Agora estava eu no alpendre da minha Casa Forte, olhando o mundo em redor: lá embaixo na várzea, lá em cima na serra e, para os dois lados, as perambeiras do pé do morro” (QUEIROZ, 1992, p.293).
<b>Província do Rio de Janeiro</b>	Designação antigamente atribuída ao atual Estado do Rio de Janeiro.	“Era filho da Província do Rio de Janeiro, onde se criou. Com o pai, a mãe e um tio, formavam um grupo de saltimbancos, andando de feira em feira” (QUEIROZ, 1992, p.75).
<b>Quixadá</b>	Município cearense, localizado na mesorregião dos Sertões Cearenses. Sua povoação remonta ao século XVII. Em 1747 iniciou-se a construção de moradias nas terras do “Sítio Quixadá”. Com a presença da estrada de ferro houve desenvolvimento da região, e em 1869 foi criada a Freguesia de Quixadá e um ano depois erigido como Município. O nome tem origem na expressão “Oh eu sou o Senhor” – e que na língua cariri seria: <i>Qui</i> = Oh; <i>Xé</i> = eu; <i>Uará</i> = senhor.	“Conceição vinha passar uns meses com a avó (que a criara desde que lhe morrera a mãe), no Logradouro, a velha fazenda da família, perto do Quixadá” (QUEIROZ, 1981, p.4-5).
<b>Quixeramobim</b>	Município do estado do Ceará, localizado na mesorregião dos Sertões Cearenses. Este nome deriva do vocábulo <i>kieramobim</i> (‘kirá’, pássaro + ‘obim’, verde). Fundada como <i>Campo Maior</i> , em 1702. Já em 1766 o povoamento passa a ser chamado de Santo Antônio do Boqueirão de Quixeramobim, elevada a vila, em 1789, agora sob o nome de <i>Vila Nova de Campo Maior de Quixeramobim</i> . Em 1858 é elevada a cidade, recebendo a denominação atual (BATISTA, 2011, p.133-134).	“Do interior (de Quixeramobim, onde a superiora a mandara passar as férias)” (QUEIROZ, 1982, p.86).

<b>Redenção</b>	<p>Município do Estado do Ceará, localizado na mesorregião do Norte Cearense. Foi erigida como vila, em 1968 e como cidade, em 1889.</p> <p>Antigamente conhecida como Acarape, Redenção é assim denominada “por ter sido a localidade que primeiro se libertou da escravidão no Brasil” (SERAINÉ, 1946, p.271-272), isto em 1 de janeiro de 1883.</p>	<p>“Não mando praça, porque só tem lá na Redenção. Aqui no Acarape, só requisitando” (QUEIROZ, 1981, p.62).</p>
<b>Rumaico</b>	<p>Aqueles nascidos na Romênia. O mesmo que romeno.</p>	<p>“Dr. Isaac, um rumaico de cabelo vermelho” (QUEIROZ, 1982, p.161).</p>
<b>Serra dos Padres</b>	<p>Lugar fictício que especificamente representaria as montanhas nas quais se encontrariam as terras da herança dos avós de Maria Moura e onde ela se instalaria por definitivo.</p>	<p>“A casa atarracada ficava à frente de uma espécie de barreira formada por dois serrotes, um maior outro menor, e que eram os contrafortes de Serra dos Padres” (QUEIROZ, 1992, p.9).</p>
<b>Serrotes</b>	<p>“Pequena serra, de vários tipos e formas, com um só cabo em uma das extremidades da lâmina, ou com arco de metal. Montanha pequena” (MICHAELIS, 2000, p.1928).</p>	<p>“Passa por catinga e por serrotes; por mata e cerrado, por léguas de campos e alagados” (QUEIROZ, 1992, p.225).</p>
<b>Tauape</b>	<p>Tauape ou São João do Tauape é um bairro de Fortaleza.</p> <p>Segundo Teodoro Sampaio (1987, p.326), Tauape deriva de uma palavra indígena que significa “no barreiro”.</p>	<p>“Chico Bento conseguiu obter o ambicionado lugar no açude do Tauape” (QUEIROZ, 1981, p.73).</p>
<b>Timbaúba</b>	<p>Nome derivado de uma planta= “Árvore leguminosa-mimosácea” (MICHAELIS, 2000, p.2064).</p>	<p>“Na Timbaúba dinheiro não corre, não tem movimento” (QUEIROZ, 1992, p.182).</p>
<b>Viração</b>	<p>“Vento suave e fresco que sopra, durante o dia, do mar para a terra; aragem, brisa. [...]. Cerração que ocorre, durante o verão, principalmente de tarde, entre duas e quatro horas” (MICHAELIS, 2000, p.2206).</p>	<p>“Quando já estava soprando a viração da tarde, se ouviu o tropel das duas montarias” (QUEIROZ, 1992, p.198).</p>

Fonte: O autor.

## APÊNDICE G

Quadro com palavras referentes ao grupo conceitual 'Sobre as Pessoas' presentes nas três obras analisadas

**Quadro 9** – Grupo conceitual 'Sobre as Pessoas'

	Significado	Na obra
<b>Abalroar</b>	“Ir de encontro a. [...]. Chocar-se” (MICHAELIS, 2000, p.5).	“Rodopiei loucamente no chicote, abalroei com furor nos pequenos automóveis da autopista” (QUEIROZ, 1982, p.196).
<b>Abanar</b>	“Agitar, balançar, sacudir” (MICHAELIS, 2000, p.5). “Pôr o ar em movimento com o abano, leque ou objeto semelhante” (GIRÃO, 2000, p.58).	“Conceição abanou a cabeça” (QUEIROZ, 1981, p.9).
<b>Abancar</b>	“Sentar-se. [...] Tomar assento à banca ou à mesa” (MICHAELIS, 2000, p.5).	“Quando os dois se abancaram, tomaram a tigela de chá e começaram a falar” (QUEIROZ, 1992, p.35). “Abanque-se!” (QUEIROZ, 1981, p.16).
<b>Abestado</b>	“No PI e no CE é tolo, abestalhado, <i>patureba</i> ” (NAVARRO, 2004, p.25). “Abestalhado, imbecilizado, tonto” (GIRÃO, 2000, p.58).	“É tudo abestado, café eles nem conhecem” (QUEIROZ, 1992, p.86). “Você anda abestado, ou isso é ruindade?” (QUEIROZ, 1981, p.38).
<b>Aboiava</b>	Relativo a aboio. Aboio= “Canto ou toada um tanto dolente do vaqueiro, para chamar o gado ou dirigi-lo mansamente” (GIRÃO, 2000, p.59). Do verbo ABOIAR= “Cantar a toada dos vaqueiros, tangendo o gado” (CABRAL, 1972, p.25). “Chamar o gado com sons a que esteja afeito, para facilitar-lhe a marcha ou vir ao mangueiro” (MICHAELIS, 2000, p.15).	“E aboiava baixinho, como se embalasse criança” QUEIROZ, 1992, p.182). “O vaqueiro das Aroeiras aboiava dolorosamente” (QUEIROZ, 1981, p.12).
<b>Aboletei</b>	Do verbo ABOLETAR= “Alojar-se, refestelar-se. Sentar-se ou acomodar-se, em descanso ou repouso” (CABRAL 1972, p.26).	“Fui para a feira, me aboitei junto ao meu tabuleiro [...]” QUEIROZ, 1992, p.193).
<b>Abusão</b>	“Superstição, erro vulgar, agouro, patranha” (GIRÃO, 2000, p.59).	“Eram muito supersticiosos, viviam impedidos por toda espécie de abusão” (QUEIROZ, 1992, p.309).

<b>Abusava</b>	Do verbo ABUSAR= “Aborrecer, causar incômodo” (GIRÃO, 2000, p.59).	” Por todo o resto da vida, nunca mais tocou em pequi. Até o cheiro abusava” (QUEIROZ, 1992, p.80).
<b>Acabrunhada</b>	“Envergonhada, triste, decepcionada” (CABRAL, 1972, p.29).	“A parentela acabrunhada” (QUEIROZ, 1982, p.149).
<b>Acercar</b>	“Abeirar(-se), chegar(-se), aproximar(-se), avizinhar(-se)” (MICHAELIS, 2000, p.36).	“Um grupo delas acercou-se de nós” (QUEIROZ, 1982, p.8).
<b>Aclimar</b>	“Acostumar a novo clima” (MICHAELIS, 2000, p.43).	“Aclimei-me, entre tanto, bem depressa” (QUEIROZ, 1982, p.161).
<b>Acoitar</b>	“Dar coito, guarida, a criminoso. Coitar” (CABRAL 1972, p.32).	“Achavam que a gente não seria tão doido a ponto de se acoitar ali por perto” (QUEIROZ, 1992, p.327).
<b>Aderente</b>	“Parente afim ou pessoa amiga, de íntimas relações” (CABRAL 1972, p.34).	“A família inteira dos Mendes — parente, aderente [...]” (QUEIROZ, 1992, p.396).
<b>Adeus</b>	“Aceno ou expressão de despedida ou, às vezes, de cumprimento” (AULETE, 2021). “Exclamação de pena ou saudade” (MICHAELIS, 2000, p.59).	“Essa é a comadre? Adeus, comadre, entre também!” (QUEIROZ, 1981, p.61).
<b>Adiantado</b>	“Intrometido, abelhudo, inconveniente, atrevido, ousado de maneiras” (GIRÃO, 2000, p.62).	“Ele era adiantado demais pro meu gosto” (QUEIROZ, 1992, p.260).
<b>Adstrita</b>	“Sujeita, submetida; limitada, restrita” (AULETE, 2021).	“discreta, adstrita à simples função de modelo” (QUEIROZ, 1982, p.120).
<b>Adulterina</b>	“Nascido(a) de adultério” (MICHAELIS, 2000, p.65).	“Filha adulterina. Pai casado e mãe da vida” (QUEIROZ, 1982, p.67).
<b>Afilado</b>	“Fino como um fio” (AULETE, 2021).	“O nariz estava afilado, sorvendo aflitivamente o ar” (QUEIROZ, 1982, p.149).
<b>Afogueado</b>	“Posto em brasa; esbraseado. Cor de fogo; vermelho” (MICHAELIS, 2000, p.73).	“Chico Bento, perto, olhava-a, com as mãos trêmulas, a garganta áspera, os olhos afogueados” (QUEIROZ, 1981, p.47).
<b>Agastou</b>	Do verbo AGASTAR= “Excitar(-se) por leves provocações; irritar(-se), deprimir(-se)” (MICHAELIS, 2000, p.77).	“O moço queria parte do dinheiro da mãe (eles diz ‘a legítima’), o velho se agastou” (QUEIROZ, 1992, p.388).
<b>Agreste</b>	“Que pertence ao campo ou a seus habitantes. [...]. Rude, rústico, tosco. [...]”	“Era o mesmo homem forte do sertão, de beleza sadia e

	Homem rústico" (MICHAELIS, 2000, p.81). "Mata alta e rala da Chapada do Araripe, no Ceará" (CABRAL, 1972, p.40).	agreste" (QUEIROZ, 1981, p.55).
<b>Agudeza</b>	"Argúcia, perspicácia, sutileza" (MICHAELIS, 2000, p.85).	"Pondo no pasto seco os olhos tristes, como numa agudeza de desesperança" (QUEIROZ, 1981, p.12-13).
<b>Alcovita</b>	Do verbo ALCOVITAR= "Inculcar, servindo de mediano em relações amorosas. Intrigar ou tramar como alcoviteiro; alcofar" (MICHAELIS, 2000, p.97).	"A Sinhazinha namora, a negra velha alcovita..." (QUEIROZ, 1992, p.96).
<b>Aleijão</b>	"Objeto malfeito, disforme" (MICHAELIS, 2000, p.99).	"Mulher que não casa é um aleijão" (QUEIROZ, 1981, p.5).
<b>Algaravia</b>	"Confusão de vozes. Linguagem confusa e ininteligível" (MICHAELIS, 2000, p.103).	"Falava como eles, naquela algaravia impossível de reproduzir" (QUEIROZ, 1992, p.307).
<b>Almocreve</b>	"Indivíduo que tem por ofício alugar ou conduzir bestas de carga; arreeiro, azemel" (MICHAELIS, 2000, p.110).	"Zé Soldado então foi à Lagoa das Emas, levando Maninho de almocreve" (QUEIROZ, 1992, p.126).
<b>Alvo</b>	"Branco, claro. Cândido, límpido" (MICHAELIS, 2000, p.120).	"por causa da sua invencível alegria, dos seus olhos atrevidos, dos dentes alvos e risonhos" (QUEIROZ, 1982, p.24).
<b>Amainou</b>	Do verbo AMAINAR= "Abrandar, diminuir, serenar, tranquilizar" (MICHAELIS, 2000, p.121).	"Chiquinha e Zita, as meninas da cozinha, se puseram a gritar também, até que João Rufo chegou e amainou a gritaria e a prantina" (QUEIROZ, 1992, p.18).
<b>Amarelecer</b>	Ficar amarelo. Amarelo= "No Nordeste, MG, SP e MT é sinônimo de pessoa pálida" (NAVARRO, 2004, p.33). "Ficar amarelo, empalidecer, perder o viço" (MICHAELIS, 2000, p.123).	"Engalfinham os outros, amesquinados de intrigar, amarelecidos de tresler..." (QUEIROZ, 1981, p.31).
<b>Amesquinhar</b>	"Tornar(-se) mesquinho, depreciar(-se), deprimir(-se)" (MICHAELIS, 2000, p.129).	"Engalfinham os outros, amesquinados de intrigar, amarelecidos de tresler..." (QUEIROZ, 1981, p.31).
<b>Amigada</b>	Feminino de AMIGADO= "Amasiado" (CABRAL, 1972, p.53).	"Eles pouco se importavam com Mãe, casada ou amigada" (QUEIROZ, 1992, p.35).
<b>Amoítaram</b>	Do verbo AMOITAR= "Esconder-se, ocultar-se, retirar-se" (CABRAL, 1972,	"Os tropeiros que vinham a pé, tangendo a carga, se

	p.55).	amoitaram à beira da trilha" (QUEIROZ, 1992, p.257).
<b>Amolentar</b>	"Tornar(-se) um tanto mole [...]. Perder a energia" (MICHAELIS, 2000, p.133).	"O cansaço o amolentava" (QUEIROZ, 1981, p.29).
<b>Amuada</b>	Relativo a amuar. Amuar= "Desgostar-se por pequena contrariedade ou ofensa e obstinar-se em não mais tomar parte na conversação, brinquedo etc. [...]. Aborrecer" (MICHAELIS, 2000, p.137).	"Conceição queixou-se, amuada" (QUEIROZ, 1981, p.43).
<b>Amunhecou</b>	"Cair, fraquejar das mãos (diz-se do cavalo)" (MICHAELIS, 2000, p.137). "Originalmente, é quando o cavalo fraqueja dos cascos e cai. Em sentido figurado, é esmorecer, reconhecer a derrota" (NAVARRO, 2004, p.34).	"A cabra entonteceu, amunhecou, e caiu em cheio por terra" (QUEIROZ, 1981, p.48).
<b>Ancha(o)</b>	"Cheio de si, vaidoso" (MICHAELIS, 2000, p.144). "Cheio de si, satisfeito, alegre" (GIRÃO, 2000, p.69). "Orgulhoso, vaidoso, cheio de si" (CABRAL, 1972, p.57).	"Andava toda ancha, se fazendo de boa..." (QUEIROZ, 1981, p.41).
<b>Antípoda</b>	"O contrário, o oposto. Lugar muito distante" (MICHAELIS, 2000, p.171).	"Abrigando outras vidas antípodas, lá estavam as casas do Orfanato" (p.22).
<b>Apanhar</b>	"Colher, recolher. [...]. Pegar com a mão, tomar" (MICHAELIS, 2000, p.179). Derivado de apanha. Apanha= "A colheita do feijão, do café, etc. [...]. O verbo teve primeiramente significado de colher e dobrar um pano" (GIRÃO, 2000, p.71). "Sofrer decepção. Ter fracassos" (CABRAL, 1972, p.62).	"Pôs-se a apanhar as suas pedras" (QUEIROZ, 1982, p.13).
<b>Aparvalhada</b>	Feminino de APARVALHADO= "Atoleimado, embasbacado, idiota. Atrapalhado, desnortado" (MICHAELIS, 2000, p.181).	"Eu ainda era aquela inocente aparvalhada, mas eu sabia bem de todos esses assuntos de amor" (QUEIROZ, 1992, p.135).
<b>Apear</b>	"Desmontar, fazer descer, ajudar a descer, tirar da cavalgada, da carruagem, do carro, do trem" (MICHAELIS, 2000, p.182).	"Nenhum de nós teve coragem de apear" (QUEIROZ, 1992, p.69). "O dono apeou, com a mesma indolência desajeitada" (QUEIROZ, 1981, p.15). "Papai apeou, me pegou no colo, entregou-me à criada" (QUEIROZ, 1982, p.47).

<b>Aperrear</b>	<p>“Cansado, aborrecido, tristonho” (MICHAELIS, 2000, p.184).</p> <p>Ficar aperreado. Aperreado= “Chateado, encrecado, perseguido” (NAVARRO, 2004, p.36).</p> <p>“Enfezado. O que está em dificuldades, apoquentado, apertado” (GIRÃO, 2000, p.71).</p>	<p>“Como dizem os meus irmãos quando querem me aperrear” (QUEIROZ, 1992, p.73).</p> <p>“A mãe, gorda e aperreada, governava tudo” (QUEIROZ, 1982, p.34).</p>
<b>Apinhar</b>	<p>“Aglomerar, apertar, juntar, como os pinhões numa pinha” (MICHAELIS, 2000, p.186).</p>	<p>“O povo se apinhava na avenida” (QUEIROZ, 1981, p.109).</p>
<b>Aplanar</b>	<p>“Desembaraçar, livrar de estorvos, de obstáculos” (MICHAELIS, 2000, p.187).</p>	<p>“A imaginação esperançosa aplanava as estradas difíceis” (QUEIROZ, 1981, p.18).</p>
<b>Apostemou</b>	<p>Do verbo APOSTEMAR= “Produzir abscesso ou apostema em. [...]. Agastar-se, irritar-se, zangar-se” (MICHAELIS, 2000, p.192).</p>	<p>“Com poucos dias o Roque já estava com o braço sarado. O pedaço de ferro apostemou, saiu uma ponta dele [...].” (QUEIROZ, 1992, p.173).</p>
<b>Apóstrofes</b>	<p>“Frase enérgica, incisiva ou pungente dirigida inesperadamente a alguém” (MICHAELIS, 2000, p.192).</p>	<p>“Viu pelo bafo do marido e pela fúria das apóstrofes, tão desacostumadas no seu natural sossegado, que ele tinha bebido” (QUEIROZ, 1981, p.22).</p>
<b>Areados</b>	<p>“Atacado de ar; estuporado. Desatinado, perturbado. Perdido no mato; desnortado, desorientado” (MICHAELIS, 2000, p.208).</p>	<p>“Paramos, areados e botando a alma pela boca” (QUEIROZ, 1992, p.410).</p>
<b>Arear</b>	<p>O mesmo que ARIAR= “Limpar (com ou sem areia)” (CABRAL, 1972, p.70).</p>	<p>“Como é que eu ia poder acordar com o sol, lavar o rosto, arear os dentes, quebrar o jejum [...].” (QUEIROZ, 1992, p.135).</p>
<b>Arenga</b>	<p>“Mexerico, intriga, enredo” (GIRÃO, 2000, p.74).</p>	<p>“Só quando nos chegava alguma novidade especial, havia arenga entre eles, mas João Rufo resolvia com dois gritos” (QUEIROZ, 1992, p.476).</p>
<b>Arquejar</b>	<p>“Respirar com dificuldade, sofrendo; ansiar, arfar, ofegar” (MICHAELIS, 2000, p.216).</p>	<p>“Deitado numa cama de trapos, arquejando penosamente” (QUEIROZ, 1981, p.38).</p> <p>“Ainda arquejava, quando o fui ver” (QUEIROZ, 1982, p.148).</p>
<b>Arrabalde</b>	<p>“Povoação que fica perto de uma cidade. [...] Arredores, cercanias [...]. Proximidade, vizinhança” (MICHAELIS, 2000, p.219).</p>	<p>“Ensinava numa escola de arrabalde” (QUEIROZ, 1982, p.81).</p>
<b>Arriar</b>	<p>“Pôr abaixo, fazer descer (o volume, a carga etc.)” (CABRAL, 1972, p.79).</p> <p>“Baixar, pôr no chão (objeto muito</p>	<p>“Depois de arriar as trouxas e aliviar a burra, reparou nos vizinhos” (QUEIROZ, 1981, p.28).</p>

	pesado)" (MICHAELIS, 2000, p.224).	
<b>Arribação</b>	<p>"Movimento migratório de animais (especialmente aves), geralmente em determinada estação do ano" (AULETE, 2021).</p> <p>"Sair ou ausentar-se sem licença" (MICHAELIS, 2000, p.224).</p>	"Sempre tenho umas camas dessas, pra esse pessoal de arribação, que vem por um dia ou dois" (QUEIROZ, 1992, p.301).
<b>Arribar</b>	"Fugir, retirar-se, desaparecer furtando-se à punição" (GIRÃO, 2000, p.77).	"Ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar" (QUEIROZ, 1981, p.18).
<b>Arruado</b>	<p>"Série de casas à beira de uma estrada. [...] Lugarejo de uma só rua" (MICHAELIS, 2000, p.227).</p> <p>"Vilarejo com poucas casas, quase sempre nas margens das estradas" (NAVARRO, 2004, p.41).</p> <p>"Povoado" (CABRAL, 1972, p.82).</p>	"la sumir no casario dormente dum arruado" (QUEIROZ, 1981, p.51).
<b>Arruído</b>	"Ruído. Clamor confuso e tumultuoso de muitas vozes reunidas. Tumulto. Ostentação ruidosa de qualquer festa" (MICHAELIS, 2000, p.227).	"Chico Anum chegou ao capricho de amarrar uns trapos nos cascos dos animais, para abafar qualquer arruído nas pedras do caminho" (QUEIROZ, 1992, p.66).
<b>Atalhou</b>	"Responder interrompendo quem está falando" (MICHAELIS, 2000, p.248).	"A moça atalhou" (QUEIROZ, 1981, p.10).
<b>Atarantado</b>	"Perplexo, confuso, atrapalhado, tonto" (CABRAL, 1972, p.88).	"O cabra, atarantado, levantou a mão, se descobriu" (QUEIROZ, 1992, p.294).
<b>Atarracado</b>	"Diz-se do indivíduo baixo e grosso" (CABRAL, 1972, p.89).	"Duarte me apresentou ao estranho, que era um homem grosso, atarracado, vermelhão" (QUEIROZ, 1992, p.470).
<b>Atiçar</b>	"Avivar, espertar (o lume) soprando ou lançando combustível" (MICHAELIS, 2000, p.251).	"Uma cabocla nova atiçava um fogo" (QUEIROZ, 1981, p.42).
<b>Atravancar</b>	"Impedir com traves, tranqueiras ou outro obstáculo a passagem ou o acesso. [...]. Acumular muitas coisas em (um lugar)" (MICHAELIS, 2000, p.256).	"Arranchados numa velha casa de farinha, toda atravancada pelos aviamentos desmantelados" (QUEIROZ, 1981, p.38).
<b>Atrevida</b>	"Arrojado, audaz, ousado, resoluto" (MICHAELIS, 2000, p.257).	"Tinha uma plástica tão atrevida" (QUEIROZ, 1982, p.27).
<b>Atrevimento</b>	"Ação de atrever-se; afoiteza, arrojo, audácia intrepidez, ousadia, temeridade. Insolência, petulância" (MICHAELIS, 2000, p.257).	"A viúva, recebendo o presente, dobrou-o bem, ficou alisando no colo as pregas do pano, e pediu licença para tomar um atrevimento" (QUEIROZ, 1992, p.154).

<b>Aturdido/a(s)</b>	<p>“Atordoar(-se), estontear(-se) [...]. Assombrar, causar espanto a” (MICHAELIS, 2000, p.259).</p>	<p>“O pessoal, na sala, não se mexera; pareciam todos meio aturdidos” (QUEIROZ, 1992, p.187).</p> <p>“Ela então se virava espantada, aturdida” (QUEIROZ, 1981, p.37).</p>
<b>Aventuroso</b>	<p>“Em que há aventura. Que oferece riscos; arriscado, perigoso” (MICHAELIS, 2000, p.270).</p>	<p>“Sentia com que um ímã o atraindo para aquele destino aventureiro” (QUEIROZ, 1981, p.83).</p> <p>“A sua lenda de mulheres transviadas, a vida aventureira e boêmia” (QUEIROZ, 1982, p.189).</p>
<b>Avinhado</b>	<p>“Impregnado de vinho (diz-se de vasilha ou casco)” (MICHAELIS, 2000, p.272).</p> <p>“Que apresenta cor num tom de vinho ou quase vinho” (AULETE, 2021).</p>	<p>“Um curandeiro que a gente chamou, declarou que a aguardente tinha avinhado os figos da mulher” (QUEIROZ, 1992, p.288).</p>
<b>Azedume</b>	<p>“Irritação, mau humor” (MICHAELIS, 2000, p.275).</p> <p>“Relativo a AZEDO= “Aborrecido, irritado” (CABRAL, 1972, p.95).</p>	<p>“Eu mesmo me sentia cheia de impertinências e azedume” (QUEIROZ, 1982, p.156).</p>
<b>Baboso</b>	<p>“Que se baba. [...] Muito obsequioso com as mulheres” (MICHAELIS, 2000, p.280).</p> <p>“Adulador. Meloso, dengoso, de agrado exagerados” (CABRAL, 1972, p.100).</p>	<p>“Parecia-me ver o homem, camisa suada fedendo, os beiços babosos, a carne mole” (QUEIROZ, 1982, p.112).</p>
<b>Baça</b>	<p>Feminino de baço= “De cor escura [...] Descorado, embaciado, sem brilho” (MICHAELIS, 2000, p.281).</p>	<p>“Vendo minhas mãos, meus olhos feitos daquela luz baça” (QUEIROZ, 1982, p.99).</p>
<b>Bambochata</b>	<p>“Orgia; patuscada, comezaina” (MICHAELIS, 2000, p.292).</p>	<p>“Sabe lá que bambochatas de estudantes, disfarçadas em livros” (QUEIROZ, 1981, p.30).</p>
<b>Banhar</b>	<p>“Dar banho a” (MICHAELIS, 2000, p.295).</p>	<p>“A comadre Inácia banhou o gado dela todo” (QUEIROZ, 1981, p.7).</p>
<b>Beiço</b>	<p>“Cada uma das duas partes exteriores e carnudas que formam o contorno da boca; lábio” (MICHAELIS, 2000, p.313).</p>	<p>“Indaguei, sentindo o beiço me tremer de raiva” (QUEIROZ, 1992, p.35).</p> <p>“Mocinha esticou o beiço, num gesto vago” (QUEIROZ, 1981, p.36).</p> <p>“Mocinha esticou o beiço, num gesto vago” (1981, p.36).</p> <p>“Parecia-me ver o homem, camisa suada fedendo, os beiços</p>

		babosos, a carne mole” (QUEIROZ, 1982, p.112).
<b>Beri-beri</b>	Ou BERIBÉRI= “Enfermidade peculiar a algumas regiões tropicais, produzida pela carência de vitamina B1” (MICHAELIS, 2000, p.319).	“O irmão tinha morrido de beriberi (QUEIROZ, 1992, p.36). “Só ficava na coberta um velho senhor doente de beribéri” (QUEIROZ, 1982, p.158).
<b>Besta-fera</b>	“Indivíduo perverso, criminoso, brutal” (CABRAL, 1972, p.126).	“Saí também feito um desesperado, no rastro do outro, a besta-fera” (QUEIROZ, 1992, p.165).
<b>Bichinha(o)</b>	“Tratamento carinhoso, meu bem, benzinho, meu cabritinho, meu querido. Usado, geralmente, em relação às crianças” (GIRRÃO, 2000, p.95). “Tratamento familiar carinhoso” (MICHAELIS, 2000, p.323).	“Coitadinha da bichinha...” (QUEIROZ, 1992, p.20). “Esta bichinha desde de manhã deve estar assim” (QUEIROZ, 1981, p.15).
<b>Biocos</b>	“Manta, capuz ou lenço que envolve a cabeça e parte do rosto. Falsa modéstia; hipocrisia” (MICHAELIS, 2000, p.328).	“Nos biocos em que se disfarçavam, ela e Iria, decerto eram tomadas por um par de escravas [...]” (QUEIROZ, 1992, p.158).
<b>Bilrava</b>	Do trabalho com BILRO= “Peçazinha de madeira com feitiço de fuso ou pêra, e com a qual se fazem rendas ou obras de cabelo” (MICHAELIS, 2000, p.338).	“Gritou para a avó, que bilrava lá dentro” (QUEIROZ, 1981, p.8).
<b>Bisca</b>	“Salafário, indivíduo portador de qualidades negativas, de reputação duvidosa” (CABRAL, 1972, p.132).	“Não tinha bodega na vila, nem roda de bisca, rancho de lavadeira na cacimba, que falasse em outra coisa: as três mortes do Limoeiro” (QUEIROZ, 1992, p.32).
<b>Bistrado</b>	“Quem tem bistre. Da cor de bistre” (AULETE 2021). BISTRE= “O roxo das olheiras” (MICHAELIS, 2000, p.334).	“Cultivando a admiração terna e exaltada que lia nos olhos bistrados dela” (QUEIROZ, 1982, p.137).
<b>Bocadinho</b>	“Um pouco de; uma pequena porção de” (MICHAELIS, 2000, p.338).	“O poeta Ramos, que vinha em procura de um bocadinho de arte” (QUEIROZ, 1982, p.116).
<b>Bocado</b>	“Pedaço ou porção de qualquer coisa” (MICHAELIS, 2000, p.338). “Aquilo que se come. O alimento. [...]. Grande porção (coisa, tempo ou distância)” (CABRAL, 1972, p.134).	“A Iria acha que Sinhô Padre tem que passar aqui um bocado de dias” (QUEIROZ, 1992, p.168). “Querida que me cedesse um bocado” (QUEIROZ, 1981, p.9).
<b>Bode</b>	“Mestiço, mulato” (MICHAELIS, 2000, p.339). “Menino, moleque” (CABRAL, 1972,	“Não vê, guta, que eu vou paparicar este bode!” (QUEIROZ, 1982, p.104).

	p.135).	
<b>Bofes</b>	"Nome vulgar do pulmão" (MICHAELIS, 2000, p.340).	"Era o Maninho quem botava os bofes pela boca" (QUEIROZ, 1992, p.182).
<b>Bojuda</b>	Feminino de bojudo= "Que tem grande ou muito bojo" (MICHAELIS, 2000, p.341). Bojo= "Ventre grande" (MICHAELIS, 2000, p.341).	"Se arrasta, engorda em iniciais bojudas, laboriosas" (QUEIROZ, 1982, p.45).
<b>Brabo</b>	"Bravo, arisco, não domado (o animal). Grosseiro, estouvado, zangado. Valente, perverso" (CABRAL, 1972, p.147). "O mesmo que bravo: corajoso; irritadiço; furioso, irado; agitado, tempestuoso, violento. Que é predisposto a brigar e a alterar; brigão; valentão" (AULETE, 2021).	"Eu ia a cavalo e escutei o vozeirão dele passando um carão no moleque. Muito brabo" (QUEIROZ, 1992, p.267).
<b>Brancaranas</b>	"Mulata clara. Mestiça que parece branca" (MICHAELIS, 2000, p.354).	"Eu não podia ver uma mulher desejável (o que aliás era difícil, no meio daquelas brancaranas mal lavadas)" (QUEIROZ, 1992, p.309).
<b>Brandir</b>	"Agitar (a mão, os punhos)" (MICHAELIS, 2000, p.354).	"Veio-lhe um ímpeto de brandi-la e ir disputar a presa" (QUEIROZ, 1981, p.49).
<b>Brusco</b>	"Imprevisto, rápido, repentino" (MICHAELIS, 2000, p.363).	"Vista de uma vez e surpreendida de brusco, deu-me um choque" (QUEIROZ, 1982, p.41).
<b>Bucho</b>	"O ventre do homem" (MICHAELIS, 2000, p.364). "O estômago. A barriga" (CABRAL, 1972, p.154).	"Soca um quarto de rapadura no bucho e ainda fala em fome!" (QUEIROZ, 1981, p.34).
<b>Bugre</b>	"Índio" (GIRÃO, 2000, p.107). "Denominação depreciativa dada a indivíduo de origem indígena, preconceituosamente tido como selvagem, rude, incivilizado e herético" (AULETE, 2021).	"Morreu muito bugre, parece que o lugar se tornou amaldiçoado pra eles" (QUEIROZ, 1992, p.22).
<b>Bulir</b>	"Aperrear, chatear. Malinar. [...]. Deflorar" (CABRAL, 1972, p.155).	"Estava furioso da vida com o filho, achava que o rapaz devia de ter ido bulir com o Peba Preto para inticar com ele, o pai" (QUEIROZ, 1992, p.413).
<b>Burlesca</b>	"Cômico, grotesco, ridículo" (MICHAELIS, 2000, p.368).	"Trafegavam continuamente bilhetinhos em decassílabos ou em sonetos, paráfrases burlescas" (QUEIROZ, 1982, p.20).

<b>Caboclo(a)</b>	<p>Caboclo= “Rapaz, sujeito” (NAVARRO, 2004, p.80). “Homem mestiço, resultante do cruzamento do branco europeu com o índio” (GIRÃO, 2000, p.114).</p> <p>Cabocla= “Denominação dada geralmente à mulher do povo e de modo especial à mestiça do índio com o negro” (CABRAL, 1972, p.167).</p>	<p>“Um caboclo escuro e um branco amarelo, de bigode ruivo” (QUEIROZ, 1992, p.9).</p> <p>“Sempre o conheceu querendo ser vaqueiro como um caboclo desambicioso” (QUEIROZ, 1981, p.10).</p> <p>“E junto deles, uma cabocla nova atiçava um fogo” (QUEIROZ, 1981, p.42).</p>
<b>Cabrito(a)</b>	<p>Cabrito= Relativo a cabra(s) (GIRÃO, 2000, p.114). “Menino, molecote. Garoto atrevido” (CABRAL, 1972, p.169).</p> <p>Cabrita= “Menina-moça, lolita, <i>burrega</i>” (NAVARRO, 2004, p.82). “Garota irrequieta, traquinas” (CABRAL, 1972, p.169).</p>	<p>“Dudinha! Ande para casa! Seu cabrito!” (QUEIROZ, 1981, p.93).</p>
<b>Cabritinha</b>	<p>Diminutivo de CABRITA= “Garota irrequieta, traquinas” (CABRAL, 1972, p.169).</p>	<p>“Ninguém me diga que ela está inocente, alguma coisa a cabritinha aprontou!” (QUEIROZ, 1992, p.33).</p>
<b>Cafuso</b>	<p>CAFUZO= “Mestiço de negros e índio da América; zambo” (MICHAELIS, 2000, p.385).</p>	<p>“É um cafuso, mais pra caboclo” (QUEIROZ, 1992, p.171).</p>
<b>Cãibras</b>	<p>O mesmo que CÃIMBRA= “Contração dolorosa dos músculos” (CABRAL, 1972, p.178).</p>	<p>“Trabalhei o dia todo, já estava com cãibras nos dedos e estrompei meia dúzia de penas” (QUEIROZ, 1992, p.280).</p>
<b>Calango</b>	<p>Calangro ou Calango= “Os músculos do antebraço (bíceps)” (CABRAL, 1972, p.184).</p>	<p>“Dinheiro ganho com seu esforço, com os calangos dos seus braços” (QUEIROZ, 1981, p.74).</p>
<b>Calcula</b>	<p>Do verbo CALCULAR= “Avaliar; estimar [...]. Prever (as consequências) atendendo aos precedentes e circunstâncias eventuais e necessárias” (MICHAELIS, 2000, p.394).</p>	<p>“Você não calcula, Conceição, como está engraçadinha!” (QUEIROZ, 1981, p.109).</p>
<b>Cambada</b>	<p>“Reunião de coisas [...]. Reunião ou grupo de pessoas, súcia, corja” (GIRÃO, 2000, p.122).</p>	<p>“Cambada ladrona!” (QUEIROZ, 1981, p.21).</p>
<b>Cândida</b>	<p>“Pura. Sincera. Ingênua. Inocente” (MICHAELIS, 2000, p.412).</p>	<p>“Maria José, entretanto, seduzida pelo que vira, muito cândida” (QUEIROZ, 1982, p.97).</p>
<b>Candura</b>	<p>“Qualidade do que é cândido. Alvura. Pureza. Ingenuidade, simplicidade, inocência; ausência de artifício” (MICHAELIS, 2000, p.413).</p>	<p>“Me escandalizava com a candura daquela menina vestida de freira” (p.29).</p>
<b>(O) Cão</b>	<p>“O diabo, satanás, capiroto, demo, o tihoso, o excomungado, o canhoto, o</p>	<p>“Só se o cão era o tal do negro velho!” (QUEIROZ, 1992,</p>

	fute" (GIRÃO, 2000, p.128).	p.209). "Diaba do chouto duro como o cão!" (QUEIROZ, 1981, p.21).
<b>Capar</b>	"Suprimir parte(s) de (obra, texto etc.) de modo destrutivo, danoso, prejudicial" (AULETE, 2021).	"Ou capar, como dizia Pai, falando de inimigos: 'Aquele só capando!'" (QUEIROZ, 1992, p.196).
<b>Carão</b>	"Esporro, bronca" (NAVARRO, 2004, p.96). "Ralho, forte reprimenda" (CABRAL, 1972, p.204).	"Fiquei vermelha, confusa, levantei-me esperando o carão" (QUEIROZ, 1982, p.27).
<b>Carecer</b>	"Precisar, necessitar" (CABRAL, 1972, p.204). "Ter ou sentir falta" (MICHAELIS, 2000, p.434).	"Pra que é que eu quero as minhas parselhas, se não for pra me arranjamem não só gente, como toda coisa de que se careça?" (QUEIROZ, 1992, p.237). "Carece é carrapaticida muito..." (QUEIROZ, 1981, p.6). "Careci de embelezar um pouco, pra Firma não disparatar" (QUEIROZ, 1992, p.54). "Quem tem vontade de se matar, mata-se sem carecer de um pretexto" (QUEIROZ, 1982, p.71).
<b>Careta</b>	"Ameaça" (MICHAELIS, 2000, p.434).	"Petrificadas as feições numa careta de choro, parado e sem voz" (QUEIROZ, 1981, p.75).
<b>Carne</b>	"O corpo humano. Parte vermelha dos músculos" (MICHAELIS, 2000, p.437).	"Parecia-me ver o homem, camisa suada fedendo, os beijos babosos, a carne mole" (QUEIROZ, 1982, p.112).
<b>Carneiro</b>	"Pessoa que obedece demasiadamente, sem vontade" (GIRÃO, 2000, p.133).	"Aos outros, engavetam nos carneiros sórdidos e os deixam ali" (QUEIROZ, 1982, p.125).
<b>Carpideiras</b>	"Mulher que chorava por dinheiro nos enterros; pranteadeira, choradeira. Mulher que vive a lastimar-se" (MICHAELIS, 2000, p.439).	"Na cama a velha, cercada pelas crias da casa que choravam, junto com a escrava emissária, agora acocorada ao pé da cama e comandando o coro das carpideiras" (QUEIROZ, 1992, p.105).
<b>Carranca</b>	"Cara fechada, de poucos amigos" (CABRAL, 1972, p.207). "Carranca antropomórfica ou zoomórfica que as embarcações do rio São Francisco ostentam; cabeça de proa" (NAVARRO, 2004, p.98-99).	"De quem suportava as anedotas e a carranca" (QUEIROZ, 1981, p.30).

<b>Casadouro</b>	“Que tem propensão para o casamento” (MICHAELIS, 2000, p.446).	“Não via, pela minha frente, bacharéis inteligentes e casadouros” (QUEIROZ, 1982, p.86).
<b>Cativa</b>	Feminino de cativo= “Escravidado. Obrigado à escravidão” (MICHAELIS, 2000, p.455).	“Eu tive sina de negra cativa, de negra ladrona, fugida” (QUEIROZ, 1982, p.37).
<b>Catuquei</b>	Do verbo CATUCAR (o mesmo que COTUCAR ou CUTUCAR)= “Tocar em outra pessoa, despertando-a ou chamando-lhe a atenção para algo” (CABRAL, 1972, p.216).	“Eu cheguei perto, catuquei-lhe as costelas com a ponta da chinela” (QUEIROZ, 1992, p.406).
<b>Cautela</b>	“Documento provisório. Fração dos bilhetes de loteria; gasparino” (MICHAELIS, 2000, p.457).	“Outras, vendendo cautelas, circulavam apressadas entre os passeantes” (QUEIROZ, 1981, p.108).
<b>Caxingando</b>	Do verbo CAXINGAR= “Coxear, claudicar, manquejar” (CABRAL, 1972, p.218).	“A gente ia deixar as montarias, com pena deles, para não chegarem em casa caxingando, a pé” (QUEIROZ, 1992, p.147-148).
<b>Chegou</b>	Do verbo CHEGAR= “Aproximar (algo ou si mesmo) de, acercar(-se) de. Mudar de posição” (AULETE, 2021).	“Vicente chegou as esporas ao cavalo, que arrancou, num grande impulso” (QUEIROZ, 1981, p.112).
<b>China</b>	“Moreno, tostado. Mulher de índio, ou pessoa que apresente alguns caracteres étnicos das mulheres indígenas. [...] Moça morena” (MICHAELIS, 2000, p.486).	“Meninas brancas de cor doentia, criadas nos casebres sujos e mal arejados das areias, caboclas do sertão com cara de chinas” (QUEIROZ, 1982, p.22).
<b>Chita</b>	“Pano ordinário de algodão, estampado a cores” (MICHAELIS, 2000, p.487). “Tecido de qualidade inferior, feito de algodão e geralmente estampado em cores” (AULETE, 2021).	“E pedia para ver uma chita ou um par de chinelas” (QUEIROZ, 1992, p.34). “Um confuso montão de trapos de chita” (QUEIROZ, 1981, p.32).
<b>Chocalhando</b>	Do verbo CHOCALHAR= “Agitar, fazendo soar como chocalho. [...] Mexericar” (MICHAELIS, 2000, p.487).	“Aquela gente que vivia e formigava ao seu redor, chocalhando os ossos descobertos” (QUEIROZ, 1981, p.81).
<b>Ciosa</b>	Feminino de cioso= “Cuidadoso ao extremo por afeição ou estima” (MICHAELIS, 2000, p.504).	“O jantar ficava esquecido nos pratos, e eram as Irmãs, sempre tão ciosas da disciplina, que promoviam a desordem” (QUEIROZ, 1982, p.59).
<b>Cirro</b>	“Estertor braquial; sarrido” (MICHAELIS, 2000, p.508). SARRIDO= “Respiração rouca,	“E a criança, com o cirro mais forte e mais rouco, ia-se acabando devagar” (QUEIROZ,

	característica de moribundo” (AULETE, 2021).	1981, p.40).
<b>Cismador</b>	Aquele que cisma, que pratica o ato de cismar. Cismar= “Desconfiar, duvidar” (GIRÃO, 2000, p.148).	“Ele é cismador, gosta de deitar no meu colo, fica ali, calado, pensando, roendo as unhas” (QUEIROZ, 1982, p.104).
<b>Cocó</b>	“Penteado que termina com uma rodilha de cabelos no alto da cabeça ou quase à nuca” (GIRÃO, 2000, p.149). “Rodilha dos cabelos da mulher no alto ou na parte posterior da cabeça” (CABRAL, 1972, p.241).	“Depois arranquei os anéis, que eram quatro, e um pente de tartaruga, bordado de ouro, que ela tinha encravado no cocó” (QUEIROZ, 1992, p.175).
<b>Cocorote</b>	“Pancada na cabeça dada com os nós dos dedos da mão fechada, cascudo, <i>croque</i> ” (NAVARRO, 2004, p.115, grifo do autor).	“O Pagão logo se influiu e veio me pedir pra viajar com Sinhozim Cirino e eu o ameacei com um cocorote” (QUEIROZ, 1992, p.378).
<b>Coito</b>	“Abrigo, guarida, proteção, homizio, valhacouto para cangaceiros ou criminosos” (CABRAL, 1972, p.245).	“Ela não só manda de lá espalhar os cabras roubando quem encontra nas estradas, como ainda dá coito a criminoso perseguido” (QUEIROZ, 1992, p.316).
<b>Comadre(s)</b>	“Madrinha de uma pessoa (em batizado, crisma etc.) em relação aos pais desta pessoa. Mãe de uma pessoa (batizada, crismada etc.) em relação aos padrinhos desta pessoa. Forma de tratamento para mulher com a qual se mantém algum relacionamento, ou para vizinha” (AULETE, 2021).	“As comadres da vila, [...], espalharam que, na camarinha da finada, a santa da parede não era Nossa Senhora coisa nenhuma: era mesmo Maria Madalena, a Pecadora” (QUEIROZ, 1992, p.33). “A comadre Inácia banhou o gado dela todo” (QUEIROZ, 1981, p.7).
<b>Comborço</b>	“Indivíduo amasiado em relação a outro amante ou ao marido da mulher com quem se amancebou” (MICHAELIS, 2000, p.540).	“Se ficar ali, vai ser igual à mãe, arranja logo um comborço e lá se vai o Limoeiro embora” (QUEIROZ, 1992, p.49-50).
<b>Compadre</b>	“O padrinho de pessoa batizada em relação ao pai dela, ou este em relação ao padrinho. Amigo íntimo, camarada; tratamento que se dá a amigos, conhecidos, vizinhos etc.” (AULETE, 2021).	“O compadre não é homem para executar aquilo a sangue frio” (QUEIROZ, 1992, p.206). “Você viu, compadre João, como a Jandaia tem carrapato?” (QUEIROZ, 1981, p.6).
<b>Conchegar</b>	“Apertar-se, unir-se [...]. Chegar-se, para achar conforto ou agasalho” (MICHAELIS, 2000, p.552).	“Lhe conchegar o travesseiro na cabeça” (QUEIROZ, 1982, p.64).
<b>Conchego</b>	“Comodidade doméstica; conforto, agasalho” (MICHAELIS, 2000, p.552). “Refúgio, abrigo” (AULETE, 2021).	“Ofereciam o seu conchego macio” (QUEIROZ, 1981, p.8).

<b>Confrangia</b>	Do verbo CONFRANGER= “Apertar. Afligir, angustiar, contrair, oprimir. [...]. Afligir-se, angustiar-se, sentir-se muito mal” (MICHAELIS, 2000, p.560).	“Seu coração de velha avó todo se confrangia” (QUEIROZ, 1981, p.95).
<b>Congesto</b>	“Vermelho, rubro” (MICHAELIS, 2000, p.561). “Rubro de emoção” (AULETE, 2021).	“A opressão que o angustia desde manhãzinha, assomou à janela, congesto, a mão enfurecida cortando o ar” (QUEIROZ, 1981, p.14).
<b>Consumição</b>	“Ato ou efeito de consumir. Desgosto, mortificação” (MICHAELIS, 2000, p.568).	“Enquanto a gente combinava as coisas, parecia fácil, mas na verdade foi uma consumição” (QUEIROZ, 1992, p.120).
<b>Contrafeito</b>	“Que não está à vontade. Constrangido, forçado” (MICHAELIS, 2000, p.574).	“O noivo, comovido e contrafeito, sorria timidamente” (QUEIROZ, 1982, p.75).
<b>Corregemos</b>	Do verbo CORREGER= “Revistar, procurar, vistoriar” (GIRÃO, 2000, p.155).	“Mostrei-lhe as armas. Corregemos os cabras, de um em um” (QUEIROZ, 1992, p.479).
<b>Corumim</b>	O mesmo que CURUMIM= “Menino, garoto” (AULETE, 2021).	“Tabitê, tinha aumentado o rancho, criava os mesmos bodes e vivia com a mulher e a mãe dela e uma ninhada de corumim” (QUEIROZ, 1992, p.81).
<b>Cozinhava</b>	“Ir levando (alguém, algo) na conversa, protelando ou evitando ação decisiva; embromar; enrolar” (AULETE, 2021).	“Um dos meninos dele, o Zé Soldado, ainda cozinhava uma rixa velha com o pessoal das Marias Pretas” (QUEIROZ, 1992, p.61).
<b>Criancice</b>	“Ato, dito ou modos próprios de criança” (MICHAELIS, 2000, p.608). Infantilidades.	“Nunca lhe reparou a inconsequência, a desordem, a criancice” (QUEIROZ, 1982, p.50).
<b>Crias</b>	Plural de CRIA= “Pessoa que foi criada ou se integrou na família” (GIRÃO, 2000, p.158).	“É até possível que eles, fazendo alguma andança por estes lados, se lembrem de ver se as crias dos velhos já cresceram” (QUEIROZ, 1992, p.122).
<b>Criatura</b>	“Modo afetuoso ou sugestivo de dirigir-se a alguém, para dar maior ênfase à palestra ou para convencer melhor” (CABRAL, 1972, p.272).	“Fiz um esforço para descobrir naquela criatura nova a jovem penitente zangada, de tantos anos atrás” (QUEIROZ, 1992, p.10). “Interessada por aquela criatura que chegava do sertão” (QUEIROZ, 1981, p.41). “Sentir-se a primeira no pensamento e no coração de uma criatura” (QUEIROZ, 1982,

		p.73).
<b>Crioula</b>	“Indivíduo de raça negra” (MICHAELIS, 2000, p.610).	“Da crioula cinematográfica que limpava os móveis cantando” (QUEIROZ, 1982, p.159).
<b>Cristão</b>	“Ente, pessoa” (MICHAELIS, 2000, p.613). “Certa pessoa. [...] Qualquer pessoa; alguém” (CABRAL, 1972, p.273). “Qualquer pessoa” (AULETE, 2021).	“Fechada, sem abrir a porta pra cristão nenhum” (QUEIROZ, 1992, p.71). “Um cristão” (QUEIROZ, 1981, p.28).
<b>Cunhã(s)</b>	“No Maranhão é mulher jovem. [...] No Piauí é sinônimo de empregada doméstica” (NAVARRO, 2004, p.125). “Mulher índia ou cabocla” (GIRÃO, 2000, p.160).	“Chiquinha e Zita, <i>as minha cunhãs?</i> ” (QUEIROZ, 1992, p.24, grifo nosso). “Chegou uma cunha com o café” (QUEIROZ, 1981, p.10).
<b>Curuba</b>	“Espécie de coceira persistente e contagiosa, provocada por pequenas pústulas pruriginosas. Sarna” (GIRÃO, 2000, p.161).	“Ele recebe enxofre pra vender na botica, que é muito procurado contra coceira braba e curuba” (QUEIROZ, 1992, p.329).
<b>Custou</b>	De CUSTO= “Demora, tardança” (GIRÃO, 2000, p.162).	“Custou mas saiu, arranhando um pouco o pescoço da dona” (QUEIROZ, 1992, p.175). “Com algum custo conseguiu ficar na casa” (QUEIROZ, 1981, p.50).
<b>Danou-se</b>	Do verbo DANAR= “Desesperar-se, encolerizar-se, irritar-se” (MICHAELIS, 2000, p.634). “Pôr-se a fazer algo difícil, trabalhoso etc., de modo incansável; esforçar-se muito, ou sacrificar-se (para alcançar ou realizar algo)” (AULETE, 2021).	“Agora já acha que pode se danar por aí por conta própria” (QUEIROZ, 1992, p.394). “Danou-se para vir pro Ceará porque ouviu dizer que estavam tratando retirante a vela de libra” (QUEIROZ, 1981, p.56).
<b>Defeso</b>	“Proibido, vedado” (MICHAELIS, 2000, p.645).	“la sem querer me perdendo na repetição desse verbo defeso” (QUEIROZ, 1982, p.133).
<b>Defluxo(s)</b>	“O mesmo que coriza. Escoamento anormal ou excessivo de líquido para certa parte do organismo” (AULETE, 2021).	“Vai apanhar um defluxo, ficar ainda mais queimada!” (QUEIROZ, 1981, p.82). “Página e meia de conselhos sobre a moral e os defluxos” (QUEIROZ, 1982, p.157).
<b>Demudado</b>	“Mudado, alterado [...], desfigurado (semblante)” (MICHAELIS, 2000, p.652).	“Vocemecê está muito demudado. Mas a voz não mudou” (QUEIROZ, 1992, p.313).
<b>Dengues</b>	“Qualidade de dengoso, de quem faz dengo” (AULETE, 2021).	“O dia seguinte ele passou todo em casa, bem-humorado, fazendo dengues com Rubina” (QUEIROZ, 1992, p.400). “Com você, fazendo sempre

		os meus dengues” (QUEIROZ, 1981, p.102).
<b>Derivativo</b>	“Medicamento revulsivo. [...]. Ocupação que serve para distrair o espírito e afastar ou evitar ideia, assunto, problema ou trabalho desagradável” (MICHAELIS, 2000, p.658).	“Onde sua alma fatigada encontrava derivativo e repouso” (QUEIROZ, 1981, p.90).
<b>Derrancar</b>	“Arrancar, desarraigar” (MICHAELIS, 2000, p.659).	“O único desejo do meu coração era derrancar hábitos” (QUEIROZ, 1982, p.79).
<b>Derreado</b>	“Pendido, inclinado” (CABRAL, 1972, p.291).	“Levantou o chapéu de couro, derreado no pescoço” (QUEIROZ, 1981, p.16).
<b>Desabridamente</b>	“De um modo desabrido, asperamente, grosseiramente” (MICHAELIS, 2000, p.661).	“Virou-se desabridamente para a outra, com uma fúria repentina” (QUEIROZ, 1981, p.97).
<b>Desacostumada(o)</b>	“Não habitual” (MICHAELIS, 2000, p.662).	“Uma frescura desacostumada” (QUEIROZ, 1981, p.13).
<b>Desadoradamente</b>	“Excessivamente. Incontroladamente” (CABRAL, 1972, p.293). Advérbio derivado do verbo DESADORAR= “Causar incômodo a; importunar” (MICHAELIS, 2000, p.662).	“Todas voltamos desadoradamente à Fiancée d'Avril” (QUEIROZ, 1982, p.31).
<b>Desadoro</b>	“Desespero; choro incontrolado, chororô” (CABRAL, 1972, p.294). “Estado de sofrimento, de quem padece de dores violentas” (NAVARRO, 2004, p.134).	“Ela clamava que estava feliz e ao mesmo tempo chorava naquele desadoro, eu não entendia” (QUEIROZ, 1992, p.107).
<b>Desafasta</b>	Do verbo DESAFASTAR= “Afastar” (CABRAL, 1972, p.294).	“Desafasta, senão ela morre!” (QUEIROZ, 1992, p.199).
<b>Desafogar</b>	“Desabafar, dizer (o que pensa ou sente) [...]. Consolar-se (dizendo ou exprimindo por qualquer outra forma o que pensa ou sente)” (MICHAELIS, 2000, p.663).	“Na multidão ofegante da plateia, que se desfogava agora em palmas” (QUEIROZ, 1982, p.89).
<b>Desambicioso</b>	“Que não tem ambições; desprendido; modesto” (AULETE, 2021).	“Sempre o conheceu querendo ser vaqueiro como um caboclo desambicioso” (QUEIROZ, 1981, p.10).
<b>Desarvorada</b>	“Desorientado, desnorteado, sem rumo” (MICHAELIS, 2000, p.667).	“Chorei até dormir, exausta, desarvorada, rolando a cabeça dolorida” (QUEIROZ, 1982, p.14).
<b>Desasnar</b>	“Adquirir conhecimentos rudimentares de instrução, arte, ofício etc.” (CABRAL, 1972, p.296).	“Era só para desasnar o rapaz, antes de ser mandado para os estudos na cidade”

		(QUEIROZ, 1992, p.255).
<b>Descaído</b>	“Caído, pendente; inclinado” (MICHAELIS, 2000, p.670).	““Esse seu meio sorriso de lábios descaídos”” (QUEIROZ, 1982, p.101).
<b>Descarnado</b>	“Emagrecido; debilitado” (CABRAL, 1972, p.298).	“Já tão descarnado!” (QUEIROZ, 1981, p.7).
<b>Descompostura</b>	“Censura áspera, reprimenda” (MICHAELIS, 2000, p.674).	“Com a trouxa na mão, ainda ouvia a descompostura” (QUEIROZ, 1981, p.50).
<b>Descompunha</b>	Do verbo DESCOMPOR= “Desarranjar, desordenar, tirar ou pôr fora do seu lugar. [...]. Desadornar(-se)” (MICHAELIS, 2000, p.674).	“Cuspindo, descompunha a burra enquanto tirava os arreios” (QUEIROZ, 1981, p.21).
<b>Descoroçados</b>	“Sem coragem. Desalentado, desanimado” (MICHAELIS, 2000, p.676).	“Os homens de fora se puseram a gritar de uns para os outros, descoroçados” (QUEIROZ, 1992, p.65).
<b>Desdenhoso</b>	“Altivo, soberbo” (MICHAELIS, 2000, p.677).	“O interesse arisco e desdenhoso do coração!...” (QUEIROZ, 1981, p.43).
<b>Desembuchou</b>	Do verbo DESEMBUCHAR= “Desabafar; contar tudo. Tornar-se conhecido ou ser divulgado (o segredo, o assunto, o fato, os planos etc.)” (CABRAL, 1972, p.300).	“Com eles o tal do advogado, que tinha ido entregar a intimação, e desembuchou [...]” (QUEIROZ, 1992, p.55).
<b>Desempenado</b>	“Desenvolto, desembaraçado. Elegante” (CABRAL, 1972, p.300).	“O Irineu era o melhorzinho, o mais desempenado; mas tinha uns olhos vermelhos, como se sofresse do mal da sarapiranga.” (QUEIROZ, 1992, p.35).
<b>Desenganchava</b>	“Separar, soltar (o que estava preso com gancho). Desprender” (MICHAELIS, 2000, p.683).	“Enquanto Esperança desenganchava a sua saia que se prendera no ferrolho da porta” (QUEIROZ, 1982, p.42).
<b>Desfeitear</b>	O mesmo que DESFEITAR= “Ofender gravemente na presença do ofendido” (CABRAL, 1972, p.302).	“No momento me deu aquela raiva, me sufoquei de ódio, queria desfeitear os homens” (QUEIROZ, 1992, p.42).
<b>Desfiando</b>	Do verbo DESFIAR= “Passar de conta em conta” (MICHAELIS, 2000, p.688).	“Alguma lenta beata de passo miúdo, desfiando o terço” (QUEIROZ, 1982, p.56).
<b>Desonrou</b>	Do verbo DESONRAR= “O fender a honra, o pudor ou o crédito de. [...]. Desvirginar, deflorar, violar” (MICHAELIS, 2000, p.698).	“Se você pensa que ele me desonrou está enganado. Eu não era nenhuma donzela inocente” (QUEIROZ, 1992, p.450).
<b>Despaisada</b>	Neologismo derivado da expressão francesa <i>dépaysé</i> . <i>Dépaysé</i> = “Desterrado; expatriado; desorientado”	“Chorava frequentemente, era como se estivesse despaisada”

	(CORRÊA, 1961, p.171).	(QUEIROZ, 1982, p.179).
<b>Despegar</b>	“Afastar-se, retirar-se, sair de ao pé de [...]. Desprender-se” (MICHAELIS, 2000, p.700).	“A pequena trotava atrás, deslumbrada e ofegante, sem despegar a vista da loura figura” (QUEIROZ, 1982, p.193).
<b>Desvanecer</b>	“Desistir; desinteressar-se” (CABRAL, 1972, p.310).	“A Iria acha que Sinhô Padre tem que passar aqui um bocado de dias, até o povo se desvanecer” (QUEIROZ, 1992, p.168).
<b>Desvanecido</b>	“Grato. Desinteressado. Desiludido” (CABRAL, 1972, p.310).	“Punha sob o bigode branco do major um sorriso desvanecido” (QUEIROZ, 1981, p.30).
<b>Diaba</b>	“Forma feminina de diabo, empregada geralmente quando se refere à mulher nova, viva, sapeca, desembaraçada etc.” (CABRAL, 1972, p.313).	“Diaba do chouto duro como o cão!” (QUEIROZ, 1981, p.21).
<b>Diabo</b>	“Referência a qualquer pessoa ou coisa. [...]. Interjeição de protesto, de desapontamento. [...]. Referência a garoto irrequieto, peralta” (CABRAL, 1972, p.313).	“Eu soprei, pelo diabo da falha dos meus dentes” (QUEIROZ, 1992, p.45). “Inda por cima do verãozão, diabo de tanto carrapato...” (QUEIROZ, 1981, p.6).
<b>Diacho</b>	“Apesar de derivar-se de diabo, não quer significar propriamente a mesma coisa, nem tem mesmo significado próprio. É uma coisa indefinida” (CABRAL, 1972, p.314).	“Meu Deus, o diacho da mulher teria mesmo pautá com o cão?” (QUEIROZ, 1992, p.67). “Muito amojada, mole como o diacho” (QUEIROZ, 1981, p.32).
<b>Dianho</b>	“O mesmo que Diacho” (CABRAL, 1972, p.314). “Nome usado, por eufemismo, para se referir ao diabo; capeta; coisa-ruim; diacho; tinhoso” (AULETE, 2021).	“Vai dormir, dianho!” (QUEIROZ, 1981, p.34).
<b>Disparatar</b>	“Dizer disparates, ou fazê-los. Despropositar. Desvairar” (MICHAELIS, 2000, p.736).	“Careci de embelezar um pouco, pra Firma não disparatar” (QUEIROZ, 1992, p.54).
<b>Dissipação</b>	“Devassidão, libertinagem, vida desregrada” (MICHAELIS, 2000, p.738).	“Sou capaz de jurar que perdem o tempo em dissipação...” (QUEIROZ, 1982, p.32).
<b>Divisar</b>	“Avistar, enxergar, descobrir, distinguir. [...]. Notar, observar” (MICHAELIS, 2000, p.743).	“Num relance em que me virei pude divisar o vulto dele” (QUEIROZ, 1992, p.436).
<b>Dizedor</b>	“Que diz ou profere muitas vezes a mesma coisa” (AULETE, 2021).	“Dizedor de prosa como ele só!...” (QUEIROZ, 1981, p.41).
<b>Documentar</b>	Receber instrução, instruir(-se).	“Leio para aprender, para me

	Do substantivo DOCUMENTO= “Aquilo que ensina, que serve de exemplo” (MICHAELIS, 2000, p.745).	documentar...” (QUEIROZ, 1981, p.92).
<b>Dolente</b>	“Que sente ou manifesta, expressa dor; lastimoso; queixoso” (AULETE, 2021).	“A voz dolente do vaqueiro novamente se ergueu” (QUEIROZ, 1981, p.18).
<b>Doninha</b>	“Modo delicado, afetuoso ou irônico de dirigir-se a determinada mulher” (CABRAL, 1972, p.321).	“Ora, se não morre! Aquilo é um curral da fome, doninha!” (QUEIROZ, 1981, p.96).
<b>Dormente</b>	“Teimoso, cabeçudo, indiferente, que não faz caso de advertência e conselhos. Adormentado; quase insensível” (CABRAL, 1972, p.322).	“Se vinha estirando sobre o alto pedregoso e ia sumir no casario dormente dum arruado” (QUEIROZ, 1981, p.51).
<b>Emaranhar</b>	“Meter(-se) em embaraços; confundir(-se). Complicar” (MICHAELIS, 2000, p.776).	“Comentou, interrompendo um final confuso de explicações em que eu me emaranhava” (QUEIROZ, 1982, p.12).
<b>Embarcado</b>	Do verbo EMBARCAR= “Morrer” (AULETE, 2021).	“Muita vez escutei meu pai e minha mãe discutindo, ela falando na parte do irmão embarcado e ele alegando que o embarcado não deixou recibo” (QUEIROZ, 1992, p.36).
<b>Embelezado</b>	Do verbo EMBELEZAR= “Iludir-se” (GIRÃO, 2000, p.178).	“Nessa época estava embelezado em situar o Limoeiro, que era perto da Vargem da Cruz, com mais conforto para a mulher, os filhos” (QUEIROZ, 1992, p.83).
<b>Embevecida</b>	“Extasiado, encantado, fascinado” (MICHAELIS, 2000, p.779).	“Eu, espectadora agora, que a comparsa embevecida era a outra” (QUEIROZ, 1982, p.138).
<b>Embiocada</b>	Do verbo EMBIOCAR= “Ocultar-se. Entrar, penetrar, meter” (CABRAL, 1972, p.330).	“Se chegava de manso, indagando se eu estava bem, se não morria de calor, assim toda embiocada na coberta” (QUEIROZ, 1992, p.20).
<b>Empalhe</b>	“Maçada; perda de tempo; demora inútil” (CABRAL, 1972, p.333).	“Não se ponha depois com empalhe...” (QUEIROZ, 1981, p.85).
<b>Empanar</b>	“Ocultar, esconder, obscurecer” (MICHAELIS, 2000, p.785).	“Que pensamento triste empanou nesse dia” (QUEIROZ, 1982, p.46).
<b>Empatando</b>	Do verbo EMPATAR= “Embaraçar, interromper, tolher o seguimento de” (MICHAELIS, 2000, p.786).	“Se você não tem intenções, para que está empatando a moça?” (QUEIROZ, 1981, p.101).
<b>Empomadado</b>	Do verbo EMPOMADAR= “Perfumar (o cabelo)” (AULETE, 2021).	“De cabelo empomadado” (QUEIROZ, 1981, p.11).

<b>Empretecida(o)</b>	“Tornado preto ou escuro” (MICHAELIS, 2000, p.789).	“A pele, empretecida como uma casca, pregueava nos braços” (QUEIROZ, 1981, p.46).
<b>Encalistrado</b>	O mesmo que ENCALISTADO= “Envergonhado” (CABRAL, 1972, p.338). “Envergonhado, atrapalhado, vexado, enfiado” (GIRÃO, 2000, p.182).	“Seu Tibúrcio então apresentou o outro moço, que estava quieto, ainda em pé, e parecia um pouco encalistrado” (QUEIROZ, 1992, p.337).
<b>Encandeava</b>	Do verbo ENCANDEAR= “Ofuscar a vista de; deslumbrar. [...]. Ficar deslumbrado, com a vista confusa” (MICHAELIS, 2000, p.792-793).	“O postigo, mostrava o sol que envolvia a rua, o céu e encandeava os olhos” (QUEIROZ, 1981, p.82).
<b>Encarnado</b>	Do verbo ENCARNAR= “Que é da cor avermelhada da carne ou do sangue” (AULETE, 2021).	“Com o guarda-peito encarnado desenhando-lhe o busto forte e as longas perneiras” (QUEIROZ, 1981, p.10).
<b>Encastoados</b>	“Provido de castão. Engastado, encravado. Cravação, engaste” (MICHAELIS, 2000, p.795). “Cravado. Embutido, encerrado, metido” (AULETE, 2021).	“Tentei tirar aqueles dedos do meu braço — parecia que estavam encastoados nele” (QUEIROZ, 1992, p.105).
<b>Encoscorada</b>	“Que se tornou duro como um coscorão; enrijecido” (AULETE, 2021).	“Lhe procurava derramar sobre a língua ferida e encoscorada uma gota de água” (QUEIROZ, 1981, p.96-97).
<b>Encourado</b>	“Vestido com os couros do vaqueiro” (CABRAL, 1972, p.344).	“Entrou Vicente, encourado” (QUEIROZ, 1981, p.10).
<b>Enervante</b>	“Que irrita” (MICHAELIS, 2000, p.805).	“Já há três dias que vivíamos numa expectativa enervante” (QUEIROZ, 1982, p.52).
<b>Enfatiotado</b>	“Vestido com apuro” (CABRAL, 1972, p.346).	“Um moço alourado, enfatiotado, caixeiro da loja do pai” (QUEIROZ, 1981, p.99).
<b>Enfezada</b>	Feminino de ENFEZADO= “Emperrado. Zangado, irado” (CABRAL, 1972, p.346).	“Eu olhei para ele, já enfezada” (QUEIROZ, 1992, p.259).
<b>Enfiada</b>	Do verbo ENFIAR= “Encabular; ficar confuso” (CABRAL, 1972, p.347).	“Fiquei até enfiada, por causa dele ser meu irmão” (QUEIROZ, 1992, p.350).
<b>Enfrascar</b>	“Enredar-se, envolver-se, emaranhar-se” (AULETE, 2021).	“Por se enfrascar com inexplicável interesse em leituras difíceis” (QUEIROZ, 1981, p.30).
<b>Engolfar</b>	“Abismar(-se), mergulhar(-se) em sorvedouro, lançar(-se) na voragem. [...]. Absorver-se, embeber-se, mergulhar-se (em estudos, meditações ou negócios)” (MICHAELIS, 2000, p.810).	“Eu me engolfei de novo na ópera” (QUEIROZ, 1982, p.91).

<b>Engrolada</b>	Do verbo ENGROLAR= "Falar pouco inteligível, embrulhado. Pronunciar mal as palavras" (CABRAL, 1972, p.351).	"A fala do cabra saía engrolada, a cara ainda metida entre os joelhos, só levantando os olhos uma vez por outra" (QUEIROZ, 1992, p.406).
<b>Engulhos</b>	Do verbo ENGULHAR ou ENGUIAR= "Com ânsias, para vomitar" (CABRAL, 1972, p.351).	"Vomitar. Engulhos. O povo chama de entojos" (QUEIROZ, 1992, p.159).
<b>Enjeitar</b>	"Rejeitar" (CABRAL, 1972, p.351). "Rejeitar, desprezar (algo, alguém ou a si mesmo); não aceitar, recusar (o que se oferece)" (AULETE, 2021).	"Quando ela nascer, mando enjeitar na casa de Dona Floripes" (QUEIROZ, 1992, p.160).
<b>Enlaçava</b>	Do verbo ENLAÇAR= "Unir-se em abraço; abraçar(-se); cingir(-se). [...]. Exercer atração sobre; atrair; cativar" (AULETE, 2021).	"Vicente enlaçava a prima que, rindo, saiu dançando" (QUEIROZ, 1981, p.11).
<b>Enlevo</b>	"Coisa que maravilha; assombro" (MICHAELIS, 2000, p.812).	"De um em um, todos os truques de onde nascera o meu enlevo" (QUEIROZ, 1982, p.138).
<b>Enodoada</b>	"Maculado, difamado" (MICHAELIS, 2000, p.813).	"Rainha ultrajada, sofria muito mais pela sua casa enodoada do que pela filha perdida" (QUEIROZ, 1982, p.61).
<b>Enrodilhado</b>	"Enrolado em forma de rodilhas. Emaranhado, enredado" (MICHAELIS, 2000, p.814).	"Às vezes eu acordava com a cabeça loura me pesando sobre o colo, o braço enrodilhado em mim, a boca entreaberta me rodeando ainda o bico do seio [...]" (QUEIROZ, 1992, p.393).
<b>Ensino</b>	"Castigo, lição, corretivo" (CABRAL, 1972, p.353).	"Quieta, senão eu arrasto você pra mata e te dou um ensino!" (QUEIROZ, 1992, p.175).
<b>Entanguida(o)</b>	"Inteiriçado, sem ação; tolhido pelo frio. [...]. Entalado, engasgado. Empanzinado" (CABRAL, 1972, p.354).	"Estirada no chão, toda entanguida" (QUEIROZ, 1981, p.14).
<b>Entojo</b>	"Nojo que a mulher sente no período da gravidez" (MICHAELIS, 2000, p.821).	"Vomitar. Engulhos. O povo chama de entojos" (QUEIROZ, 1992, p.159).
<b>Entonteceu</b>	Do verbo ENTONTECER= "Sentir tontura; tornar-se tonto" (MICHAELIS, 2000, p.821).	"A cabra entonteceu, amunhecou, e caiu em cheio por terra" (QUEIROZ, 1981, p.48).
<b>Entrançando</b>	Do verbo ENTRANÇAR= "Cruzar, andar, passar por outros, em sentido oposto" (CABRAL, 1972, p.356).	"Os dedos mexiam rápidos a agulha e o fio branco corria, entrançando os desenhos caprichosos da varanda de rede" (QUEIROZ, 1981, p.52).

<b>Entrecortadamente</b>	Do verbo ENTRECORTAR= "Interromper nervosamente, com frequência; interromper a espaços" (MICHAELIS, 2000, p.823).	"Murmurou entrecortadamente, arrancando as palavras aos repêlões do pobre peito emagrecido" (QUEIROZ, 1981, p.104).
<b>Entrevero</b>	"Luta em que se confundem os contendores, no ardor da peleja, lutando individualmente" (MICHAELIS, 2000, p.821).	"Chico Anum foi até capanga de meu pai, num entrevero que ele teve com os recrutadores da polícia" (QUEIROZ, 1992, p.43).
<b>Entrujo</b>	Do verbo ENTRUJAR= O mesmo que INTRUJAR= "Burlar, enganar, lograr. [...]. Negociar com objetos furtados ou roubados" (MICHAELIS, 2000, p.1173).	"Pra mim, se me trouxerem uns panos, linha e agulha, eu ainda entrujo uma camisa e umas ceroula pros moços" (QUEIROZ, 1992, p.119).
<b>Entupiram</b>	Do verbo ENTUPIR= "Entrar" (CABRAL, 1972, p.359).	"O cabra contou depois que entupiram pela catinga, correram até perder o fôlego" (QUEIROZ, 1992, p.410).
<b>Envesgando</b>	Do verbo ENVESGAR= "Entortar [...], torcer" (MICHAELIS, 2000, p.827). "Desviar, torcer" (MICHAELIS, 2000, p.827). "Direcionar (os olhos) para determinado ponto" (AULETE, 2021).	"Enforcado no colarinho duro, suave o peitilho da camisa, envesgava os pés nos sapatos de verniz" (QUEIROZ, 1982, p.126). "Envesgando os olhos, roçando na boca" (QUEIROZ, 1981, p.46).
<b>Enxerindo</b>	De ENXERIR-SE; o mesmo que ENXIRIR-SE ou INXIRIR-SE= "Tentar conquista amorosa, com impertinência" (CABRAL, 1972, p.360).	"Os meus rapazes foram logo se enxerindo para o lado das índias" (QUEIROZ, 1992, p.150).
<b>Esbatia</b>	Do verbo ESBATER= "Dispor-se gradualmente (ressaindo). Espalhar-se, abatendo o relevo" (MICHAELIS, 2000, p.844). Do verbo ESBATER= "Atenuar, diminuir, suavizar [...]; ir desaparecendo" (AULETE, 2021).	"O resto das mulheres deste mundo se esbatia numa massa confusa" (QUEIROZ, 1981, p.43).
<b>Esofocar</b>	"Acelerar a respiração de (alguém) com a fadiga; esfaltar. Arquejar, esboforir-se" (MICHAELIS, 2000, p.844).	"Nós não puxamos demais, para não esbofor os cavalos" (QUEIROZ, 1992, p.431).
<b>Escalavrava</b>	Do verbo ESCALAVRAR= "Esfolar muito. Arranhar. [...]. Arruinar" (MICHAELIS, 2000, p.846).	"A miséria escalavrava mais a cara sórdida" (QUEIROZ, 1981, p.45).
<b>Escanhada(o)</b>	"Separado, aberto. Escarranchado" (AULETE, 2021).	"Rubina veio montada escançada, como homem, com as saias de chita espalhadas em cima do cavalo" (QUEIROZ, 1992, p.303). "Levara escançado ao

		quadril" (QUEIROZ, 1981, p.27).
<b>Escaramuçando</b>	Fazer ESCARAMUÇA= "Combate de pequena importância. Peleja entre alguns troços de tropas contrárias. Briga, conflito, desordem" (MICHAELIS, 2000, p.849).	"Cavalos de sela comendo milho na estrebaria, bezerro gordo escaramuçando no pátio" (QUEIROZ, 1992, p.125).
<b>Escarninha(o)</b>	"Escarnecedor" (MICHAELIS, 2000, p.850). Quem promove escárnio. Escárnio= Zombaria, mofa, menosprezo. Galhofa ofensiva" (MICHAELIS, 2000, p.850).	"A mim me pareceram logo malvadas, escarninhas, hostis" (QUEIROZ, 1982, p.8). "Acabam sempre pelo casamento da orfãzinha com o moço orgulhoso, de olhos azul de aço, motejadores e escarninhos" (QUEIROZ, 1982, p.18).
<b>Escavacou</b>	Do verbo ESCAVACAR= "Cavar; escavar; cavoucar" (MICHAELIS, 2000, p.851).	"Escavacou com um pauzinho o chão" (QUEIROZ, 1981, p.38).
<b>Escoicear</b>	"Dar coices. Agredir com coices. Tratar com brutalidade; insultar" (MICHAELIS, 2000, p.853).	"Eles tentavam escoicear, mas dentro da rede, com os dois pés atados um no outro" (QUEIROZ, 1992, p.147).
<b>Escolado</b>	"Sagaz, artiloso, escovado" (CABRAL, 1972, p.367). "Conhecedor, experiente" (AULETE, 2021).	"A essas alturas o pessoal nosso estava bem escolado, já não era mais aquele bando de bestalhão metido a ladrão de gado" (QUEIROZ, 1992, p.326).
<b>Escorchada</b>	"Diz-se do que foi arranhado, esfolado. Diz-se de quem foi expoliado, explorado" (AULETE, 2021). "Esfolado, nu" (MICHAELIS, 2000, p.854).	"Escorchada e sangrando, eu ficava, morrendo de dor, sem contudo morrer nunca" (QUEIROZ, 1992, p.467).
<b>Escornado</b>	"Deitado ou reclinado, por embriaguez ou por achar-se esfalfado ou abatido depois de esforço excessivo" (CABRAL, 1972, p.368).	"Na manhã do outro dia, a gente estava tudo escornado, com licença da palavra" (QUEIROZ, 1992, p.325).
<b>Esfolavam/ Esfolação</b>	Do verbo ESFOLAR= "Tirar a pele de" (MICHAELIS, 2000, p.861).	"Os homens esfolavam uma rês e as mulheres faziam ferver uma lata de querosene" (QUEIROZ, 1981, p.27). "Rapidamente iniciou a esfolação" (QUEIROZ, 1981, p.48).
<b>Esgar</b>	"Careta intencional, expressando desprezo, escárnio" (AULETE, 2021).	"O rosto num esgar de desespero" (QUEIROZ, 1981, p.36).
<b>Esgaseado</b>	De ESGAZEADO= "Diz-se dos olhos inquietos nas órbitas ou arregalados"	"O Irineu passou as mãos pelos olhos, esgaseado, e perguntou [...]" (QUEIROZ, 1992,

	(MICHAELIS, 2000, p.863). "Dize-se de olhar que expressa desnorreamento, espanto ou ira" (AULETE, 2021).	p.70).
<b>Esmolambado</b>	"Cuja roupa foi reduzida a molambos, a farrapos; amolambado; andrajoso; esfarrapado; maltrapilho; molambento; roto" (AULETE, 2021).	"O cego da viola cantava para seu auditório esmolambado" (QUEIROZ, 1981, p.79).
<b>Esmorecido</b>	"Sem coragem. Covarde" (CABRAL, 1972, p.372).	"No seminário os outros diziam que eu era esmorecido" (QUEIROZ, 1992, p.254).
<b>Espádua</b>	"Parte do dorso que corresponde à omoplata; ombro. A parte mais elevada dos membros anteriores dos quadrúpedes" (MICHAELIS, 2000, p.867).	"Trazia ao quadril o inocente, que lhe procurava encostar a cabeça à espádua" (QUEIROZ, 1981, p.95). "Pelo nosso gosto seria nos braços, no colo, nas espáduas" (QUEIROZ, 1982, p.33).
<b>Espavorido</b>	"Cheio de pavor; apavorado" (MICHAELIS, 2000, p.869).	"Enquanto a roda das meninas, em torno, a escutava de coração espavorido" (QUEIROZ, 1982, p.23).
<b>Esperancei</b>	Do verbo ESPERANÇAR= "Dar ou alimentar esperança; animar(-se)" (AULETE, 2021).	"Me esperancei que inda chovesse" (QUEIROZ, 1981, p.16).
<b>Espevitada(o)</b>	"Que é afetado, presunçoso; petulante. Que é muito animado e desembaraçado no falar e nos gestos; irrequieto" (AULETE, 2021).	"Tinha na voz e nos modos uma espécie de aspereza espevitada" (QUEIROZ, 1981, p.57).
<b>Espezinhar</b>	"Desprezar. Humilhar, vexar" (MICHAELIS, 2000, p.873).	"A velha querendo espezinhar a filha" (QUEIROZ, 1982, p.110).
<b>Espichando</b>	Do verbo ESPICHAR= "Puxar" (CABRAL, 1972, p.375).	"Ficou espichando os peitos secos de sua vaca" (QUEIROZ, 1981, p.35). "Aos sábados à tarde, muita vez nós duas espichávamos o pescoço à passagem dos enterros ricos" (QUEIROZ, 1982, p.83).
<b>Espigado</b>	"Ereto, desempenado" (CABRAL, 1972, p.375).	"Ele se levantou, espigado, parecia que tinha ficado mais moço" (QUEIROZ, 1992, p.244).
<b>Espinhaço</b>	"Espinha dorsal, coluna vertebral. Costas, dorso" (MICHAELIS, 2000, p.875).	"Me doíam os lombos, me doía o espinhaço" (QUEIROZ, 1992, p.87).
<b>Espoca</b>	Do verbo ESPOCAR= "Arrebentar, estalar (ferver em borbotões)" (MICHAELIS, 2000, p.878).	"De vez em quando se dá uma trégua, até se casa moça Seriemá com rapaz dos Mel-com-

		Terra, mas de repente espoca nova briga e sai tudo a ferro e fogo" (QUEIROZ, 1992, p.395). "Dum balão que vai espocar porque encheu demais" (QUEIROZ, 1981, p.40).
<b>Espritada(o)</b>	"Diz-se de sujeito valentão, audacioso, briguento. Diz-se de indivíduo raivoso, enfurecido" (AULETE, 2021). "Irado, alucinado. Valente, destemeroso; que possui excelentes qualidades. Sagaz, artiloso" (CABRAL, 1972, 377).	"A cabrita é espiritada mas bonitinha" (QUEIROZ, 1992, p.55). "Vai dormir diacho! Parece que tá espiritado" (QUEIROZ, 1981, p.34).
<b>Esquivanças</b>	"Afastamento, furto de si mesmo. Reserva, retraimento; insociabilidade. Desprezo. Ato de evitar quem se aproxima de nós. Trato rude. Aversão" (MICHAELIS, 2000, p.873).	"Eu juntava agora os alvoroços da Rubina com as esquivanças de Duarte" (QUEIROZ, 1992, p.382).
<b>Estertorosa(o)</b>	"Diz-se da respiração que apresenta estertor, que se mostra ruidosa, dificultosa" (AULETE, 2021).	"Sibilava, mas podendo com a respiração estertorosa" (QUEIROZ, 1981, p.40).
<b>Estorcer</b>	"Torcer-se ou contorcer-se de dor ou aflição; debater-se, escabujar" (MICHAELIS, 2000, p.899).	"A pequena gritava, se estorcia" (QUEIROZ, 1982, p.62).
<b>Estouvado</b>	"Que faz as coisas sem cuidado, leviana ou precipitadamente. Imprudente. Folgazão. Que pensa pouco. Falta de bom senso" (MICHAELIS, 2000, p.899).	"Até tomou conta do estouvado do filho dele, que andou aí fazendo umas estripulias" (QUEIROZ, 1992, p.399).
<b>Estremunhado</b>	Do verbo ESTREMUNHAR= "Acordar de repente (a quem está dormindo). Despertar de súbito, estonteadamente" (MICHAELIS, 2000, p.902).	"Meteu os pés, estremunhado como quem acorda" (QUEIROZ, 1981, p.19).
<b>Estrepitosa(o)</b>	"Que produz estrépito. Estrondoso. Ruído. Ostentoso, magnífico. Que dá na vista, que é notório" (MICHAELIS, 2000, p.903).	"Alice, a irmã mais nova, risonha e barulhenta, soltou uma gargalhada estrepitosa" (QUEIROZ, 1981, p.68).
<b>Estrepitosamente</b>	"Estrondosamente, de um modo estrepitoso. Com pompa; com ostentação; notoriamente" (AULETE, 2021).	"Meteu-se estrepitosamente numa discussão tediosa sobre surrealismo" (QUEIROZ, 1982, p.120).
<b>Estridulou</b>	Do verbo ESTRIDULAR= "Emitir (certos insetos, como cigarra e grilo) seu som característico, estridente e agudo. [...]. Falar ou cantar em tom agudo, estrídulo". (AULETE, 2021).	"Sua vizinha estridulou num grito" (QUEIROZ, 1981, p.25).
<b>Estropeado(a)</b>	O mesmo que ESTROPEADO, ESTRUPEADO ou ESTRUPIADO= "Ferido nos cascos ou nos pés, devido a	"Se não morrer de tão estropeado que está, vai engordar

	<p>longa caminhada. Trôpego, maltratado, esfalfado" (CABRAL, 1972, p.384).</p> <p>"Cansado por ter andado muito, trôpego" (GIRÃO, 2000, p.201).</p> <p>"Que está muito cansado. Fatigado" (AULETE, 2021).</p>	<p>solto" (QUEIROZ, 1992, p.15).</p> <p>"Um instante e logo dava para divisar a tropa que chegava, meio estropiada: oito burros de carga e três comboieiros tocando" (QUEIROZ, 1992, p.145).</p>
<b>Estropiaram</b>	<p>Do verbo ESTROPIAR (o mesmo que ESTROPEAR, ESTRUPEAR ou ESTRUPIAR) = "Maltratar, fatigar" (CABRAL, 1972, p.384).</p> <p>"Provocar ou sofrer mutilação ou ferimento grave; aleijar(-se); mutilar(-se). Fazer ficar ou ficar inabilitado, invalidado (para algo)" (AULETE, 2021).</p>	<p>"E foi aquele estrago: pegaram uns, estropiaram outros" (QUEIROZ, 1992, p.322).</p>
<b>Evasão</b>	<p>"Fuga. [...]. Impulso manifestado por certos doentes (neuróticos ou psicóticos) de fugir, pela imaginação, pelo devaneio etc." (MICHAELIS, 2000, p.915).</p>	<p>"Essas saídas, elas tinham para nós o valor de uma evasão" (QUEIROZ, 1982, p.35).</p>
<b>Exânime</b>	<p>"Sem alento; desmaiado" (MICHAELIS, 2000, p.916).</p> <p>"Sem sinais de vida; que parece morto. Sem disposição para a vida, para fazer as coisas; apático" (AULETE, 2021).</p>	<p>"E lhe veio agudamente à lembrança Cordulina exânime na pedra da estrada..." (QUEIROZ, 1981, p.48).</p>
<b>Expedita(o)</b>	<p>"Ativo, desembaraçado, diligente, pronto. Fácil" (MICHAELIS, 2000, p.923).</p>	<p>"Como um intérprete de língua mais expedita" (QUEIROZ, 1981, p.57).</p>
<b>Falripas</b>	<p>"Cabelos desgrenhados. Fiapo de cabelo, na cabeça, na criança" (MICHAELIS, 2000, p.935).</p>	<p>"Chorando, beijava-lhe as falripas arruivadas" (QUEIROZ, 1981, p.36).</p>
<b>Fanada</b>	<p>"Murcho, seco" (MICHAELIS, 2000, p.936).</p>	<p>"Reunidas para o seu próprio casamento, que nunca viera, fanadas e antigas como flores secas" (QUEIROZ, 1982, p.74-75).</p>
<b>Faniquito</b>	<p>"Chilique, dengues. Denguice exagerada" (CABRAL, 1972, p.396).</p>	<p>"Mulher, pra homem como ele, só serve pra dar faniquito" (QUEIROZ, 1992, p.40).</p>
<b>Fazia/ Fazer</b>	<p>"Supor, imaginar" (CABRAL, 1972, p.397).</p>	<p>"Eu já fazia você na cidade!" (QUEIROZ, 1981, p.8).</p>
<b>Fechar</b>	<p>"Fazer cessar o funcionamento de" (MICHAELIS, 2000, p.945).</p>	<p>"Estendi a mão, encontrei a pêra, fechei a luz" (QUEIROZ, 1982, p.190).</p>
<b>Feérico</b>	<p>"Maravilhoso, deslumbrante" (MICHAELIS, 2000, p.946).</p>	<p>"Um navio era, para mim, o palácio feérico" (QUEIROZ, 1982, p.157).</p>
<b>Fidalgote</b>	<p>"Fidalgo de títulos de nobreza duvidosos, de pouca nomeada e</p>	<p>"Em Portugal chama-se 'marialva' a um rapaz janota, em</p>

	geralmente de poucos haveres" (MICHAELIS, 2000, p.955).	geral fidalgote" (QUEIROZ, 1992, p.216).
<b>Figos</b>	Plural para FIGO= "Corrutela de fígado" (CABRAL, 1972, p.406). "Designação popular do fígado" (AULETE, 2021).	"Um curandeiro que a gente chamou, declarou que a aguardente tinha avinhado os figos da mulher" (QUEIROZ, 1992, p.288).
<b>Fitar</b>	"Fixar a vista, cravar ou pregar os olhos em" (MICHAELIS, 2000, p.964).	"Mas quando vê que eu notei, e também a fito, vira a cabeça para o outro lado" (QUEIROZ, 1982, p.195).
<b>Fogo</b>	"Mulher irrequieta, lasciva" (CABRAL, 1972, p.411).	"O mulherio da nossa raça parece que nasceu com fogo no rabo" (QUEIROZ, 1992, p.47).
<b>Fontes</b>	"Cada um dos lados da cabeça na região temporal; têmpera" (MICHAELIS, 2000, p.977).	"Começou a sentir um suor frio nas fontes" (QUEIROZ, 1981, p.86).
<b>Formigava</b>	Do verbo FORMIGAR= "Haver em abundância; pulular. Estar repleto" (MICHAELIS, 2000, p.979).	"Nunca mais veria aquela gente que vivia e formigava ao seu redor" (QUEIROZ, 1981, p.81).
<b>Fornido</b>	"Carnudo, nutrido, robusto. Provido, abastecido" (MICHAELIS, 2000, p.980).	"Mais largo e mais fornido; terminava com duas pontas de correia, fechando com um nó cego [...]" (QUEIROZ, 1992, p.147).
<b>Forra / Forros</b>	"Escravo liberto, alforriado" (GIRÃO, 2000, p.211).	"Que tronco? Esta negra é forra [...]" (QUEIROZ, 1992, p.91). "O Sinhô queria tratar nós forros como se a gente fosse tudo negro dele" (QUEIROZ, 1992, p.172).
<b>Frascarice</b>	"Qualidade de frascário" (MICHAELIS, 2000, p.989). Frascário= "Extravagante, dissoluto" (MICHAELIS, 2000, p.989).	"Era comoventemente ridículo ouvi-lo recitar com voz melíflua, piscando um olho safado e sorrindo sob o bigode amarelo, as frascarices galantes do seu poeta" (QUEIROZ, 1982, p.160).
<b>Frechou</b>	Do verbo FRECHAR= "(Corrutela de flechar) Partir velozmente em determinada direção" (CABRAL, 1972, p.419).	"Mal apeou do cavalo, o Tonho frechou pra ele de faca na mão" (QUEIROZ, 1992, p.297).
<b>Frescura</b>	"Qualidade do que é fresco; frescor, fresquidão" (MICHAELIS, 2000, p.992).	"Sentindo nos olhos secos pela poeira e pelo sol uma frescura desacostumada" (QUEIROZ, 1981, p.13).
<b>Fuzilei</b>	Do verbo FUZILAR= "Fustigar. [...] Lançar de si, despedir à maneira de	"E eu fuzilei, botando o pé no estribo e saltando na sela"

	raios ou clarões; afuzilar. [...]. Brilhar muito" (AULETE, 2021).	(QUEIROZ, 1992, p.201).
<b>Gabolice</b>	<p>"Comportamento ou ato de gabola; gabarolice; fanfarronice" (AULETE, 2021).</p> <p>GABOLA o mesmo que GABAROLA="Pessoa que se gaba a si mesma" (MICHAELIS, 2000, p.1004).</p>	"Tem gente assim: fala de gabolice, sem saber o risco que pode estar correndo" (QUEIROZ, 1992, p.146).
<b>Galego</b>	<p>"Denominação dada, no sul do Ceará, não só ao português como a qualquer estrangeiro" (CABRAL, 1972, p.432).</p> <p>"Homem incivil, de condição baixa" (MICHAELIS, 2000, p.1008).</p>	"É galego. Não dê confiança, Glória" (QUEIROZ, 1982, p.54).
<b>Galhofou</b>	Do verbo GALHOFAR= "Debochar" (AULETE, 2021).	"Zé Bernardo galhofou" (QUEIROZ, 1981, p.33).
<b>Garganteou</b>	<p>Do verbo GARGANTEAR="Fanfarronar, bazofiar" (GIRÃO, 2000, p.221).</p> <p>Do verbo GARGANTEAR= Jactar-se (CABRAL, 1972, p.436).</p>	"A moça garganteou uma risadinha" (QUEIROZ, 1981, p.100).
<b>Ginasiano</b>	<p>"Que, ou o que está cursando ginásio" (MICHAELIS, 2000, p.1032-1033). Ginásio="Designação antiga do curso de ensino que corresponde às 4 últimas séries atuais do primeiro grau" (MICHAELIS, 2000, p.1033).</p> <p>Pessoa inexperiente, com pouca experiência.</p>	"Ele exigia então da menina sapiência de ginasiano" (QUEIROZ, 1982, p.17).
<b>Glabro</b>	"Desprovido de pelos e de glândulas. Calvo. Sem barba" (MICHAELIS, 2000, p.1035).	"A feição curtida de sol, de fadiga, de tristeza, tão diferente do Padre moço, animado, glabro, coroa raspada bem redonda e branca" (QUEIROZ, 1992, p.311).
<b>Goela</b>	"Garganta. Designação popular da região faríngea e laringea" (MICHAELIS, 2000, p.1040).	"Ficou com aquela espinha atravessada na goela" (QUEIROZ, 1992, p.61).
<b>Golfões</b>	Do verbo GOLFAR="Expelir, lançar às golfadas. Proferir com violência e em grande quantidade. [...]. Arremessar, expelir, projetar em abundância" (MICHAELIS, 2000, p.1041).	"Bastou que rememorasse os horrores daqueles dias, para que as lembranças de novo me sufocassem, aos golfões" (QUEIROZ, 1992, p.247).
<b>Graçola</b>	"Gracejo de mau gosto. Dito insulso, ou indecente. Pessoa que diz graçolas" (MICHAELIS, 2000, p.1046).	"Eu dava o bom-dia ou a boatarde e ele sempre dizia uma graçola" (QUEIROZ, 1992, p.317).
<b>Gretada</b>	"Que apresenta gretas; aberto; fendido" (AULETE, 2021).	"A sola, nos calcanhares, grossa e gretada, negras, rachadas. Pés de animal, pensei"

		(QUEIROZ, 1992, p.362).
<b>Grosso</b>	"Pouco inteligente. Desajeitado; deselegante. Grosseiro" (CABRAL, 1972, p.447).	"Duarte me apresentou ao estranho, que era um homem grosso, atarracado, vermelhão" (QUEIROZ, 1992, p.470).
<b>Guinchos</b>	"Som agudo produzido por alguns animais, geralmente quando excitados" (CABRAL, 1972, p.449). "Som agudo e estridente emitido por pessoas, animais ou coisas" (AULETE, 2021).	"Novato se pôs a chorar alto, aos guinchos" (QUEIROZ, 1992, p.407).
<b>Guria</b>	"Menina pequena. Mocinha" (MICHAELIS, 2000, p.1065).	"A guria é feia e triste" (QUEIROZ, 1982, p.193).
<b>Hirto</b>	"Imóvel" (MICHAELIS, 2000, p.1106).	"E no andor, hirto, com as mãos laivadas de roxo" (QUEIROZ, 1981, p.91).
<b>Idílio</b>	"Sonho, fantasia, devaneio. Amor poético e suave. Entretenimento amoroso" (MICHAELIS, 2000, p.1123).	"E eu contei os poucos e ingênuos idílios meus e de Maria José" (QUEIROZ, 1982, p.73).
<b>Igualha</b>	"Equivalência ou igualdade de condição ou posição social" (MICHAELIS, 2000, p.1125).	"Procure um da sua igualha" (QUEIROZ, 1982, p.69).
<b>Ilharga</b>	"Lado esquerdo do corpo [...]. Flanco" (MICHAELIS, 2000, p.1126).	"Novamente estendido de ilharga, inutilmente procurou dormir" (QUEIROZ, 1981, p.34).
<b>Ilusão</b>	"Ilusão, engano, sedução, mistificação, interpretação errada" (GIRÃO, 2000, p.230).	"O senhor fez eu dizer o que não devia. O nome dele, não! Foi ilusão sua!" (QUEIROZ, 1992, p.8).
<b>Imperiosa</b>	"Que se impõe forçosamente [...]. Arrogante" (MICHAELIS, 2000, p.1132).	"Era imperiosa e autoritária" (QUEIROZ, 1982, p.19).
<b>Impertinência</b>	"Coisa que incomoda ou molesta. [...]. Rabugice; mau humor" (MICHAELIS, 2000, p.1132).	"Eu mesmo me sentia cheia de impertinências e azedume" (QUEIROZ, 1982, p.156).
<b>Influídos</b>	"Intrometido, convencido, audacioso, vaidoso, petulante" (CABRAL, 1972, p.463).	"Vinham os três com a roupa de domingo, engomadinha, estavam muito influídos com o meu chamado" (QUEIROZ, 1992, p.40).
<b>Inhô / Inhor(a)</b>	Ou Nhora= "O mesmo que senhora (empregam, em resposta a alguém que imprime respeito)" (CABRAL, 1972, p.465). Ou Nhor, Inhô, Nhô= "Forma de responder, dirigir-se a uma pessoa de respeito, importante. Corrutelas de senhor" (CABRAL, 1972, p.465).	"Inhô sim, ele mesmo. Chegou matando os cavalos" (QUEIROZ, 1992, p.164). "Inhora sim. Achei melhor separar os irmãos" (QUEIROZ, 1992, p.42). "É, inhora sim" (QUEIROZ, 1981, p.66).

		"Inhor sim, nas Aroeiras..." (QUEIROZ, 1981,p.61).
<b>Injuriada</b>	"Que se sente irritado, aborrecido" (AULETE, 2021).	"Estava muito injuriada com Valentim" (QUEIROZ, 1992, p.464).
<b>Insânia</b>	"Demência, doidice, loucura. Falta de siso" (MICHAELIS, 2000, p.1160). "Ato ou comportamento insano, insensato" (AULETE, 2021).	"O Padre José Maria retornava então ao seu posto, desobrigado das insânias do louco amante de Bela" (QUEIROZ, 1992, p.157).
<b>Insone</b>	"Que não tem sono" (MICHAELIS, 2000, p.1161).	"No quarto vizinho a avó, insone como sempre, mexia as contas do rosário" (QUEIROZ, 1981, p.4).
<b>Inticar</b>	O mesmo que INTINCAR ou ENTICAR= "Implicar" (CABRAL, 1972, p.355).	"Estava furioso da vida com o filho, achava que o rapaz devia de ter ido bulir com o Peba Preto para inticar com ele, o pai" (QUEIROZ, 1992, p.413).
<b>Intumescer</b>	"Envaidecer(-se)" (MICHAELIS, 2000, p.1174).	"O rosto intumescera" (QUEIROZ, 1981, p.38).
<b>Inuendos</b>	Do latim <i>innuendum</i> = Acenar com a cabeça. Do inglês <i>innuendo</i> = Insinuação; indireta.	"O mascate, com certeza, estava contando a minha história, com todas as agravantes, invenções e inuendos" (QUEIROZ, 1992, p.185).
<b>Inzonando</b>	Do verbo INZONAR= "Fazer intrigas; enredar" (AULETE, 2021).	"Que é que você está inzonando por aí?" (QUEIROZ, 1992, p.313).
<b>Irreverente</b>	"Incivil [...]. Irrespeitoso" (MICHAELIS, 2000, p.1182).	"Com medo de que no carro de bagagens algum irreverente se sentasse em cima" (QUEIROZ, 1981, p.22).
<b>Janota</b>	"Que dá muita importância à aparência, esmerando-se excessivamente no vestir. Que é elegante" (AULETE, 2021).	"Em Portugal chama-se 'marialva' a um rapaz janota, em geral fidalgote" (QUEIROZ, 1992, p.216).
<b>Jararaca</b>	"Mulher de mau gênio, espiritada cobra, de língua viperina, jabiraca. [...] Nome duma cobra venenosa" (GIRÃO, 2000, p. 236). "Indivíduo perverso; criminoso cruel. Mulher de mau gênio, irascível, perversa" (CABRAL, 1972, p.476).	"Rubina, ainda com cara de riso, fez como se quisesse acalmar a jararaca" (QUEIROZ, 1992, p.91).
<b>Judiação</b>	"Malvadeza" (MICHAELIS, 2000, p.1206). "Maltratos; aperreios" (CABRAL, 1972, p.479).	"Que teria eu feito de ruim nesse dia, mentira, má-criação, judiação com bicho?" (QUEIROZ, 1982, p.47).

<b>Laborioso</b>	“Trabalhoso. [...]. Difícil, penoso” (MICHAELIS, 2000, p.1216).	“Se arrasta, engorda em iniciais bojudas, laboriosas” (QUEIROZ, 1982, p.45).
<b>Ladino</b>	“Esperto, astuto, velhaco” (GIRÃO, 2000, p.240).	“Não sou assim tão ladino; não sei disfarçar bem” (QUEIROZ, 1992, p.253).
<b>Ladrona</b>	“O mesmo que ladra” (MICHAELIS, 2000, p.1220).	“Eu tive sina de negra cativa, de negra ladrona, fugida” (QUEIROZ, 1982, p.37).
<b>Laivadas</b>	Do verbo LAIVAR= “Sujar, desuntar” (MICHAELIS, 2000, p.1222).	“E no andor, hirto, com as mãos laivadas de roxo” (QUEIROZ, 1981, p.91).
<b>Lamentosa</b>	“Que produz som lúgubre, plangente” (MICHAELIS, 2000, p.1224).	“O caboclo alongou tristemente a voz lamentosa” (QUEIROZ, 1981, p.16).
<b>Lampeiro</b>	“Vaidoso, ensimesmado. Muito satisfeito” (CABRAL, 1972, p.487).	“[...] nos sai de uma casa o Antônio Muxió, todo lampeiro, pensando que aqui não se sabia de nada!” (QUEIROZ, 1992, p.414).
<b>Latomia</b>	“Barulho, ruído, confusão” (NAVARRO, 2004, p.208). “Cântico monótono de ladainha. Choradeira; lamentações” (CABRAL, 1972, p.491).	“O que restava, continuava na mesma latomia” (QUEIROZ, 1992, p.315).
<b>Lazarenta(o)</b>	“Diz-se de pessoa repulsiva, de hábitos infames” (AULETE, 2021).	“Vendo morrer às centenas as criancinhas lazarentas” (QUEIROZ, 1981, p.94).
<b>Ledor(a)</b>	“Que, ou o que lê; que, ou o que tem o hábito de ler; leitor” (MICHAELIS, 2000, p.1237).	“– A ledora do dia –, preparava-se para dar começo à meditação” (QUEIROZ, 1982, p.58).
<b>Lubricidade</b>	“Qualidade de lúbrico, estado do que é escorregadio. Tendência para a sexualidade; lascívia, luxúria, sensualidade” (MICHAELIS, 2000, p.1280).	“Vinham descarregar sobre mim aquela lubricidade mal disfarçada, os maus pensamentos, a mesquinha das suas rivalidades” (QUEIROZ, 1992, p.423).
<b>Luzir</b>	“Brilhar [...]. Fazer brilhar, irradiar” (MICHAELIS, 2000, p.1286).	“Os olhos do vaqueiro luziram” (QUEIROZ, 1981, p.21).
<b>Maçada</b>	“Demora prolongada. Importunação; amolação” (CABRAL, 1972, p.510).	Suportar com mais paciência a maçada das aulas” (QUEIROZ, 1981, p.30).
<b>Madorna</b>	“Cochilar, cabecear com sono” (GIRÃO, 2000, p.250).	“Nem chorava, ficava só naquela madorna, tentando me esquecer do mundo” (QUEIROZ, 1992, p.464).

<b>Magote</b>	<p>“Muita gente, um bando, um punhado de gente, de animais ou de coisas” (NAVARRO, 2004, p.218).</p>	<p>“Esperamos a noite alta, apartamos um magote do gado — umas vinte cabeças, a boiada era de mais de duzentos!” (QUEIROZ, 1992, p.325).</p> <p>“Ir por terra, com esse magote de meninos, é uma morte!” (QUEIROZ, 1981, p.20).</p>
<b>Malacaras</b>	<p>“Indivíduo mal-encarado” (AULETE, 2021).</p>	<p>“Só não se poupa se for inimigo declarado, como por exemplo eu com os malacaras das Marias Pretas” (QUEIROZ, 1992, p.295).</p>
<b>Malcriação</b>	<p>O mesmo que MACRIAÇÃO= “Desaforo; resposta desaforada a um superior ou a pessoa de respeito” (CABRAL, 1972, p.511).</p>	<p>“Eu tinha resolvido sair na malcriação” (QUEIROZ, 1992, p.37).</p>
<b>Maldava / Maldei</b>	<p>Do verbo MALDAR= “Fazer mau juízo; fazer juízo temerário. Suspeitar. Caluniar” (CABRAL, 1972, p.515).</p>	<p>“O povo de fora maldava deles, dizendo que ali acabava se juntando irmã com irmão, de tanto se casarem em família” (QUEIROZ, 1992, p.273).</p> <p>“Bem que eu maldei...” (QUEIROZ, 1981, p.85).</p>
<b>Mameluco</b>	<p>“Filho de índio com branco. Mestiço de branco com curiboca” (MICHAELIS, 2000, p.1307).</p>	<p>“Podia se dar o caso da família ter crescido e agora já ter um bando de mameluco brigador” (QUEIROZ, 1992, p.228).</p>
<b>Mancheia</b>	<p>“Porção de uma ou mais coisas que cabe numa mão; mão-cheia; punhado” (AULETE, 2021).</p>	<p>“Sacudiu na boca uma mancheia de farinha” (QUEIROZ, 1981, p.64).</p>
<b>Mandar</b>	<p>“Exercer ou ter o poder de dar ordens; Dominar; Governar” (AULETE, 2021).</p>	<p>“Se eu lhe mandasse, só deixava sair com uma guarda de banda...” (QUEIROZ, 1981, p.55).</p>
<b>Mandão</b>	<p>“Chefe político. Autoridade; que gosta de mandar” (CABRAL, 1972, p.519).</p>	<p>“Alguma vez o delegado dava ordem aos presos pra irem capinar uma roça dele ou de algum outro mandão da terra” (QUEIROZ, 1992, p.326).</p>
<b>Maneiro</b>	<p>“Fácil, que requer pouco esforço” (GIRÃO, 2000, p.254).</p>	<p>“Os homens fizeram um limpo maior no mato, achavam que já podiam acender um foguinho maneiro, abafado” (QUEIROZ, 1992, p.81).</p>
<b>Mangação</b>	<p>“Crítica; troça” (CABRAL, 1972, p.521).</p>	<p>“Esse nome de Bruxa, porque o povo de redor tinha dado pra chamar de mangação a fazenda ‘das Bruta’ e a gente então era ‘os bruto’” (QUEIROZ, 1992, p.283).</p>

<b>Maninha</b>	“Que não dá cria, estéril” (GIRÃO, 2000, p.255).	“A Firma era maninha, nunca teve nem um aborto” (QUEIROZ, 1992, p.89).
<b>Mariola</b>	“Pessoa de mau caráter; velhaco; patife” (AULETE, 2021).	“Risonhamente os chamava de mariolas” (QUEIROZ, 1982, p.160).
<b>Matuta(o)</b>	“O homem do campo” (CABRAL, 1972, p.532).	“A generosidade matuta que vem na massa do sangue, e florescia no altruísmo singelo do vaqueiro, não se perturbou” (QUEIROZ, 1981, p.29).
<b>Meão</b>	“Nem grande nem pequeno. Medíocre” (MICHAELIS, 2000, p.1339).	“Tem uns trinta anos, meão de altura, muito forte” (QUEIROZ, 1992, p.171).
<b>Melíflua</b>	“Suave. [...]. De voz doce” (MICHAELIS, 2000, p.1350).	“Era comoventemente ridículo ouvi-lo recitar com voz melíflua, piscando um olho safado e sorrindo sob o bigode amarelo, as frascarices galantes do seu poeta” (QUEIROZ, 1982, p.160).
<b>Melopeia</b>	“Peça musical ou toada que serve de acompanhamento a um recitativo. Toada doce. Declamação agradável ao ouvido” (MICHAELIS, 2000, p.1351).	“Cantava numa melopéia cansada e triste” (QUEIROZ, 1981, p.42).
<b>Meneando</b>	Do verbo MENEAR= “Manejar, mover de um lado para outro. [...]. Mover, balançar” (MICHAELIS, 2000, p.1354).	“Acho que o homem se animou ao me ver embalando o menino, meneando a cabeça, no compasso do toque” (QUEIROZ, 1992, p.290).
<b>Meter</b>	“Fazer que entre, introduzir (uma coisa em outra) [...]. Colocar, pôr” (MICHAELIS, 2000, p.1367).	“Meti o bilhete numa cavidade aberta no soco” (QUEIROZ, 1982, p.41).
<b>Metida</b>	Particípio do verbo meter no sentido de “esconder-se, encafuar-se” (MICHAELIS, 2000, p.1367).	“Moça solteira que for madrinha do menino mais moço e vivera metida dentro de casa” (QUEIROZ, 1982, p.34-35).
<b>Mimoso</b>	“Melindroso, sensível. Delicado. Débil, brando, frouxo” (MICHAELIS, 2000, p.1380).	“O Cente é mais mimoso do que mesmo o caçula!” (QUEIROZ, 1981, p.11).
<b>Miúda(o)</b>	“De pequenas dimensões, diminuto, muito pequeno [...] Delicado” (MICHAELIS, 2000, p.1391).	“Alguma lenta beata de passo miúdo, desfiando o terço” (QUEIROZ, 1982, p.56). “Uma delas, magrinha, morena, miúda, fez a pergunta por todas” (QUEIROZ, 1982, p.16).
<b>Moçota</b>	Diminutivo de moça. MOÇA= “Mulher que deixou de ser	“Cadê aquela moçota que vendia café” (QUEIROZ, 1981,

	menina" (GIRÃO, 2000, p.266). "Mulher ainda jovem; rapariga. Mulher virgem" (MICHAELIS, 2000, p.1392).	p.51).
<b>Mofino</b>	"Fraco, medroso, covarde, poltrão" (GIRÃO, 2000, p.267).	"O outro era mais mofino, mas não ficava longe em ruindade" (QUEIROZ, 1992, p.42).
<b>Moleque</b>	"Rapaz negro, negrinho. Menino travesso" (MICHAELIS, 2000, p.1398). "Rapazote bem moreno" (GIRÃO, 2000, p.268).	"Já mandei, um moleque arrumar um jumento pra levar as garrafas" (QUEIROZ, 1981, p.10).
<b>Motejador</b>	"Que, ou o que moteja; trocista, irônico" (MICHAELIS, 2000, p.1417). Motejar= "Gracejar [...] Censurar, criticar" (MICHAELIS, 2000, p.1417).	"Acabam sempre pelo casamento da orfãzinha com o moço orgulhoso, de olhos azul de aço, motejadores e escarninhos" (QUEIROZ, 1982, p.18).
<b>Mourisca</b>	Relativo a mouro (MICHAELIS, 2000, p.1418). Mouro= "Pessoa que trabalha muito" (AULETE, 2021).	"Varandas brancas entre pitangueiras, numa quietude mourisca de claustro" (QUEIROZ, 1982, p.21).
<b>Movidinho</b>	Miudinho	"Ficou movidinho, se criando só com papa de xerém de milho" (QUEIROZ, 1992, p.117).
<b>Mundiça</b>	"Imundice" (CABRAL, 1972, p.557).	"Aquilo era uma mundiça" (QUEIROZ, 1981, p.51).
<b>Nego</b>	"Homem, indivíduo, tipo" (MICHAELIS, 2000, p.1446).	"Não tira sangue, mas dói tanto que até nego dos mais duros acaba gritando" (QUEIROZ, 1992, p.445).
<b>Neurastênica(o)</b>	"Indivíduo cheio de azedume, que se irrita com facilidade" (AULETE, 2021). "Que, ou aquele que padece de neurastenia" (MICHAELIS, 2000, p.1452). Neurastenia= "esgotamento nervoso" (MICHAELIS, 2000, p.1452).	"Como se estivesse também neurastênica e exausta" (QUEIROZ, 1981, p.89). "Como se estivesse também neurastênica e exausta" (1981, p.89). "Vivia sempre cansada e neurastênica" (QUEIROZ, 1982, p.81).
<b>Nonato</b>	"Que, ou indivíduo que saiu do ventre materno por meio de operação cesariana" (MICHAELIS, 2000, p.1462).	"Podia mesmo dizer as quatro mortes: ela, o meu filho nonato, o Anacleto — e o Padre José Maria. Porque o Padre também morreu, naquela noite maldita" (QUEIROZ, 1992, p.188).
<b>Oleado</b>	"Que contém óleo ou foi untado com óleo; gorduroso; oleoso" (AULETE, 2021).	"Com um ramo de cravos no cabelo oleado" (QUEIROZ, 1981, p.46).
<b>Opinoso</b>	"Orgulhoso, presunçoso, vaidoso" (MICHAELIS, 2000, p.1498).	"Homem é assim! Opinoso até ali! Eu também, começando

	"Teimoso, caprichoso" (CABRAL, 1972, p.579).	acabo! Nem que rache!" (QUEIROZ, 1981, p.70).
<b>Pabula</b>	Do verbo PABULAR= "Gabar-se. Contar vantagens" (CABRAL, 1972, p.585).	"De armas, arrumei o nosso bacamarte velho para o Irineu, que sabe lidar com aquilo — pelo menos se pabula" (QUEIROZ, 1992, p.55).
<b>Pacholas</b>	"Bem trajado mas de elegância duvidosa, lampeiro, empavonado, pedante, presumido" (GIRÃO, 2000, p.281).	"Uns pacholas de chapéu à banda, alisando aqueles fiapos de bigode, se fazendo de importantes" (QUEIROZ, 1992, p.122).
<b>Pala</b>	"Anteparo para resguardar os olhos do excesso de claridade" (MICHAELIS, 2000, p.1530).	"Fez pala com a mão na testa para me enxergar direito" (QUEIROZ, 1992, p.313).
<b>Paleio</b>	"Namoro. Conversa de namorados. Aconchego amoroso" (CABRAL, 1972, p.588).	"Acabar com o que ela chamava 'aquele paleio'. Bem, talvez 'paleio' fosse a palavra certa, amor mesmo nunca houve entre nós" (QUEIROZ, 1992, p.377).
<b>Papeira</b>	"O mesmo que bócio, caxumba, ou seja, hipertrofia das glândulas parótidas (localizadas em torno das orelhas) causando parotidite epidêmica" (NAVARRO, 2004, p.262).	"Toda a parte de baixo do queixo, aquela pele fina, veia, tendão que passa por ali, ficou tudo inchado, eu parecia até que estava com papeira" (QUEIROZ, 1992, p.201).
<b>Papuda(o)</b>	"Arredondado, proeminente" (MICHAELIS, 2000, p.1546). "Diz-se do que tem dobras, pregas" (AULETE, 2021).	"O moço torceu o bigode com a mão papuda" (QUEIROZ, 1981, p.110).
<b>Parca</b>	Feminino de parco= "Frugal. De pouca monta; pequeno" (MICHAELIS, 2000, p.1555).	"Os ganhadores que dormiam na parca sombra dos armazéns" (QUEIROZ, 1982, p.158).
<b>Parelha</b>	"Competição de corrida" (CABRAL, 1972, p.595).	"Passei então a organizar o que eu chamava 'uma parelha'"(QUEIROZ, 1992, p.179).
<b>Paroara(s)</b>	"Denominação que se dava ao nordestino que regressava endinheirado da Amazônia" (CABRAL, 1972, p.596).	"A barriga tão inchada como a de alguns paroaras quando estão para morrer" (QUEIROZ, 1981, p.71).
<b>Participação</b>	"Aviso, informação, comunicação" (AULETE, 2021).	"Pelo correio marítimo você receberá a participação" (QUEIROZ, 1982, p.168).
<b>Passamento</b>	"Sofrer uma síncope; desmaiar" (CABRAL, 2021). "Falecimento, morte" (AULETE,	"Eu é que estou com uma fraqueza, em tempo de dar um passamento..." (QUEIROZ, 1981, p.95).

	2021).	
<b>Peditório</b>	“Ato de pedir a várias pessoas, para fins beneficentes ou religiosos. Pedido importuno e repetido” (MICHAELIS, 2000, p.1578).	“No último Natal, a congregação, vendo o estado lamentável da minha batina do diário, fez entre si um peditório para me comprar uma batina nova, bem talhada e bem acabada por um alfaiate de fora” (QUEIROZ, 1992, p.154).
<b>Pejava</b>	“Conceber, tornar-se grávida (tanto mulher como a fêmea dos irracionais)” (MICHAELIS, 2000, p.1583).	“A danada respondia: quem sabe o mulo não era ele? Se duvidava, arranjasse um moço disposto pra tirar a teima e experimentar com ela; ia ver se pejava ou não!” (QUEIROZ, 1992, p.89).
<b>Pepinar</b>	“Cortar ou furar” (GIRÃO, 2000, p.294).	“Bordava coisas lindíssimas com aqueles dedos magros, compridos, pepinados pela agulha” (QUEIROZ, 1982, p.24).
<b>Pequena</b>	“Namorada. Mocinha” (CABRAL, 1972, p.616).	“A outra, coitadinha, que estava morrendo na Santa Casa, por ter tomado permangato, com ciúmes dum chofer; ou a pequena, de dezesseis anos, que levou uma navalhada dum secreta” (QUEIROZ, 1982, p.123).
<b>Pendenga</b>	“Conflito, pendência, discordância” (GIRÃO, 2000, p.293).	“Tira do caminho os inimigos: só com a morte se resolve uma pendenga grave” (QUEIROZ, 1992, p.101).
<b>Perdida</b>	“Prostituta” (CABRAL, 1972, p.617).	“Agora Violeta estava perdida, rapariga” (QUEIROZ, 1982, p.111).
<b>Pilheriou</b>	De PILHÉRIA= “Dito engraçado, sarcástico, espirituoso; piada; chiste” (AULETE, 2021). “Chiste, facécia, graça” (MICHAELIS, 2000, p.1618).	“Cruzando todos dos dedos da mão, numa sucessão de XXX, pilheriou” (QUEIROZ, 1981, p.85). “Todos comiam os bolinhos e diziam pilhérias” (QUEIROZ, 1982, p.127).
<b>Pimpão</b>	“Vaidoso e tolo. Janota” (CABRAL, 1972, p.623).	“Tive mesmo vontade de me rir. Ainda um minuto antes, todo pimpão em cima do cavalo, comandando a procissão de mulher, filhos e negrada” (QUEIROZ, 1992, p.177).
<b>Piquira</b>	“Sujeito insignificante. Homem baixinho; pequira, picuíra” (MICHAELIS, 2000, p.1625).	“O terceiro era um piquira miúdo, ruinzinho, curto de perna” (QUEIROZ, 1992, p.112).

<b>Pixaim</b>	“Cabelo carapinha ou quase encarapinhado. (Deriva-se do tupi <i>apixaim</i> , que significa crêspo, enrugado)” (CABRAL, 1972, p.628).	“Abanou o pixaim enfarinhado” (QUEIROZ, 1981, p.40).
<b>Plangente</b>	“Que plange; que pranteia; lastimoso, triste” (MICHAELIS, 2000, p.1636).	“Sua vizinha é plangente e monótona” (QUEIROZ, 1982, p.182).
<b>Plástica</b>	“Conformação geral do corpo humano” (MICHAELIS, 2000, p.1638). “A conformação física de alguém, seus contornos” (AULETE, 2021).	“Tinha uma plástica tão atrevida” (QUEIROZ, 1982, p.27).
<b>Pobre</b>	“Desprotegido, digno de compaixão; infeliz. [...]. Homem inofensivo, incapaz de fazer mal a quem quer que seja” (MICHAELIS, 2000, p.1647).	“E lá o que fizeram foi cortar a perna do pobre, nem sei se escapou” (QUEIROZ, 1992, p.143).
<b>Porejava</b>	Do verbo POREJAR= “Sair pelos poros; brotar, sair. [...]. Exsudar pelos poros; ressumar” (MICHAELIS, 2000, p.1668).	“O coração me batia, o suor me porejava na testa, ao perceber que ela se ajoelhava, se benzia” (QUEIROZ, 1992, p.103).
<b>Postiço</b>	“Que não é natural; afetado, fingido. Artificial, falso” (MICHAELIS, 2000, p.1675).	“Naquela idade curiosa, só interessa e comove o postiço, o artificial” (QUEIROZ, 1982, p.30).
<b>Pracianismo</b>	De PRACIANO= “Referência à pessoa residente na capital em viagem pelo interior” (CABRAL, 1972, p.637). De PRACIANO= “Que é do campo ou do sertão mas possui alguma educação e tem frequentado as cidades; pracista” (AULETE, 2021).	“O contraste deprimente da rudeza do filho com o pracianismo dos outros” (QUEIROZ, 1981, p.11).
<b>Prantina</b>	“Choro sentido, demorado, copioso” (NAVARRO, 2004, p.285).	“Embora eu ralhasse que não queria prantina” (QUEIROZ, 1992, p.63).
<b>Precisão</b>	“Necessidade de ajuda, dos préstimos ou de algo” (CABRAL, 1972, p.638).	“Se você tiver muita precisão de alguma coisa, me peça” (QUEIROZ, 1981, p.42).
<b>Pregueava</b>	Do verbo PREGUEAR= “Fazer pregas em; franzir, pregar” (MICHAELIS, 2000, p.1687).	“A pele, empretecida como uma casca pregueava nos braços” (QUEIROZ, 1981, p.46).
<b>Preguiçava</b>	Do verbo PREGUIÇAR= “Dar-se à preguiça; mandriar, vadiar. Espreguiçar-se” (MICHAELIS, 2000, p.1687).	“Eu, que ainda preguiçava, pensando vagamente em coisas boas e imprecisas, saltava da cama” (QUEIROZ, 1982, p.78).
<b>Prenha</b>	“Grávida” (AULETE, 2021).	“Aquela mulher está prenha” (QUEIROZ, 1992, p.162).
<b>Pretextar</b>	“Alegar ou tomar como pretexto, desculpa ou escusa” (MICHAELIS, 2000, p.1694).	“Levantei-me, pretextando não querer interromper” (QUEIROZ, 1982, p.139).

<b>Quenga</b>	<p>“Meretriz reles, vagabunda” (GIRÃO, 2000, p.310).</p> <p>“Prostituta” (CABRAL, 1972, p.656).</p>	<p>“Aquilo era só uma quenga. Moleca muito sem vergonha” (QUEIROZ, 1992, p.47).</p>
<b>Rabanada</b>	<p>“Gesto de virar-se alguém para trás, rapidamente, em tom de arrogância, despeito, ou reação de desprezo; o mesmo que rabiçaca” (GIRÃO, 2000, p.312).</p>	<p>“Rubina deu um muxoxo e saiu da sala numa rabanada” (QUEIROZ, 1992, p.92).</p>
<b>Rabujou</b>	<p>Do verbo RABUJAR= “Ter rabugice. Mostrar mau humor, ser impertinente” (MICHAELIS, 2000, p.1760).</p>	<p>“Rabujou, zangou-se, gritou que faria como quisesse” (QUEIROZ, 1981, p.23).</p>
<b>Ralhasse / Ralhando</b>	<p>Do verbo RALHAR= “Repreender, admoestar. [...] Censurar, criticar” (MICHAELIS, 2000, p.1768).</p>	<p>“Embora eu ralhasse que não queria prantina” (QUEIROZ, 1992, p.63).</p> <p>“Passou-lhe a mão pelo ombro, ralhando carinhosa” (QUEIROZ, 1981, p.23).</p> <p>“Ralhando porque o caderno não tinha capa e a caneta sumira” (QUEIROZ, 1982, p.19).</p>
<b>Rapariga</b>	<p>“Prostituta” (CABRAL, 1972, p.665).</p> <p>“Putá” (NAVARRO, 2004, p.300).</p> <p>“Mulher nova; moça. Mulher no início da adolescência, ou no decurso dessa idade. Moça do campo; moça rústica” (MICHAELIS, 2000, p.1771).</p>	<p>“Mas você quase matou a rapariga” (QUEIROZ, 1992, p.47).</p> <p>“A rapariga levantou o Dudinha” (QUEIROZ, 1981, p.36).</p> <p>“Agora Violeta estava perdida, rapariga” (QUEIROZ, 1982, p.111).</p>
<b>Rapazola</b>	<p>“Adolescente entre os quatorze e dezessete anos” (MICHAELIS, 2000, p.1772).</p>	<p>“Fugira com o namorado, rapazola tão jovem quanto ela” (QUEIROZ, 1982, p.62).</p>
<b>Ratuíno</b>	<p>“Insignificante, sem valor; reles, de qualidade inferior” (CABRAL, 1972, p.666).</p>	<p>“O preposto é que é um ratuíno...” (QUEIROZ, 1981, p.21).</p>
<b>Rebolado / Rebolem</b>	<p>Do verbo REBOLAR= “Arremessar longe, de rebolo. Atirar fora” (CABRAL, 1972, p.667).</p>	<p>“Eu me curvei, apanhei o rebolado de miudezas, fiquei com aquilo na mão, respirando fundo, me acalmado” (QUEIROZ, 1992, p.376).</p> <p>“Rebolem essa porqueira pros urubus” (QUEIROZ, 1981, p.28).</p>
<b>Récua</b>	<p>“Grupo de pessoas da mesma classe e família” (CABRAL, 1972, p.668).</p>	<p>“Eu, novinha, sadia, podia ainda ter uma récuá de filhos para virem azucrinar os tios” (QUEIROZ, 1992, p.89).</p>
<b>Redondos</b>	<p>“Gordo, rechonchudo” (MICHAELIS, 2000, p.1794).</p>	<p>“Mal conheço aqueles meninos lentos, redondos e chorões” (QUEIROZ, 1982, p.43).</p>

<b>Reencetou</b>	Do verbo REENCETAR= "Recomeçar, retomar" (MICHAELIS, 2000, p.1796).	"Quando reencetou a marcha pela estrada" (QUEIROZ, 1981, p.45).
<b>Regaço</b>	"Dobra formada por vestido ou avental levantado à frente" (AULETE, 2021).	"As tranças escuras caídas em redor do rosto pálido, as mãos no regaço do vestido branco" (QUEIROZ, 1981, p.72).
<b>Rematar</b>	"Dar remate a; acabar de todo; concluir, completar, arrematar. Acabar, concluir, findar, terminar. Pôr fim a. Concluir, finalizar, terminar de modo solene. Coroar, encimar, fechar" (MICHAELIS, 2000, p.1811).	"Muito ultimamente é que eu tinha reparado no caboclo. E, para rematar, para deixar tudo mais perigoso, segurei o rosto do rapaz entre as mãos e lhe dei um beijo na face" (QUEIROZ, 1992, p.26).
<b>Remoçava</b>	Do verbo REMOÇAR= "Recuperar a mocidade; rejuvenescer(-se). Restituir a vitalidade e o ardor juvenil a; tornar moço" (MICHAELIS, 2000, p.1813).	"Marialva reparou no meu cabelo curto, disse que me ficava bem, me remoçava" (QUEIROZ, 1992, p.378).
<b>Remoques</b>	"Insinuação trocista e indireta. Alusão zombeteira. Dito picante; motejo. Censura disfarçada com sutileza de expressão" (MICHAELIS, 2000, p.1814).	"Quando ia me alegrando, lá vinha a desconfiança, ou os remoques da Firma" (QUEIROZ, 1992, p.129).
<b>Repelão(ões)</b>	"Encontrão, encontro violento. Empuxão" (MICHAELIS, 2000, p.1818).	"Ela se levantou num repelão, tapou o rosto puxando a mantilha" (QUEIROZ, 1992, p.8). "Murmurou entrecortadamente, arrancando as palavras aos repelões do pobre peito emagrecido" (QUEIROZ, 1981, p.104).
<b>Réprobo</b>	"Banido da sociedade; detestado, odiado. Malvado" (MICHAELIS, 2000, p.1822).	"Você o olha como um réprobo" (QUEIROZ, 1982, p.190).
<b>Repuna</b>	Do verbo REPUNAR= "Repugnar. Recusar. Não toletar" (CABRAL, 1972, p.674).	"Acho até que já me repuna me trancar entre quatro paredes" (QUEIROZ, 1992, p.119).
<b>Resfolegava</b>	Do verbo RESFOLEGAR= "Tomar fôlego; respirar" (MICHAELIS, 2000, p.1825).	"Em rancos surdos resfolegava furioso" (QUEIROZ, 1981, p.35).
<b>Rilhando</b>	Do verbo RILHAR= "Ranger (os dentes)" (MICHAELIS, 2000, p.1845).	"De vez em quando eu me pegava rilhando os dentes" (QUEIROZ, 1992, p.431).
<b>Ripunar</b>	"Corrupção de repugnar" (GIRÃO, 2000, p.321). O mesmo que REPUNAR= "Repugnar. Recusar. Não toletar" (CABRAL, 1972, p.674).	"Me ripuna só de olhar..." (QUEIROZ, 1981, p.28).
<b>Rudeza</b>	"Aspereza; rispidez. [...] maldade,	"Floria com um encanto novo

	crueldade, desumanidade. Severidade, rigidez, inflexibilidade” (AULETE, 2021).	a rudeza de sua vida” (QUEIROZ, 1981, p.31).
<b>Rudo</b>	O mesmo que RUDE= “Sem inteligência. Duro de aprender” (CABRAL, 1972, p.685).	"A gente é muito rudo, tem cabeça dura..." (QUEIROZ, 1992, p.368).
<b>Ruindade</b>	“Ação ruim. Maldade. Velhacaria” (MICHAELIS, 2000, p.1866).	“Você anda abestado, ou isso é ruindade” (QUEIROZ, 1981, p.38).
<b>Sacudir</b>	“Arremessar, atirar” (MICHAELIS, 2000, p.1875).	“Sacudiu na boca uma mancheia de farinha” (QUEIROZ, 1981, p.64).
<b>Samba</b>	“Festa com danças, função, de pessoas mais modestas” (GIRÃO, 2000, p.327). “Baile de ponta de rua, de baixa categoria. Festa dançante rural” (CABRAL, 1972, p.694).	"Nunca entrei numa dança — filha de fazendeiro não vai a samba de caboclo, nem mesmo a baile de bodegueiro da vila" (QUEIROZ, 1992, p.62).
<b>Sanguinolento</b>	“Que causa grande efusão de sangue [...]. Cruel, desumano, feroz” (MICHAELIS, 2000, p.1890).	“A marrã se esticava mais, querendo morrer, com os olhos sanguinolentos” (QUEIROZ, 1981, p.15).
<b>Sapiência</b>	“Erudição” (MICHAELIS, 2000, p.1894).	“Ele exigia então da menina sapiência de ginasiano” (QUEIROZ, 1982, p.17).
<b>Sapiranga</b>	“Do tupi ‘e’sa’ (olho) + ‘piranga’ (vermelho). Inflamação nas pálpebras, blefarite, palpebrite” (NAVARRO, 2004, p.312). “Certa doença que produz inflamação nas pálpebras” (CABRAL, 1972, p.696).	"Depois nos contaram que, naquele lugar, antigamente a sapiranga dava de praga" (QUEIROZ, 1992, p.221).
<b>Saracotear</b>	“Agitar ou mover (as ancas, os quadris etc.) com meneios graciosos e mais ou menos livres [...]. Estar em contínuo bulício; não parar num lugar” (MICHAELIS, 2000, p.1896).	“Sem mais saracoteios nos dedos da dona” (QUEIROZ, 1981, p.27).
<b>Sarapantou</b>	Do verbo SARAPANTAR= O mesmo que ASSARAPANTAR= “Espantar, pasmar, atrapalhar. Ficar pasmado, perder o tino, atrapalhar-se, assustar-se” (AULETE, 2021).	"Mandou tocar o sino na fazenda, sarapantou o povo todo, mas ele mesmo não sabia como é que ia armar o seu pessoal" (QUEIROZ, 1992, p.414).
<b>Sarará</b>	“Indivíduo albino, gazo” (CABRAL, 1972, p.697). “Pessoa de cabelos avermelhados, arruivados, saruê, grauçá, açã” (GIRÃO, 2000, p.328).	"De uma parte são os Mendes que o povo chama pelo apelido de Mel-com-Terra, porque eles são tudo sarará do cabelo amarelo" (QUEIROZ, 1992, p.395).
<b>Se botavam</b>	De BOTAR-SE= “Sair, ir embora” (CABRAL, 1972, p.146).	"O João se chegou, maneiro, perguntou donde eles vinham e pra onde se botavam"

	Ou BOTAR SE PARA= “Dirigir-se a” (CABRAL, 1972, p.146).	(QUEIROZ, 1992, p.258).
<b>Servilismo</b>	“Deferência, obsequiosidade ou submissão baixa ou adjeta” (MICHAELIS, 2000, p.1929).	“O quase culto do servilismo em que o Paulo se comprazia” (QUEIROZ, 1981, p.30).
<b>Sesta</b>	“Tempo de descanso após o almoço, à hora do maior calor” (MICHAELIS, 2000, p.1930).	“E eis que afinal, num certo dia depois do almoço, era meio-dia, a Firma e o Tonho já descansavam na sesta deles” (QUEIROZ, 1992, p.130).
<b>Sestro / Sestroso</b>	SESTRO= “Mau hábito de fazer gestos desagradáveis; cacoete, manha, mania, vício” (MICHAELIS, 2000, p.1930). SESTROSO= “O que tem sestros; manhoso, dengoso” (MICHAELIS, 2000, p.1930).	“O Beato repetiu o sestros que ele pegara, de apertar a corda na cintura” (QUEIROZ, 1992, p.381). “Montaria, além da burra, um cavalo de campo meio sestroso mas que eu domino bem” (QUEIROZ, 1992, p.55).
<b>Sezão</b>	Sezonismo= “Infecção causada pelo protozoário do gênero Plasmodium, transmitida por mosquitos, dos quais o mais frequente é o anófele” (MICHAELIS, 2000, p.1933).	“Morre lá família inteirinha de sezão, que nem se fosse peste” (QUEIROZ, 1981, p.78).
<b>Sibilando</b>	Do verbo SIBILAR= “Produzir um sopro ou zumbido agudo como o da cobra. Assobiar, silvar” (MICHAELIS, 2000, p.1934).	“O comboio, entrando numa curva, sibilando e rugindo, era como uma cobra” (QUEIROZ, 1981, p.24).
<b>Sirigaita</b>	“Mulher buliçosa, estouvada, inquieta” (MICHAELIS, 2000, p.1951). Eufemismo para prostituta.	“A mãe dessa que falou era uma sirigaita” (QUEIROZ, 1982, p.37).
<b>Sobrosso</b>	“Susto, medo, pavor; assombração” (CABRAL, 1972, p.704).	“E teve o topete de dizer ao outro que partisse sem sobrosso” (QUEIROZ, 1992, p.344).
<b>Soca</b>	Do verbo SOCAR= “Introduzir, meter” (CABRAL, 1972, p.705).	“Soca um quarto de rapadura no bucho e ainda fala em fome!” (QUEIROZ, 1981, p.34).
<b>Sôfrego(a)</b>	“Impaciente, pressuroso” (MICHAELIS, 2000, p.1963). “Ávido pela posse ou realização de alguma coisa; ansioso; cobiçoso; sedento” (AULETE, 2021).	“Colando às bordas a boca sôfrega, em sorvos lentos, deliciosos, sugou a água” (QUEIROZ, 1981, p.27).
<b>Sopeou</b>	Do verbo SOPEAR= “Trazer em temor ou obediência (alguma pessoa). Humilhar, rebaixar, abater” (AULETE, 2021).	“O rapaz viu a prima, sopeou o animal e tirou o chapéu” (QUEIROZ, 1981, p.111).
<b>Sovina</b>	“Mesquinho, miserável (falando de atos ou coisas)” (MICHAELIS, 2000, p.1976).	“Aquele diabo é tão sovina” (QUEIROZ, 1981, p.109).

<b>Suscetibilizar</b>	“Causar ressentimento a; melindrar. [...] ofender-se” (MICHAELIS, 2000, p.2001).	“Preparamos o encontro e as frases, que Maria José queria caridosas e moralizantes, e eu fraternais e ligeiras, para a não suscetibilizar” (QUEIROZ, 1982, p.123).
<b>Taludo</b>	“O que se está tornando grande, com bastante corpo” (GIRÃO, 2000, p.338). “Forte e bem desenvolvido” (CABRAL, 1972, p.718).	“O moleque era taludo e levantou os olhos quando nos viu chegando” (QUEIROZ, 1992, p.261).
<b>Tartamudeava</b>	“Falar defeituosamente, por medo ou susto; gaguejar. Balbuciar” (MICHAELIS, 2000, p.2024).	“Deixou a faca cair e, ainda de cócoras, tartamudeava explicações confusas” (QUEIROZ, 1981, p.48).
<b>Tenência</b>	“Atenção, cuidado, zelo. Direção” (CABRAL, 1972, p.725). “Prudência, cuidado [...] – observar cautelosamente, assustar” (GIRÃO, 2000, p.341).	“Eu agora já tinha mais tenência com as coisas” (QUEIROZ, 1992, p.226).
<b>Tenção</b>	“Desígnio, intento, plano, propósito” (MICHAELIS, 2000, p.2039).	“Sinhazinha está mesmo com tenção de ir pra lá, fazer essa guerra?” (QUEIROZ, 1992, p.83).
<b>Teteia</b>	“Enfeite de criança. Berloque [...]; dixe” (AULETE, 2021).	“Eu mesma tenho uma treteia de ouro com os olhos de Santa Luzia, que Mãe me pôs no pescoço quando sofri de uma dor d’olhos — e nunca mais tive nada” (QUEIROZ, 1992, p.221).
<b>Tinhoso</b>	“Que causa nojo; repugnante. [...]. O diabo” (MICHAELIS, 2000, p.2066).	“Fique de olho nele. Isso tem cara de tinhoso, é capaz de escapular das mãos da negra velha...” (QUEIROZ, 1992, p.270).
<b>Tiritando</b>	Do verbo TIRITAR= “Tremor (de frio ou de medo)” (MICHAELIS, 2000, p.2072).	“Gelava-me as mãos, eu me enrolava na capa, tiritando” (QUEIROZ, 1982, p.172).
<b>Tísica</b>	“Indivíduo muito magro. Consumo lento. Lesão dos pulmões que tende a produzir a desorganização lenta dessas vísceras e depois a sua ulceração” (MICHAELIS, 2000, p.2073).	“Deu um mal neles, morria de um em um, secando, devia ser de tísica” (QUEIROZ, 1992, p.79). “Vá-se guiando por heroína de romance, e depois não acabe tísica...” (QUEIROZ, 1981, p.95). “A mãe, sempre doente – tísica, cheia de filhos” (QUEIROZ, 1982, p.122).
<b>Tisnado(s)</b>	“Meio queimado. Enegrecido” (MICHAELIS, 2000, p.2073).	“Bracinhos escuros, tisnados pelo sol” (QUEIROZ, 1981, p.36).
<b>Tocaiando</b>	Do verbo TOCAIAR= “Espreitar,	“Vivíamos agora, tocaiando a

	vigiar, observar” (MICHAELIS, 2000, p.2075).	Superiora” (QUEIROZ, 1982, p.172).
<b>Tonteava</b>	Do verbo TONTEAR= “Tornar tonto [...]. Perturbar-se, titubear” (MICHAELIS, 2000, p.2081). Do verbo TONTEAR= “Fazer ficar ou ficar alvoroçado, perturbado” (AULETE, 2021).	“A seiva viva e forte que o incandescia e tonteava” (QUEIROZ, 1981, p.29).
<b>Tornou</b>	Do verbo TORNAR= “Voltar a si, depois de um desmaio” (CABRAL, 1972, p.739).	“Afinal o pequeno tornou” (QUEIROZ, 1981, p.36).
<b>Torso</b>	“Busto de pessoa ou de estátua” (MICHAELIS, 2000, p.2087).	“A mão que escreve, o torso que se desenha encostado na cadeira” (QUEIROZ, 1982, p.169).
<b>Transviada</b>	Feminino de transviado= “Errante, vagabundo” (AULETE, 2021). “Que se transviou; desencaminhado, extraviado. Desviado do caminho da moral ou da justiça” (MICHAELIS, 2000, p.2103).	“A sua lenda de mulheres transviadas, a vida aventureira e boêmia” (QUEIROZ, 1982, p.189).
<b>Traquino</b>	O mesmo que TRAQUINAS= “Buliçoso, inquieto, travesso, turbulento” (MICHAELIS, 2000, p.2105).	“Se o Seu Cirino não for muito traquino...” (QUEIROZ, 1992, p.340).
<b>Trautear</b>	“Cantarolar” (MICHAELIS, 2000, p.2107).	“Vivia trauteando sonatas, sonhando com aplausos” (QUEIROZ, 1982, p.53).
<b>Tresler</b>	“Ler mais de duas vezes, muitas vezes” (AULETE, 2021).	“Engalfinham os outros, amesquinados de intrigar, amarelecidos de tresler...” (QUEIROZ, 1981, p.31).
<b>Tresvariar</b>	“Dizer ou fazer disparates; estar fora de si; delirar. Sofrer perturbações” (MICHAELIS, 2000, p.2112).	“Sua pobre cabeça dolorida entrou a tresvariar” (QUEIROZ, 1981, p.47).
<b>Troça</b>	Do verbo TROÇAR= “Escarnecer, fazer escárnio de; ridicularizar; zombar” (MICHAELIS, 2000, p.2126).	“E me contaram que até o engraçado da botica fazia troça” (QUEIROZ, 1992, p.104). “Não perdia ocasião de troçar dos doutores” (QUEIROZ, 1981, p.11). “Ante o riso de troça das meninas, meu coração apertou-se mais” (QUEIROZ, 1982, p.9).
<b>Trôpego</b>	“Que anda com dificuldade. Que não pode mover os membros ou que os move dificilmente. Arrastado, instável, penoso” (MICHAELIS, 2000, p.2130).	“Eles trotavam trôpegos, se arrastando e gemendo” (QUEIROZ, 1981, p.45).
<b>Tropelias</b>	“Travessura, traquinice” (AULETE,	“Se fosse abrir a boca a lhe

	2021).	contar as tropelias da minha vida, era capaz dele sair bradando" (QUEIROZ, 1992, p.416).
<b>Trotar</b>	<p>“Andar aos pulinhos, como se trotsasse” (AULETE, 2021).</p> <p>“Caminhar a trote” (MICHAELIS, 2000, p.2131).</p>	<p>“A pequena trotava atrás, deslumbrada e ofegante, sem despegar a vista da loura figura” (QUEIROZ, 1982, p.193).</p>
<b>Trovejantemente</b>	<p>De TROVEJANTE= “Que troveja. Estrondoso” (MICHAELIS, 2000, p.2132).</p>	<p>“Depois de o ver à mesa, disputar trovejantemente sobre os discursos da Convenção” (QUEIROZ, 1982, p.160).</p>
<b>Tufando</b>	<p>Do verbo TUFAR= “Dar forma de tufo; engrossar, entufar, inchar. [...]. Tornar-se mais alto ou mais grosso; aumentar de volume” (MICHAELIS, 2000, p.2136-2137).</p>	<p>“Cabeleira enorme, toda alinhavada de branco, tufando em redor das fontes pálidas” (QUEIROZ, 1982, p.89).</p>
<b>Tumultuosa(s)</b>	<p>Feminino de TUMULTUOSO= “Que é agitado, tumultuado” (AULETE, 2021).</p>	<p>“Uma multidão de coisas tumultuosas, desconhecidas, o alvoroçava” (QUEIROZ, 1981, p.29).</p>
<b>Turbou</b>	<p>Do verbo TURBAR= “Tornar(-se) turvo; escurecer(-se), toldar(-se). Escurecer, tornar-se sombrio. Perturbar(-se) [...]. Pôr em desordem; agitar, revolver. Causar desinteligência, desarmonia em; transformar” (MICHAELIS, 2000, p.2140).</p>	<p>“A vista turbou-se com as ideias” (QUEIROZ, 1981, p.47).</p>
<b>Vadiar</b>	<p>“Brincar, divertir-se” (MICHAELIS, 2000, p.2171).</p> <p>“Trabalhar ou estudar pouco, distraíndo-se com brincadeiras. [...] Ter relações sexuais” (CABRAL, 1972, p.761).</p>	<p>“Essas três vivem juntas, conversando, vadiando, afastadas de todas” (QUEIROZ, 1982, p.132).</p>
<b>Ventre</b>	<p>“Abdome. O estômago. Barriga” (AULETE, 2021).</p> <p>“Região exterior e anterior do corpo correspondente a essa cavidade; barriga” (MICHAELIS, 2000, p.2188).</p>	<p>“Quem me põe o saco de gelo sobre o ventre” (QUEIROZ, 1982, p.194).</p>
<b>Vergastar</b>	<p>“Açoitar, enxotar fustigando” (MICHAELIS, 2000, p.2191).</p>	<p>“Estirando apenas, uma vez ou outra, o braço mirrado, para vergastar o ar” (QUEIROZ, 1981, p.71).</p>
<b>Viçavam</b>	<p>Do verbo VIÇAR= “Desenvolver-se” (MICHAELIS, 2000, p.2198).</p> <p>“Estar no cio” (CABRAL, 1972, p.772).</p>	<p>“Apenas, só plantava nele hortaliças, que não deixava ninguém tirar, e viçavam e murchavam ali, inúteis” (QUEIROZ, 1982, p.107).</p>
<b>Visagem</b>	<p>“Fantasma; aparição sobrenatural” (MICHAELIS, 2000, p.2208).</p>	<p>“Nesta nossa profissão, a gente tem que ser como uma</p>

	<p>“Assombração. Alma-do-outro-mundo. [...]. Imaginar coisas inverossímeis ou inacreditáveis” (CABRAL, 1972, p.776).</p> <p>“Ação ou gesto algo estranho feito com o intuito de fazer medo, ou de impressionar” (GIRÃO, 2000, p.358).</p>	<p>visagem, aparecer de repente e sumir como um relâmpago...”(QUEIROZ, 1992, p.180).</p> <p>“Tão magra que nem uma visagem” (QUEIROZ, 1981, p.65).</p>
<b>Vista</b>	<p>“O aparelho visual; os olhos” (MICHAELIS, 2000, p.2210).</p>	<p>“Sua vista nublada se perdia naquele horizonte” (QUEIROZ, 1981, p.24).</p>
<b>Zoada</b>	<p>“Barulho incômodo. Vozerio. Barulheira. Fanfarronicé” (CABRAL, 1972, p.792).</p>	<p>“Encosta na porta e bate palmas, faz zoada, até que alguém atenda” (QUEIROZ, 1992, p.160).</p>
<b>Zoeira</b>	<p>“Barulho. Zumbido” (CABRAL, 1972, p.792).</p>	<p>“Dá-me aquela zoeira na cabeça!” (QUEIROZ, 1981, p.46).</p>

Fonte: O autor.